

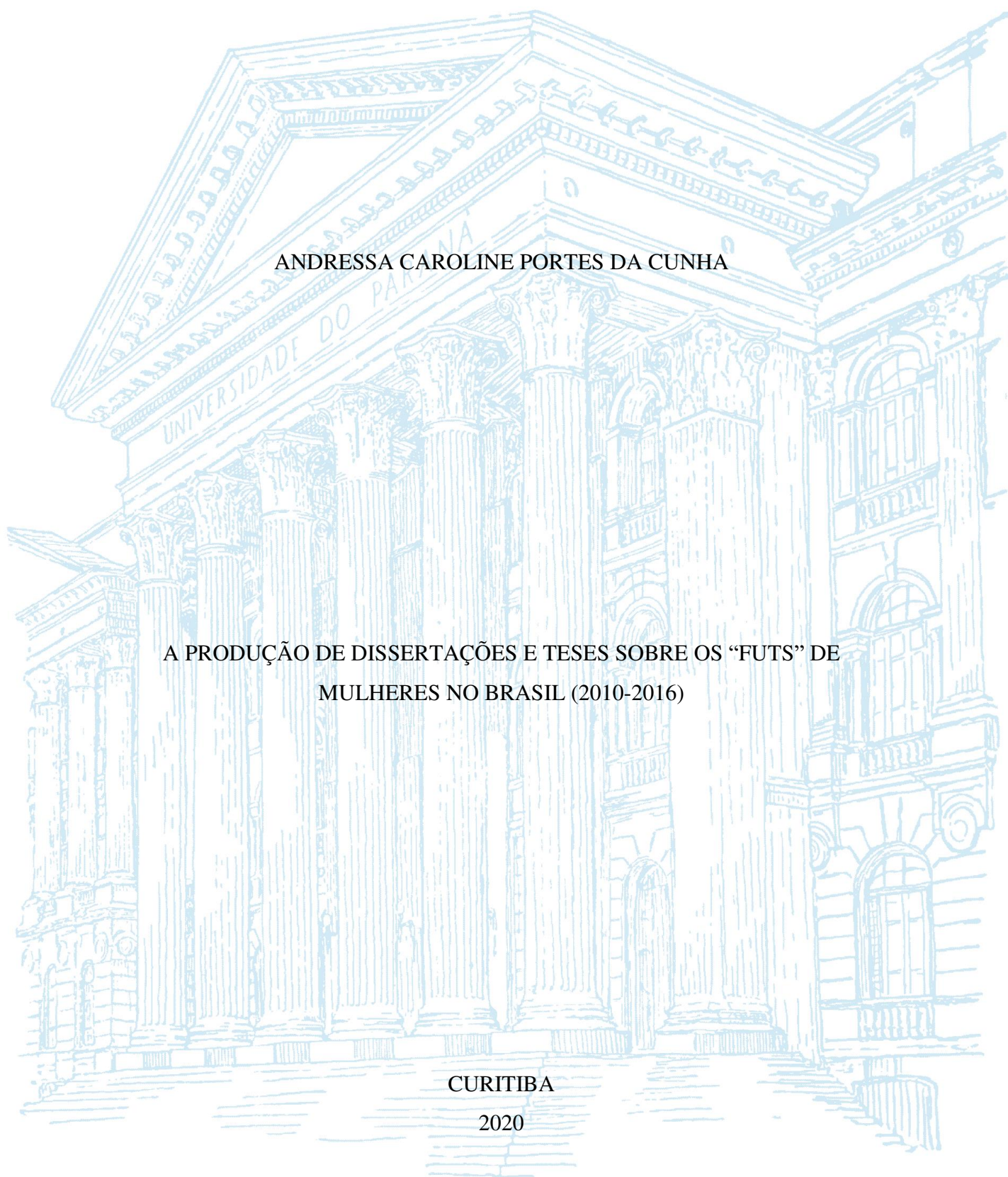
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRESSA CAROLINE PORTES DA CUNHA

A PRODUÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE OS “FUTS” DE
MULHERES NO BRASIL (2010-2016)

CURITIBA

2020



ANDRESSA CAROLINE PORTES DA CUNHA

A PRODUÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE OS “FUTS” DE
MULHERES NO BRASIL (2010-2016)

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em Educação
Física pelo Programa de Pós-Graduação em
Educação Física, do Setor de Ciências
Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Doralice Lange de Souza

CURITIBA

2020

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca de Ciências Biológicas.
(Rosilei Vilas Boas – CRB/9-939).

Cunha, Andressa Caroline Portes da.

A produção de dissertações e teses sobre os "futs" de mulheres no Brasil
(2010-2016). / Andressa Caroline Portes da Cunha. – Curitiba, 2020.
235 f. : il.

Orientadora: Doralice Lange de Souza.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Futebol feminino. 2. Mulheres no esporte. I. Título. II. Souza, Doralice
Lange de. III. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas.
Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20.ed.) 796.334



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA -
40001016047P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANDRESSA CAROLINE PORTES DA CUNHA** intitulada: **"A PRODUÇÃO DE DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE OS "FUTS" DE MULHERES NO BRASIL (2010-2016)"**, sob orientação da Profa. Dra. DORALICE LANGE DE SOUZA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 18 de Fevereiro de 2020.

Assinatura Eletrônica

01/04/2020 15:21:24.0

DORALICE LANGE DE SOUZA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

01/04/2020 15:39:23.0

HELENA ALTMANN

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Assinatura Eletrônica

02/04/2020 12:22:39.0

SILVANA VILODRE GOELLNER

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL)

À memória do meu maior incentivador no futebol e nos estudos, meu pai.

“Que eu vou te mostrar que eu tô pronta. Me colha madura do pé”.

AGRADECIMENTOS

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Meu Deus, obrigada pelo meu rendimento nos estudos no dia de hoje e abençoe meu dia de amanhã”. Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida e por mais essa graça a mim concedida que foi a trajetória do mestrado dentro da UFPR. Agradeço por Ele ter me enviado seu Santo Espírito sempre que precisei de paciência e sabedoria para escrever. E também por Ele ter nos deixado Maria como mãe, a quem recorri e fui atendida nos momentos de angústia e cansaço.

“Gente, vou encostar a porta do quarto aqui. Só entrem se precisarem muito mesmo falar comigo”. Irene e Shé, mãe e irmã, minhas meninas, minha família. Agradeço a vocês pelo apoio incondicional nas minhas escolhas de vida e, de modo especial, nestes dois últimos anos. Por entenderem e respeitarem meus momentos de estudo – e consequentes ausências – e por lidarem comigo com paciência e amor durante as minhas faltas de paciência. Eu amo vocês. Ah, Shé, obrigada também pelos momentos em que me ajudou diretamente com a dissertação – pesquisando algo pra mim, montando alguma tabela e intervindo na correção.

“Ai, pior que hoje eu não posso. Tenho que escrever. Quando eu terminar a dissertação a gente vai!”. Agradeço também aos amigos que compreenderam minhas várias ausências ao longo destes dois anos e que, no silêncio ou em meio à palavras de apoio, estiveram verdadeiramente ao meu lado. Dentre estas várias pessoas que estão em meu coração, menciono duas que, além de amigos, foram influências e alentos por também estarem envolvidos no meio acadêmico: meus futuros doutores, Juh e André Quaranta. Agradeço à vocês pela ajuda a mim concedida especialmente com relação a todos os aspectos da pós-graduação.

“Mandeí no seu e-mail corrigido”. Dora, obrigada pela oportunidade de ser sua orientanda e pela confiança que depositou em mim. Também agradeço ao financiamento do Ministério do Esporte ao projeto Inteligência Esportiva, do qual fiz parte antes de adentrar na pós-graduação, por meio do subprojeto Mapeamento da Produção Científica dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física relativa ao Esporte. Este trabalho serviu como base para minha dissertação. Também agradeço a

bolsa de estudos a mim concedida durante o mestrado pela CAPES¹. Foi um privilégio poder me dedicar exclusivamente à pesquisa, recebendo financiamento para tal.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Qual é, qual é? Futebol não é pra
mulher? Eu vou mostrar pra você, mané.
Joga a bola no meu pé.*

“Jogadeira”, Cacau Fernandes e Gabi Kivitz

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi descrever o estado da arte das dissertações e teses que abordam os “futs” de mulheres nos Programas de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF) entre 2010 e 2016. A pesquisa foi quanti-qualitativa, inspirada em procedimentos de estudos do tipo estado da arte e bibliometria. Tomamos como fonte de informação a base de dados construída pelo Projeto Inteligência Esportiva, que levantou a produção de conhecimentos relativos ao esporte e modalidades esportivas dos PPGEF. Esta base contém informações sobre 1.234 dissertações e teses. Selecionamos apenas as que abordaram uma ou mais das seguintes modalidades: futebol, futebol 7, futebol de 5, futebol de 7, futebol de areia, futebol para amputados, futevôlei e/ou futsal. Este processo nos levou a identificar 353 trabalhos. Após filtrá-los a partir de determinados descritores e critérios de inclusão e exclusão, chegamos a um total de 31 trabalhos que abordaram os futs de mulheres, sendo 23 dissertações e 8 teses. As pesquisas existentes trataram apenas do futebol e do futsal. Verificamos que a produção de dissertações e teses sobre estas modalidades partiu de 13 diferentes programas. Vinte e um diferentes pesquisadores orientaram as pesquisas levantadas, sendo que a maioria deles (13 no total) é do sexo masculino. Já no caso dos autores, a maioria (17) é do sexo feminino. A maior parte dos trabalhos se enquadrou na subárea de conhecimento sociocultural (22), seguida pela pedagógica (8) e biodinâmica (7). Os trabalhos possuem diferentes enfoques temáticos, a saber: Educação física escolar, Escolinhas e projetos que envolvem futs, Gênero, Lazer, Mídia, Mulher como atleta profissional, Performance, Produção do Conhecimento, Profissionais dos futs e Saúde. O maior número de pesquisas se enquadra no enfoque Gênero (12). Os trabalhos discutem problemáticas recorrentes no cotidiano de mulheres envolvidas com os futs, como as poucas ofertas de vivência destas modalidades ao longo da infância, o despreparo docente para trabalhar com estas modalidades na educação física escolar, a presença de estigmas que colocam em suspeição a feminilidade das atletas de futs, a erotização dos corpos das mulheres, a pouca visibilidade conferida à elas por parte da mídia, as adversidades de se assumir os futs como carreira profissional, a inferiorização da mulher que ocupa cargos de gestão ou de arbitragem. As críticas realizadas pelos autores que discutiram estas questões se fazem importantes para que determinadas situações não mais sejam negligenciadas. Concluímos que os futs de mulheres vêm demarcando seu território tanto no âmbito esportivo quanto no acadêmico e que a manutenção de pesquisas de mestrado e doutorado sobre a temática se fazem importantes para contribuir com o fortalecimento das modalidades tanto na teoria, quanto na prática. Este trabalho oferece subsídios para a compreensão e reconhecimento do que vem sendo produzido sobre os futs de mulheres nos PPGEF no país, e com isto, orientar a produção de novas pesquisas sobre a temática.

Palavras-chave: Produção do conhecimento. Futebol de mulheres. Estado da arte.

ABSTRACT

The aim of this dissertation was to describe the state of the art of dissertations and theses that address the “*futs*” of women in the Physical Education Graduate Programs (PPGEF) from 2010 to 2016. The research was quanti-qualitative, and inspired by procedures of studies of the state of the art and bibliometry. We took as a source of information database built by the Sports Intelligence Project, which has investigated the production of knowledge related to sports and sports disciplines produced by the PPGEF. This database contains information on 1,234 dissertations and theses. We selected only those that addressed one or more of the following sports: soccer, soccer 7, football 5-a-side, football 7-a-side, sand soccer, amputee soccer, footvolley and/or indoor soccer. This process led us to identify 353 works. After filtering them using certain descriptors and inclusion and exclusion criteria, we found a total of 31 papers that addressed women's futs, from which 23 were dissertations and 8 were theses. These Works addressed only soccer and futsal. We found that the production of dissertations and theses about them came from 13 different programs. Twenty-one different advisors guided the research, most of them (13 in total) were male. In the case of the authors, the majority (17) were female. Most of the works were in the socio-cultural (22) subarea, followed by pedagogical (8) and biodynamic (7). The works have different thematic approaches, namely: Physical education, Schools and projects involving the futs, Gender, Leisure, Media, Women as a professional athlete, Performance, Knowledge production, Futs professionals, and Health. Most research fits within the Gender approach (12). The papers discuss recurring problems in the daily lives of women involved with the futs, such as the scarce offer of experiences with the futs throughout their childhood, the teacher's lack of preparation to work with these sports in school physical education, the presence of stigmas that question the femininity of the futs's athletes, the eroticization of women's bodies, the poor visibility given to them by the media, the adversity of taking up the futs as a professional career, the inferiority of women in management or arbitration positions. The criticisms made by the authors who discussed these issues are important so that certain issues are no longer neglected. We conclude that women's futs have been demarcating their territory in both sports and academia and that the maintenance of masters and doctoral research on the theme are important to contribute to the strengthening of these sports in both theory and practice. This work provides subsidies for the understanding and recognition of what has been produced about women's futs in the PPGEF, and with this, guide the production of new research on this subject.

Keywords: Knowledge production. Women's soccer. State of art.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FOTOGRAFIA DE QUANDO ENTREI EM CAMPO COM OS JOGADORES DO CORITIBA.....	28
FIGURA 2 – FOTOGRAFIA DO RETORNO DA VIAGEM REALIZADA A SÃO BENTO DO SUL-SC PARA DISPUTA DE TORNEIO PELO COLÉGIO	28
FIGURA 3 – FOTOGRAFIA APÓS UMA PARTIDA DE FUTEBOL SINTÉTICO ENTRE AMIGOS E AMIGAS.....	29
FIGURA 4 – EXEMPLO DOS DADOS TABULADOS NA PLANILHA EXCEL.....	37
FIGURA 5 – MINERAÇÃO DOS DADOS (PARTE 1).....	40
FIGURA 6 – MINERAÇÃO DOS DADOS (PARTE 2).....	44
FIGURA 7 – QUANTIDADE DE TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES CONSIDERANDO O UNIVERSO DE TRABALHOS SOBRE FUTS	49
FIGURA 8 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR MODALIDADE	56
FIGURA 9 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES AO LONGO DOS ANOS POR TIPO DE PRODUÇÃO	57
FIGURA 10 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES AO LONGO DOS ANOS POR MODALIDADE	58
FIGURA 11 – DISTRIBUIÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR PPGEF	64
FIGURA 12 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS PPGEF QUE PRODUZIRAM TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES	69
FIGURA 13 – QUANTIDADE DE TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES DISTRIBUÍDOS GEOGRAFICAMENTE DE ACORDO COM A LOCALIZAÇÃO DOS PPGEF	70
FIGURA 14 – SEXO DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES.....	77
FIGURA 15 – SEXO DOS AUTORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES	78

FIGURA 16 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES AO LONGO DOS ANOS CONSIDERANDO O SEXO DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS.....	79
FIGURA 17 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES AO LONGO DOS ANOS CONSIDERANDO O SEXO DOS AUTORES DOS TRABALHOS	79
FIGURA 18 – QUANTIDADE DE ORIENTADORES POR ENFOQUE TEMÁTICO CONSIDERANDO O SEXO DOS MESMOS.....	81
FIGURA 19 – QUANTIDADE DE AUTORES POR ENFOQUE TEMÁTICO, CONSIDERANDO O SEXO DOS MESMOS.....	81
FIGURA 20 – DISTRIBUIÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR ENFOQUE TEMÁTICO.....	84
FIGURA 21 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR SUBÁREAS DE CONHECIMENTO	86
FIGURA 22 – REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO PROTOCOLO FIET.....	177
FIGURA 23 – REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA REALIZAÇÃO DOS MODELOS DE TREINAMENTO TIAI _{7,5x7,5} (ESQ.) TIAI _{15x15} (DIR)	179
FIGURA 24 – DESCRIÇÃO DOS PARÂMETROS DE REFERÊNCIA DAS OPÇÕES 3 E 4 DO MÉTODO TRIEF	179

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	41
QUADRO 2 – CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.....	42
QUADRO 3 – SIGLA, NOME E INSTITUIÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO QUE PRODUZIRAM TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES.....	62
QUADRO 4 – GRUPOS E LINHAS DE PESQUISA VINCULADOS A INSTITUIÇÕES QUE PRODUZIRAM TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES	66
QUADRO 5 – LINHAS E PROJETOS DE PESQUISA DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES	72
QUADRO 6 – RELAÇÃO ENTRE ENFOQUES TEMÁTICOS E SUBÁREAS DE CONHECIMENTO.....	86
QUADRO 7 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	91
QUADRO 8 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS.....	105
QUADRO 9 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO GÊNERO	116
QUADRO 10 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO LAZER.....	140
QUADRO 11 – TÍTULO, AUTOR E ANO DO TRABALHO QUE SE ENQUADRA NO ENFOQUE TEMÁTICO MÍDIA	150
QUADRO 12 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO MULHER COMO ATLETA PROFISSIONAL.....	156
QUADRO 13 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PERFORMANCE.....	168
QUADRO 14 – TÍTULO, AUTOR E ANO DO TRABALHO QUE SE ENQUADRA NO ENFOQUE TEMÁTICO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.	183

QUADRO 15 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PROFISSIONAIS DOS FUTS.....	187
QUADRO 16 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO SAÚDE	201
QUADRO 17 – REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS EXCLUÍDOS A PARTIR DE CADA CRITÉRIO DE EXCLUSÃO	229
QUADRO 18 – REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS INCLUÍDOS A PARTIR DE CADA CRITÉRIO DE INCLUSÃO	230

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – NÚMERO DE TRABALHOS POR MODALIDADE E POR POSIÇÃO GERAL EM RELAÇÃO À TODAS AS MODALIDADES CONSIDERADAS NO PROJETO MPC-PPGEF	48
TABELA 2 – TÍTULO, AUTOR, ORIENTADOR, ANO DE DEFESA E OBJETIVOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES	50
TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR MODALIDADE E TIPO DE PRODUÇÃO	57
TABELA 4 – PRINCIPAIS RESULTADOS DAS SELEÇÕES FEMININAS DE FUTEBOL E DE FUTSAL ENTRE 2000 E 2016	59
TABELA 5 – NOME DO ORIENTADOR, ANO DA DEFESA, NOME DO PROGRAMA E TIPO DE TRABALHO ORIENTADO	71
TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES CONSIDERANDO OS AGRUPAMENTOS DE ENFOQUES TEMÁTICOS PRESENTES EM UM MESMO TRABALHO	85
TABELA 7 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR AGRUPAMENTOS DAS SUBÁREAS DE CONHECIMENTO.....	87
TABELA 8 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	92
TABELA 9 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS	105
TABELA 10 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO GÊNERO	117
TABELA 11 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO LAZER.....	140
TABELA 12 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O TRABALHO QUE SE ENQUADRA NO ENFOQUE TEMÁTICO MÍDIA	150

TABELA 13 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO MULHER COMO ATLETA PROFISSIONAL.....	156
TABELA 14 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PERFORMANCE.....	169
TABELA 15 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O TRABALHO QUE SE ENQUADRA NO ENFOQUE TEMÁTICO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	183
TABELA 16 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PROFISSIONAIS DOS FUTS.....	188
TABELA 17 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO SAÚDE	201

LISTA DE SIGLAS

BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
EDF	Educação Física
FI	Fator de Impacto
FIET	<i>Futsal Intermittent Endurance Test</i>
IE	Inteligência Esportiva
JSTT	Jogos de Sustentação Tático-Técnica
LDL/HDL	<i>Low Density Lipoprotein/ High Density Lipoprotein</i>
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
MPC-PPGEF	Mapeamento da Produção Científica dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física relativa ao Esporte
PAPGEF/UPE-UFPB	Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGCAF/EACH/USP	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física da Universidade de São Paulo
PPGCAF/UNIVERSO	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira
PPGCE/UFMG	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da Universidade Federal de Minas Gerais

PPGCEE/UERJ	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
PPGCM/UNESP-RC	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Rio Claro (SP)
PPGCMH/UDESC	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade do Estado de Santa Catarina
PPGCMH/UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PPGCMH/UNICSUL	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Cruzeiro do Sul
PPGCMH/UNIMEP	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Metodista de Piracicaba
PPGEDF/UFPR	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná
PPGEDF/UFSM	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria
PPGEDF/USJT	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu
PPGEF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física
PPGEF/FUFSE	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Fundação Universidade Federal de Sergipe
PPGEF/UEM-UEL	Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Londrina
PPGEF/UFES	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo
PPGEF/UFMA	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão

PPGEF/UFMT	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso
PPGEF/UFPE	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco
PPGEF/UFPEL	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas
PPGEF/UFRJ	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro
PPGEF/UFRN	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
PPGEF/UFSC	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina
PPGEF/UFTM	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro
PPGEF/UGF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho
PPGEF/UNB	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília
PPGEF/UNIMEP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba
PPGEF/UNIVASF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco
PPGEFE/EEFE/USP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo
PPGEFE/EEFERP/USP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto
PPGEFE/RDFRP/USP	Programa de Pós-Graduação em Reabilitação e Desempenho Funcional da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto
PPGEFI/UFV-UFJF	Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa e da Universidade Federal de Juiz de Fora

PPGEFPS/UNOPAR	Programa de Pós-Graduação em Exercício Físico na Promoção da Saúde da Universidade Norte do Paraná
PPGF/UNESP-MAR	Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
PPGFEF/UNICAMP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas
PPGSSEF/UCB	Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Católica de Brasília
PPGTO/UFSCAR	Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos
PST	Programa Segundo Tempo
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TIAI	Treinamento Intervalado de Alta Intensidade
TRIEF	Treinamento Intervalado Específico para Futsal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
1.1	OBJETIVO GERAL	26
1.1.1	Objetivos específicos	26
1.2	JUSTIFICATIVA.....	27
2	METODOLOGIA	36
2.1	FONTES DOS DADOS E ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE	37
2.1.1	Descritores	40
2.1.2	CrITÉrios de inclusão e exclusão das dissertações e teses.....	41
2.1.3	Temas emergentes: os enfoques temáticos	45
3	CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PRODUÇÃO.....	47
3.1	INFORMAÇÕES GERAIS.....	47
3.2	SOBRE OS FUTS DE MULHERES	49
3.3	CENTROS DE PRODUÇÃO	61
3.4	AUTORES E ORIENTADORES	71
3.5	ENFOQUES TEMÁTICOS	83
4	ENFOQUES TEMÁTICOS	90
4.1	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	91
4.2	ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS.....	104
4.3	GÊNERO	116
4.4	LAZER	139
4.5	MÍDIA	150
4.6	MULHER COMO ATLETA PROFISSIONAL	155
4.7	PERFORMANCE	168
4.8	PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	183
4.9	PROFISSIONAIS DOS FUTS.....	187
4.10	SAÚDE	201

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
	REFERÊNCIAS	217
	APÊNDICE 1 – TRABALHOS EXCLUÍDOS E INCLUÍDOS A PARTIR DOS CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO	229
	ANEXO 1 – METODOLOGIA DO PROJETO MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA RELATIVA AO ESPORTE.....	231

1 INTRODUÇÃO

É inegável a paixão que o brasileiro tem pelo futebol. Estatísticas recentes apontam a modalidade como a mais praticada no país – de acordo com o Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE, 2015), no ano de 2013, 42,7% dos brasileiros “jogaram bola”, ou seja, praticaram esse esporte. Só para se ter uma ideia, a caminhada apareceu como a segunda modalidade mais praticada (8,4%) e em terceiro lugar veio o vôlei, praticado por apenas 8,2% da população brasileira. Mesma configuração apresentada pela pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), a qual identificou que no ano de 2015 o futebol foi praticado por 39,3% da população, seguido pela caminhada (24,6%) e pelas modalidades vôlei, basquete e handebol (2,9%).

Embora o futebol tenha chegado no Brasil no final do século XIX, em seus primeiros anos era uma atividade voltada apenas à elite branca. Foi na década de 1920 que a modalidade sofreu seu processo de massificação, ou seja, passou a ser praticada de forma democrática entre as diferentes classes sociais no país. Neste período, chamava a atenção o excesso de dribles, piruetas e movimentações exóticas em detrimento da organização tática, consciência de equipe e disciplina, requisitos recomendados pelos manuais ingleses. Foram estas peculiaridades da forma de se jogar futebol no Brasil, aliadas ao imaginário culturalista e nacionalista dos anos 1930, que levaram literatos e jornalistas a legitimarem a modalidade, em suas obras, como marca de construção e identidade do estilo nacional (SOARES, 1998; SOARES; LOVISOLO, 2003).

Ao se afirmar que o futebol passou a ser considerado um espaço de encontro entre classes antagônicas, de assimilações de diferentes tradições culturais e de afirmação de nossa singularidade neste período – ideia que permaneceu embasando as narrativas nas décadas seguintes – (SOARES; LOVISOLO, 2003), precisamos destacar que o sujeito desta fala tem nome e sobrenome: futebol masculino. Quando se toma como objeto de investigação o futebol de mulheres² neste mesmo período (e por que não nos períodos subsequentes?), constatamos que a história é bem diferente.

² Utilizaremos, nesta pesquisa, a expressão “futebol de mulheres” (KESSLER, 2015) em detrimento do termo “futebol feminino”. As razões para esta escolha são apresentadas oportunamente mais ao fim deste corrente capítulo.

A primeira partida de futebol de mulheres disputada no Brasil que se tem conhecimento ocorreu no ano de 1921, na cidade de São Paulo, entre “senhoritas Tremembenses” e “senhoritas Cantareirenses” (MOREL; SALLES, 2006). Já nesta época – e ganhando ainda mais força nos anos seguintes –, discursos eugenistas enfatizavam a condição da mulher de ser responsável pela formação do “novo homem brasileiro”, condenando a prática de determinados exercícios que pudessem afetar a maternidade (MOURA, 2003).

O “Regulamento nº 7”, Regulamento de Educação Física do ano de 1934, recomendou que as moças não deveriam procurar exercícios que demandassem desenvolvimento de força uma vez que “a mulher não é constituída para lutar, mas para procriar (ESCOLA..., 1934, p. 16)”. Desta forma, diante de uma lista de exercícios recomendados, o regulamento enfatizava que qualquer exercício que fosse acompanhado de pancadas, choques e golpes seria perigoso para o órgão uterino, sendo sua prática pela mulher condenada (ESCOLA..., 1934). No ano de 1941, o governo de Getúlio Vargas baixou o Decreto Lei nº 3.199, cujo artigo 54 proibiu a prática de desportos supostamente incompatíveis com as condições da natureza da mulher (BRASIL, 1941). Duas décadas mais tarde, no ano de 1965, o Conselho Nacional de Desportos, através da deliberação nº 7/65, explicitou quais modalidades seriam proibidas às mulheres – dentre outras, estavam o futebol, futebol de salão e futebol de areia (BRASIL, 1965). A proibição se estendeu por quatorze anos, sendo revogada apenas no ano de 1979. A partir de então, estava assegurado às mulheres o direito à prática do futebol (ALTMANN, 2017; GOELLNER, 2005; MOURA, 2003).

Gradualmente foram surgindo equipes de futebol de mulheres e paulatinamente campeonatos femininos passaram a ter espaço no calendário nacional. Ao passo que estes progressos aconteceram, os corpos das mulheres que jogavam futebol passaram a ser erotizados. O esporte foi tomado como meio de espetacularizar os corpos femininos e ressaltar atributos como graciosidade, beleza e sensualidade. Não somente para atrair público e recursos para o futebol de mulheres, o apelo à beleza das jogadoras e erotização de seus corpos também sustentou-se com o discurso de resistência à masculinização das mulheres que jogavam futebol (GOELLNER, 2005).

Mesmo diante destas e outras barreiras que o futebol de mulheres em nosso país enfrenta até os dias de hoje – especialmente com relação às poucas políticas e ao baixo incentivo financeiro público e privado (GOELLNER, 2005; SALVINI; FERREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2014) – a modalidade vem vagarosamente se

estabelecendo. Diante de recentes estratégias visando apoiar o crescimento do futebol praticado por mulheres, o ano de 2019 recebeu um destaque especial. Os times masculinos que disputam competições promovidas pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) passaram a ter a obrigatoriedade de manterem uma equipe de mulheres inscrita em competições organizadas por suas respectivas federações nacionais (CONMEBOL, 2016). Nesse sentido, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) também regulamentou que clubes que disputam o Brasileirão da Série A devam manter respectivas equipes de mulheres participando de competições (CBF, 2017).

Outro aspecto importante a ser destacado também no ano de 2019 diz respeito à atenção dada por parte da mídia nacional à Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA. Pela primeira vez na história os jogos da seleção brasileira na competição foram transmitidos em duas emissoras de TV abertas: Rede Globo e TV Bandeirantes – esta última com um histórico de transmissões voltadas ao futebol de mulheres desde a década de 1980 (JÚNIOR; REIS, 2018) exibiu também alguns jogos de outras seleções. Todos os demais jogos foram transmitidos na íntegra pelo canal por assinatura SporTV.

De acordo com as marcações de audiência, a transmissão dos jogos foi um sucesso no Brasil e em diversos países no planeta. Especialmente em nosso país, onde os discursos de falta de interesse por parte do público resultando em baixas audiências são utilizados como justificativa para a carência de transmissões de partidas de futebol de mulheres. O jogo das oitavas de final entre França e Brasil, partida na qual nossa seleção foi eliminada da competição, proporcionou a maior audiência em um jogo de futebol de mulheres em toda a história da televisão nacional – foram mais de 30 milhões de espectadores acompanhando a partida (MENDONÇA, 2019).

É interessante ressaltarmos também que, com a abertura à prática do futebol às mulheres no final da década de 1970, outras modalidades similares ao futebol também foram adotadas pelo público feminino – futsal, futebol 7 (*society*) e futebol de areia –, contando com a realização de competições regionais nestas diferentes modalidades (MOREL; SALLES, 2006). Na década de 1980 as mulheres passaram a praticar também o futevôlei (FUTEVÔLEI, 2019). Ainda levando em consideração outras modalidades semelhantes ao futebol, destacamos que dentre aquelas voltadas a pessoas com deficiência, o futebol de 5 (deficientes visuais), futebol de 7 (paralisia cerebral) e futebol para amputados não preveem eventos oficiais com participação feminina (ABDDF, 2019; CPB, 2019). Já as modalidades de futebol e de futsal para surdos

contam com equipes de mulheres que participam de competições em níveis nacional e internacional (CBDS BRASIL, 2019).

Esta conjuntura histórica brevemente apresentada, a qual marcou a trajetória e protelou a prática do futebol de mulheres em nosso país, pode ter contribuído para justificar o desenvolvimento tardio de outra esfera relacionada às mulheres que jogam bola: no campo acadêmico-científico, as primeiras pesquisas voltadas ao futebol de mulheres foram publicadas somente no final da década de 1990 (BARREIRA et al., 2018; SALVINI; FERREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2014). Vale ressaltar também que foi apenas no final da década de 1960 e início da década de 1970 que surgiram, nos países ocidentais, impulsionados mais especificamente pela segunda onda do movimento feminista, os estudos da mulher. Eles tinham como principal objetivo tornar visível aquelas que foram historicamente ocultadas e segregadas nos âmbitos sociais e políticos. Foram estes estudos iniciais que estimularam mulheres a se estabelecerem como sujeitos e objetos da ciência (LOURO, 2003).

Diante do contexto acima exposto, nos questionamos: atualmente, como vem se configurando a produção acadêmica-científica em termos de dissertações e teses que abordam os futs³ de mulheres no contexto dos programas de pós-graduação em educação física no Brasil? Como se deu a evolução numérica desta produção ao longo dos últimos anos? Quais os principais enfoques temáticos desta produção? Quais os principais centros de produção? Quem são os autores e orientadores destes trabalhos?

1.1 OBJETIVO GERAL

Descrever o estado da arte das dissertações e teses que abordam os futs de mulheres nos Programas de Pós-graduação em Educação Física entre 2010 e 2016.

1.1.1 Objetivos específicos

- Levantar as dissertações e teses que abordam os futs de mulheres;
- Verificar como a produção destes trabalhos se distribuiu ao longo dos anos;

³ Esta pesquisa considera as seguintes modalidades como futs: futebol, futebol 7, futebol de 5, futebol de 7, futebol para amputados, futevôlei e futsal. A opção pela nomenclatura “futs” é explanada mais ao fim deste corrente capítulo. Os motivos que levaram estas modalidades específicas a comporem o conjunto dos futs desta pesquisa são melhor detalhados no capítulo Metodologia.

- Identificar os programas de pós-graduação que tiveram defesas de dissertações e teses que estudaram a temática;
- Levantar os autores e orientadores destes trabalhos;
- Identificar o sexo dos autores e orientadores das produções;
- Identificar as subáreas de conhecimento dos trabalhos;
- Levantar os principais enfoques temáticos das produções;
- Identificar os principais aspectos relativos aos futs de mulheres que foram discutidos nos trabalhos.

1.2 JUSTIFICATIVA

Conforme aponta Vieira (2011), a curiosidade inerente aos indivíduos faz com que estes busquem compreender a realidade que os cerca, caminhando rumo ao conhecimento. Assim, uma esfera desta pesquisa justifica-se pelos anseios que resultaram de meu intenso envolvimento com o futebol, como espectadora e praticante, ao longo da minha vida.

Passei a grande maioria dos finais de semana de minha infância no sítio da família do meu pai. Era uma propriedade rural distante cerca de 100 quilômetros de Curitiba, cidade onde morávamos. Nos finais de tarde dos sábados e nos domingos pela manhã, era sagrado: nos reuníamos no campinho de terra – tios, primos, primas, meu pai e eu – e passávamos o resto do dia jogando futebol. Às vezes, a brincadeira acabava mais cedo e em lágrimas para as meninas, em alguns lances em que os primos mais velhos “entravam forte” nas divididas. Um tempo depois, tudo ficava bem novamente e não víamos a hora de ir jogar mais fut.

As primeiras idas ao estádio de futebol foram acompanhadas de meu pai. Enquanto minha irmã, mais nova que eu, fazia amizade com as crianças que estavam próximas de nós na arquibancada e passava todo o tempo brincando com elas, eu buscava acompanhar o jogo e dava muita atenção ao meu pai, uma vez que ele sempre comentava comigo as situações e lances que iam ocorrendo no jogo. Assim, fui entendendo e criando gosto por acompanhar partidas de futebol, fossem no estádio, pela televisão ou pelo rádio.

FIGURA 1 – FOTOGRAFIA DE QUANDO ENTREI EM CAMPO COM OS JOGADORES DO CORITIBA



FONTE: registro familiar

Na quarta série do ensino fundamental – eu tinha 10 anos de idade – o treinador de futsal da escola em que eu estudava me chamou para fazer parte do time do colégio, após assistir algumas partidas de um torneio interno que fora realizado. Apenas eu e outra menina da minha sala fazíamos parte do time até então; as demais meninas do time eram todas mais velhas. Estudávamos no período da tarde e os jogos intercolégiais eram também vespertinos. Assim, além “da moral” de jogarmos no time das meninas mais velhas, tínhamos também autorização para sair por algumas horas durante o período de aula para disputar os jogos, o que causava burburinho entre as meninas e os meninos da nossa turma.

FIGURA 2 – FOTOGRAFIA DO RETORNO DA VIAGEM REALIZADA A SÃO BENTO DO SUL-SC PARA DISPUTA DE TORNEIO PELO COLÉGIO



FONTE: registro familiar

Joguei futsal durante todos os anos escolares seguintes, até mesmo durante o ensino médio, período no qual a carga horária de estudos era muito extensa e fatigante. Tínhamos um time muito bom e estávamos sempre disputando as finais dos campeonatos em que jogávamos.

No ano de 2009 iniciei minha primeira graduação, bacharelado em Sistemas de Informação, e acreditei que não mais poderia “me dar ao luxo” de jogar futsal – tanto pela carga horária de estudos que a universidade exigia, quanto pelo fato de estar cursando uma graduação voltada à área tecnológica e achar que isso não combinaria com a prática do esporte. Contudo, passaram-se alguns anos e a saudade das quadras falou mais alto – comecei a reunir amigas, amigos, meu pai e minha irmã para jogarmos futebol uma ou outra vez na semana. Além disso, ingressei no time de futsal da universidade.

FIGURA 3 – FOTOGRAFIA APÓS UMA PARTIDA DE FUTEBOL SINTÉTICO ENTRE AMIGOS E AMIGAS



FONTE: registro familiar

Tenho convicção de que a paixão pelo futebol foi um dos motivos que me levou a concluir que a área da tecnologia não era o que eu queria para mim em termos de profissão. Assim, decidi prestar o vestibular para educação física, um ano e meio após ter completado a primeira graduação. Ao longo do curso, disputei apenas campeonatos internos do curso de educação física, cultivando minha alegria e prazer em jogar bola.

Durante tantos anos praticando a modalidade, não foram poucas as vezes em que presenciei situações de preconceito e discriminação. Estas variaram desde a proibição de jogar porque só haveriam meninos jogando, passando por inúmeras

cantadas recebidas enquanto jogadora e como espectadora, até a acusação de que eu e minha colegas usávamos o jogo como um meio de exhibir nossos corpos. As adversidades se faziam presentes já na época do campo de chão batido em que jogávamos entre familiares – minha inquietação com estes fatos é que veio um pouco mais tarde.

Somada à minha relação pessoal intensa com a modalidade, está a atuação durante o período de um ano em um subprojeto do grupo Inteligência Esportiva (IE) da Universidade Federal do Paraná, intitulado “Mapeamento da Produção Científica dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física relativa ao Esporte (MPC-PPGEF)⁴”. Durante o levantamento e mapeamento de dados provenientes de artigos, dissertações e teses sobre esporte e/ou modalidades esportivas, constatee a presença de algumas pesquisas que se dedicaram ao estudo dos futs de mulheres. Estes dados também me serviram como motivação para o desenvolvimento desta pesquisa – despertaram em mim o desejo de compreender como o meio acadêmico vêm se dedicando à estudos que pesquisam a participação de mulheres nesta modalidade tão significativa para mim.

Encontramos, na literatura, cinco pesquisas que possuem alguma conexão com a proposta da presente pesquisa, uma vez que se dedicaram, assim como este trabalho, ao estudo da produção acadêmica que aborda os futs de mulheres em nosso país⁵. São elas: Feltrin *et al.* (2012), Teixeira e Caminha (2013), Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014), Araujo (2015) e Barreira *et al.* (2018).

A pesquisa de Feltrin *et al.* (2012) teve por objetivo quantificar o total de estudos na literatura nacional que investigaram e caracterizaram as praticantes de futebol feminino no Brasil. A partir de buscas realizadas em bases de dados virtuais, os autores localizaram 30 trabalhos entre os anos de 1999 e 2012 – pesquisas que discutiram aspectos históricos e de gênero não foram incluídas. Para cada trabalho encontrado, os autores sinalizaram e discutiram quais características fisiológicas foram abordadas pela pesquisa em questão: composição corporal, resistências aeróbia e

⁴ No capítulo Metodologia, bem como no ANEXO 1 – METODOLOGIA DO PROJETO MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA RELATIVA AO ESPORTE, discorreremos de forma mais detalhada sobre alguns aspectos deste projeto.

⁵ Realizamos consultas nas seguintes bases de dados: BIREME, Portal de Periódicos da CAPES, SciELO, LILACS, MEDLINE, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e Google Acadêmico, bem como nas tabelas resultantes do projeto MPC-PPGEF. Para efetuarmos a busca, combinamos os seguintes termos entre si: futebol, futsal, feminino, mulher, produção do conhecimento, estado da arte, revisão de literatura, bibliometria, mapeamento; em inglês: *soccer, football, woman, women, girl, female, bibliometrics, scientific production, knowledge production, literature review, state of art.*

anaeróbia, flexibilidade, *sprints*, força máxima, consumo energético, hormônios, agilidade, potência e hemograma.

Teixeira e Caminha (2013) voltaram-se especificamente à questão do preconceito de gênero no contexto do futebol feminino em seu artigo. Além de identificar os estudos científicos sobre esta temática em distintas bases de dados e em periódicos nacionais qualificados na educação física entre os anos de 2000 e 2009, os autores discutiram aspectos socioculturais que fundamentaram estes estudos. Através da análise de discurso, com base na proposta arqueológica de Foucault, os autores identificaram e discutiram três abordagens nas quais as 14 pesquisas levantadas se enquadraram: histórica, pedagógica e psicossocial.

A pesquisa desenvolvida por Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014) teve por objetivo apresentar um mapeamento de teses e dissertações sobre o futebol de mulheres entre os anos de 1990 e 2010 a partir da consulta ao banco de dados da CAPES, do Nuteses e Currículo Lattes de pesquisadores. Os autores levantaram oito dissertações e três teses sobre o futebol de mulheres. Apoiando-se nos conceitos teóricos de Bourdieu para realizar a análise sobre os trabalhos encontrados, Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014) apresentaram as principais noções sobre o campo esportivo e o campo acadêmico-científico e concluíram que tanto o espaço ocupado pelo futebol de mulheres no campo esportivo, quanto a temática de estudo no campo acadêmico, são periféricos.

A dissertação de mestrado de Araujo (2015) teve por objetivo extrair e analisar as enunciações das teses e dissertações que falam sobre as mulheres no futebol entre os anos de 2005 e 2012 com base no banco de teses da CAPES. A autora identificou 38 trabalhos (11 teses e 27 dissertações). A partir da análise das enunciações e baseando-se em estudos pós-estruturalistas, especialmente aqueles relacionados a Foucault, a autora analisou o que as teses e dissertações disseram sobre a construção da mulher no futebol, bem como discutiu a presença recorrente da noção de gênero nas pesquisas levantadas. Identificou que o gênero pode representar uma possibilidade de enunciado que vem atravessando parte do discurso científico acerca das mulheres no futebol, gerando verdades que as constituem.

O artigo de Barreira *et al.* (2018) teve por objetivo mapear a produção de artigos científicos nacionais sobre futebol e futsal feminino a partir da análise de 35 periódicos da área da educação física indexados na Área 21. As autoras localizaram 76 artigos sobre a temática (sendo 59 sobre futebol e 17 sobre futsal) entre os anos de 1998 a 2017. As autoras realizaram discussões em termos dos periódicos em que os artigos

foram publicados, frequência das publicações ao longo dos anos, temáticas recorrentes – considerando uma categorização elaborada pelas próprias autoras – e quantidade de autores e coautores distribuídos por sexo.

É possível constatar que, embora semelhantes ao presente trabalho, os estudos acima apresentados assumiram objetivos e/ou encaminhamentos metodológicos diferentes. Feltrin *et al.* (2012) levantaram artigos que abordaram somente aspectos fisiológicos do futebol feminino entre os anos de 1999 e 2012 e discutiram-nos com base nas principais características fisiológicas observadas em cada artigo. Teixeira e Caminha (2013) debruçaram-se sobre artigos que abordavam especificamente a questão do preconceito de gênero no contexto do futebol feminino entre os anos de 2000 e 2009 e basearam-se na análise de discurso para inferir os resultados encontrados. Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014) realizaram um mapeamento de teses e dissertações sobre o futebol de mulheres entre os anos de 1990 e 2010, discutindo os resultados com base na Teoria dos Campos, de Bourdieu. Araujo (2015) extraiu e analisou enunciações de teses e dissertações que falam sobre as mulheres no futebol entre os anos de 2005 e 2012, realizando uma análise destas enunciações. Já Barreira *et al.* (2018) mapearam a produção de artigos científicos nacionais sobre futebol e futsal feminino a partir da análise de 35 periódicos da área da educação física indexados na Área 21, realizando análises estatísticas para apresentar os dados e levantando hipóteses que pudessem justificar as configurações encontradas.

O nosso trabalho poderá ajudar a complementar, aprofundar e expandir a ainda escassa literatura sobre a produção relativa ao futebol de mulheres pelas seguintes razões: nos dedicamos a um recorte temporal diferenciado; englobamos outras modalidades que não apenas o futebol e o futsal⁶, considerando as demais práticas esportivas que se assemelham a estas modalidades; consideramos todos os possíveis enfoques temáticos que norteiam as pesquisas sobre futs de mulheres; realizamos um mapeamento quanti-qualitativo das dissertações e teses que abordam os futs de mulheres.

Conforme destacamos anteriormente, este trabalho irá apontar lacunas na pesquisa científica que trata dos futs de mulheres. Deste modo, ele poderá subsidiar o desenvolvimento de futuras pesquisas para que se possa suplementar a produção de conhecimentos a respeito de aspectos mais necessitados e estratégicos dos futs de

⁶ Embora tenhamos expandido a busca para outras modalidades, já antecipamos que não encontramos trabalhos que tenham abordado outras modalidades além do futebol e futsal.

mulheres. Visamos, com isto, direta e indiretamente contribuir para com desenvolvimento dessa modalidade em toda a sua complexidade e diferentes formas de manifestação.

Para esta pesquisa, delimitamos dissertações e teses advindos de programas de pós-graduação *Strictu Sensu*, uma vez que estes locais compreendem fecundos espaços com incentivos financeiros por parte do governo à pesquisa e à promoção de descobertas visando o progresso de qualquer área. Estes são responsáveis por quase que a totalidade da produção científica nacional (MADEIRA, 2012; SILVA; HAYASHI; HAYASHI, 2011).

Nos dedicamos apenas à produção dos programas de educação física pois alguns autores constataram, no que diz respeito à quantidade de pesquisas distribuídas por áreas de conhecimento, que a área da educação física é detentora da maioria dos estudos sobre futebol – ainda que diversas outras áreas de conhecimento também venham dedicando espaço à investigações sobre esta modalidade (ARAÚJO, 2015; FENSTERSEIFER, 2016; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010; SALVINI; FERREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2014). Definimos o recorte temporal 2010 – 2016 porque trabalhamos com os dados disponibilizados pelo projeto IE, projeto no qual baseamos o desenvolvimento deste trabalho (explicaremos mais sobre o mesmo na descrição da metodologia). O IE trabalhou apenas com os dois últimos ciclos de avaliação da pós-graduação definidos pela CAPES – Avaliação Trienal 2010-2012 e Avaliação Quadrienal 2013-2016 (CAPES, 2019), uma vez que os dados referentes ao próximo ciclo não estavam ainda disponíveis na época em que o levantamento de dados deste projeto ocorreu.

Ao optarmos por considerar não somente o futebol, mas demais modalidades entendidas como suas variações e que aqui nomeamos de “futs”, sugerimos uma analogia com a ideia dos “futebóis” proposta por Damo (2005). O autor associa este termo a um conjunto de práticas diversas que, embora possam ter suas próprias entidades organizadoras, possuem em comum uma estrutura a partir da qual são socialmente reconhecidas. De acordo com o autor, esta estrutura caracteriza-se pela presença de duas equipes; perseguição de objetivos idênticos, porém assimétricos; mediação da disputa por um objeto; e um conjunto de regras, dentre as quais se destaca o uso das mãos. Esta “unidade futebolística” pode ser detectada em quase todos os futebóis, de modo que pode ser reconhecida universalmente onde quer que se esteja praticando um jogo nomeado com o equivalente ao termo futebol. Segundo Damo

(2005), são exemplos de futebóis: futebol de salão, futsal, futebol-soçaite, futebol de praia (*beach soccer*), futevôlei, futebol de botão, futebol totó, entre outros. O autor afirma que estes jogos podem ser nomeados simplesmente como futebol ou por nomes como “pelada”, “racha”, “fute”, entre outros. Damo (2005) ainda ressalta que os futebóis podem ser agrupados em quatro matrizes principais – espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar – cujo uso estratégico pode ajudar a melhor compreender a diversidade dos futebóis a partir de suas diferenças.

Ainda, justificamos a escolha pelo uso da expressão “futs de mulheres” em detrimento da expressão “futs feminino” com base em Kessler (2015). De acordo com a autora, o universo do futebol ainda é majoritariamente pensado de maneira tradicional e frequentemente representado através de formas binárias opostas – nesse contexto, as noções de masculinidades e feminilidades são utilizadas de formas estáveis e fixas, impondo padrões com relação à como se deve agir, comportar e vestir. Assim, o termo “fut feminino” (ou “futebol feminino”, como traz a autora) remete essencialmente a uma perspectiva de gênero – sobretudo, a uma perspectiva normativa hegemônica. Por outro lado, o termo “futs de mulheres”, adaptação do termo “futebol de mulheres” proposto por Kessler (2015), busca abranger toda a diversidade deste grupo heterogêneo e ampliar as percepções e entendimento sobre os fazeres das mulheres no esporte. Permite que a mulher expresse masculinidades e/ou feminilidades que se afastam ou aproximam das noções tradicionais que lhe são impostas socialmente. Para a autora, “ser mulher no esporte não é apenas ter os órgãos sexuais referentes ao sexo que consta no registro civil, é algo a mais [...]. Ser mulher é extrapolar a biologia e sentir-se mulher, o que é resultante de processos de construção e reconstrução da identidade dos sujeitos” (KESSLER, 2015, p. 39). Assim, entendemos o fut de mulheres como um espaço futebolístico e de sociabilidade no qual há o predomínio de mulheres, mas não a exclusividade delas (KESSLER, 2015), onde as mulheres atuam na prática não somente do jogar, mas do torcer, discutir, presenciar, vestir-se, dentre outras (DAMO, 2005).

Uma vez percorridas as considerações iniciais acerca desta pesquisa, a seguir, no capítulo METODOLOGIA, apresentamos o percurso metodológico adotado para o desenvolvimento do presente trabalho. No terceiro capítulo, CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PRODUÇÃO, trazemos os achados da pesquisa com relação a aspectos gerais da produção sobre os futs de mulheres, as instituições onde as dissertações e teses foram desenvolvidas, autores e orientadores dos trabalhos e diferentes enfoques temáticos apresentados por cada pesquisa. No quarto capítulo, ENFOQUES

TEMÁTICOS, nos debruçamos em analisar as dissertações e teses que abordaram os futs de mulheres a partir de dez diferentes enfoques temáticos que emergiram das pesquisas. Por fim, no capítulo CONSIDERAÇÕES FINAIS realizamos um fechamento deste trabalho, traçando um apanhado geral das discussões até então concebidas, bem como apontando as limitações desta pesquisa e sugerindo novas possibilidades de estudos que contemplem outras facetas dos futs de mulheres.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui caráter quanti-qualitativo. Se inspirou em procedimentos de pesquisas do tipo estado da arte e bibliometria. As pesquisas do tipo estado da arte possuem o intuito de

mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que forma e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado [...]. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e o conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (FERREIRA, 2002, p. 258).

Com relação à bibliometria, ela trabalha com determinados indicadores que permitem a descrição e medições da atividade científica e técnica através de análises estatísticas. Esta abordagem permite verificar o tamanho, crescimento e distribuição da bibliografia. Ela permite também uma análise de aspectos relacionados com a geração, propagação e uso da literatura. Para esta pesquisa, utilizamos alguns indicadores da bibliometria como o número e distribuição das publicações e a produtividade dos autores (SANCHO, 1990).

Tomamos como base para esta pesquisa o trabalho previamente desenvolvido no subprojeto “Mapeamento da Produção Científica dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física relativa ao Esporte”, parte do Projeto Inteligência Esportiva (IE), financiado pelo Ministério do esporte. O IE compreende

uma ação conjunta entre o Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR) da Secretaria Especial de Esportes do Ministério da Cidadania. Esse projeto surgiu em 2013 com o objetivo de produzir, aglutinar, sistematizar, analisar e difundir informações sobre o esporte de alto rendimento no Brasil e analisar as políticas públicas para o esporte de alto rendimento (INTELIGÊNCIA ESPORTIVA, 2018).

Já o MPC-PPGEF teve como objetivo

levantar, descrever e disponibilizar a produção científica dos programas de pós-graduação em educação física – teses, dissertações e artigos *Qualis* A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 – de 2010 a 2016, relacionada com o esporte de uma forma geral (sem um enfoque em nenhuma modalidade em específico) e com modalidades esportivas regulamentadas por federações internacionais, considerando o esporte em suas diferentes manifestações (rendimento, participação, formação, lazer e educação) (SOUZA, 2017, p. 14).

Vale ressaltar que toda a produção tabulada e analisada através do projeto MPC-PPGEF foi extraída dos relatórios dos programas de pós-graduação *Strictu Sensu* em Educação Física que declararam sua produção à CAPES e das teses e dissertações que foram levantadas e analisadas. A metodologia do MPC-PPGEF serviu como base para este projeto e encontra-se disponível na íntegra no ANEXO 1 – METODOLOGIA DO PROJETO MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA RELATIVA AO ESPORTE.

2.1 FONTES DOS DADOS E ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE

Extraímos os dados desta pesquisa de um dos produtos resultantes do projeto MPC-PPGEF: uma planilha Excel com informações sobre 1.234 dissertações e teses sobre esporte e/ou modalidades esportivas. A FIGURA 4 apresenta um exemplo de como estas informações foram tabuladas na referida planilha.

FIGURA 4 – EXEMPLO DOS DADOS TABULADOS NA PLANILHA EXCEL

Modalidade	Jogos	Época	Enfoque Temático	Título	Tipo Produção	Autor	Orientador	Ano de defesa	Abordagem Metodológica	Universidade	Programa	Link	Completo/Resumo/Não
Futebol	Olimpico	Verão	Aspectos Sociais, Aspectos Psicológicos	Em jogo a relação Emoções	Dissertação	Rafael Moreno	Pedro José Winterstein	2010	Qualitativa	Universidade Estadual	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Completo
Basquete	Olimpico	Verão	Aspectos Psicológicos	Empreendedorismo	Dissertação	Eduardo Pereira da Dirce Maria Corrêa da	Pedro José Winterstein	2010	Qualitativa	Universidade Estadual	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Resumo
Inespecífica	Outro	N.A.	Treinamento	Ensino de futsal para	Tese	Erica	Eduardo Luiz	2012	Qualitativa	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Completo
Futsal	Adaptado	N.A.	Aspectos Sociais, Aspectos Psicológicos	Entendendo a iniciação	Dissertação	Roberta Cleber	Antonio Paulo	2013	Quantitativa	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Completo
Futebol/Futsal/Basquet	Outro	N.A.	Aspectos Sociais, Aspectos Psicológicos	Entendendo a iniciação	Dissertação	Garcia Mariana	Antonio Paulo	2012	Qualitativa	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Completo
Bocha	Paralimpico	Verão	Esportiva e Aspectos Sociais, Aspectos Psicológicos	Entre o laguna e o matrimônio, Entre o mito e a	Dissertação	Leonardo Costa da Cecília	Ferreira de Luiz Carlos	2016	Qualitativa	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Completo
Futebol	Olimpico	Verão	Aspectos Sociais, Aspectos Psicológicos	Entre o laguna e o matrimônio, Entre o mito e a	Dissertação	Costa da Cecília	Rio Felipe	2012	Qualitativa	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Completo
Inespecífica	Outro	N.A.	Aspectos Sociais, Aspectos Psicológicos	Entre o laguna e o matrimônio, Entre o mito e a	Dissertação	Nunes da Raoni	Quintão de	2014	Qualitativa	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Completo
Inespecífica	Outro	N.A.	Aspectos Sociais, Aspectos Psicológicos	Entre o laguna e o matrimônio, Entre o mito e a	Tese	Perrucci	Katia Rubio	2010	Qualitativa	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Programa	http://www.biblioteca.unesp.br/revistas/psicologia/vol12no1/artigos/rafaelmoreno.pdf	Completo

FONTE: planilha disponibilizada pela coordenação do projeto MPC-PPGEF

Tomando como base esta planilha, nosso primeiro passo consistiu em uma revisão dos dados nela lançados. Em seguida, realizamos uma busca na coluna que continha o nome das modalidades esportivas para selecionar todas aquelas que pudessem ser entendidas como pertencentes ao universo dos “futebóis” (DAMO, 2005) a fim de delimitar o conjunto de modalidades a serem consideradas nesta pesquisa. Esta

busca revelou as seguintes modalidades: futebol, futebol 7, futebol de 5, futebol de 7, futebol de areia, futebol para amputados, futevôlei e futsal.

Após a definição destas modalidades, selecionamos apenas os trabalhos que discorreram sobre pelo menos uma das mesmas. Para tanto, aplicamos um filtro à coluna modalidade buscando pelo termo “fut”, uma vez que percebemos que todas as modalidades definidas para este estudo têm sua nomenclatura iniciada pelo prefixo “fut”. Obtivemos um total de 354 dissertações e teses. Excluímos uma dissertação deste total pelo fato de ela tratar exclusivamente do futebol americano – esta modalidade acabou sendo filtrada porque tem o prefixo “fut”. No entanto, como suas características principais não se enquadram na definição de “unidade futebolística” proposta por Damo (2005), não entrou nos critérios definidos para este trabalho. Desta forma, passamos a considerar 353 dissertações e teses que abordavam pelo menos uma das seguintes modalidades: futebol, futebol 7, futebol de 5, futebol de 7, futebol de areia, futebol para amputados, futevôlei e/ou futsal. Consideramos também os trabalhos que discutiam outras modalidades que não o futebol ou suas variações, mas que, dentre elas, abordavam pelo menos uma das modalidades acima relacionadas.

A fim de localizar produções que por ventura não tivessem sido selecionadas no levantamento realizado pelo projeto MPC-PPGEF, realizamos uma conferência de títulos tomando como fontes os sites de todos os PPGEF considerados no projeto. Ao acessar a biblioteca digital de cada programa, realizamos uma busca por títulos dos trabalhos defendidos entre os anos de 2010 e 2016 que tratavam dos futs. A seguir, cruzamos estes dados com a lista dos 353 trabalhos selecionados. Em alguns casos, não foi possível acessar *online* os títulos das dissertações e teses defendidas nos programas – por terem sido eles descredenciados ou porque as bibliotecas digitais disponibilizaram de forma conjunta todas as produções de todos seus programas e os filtros de pesquisa não permitiram chegar em dissertações e teses exclusivamente da educação física, o que inviabilizou a nossa busca. Nestes casos, conferimos os títulos através dos relatórios anuais dos programas, tal como foi feito pelo projeto MPC-PPGEF.

Após a realização desta conferência, levantamos os trabalhos na internet realizando buscas no Google, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, bibliotecas de universidades e/ou programas de pós-graduação, ResearchGate, Centro Esportivo Virtual. Quando não encontramos os trabalhos *online*, buscamos contatar os autores e/ou orientadores através de plataformas como LinkedIn, Academia.edu, ResearchGate, Facebook e/ou por e-mail. Os contatos ocorreram entre os meses de novembro de 2018

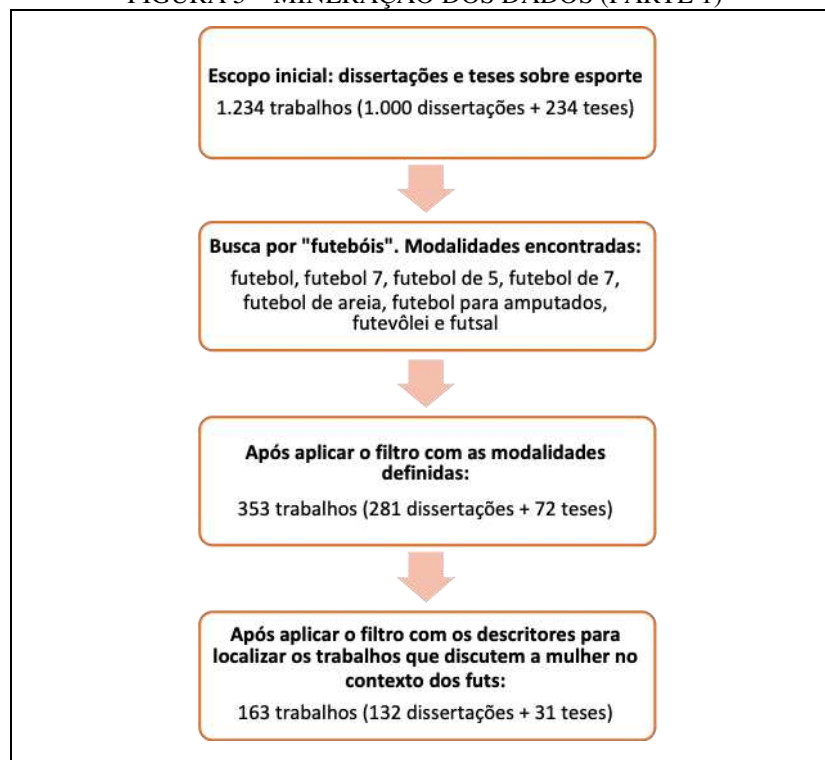
à abril de 2019. Vinte e cinco trabalhos não foram encontrados na íntegra – dentre eles, em 14 foram localizados apenas o resumo e as palavras-chave, enquanto em outros 11 nenhuma dessas informações pôde ser encontrada.

Em seguida, compilamos as palavras-chave e resumos dos trabalhos e realizamos uma leitura dos mesmos, observando previamente aqueles que abordavam os futs de mulheres com o intuito de identificar e discriminar possíveis descritores que nos ajudariam a localizar os trabalhos que possivelmente abordavam a mulher nos futs (a lista final dos descritores pode ser consultada a seguir, na subseção 2.1.1). Nos casos em que o trabalho havia sido desenvolvido no formato de um ou mais artigos, consideramos apenas o resumo geral (aquele que consta nas primeiras páginas do trabalho), e não o resumo de cada artigo individualmente.

A próxima etapa consistiu em filtrar as dissertações e teses que continham um ou mais descritores em seu título e/ou palavras-chave e/ou resumo. Para o caso de trabalhos em que não encontramos as palavras-chave e/ou resumo, aplicamos o filtro nos outros campos constantes, da seguinte forma: nos trabalhos sem palavras-chave, o filtro foi aplicado apenas nos campos título e resumo; nos trabalhos sem resumo, o filtro foi aplicado apenas nos campos título e palavras-chave. Este procedimento nos levou a identificar 163 trabalhos.

O diagrama exposto na FIGURA 5 apresenta, de forma sintetizada, como se deu a mineração dos dados até então explanada.

FIGURA 5 – MINERAÇÃO DOS DADOS (PARTE 1)



FONTE: as autoras, com base na metodologia desta pesquisa

Dando continuidade ao processo de seleção dos trabalhos que fariam parte desta pesquisa, realizamos uma inspeção cuidadosa de cada produção com o intuito de verificar se os trabalhos em questão abordavam, de fato, os futs de mulheres. Para isto, utilizamos os critérios de inclusão e exclusão explicitados na subseção 2.1.2.

2.1.1 Descritores

Lemos os títulos, palavras-chave e resumos dos trabalhos que visivelmente tratavam da mulher no âmbito dos futs, buscando identificar possíveis descritores. Ao término deste processo, refinamos os termos identificados e elaboramos a nossa lista de descritores, incluindo também outras palavras que não apareceram nos trabalhos, mas que poderiam remeter à discussões que tratavam da mulher no contexto do futebol e modalidades correlatas.

Estes procedimentos nos levaram à seguinte lista de descritores: mulher, mulheres, menina, meninas, feminino, feminina, femininos, femininas, feminilidade, moça, moças, garota, garotas, amadora, amadoras, mista, mistas, jogadora, jogadoras, aluna, alunas, professora, professoras, treinadora, treinadoras, técnica, técnicas, gestora,

gestoras, diretora, diretoras, árbitra, árbitras, “a bandeirinha”, “as bandeirinhas”, “a assistente”, “as assistentes”, goleira, goleiras, gênero, gêneros, sexo, sexos.

A busca no Excel se deu da seguinte forma: para os termos simples, consideramos apenas o radical das palavras (ou seja, desconsideramos a diferenciação singular/plural). O radical foi pesquisado entre asteriscos, garantindo que o termo fosse localizado independentemente de quantos caracteres viessem antes ou depois do mesmo. Por exemplo, ao invés de buscar pelo termo “mulher” e “mulheres”, demos um único comando da seguinte forma: *mulher*.

Já para os termos compostos (os acima descritos entre aspas), realizamos a pesquisa com a expressão completa – mantivemos o artigo que precede o substantivo (a/as) e respeitamos o número do substantivo (singular/plural). Tomamos esta posição uma vez que, gramaticalmente, estes termos necessitam de um artigo precedendo-os para que se possa definir o seu gênero e número. A fim de assegurar que o termo fosse localizado independentemente de quantos caracteres viessem antes ou depois do mesmo, neste caso também realizamos a busca com o termo completo entre asteriscos. Por exemplo: *a bandeirinha* (feminino; singular); *as bandeirinhas* (feminino; plural).

2.1.2 Critérios de inclusão e exclusão das dissertações e teses

Seguem abaixo, no QUADRO 1, os critérios de inclusão.

QUADRO 1 – CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

(continua)

Sigla	Critério de Inclusão
In-1	Trabalhos que tratam da mulher como praticante de um ou mais futs.
In-2	Trabalhos que tratam de ambos os sexos como praticantes de um ou mais futs e que apresentam pelo menos uma discussão* voltada especificamente à questão da mulher nestas modalidades.
In-3	Trabalhos que tratam especificamente de questões relacionadas à mulher no contexto de diferentes modalidades esportivas, e que, dentre as discussões realizadas, apresentam pelo menos uma discussão* voltada especificamente à mulher como praticante de um ou mais futs.
In-4	Trabalhos que discutem diferentes modalidades esportivas praticadas por indivíduos de ambos os sexos e que apresentam pelo menos uma discussão* especificamente relacionada com a mulher em um ou mais futs.
In-5	Trabalhos que discutem diferentes modalidades esportivas envolvendo indivíduos de ambos os sexos e que apresentam pelo menos uma discussão* de gênero diretamente relacionada com a mulher em um ou mais futs.

QUADRO 1 – CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

(conclusão)

Sigla	Critério de Inclusão
In-6	Trabalhos que apresentam pelo menos uma discussão* sobre mulheres como torcedoras, árbitras, gestoras de clubes ou times, espectadoras, professoras, treinadoras, técnicas ou outros membros da comissão técnica, etc., no contexto de um ou mais futs, independentemente do sexo dos praticantes dessas modalidades.
In-7	Trabalhos que discutem a produção do conhecimento sobre um ou mais futs e que incluem pesquisas que abordam a mulher no contexto dessas modalidades e/ou trabalhos que discorrem sobre a mulher no contexto da produção científica sobre essas modalidades.

FONTE: as autoras, com base na metodologia desta pesquisa

NOTA: * Quando dizemos “pelo menos uma discussão”, nos referimos a trabalhos que dedicaram no mínimo uma página completa para a discussão em questão.

O QUADRO 2 apresenta os critérios de exclusão.

QUADRO 2 – CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

(continua)

Sigla	Critério de Exclusão
Ex-1	Trabalhos que, embora contenham os descritores no título, palavras-chave e/ou resumo, não discutem a mulher no contexto dos futs e/ou não possibilitam que se identifique a presença delas no contexto das discussões. Exemplos: “participaram do estudo 19 sujeitos do sexo masculino”; “foram analisados dez jogos da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol profissional, realizados entre os anos de 2001 a 2008” (nesse caso não fica claro o sexo dos atletas, mas este é dedutível no contexto do trabalho).
Ex-2	Trabalhos não encontrados na íntegra e que, apenas a partir da leitura dos resumos, não foi possível identificar o sexo dos participantes.
Ex-3	Trabalhos que discutem diferentes modalidades esportivas praticadas por indivíduos de ambos os sexos e a mulher não aparece como praticante de um ou mais futs. Por exemplo: “a amostra foi composta por 373 atletas, com 189 homens e 184 mulheres de 4 modalidades esportivas coletivas e individuais. A modalidade com maior número de participantes foi o basquete, sendo 71 homens e 59 mulheres, seguidas do handebol, com 33 homens e 85 mulheres; atletismo, com 26 homens e 40 mulheres; e futsal, com 59 homens”.
Ex-4	Trabalhos que discutem diferentes modalidades esportivas praticadas por indivíduos de ambos os sexos e que não apresentaram a distribuição de sexos por modalidade, impossibilitando que se identificasse alguma relação da mulher com um ou mais futs. Por exemplo: “foi constituída por 112 atletas das modalidades coletivas, sendo 55 do sexo masculino e 57 do sexo feminino, subdivididos na modalidade basquetebol (40), da modalidade handebol (34), da modalidade futsal (29) e da modalidade voleibol (9)”.
Ex-5	Trabalhos que mencionam a mulher em um ou mais futs, mas que não aprofundam questões* relacionadas com ela no contexto dessas modalidades.
Ex-6	Trabalhos que, embora mencionem mulheres como torcedoras, árbitras, gestoras de clubes ou times, espectadoras, professoras, treinadoras, técnicas ou outros membros da comissão técnica, etc., no contexto de um ou mais futs, não aprofundam questões* relacionadas com elas nesses contextos.

QUADRO 2 – CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

(conclusão)

Sigla	Critério de Exclusão
Ex-7	Trabalhos que abordam o futebol americano e não abordam pelo menos um dos futs. Embora esses trabalhos tenham sido incluídos no escopo do estudo devido à presença prefixo “fut”, as características do futebol americano não se enquadram na “unidade futebolística” conforme a definição de Damo (2005).

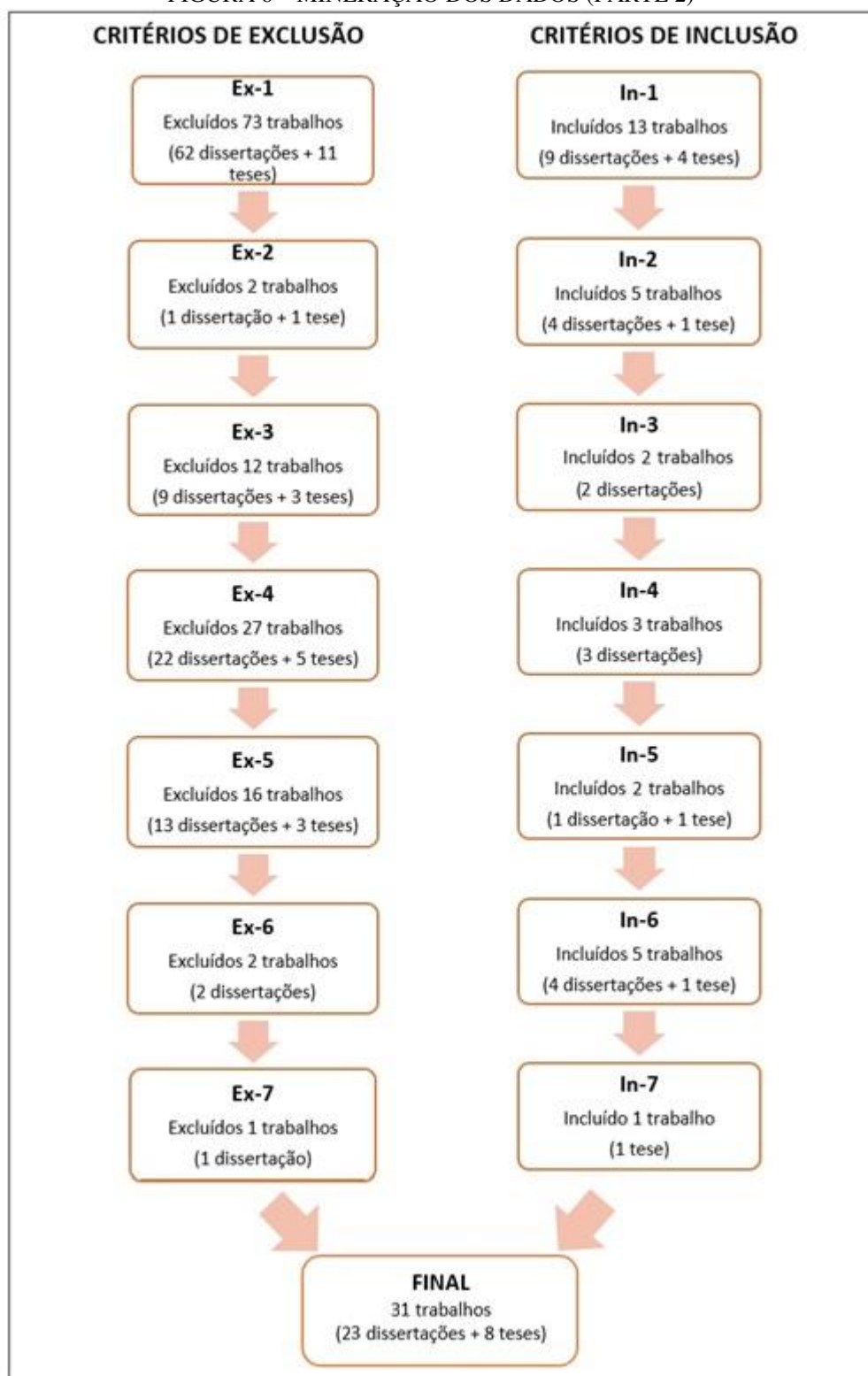
FONTE: as autoras, com base na metodologia desta pesquisa

NOTA: * Quando dizemos “não aprofundam questões”, nos referimos a trabalhos que dedicaram menos de uma página completa para a discussão em questão.

Ao término da inclusão/exclusão dos trabalhos de acordo com os critérios acima apresentados, restaram um total de 31 trabalhos: 23 dissertações e 8 teses que abordam os futs de mulheres.

A FIGURA 6 apresenta uma continuidade da esquematização proposta na FIGURA 5, agora com ênfase em sistematizar os trabalhos que foram incluídos ou excluídos do escopo desta pesquisa de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, respectivamente.

FIGURA 6 – MINERAÇÃO DOS DADOS (PARTE 2)



FONTE: as autoras, com base na metodologia desta pesquisa

No APÊNDICE 1 – TRABALHOS EXCLUÍDOS E INCLUÍDOS A PARTIR DOS CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO apresentamos a referência de todos

os trabalhos que foram excluídos e incluídos a partir dos critérios de exclusão e inclusão aqui apresentados.

2.1.3 Temas emergentes: os enfoques temáticos

Tomando como base as discussões e análises emergentes nos 31 trabalhos selecionados para esta pesquisa, realizamos um levantamento e agrupamento das principais esferas de discussão, as quais denominamos enfoques temáticos. No total, elencamos 10 categorias, apresentadas e explanadas a seguir:

- **Educação física escolar:** dissertações e teses que discutiram assuntos relacionados a um ou mais futs praticados por crianças e adolescentes no contexto escolar considerando diferentes níveis de ensino (fundamental, médio, superior, educação de jovens e adultos).
- **Escolinhas e projetos que envolvem futs:** dissertações e teses que debateram assuntos relacionados a um ou mais futs praticados por mulheres em contextos de projetos sociais e/ou escolinhas específicas de futebol sob a orientação de um profissional.
- **Gênero:** dissertações e teses que tiveram como um de seus enfoques principais discussões ligadas a dificuldades, discriminações, preconceitos e estereótipos relacionados à mulher praticante de um ou mais futs. Estudos que realizaram apenas comparações entre os sexos masculino e feminino não foram incluídos nesta categoria (por exemplo, diferentes modalidades escolhidas por homens e mulheres; diferenças de performance na prática dos futs por homens e mulheres).
- **Lazer:** dissertações e teses que apresentaram discussões relacionadas à mulher como espectadora, torcedora e/ou praticante de um ou mais futs como uma atividade de lazer, considerando, inclusive, a prática sob as perspectivas do lazer sério⁷.
- **Mídia:** dissertações e teses que analisaram comunicações relacionadas com um ou mais futs de mulheres veiculadas em diferentes canais midiáticos.

⁷ O lazer sério pode ser entendido como “a prática sistemática de uma atividade central amadora, por hobby ou voluntária que os participantes considerem tão substancial e interessante que, em casos típicos, eles se lançam em uma carreira centrada em adquirir e expressar suas habilidades especiais, conhecimento e experiência” (STEBBINS, 1982 *apud* STEBBINS, 2006, p. 448, tradução nossa).

- **Mulher como atleta profissional:** dissertações e teses que abordaram a história e/ou experiências de vida na carreira de mulheres atletas profissionais de um ou mais futs; assuntos relacionados à profissionalização das mulheres em um ou mais futs.
- **Performance:** dissertações e teses que debateram, no contexto de um ou mais futs, aspectos relacionados a indicadores fisiológicos, anatômicos, neuromusculares, biomecânicos e/ou bioquímicos; controle, aprendizagem e desenvolvimento motor; aptidão física.
- **Produção do conhecimento:** dissertações e teses que realizaram levantamento e/ou análise de produções relativas a um ou mais futs, incluindo produções que abordaram aspectos dos futs de mulheres.
- **Profissionais dos futs:** dissertações e teses que apresentaram discussões relacionadas a mulheres que atuam na arbitragem, como técnicas e/ou como dirigentes de um ou mais futs.
- **Saúde:** dissertações e teses que abordaram a prática de um ou mais futs como meio de promoção, manutenção e/ou reabilitação da saúde; lesões e/ou patologias decorrentes da prática de um ou mais futs; suplementação em praticantes de um ou mais futs visando a promoção da saúde.

Ressaltamos que, para fins deste trabalho, utilizamos os termos “enfoque” e “categoria” como sinônimos, uma vez que, quando utilizamos “categorias” não estamos nos reportando à categorias de análise e sim aos principais temas tratados por cada trabalho.

Apresentamos e discutimos as dissertações e teses que tratam dos futs de mulheres agrupadas a partir de seus respectivos enfoques temáticos no quarto capítulo, ENFOQUES TEMÁTICOS. Antes, porém, no capítulo seguinte (CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PRODUÇÃO), expomos os achados da pesquisa com relação a aspectos gerais da produção sobre os futs de mulheres, as instituições onde as dissertações e teses foram desenvolvidas, autores e orientadores dos trabalhos e uma visão geral dos diferentes enfoques temáticos apresentados por cada pesquisa.

3 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PRODUÇÃO

Neste capítulo nos dedicamos à apresentação dos resultados obtidos através da análise das 23 dissertações e 8 teses que abordam os futs de mulheres provenientes de PPGEF entre os anos de 2010 e 2016.

Organizamos a apresentação dos dados da seguinte forma: (1) Contrastamos a produção que aborda os futs de mulheres com os futs de uma forma geral. (2) Apresentamos os seguintes elementos de cada um dos 31 trabalhos produzidos: título, autor, orientador, tipo de trabalho (dissertação ou tese), ano de defesa e objetivo geral. (3) Listamos as diferentes modalidades que despontaram no levantamento e a evolução temporal desta produção. (4) Apresentamos os PPGEF que tiveram produções sobre os futs de mulheres e a distribuição geográfica deles por região. (5) Identificamos os pesquisadores que orientaram os trabalhos que abordam os futs de mulheres, bem como o sexo dos autores e orientadores. (6) Relacionamos o sexo dos autores e orientadores com a distribuição da produção ao longo dos anos e com a distribuição da produção por enfoques temáticos. (7) Exibimos a categorização da produção em termos de enfoques temáticos e subáreas de conhecimento.

3.1 INFORMAÇÕES GERAIS

O projeto MPC-PPGEF coletou informações de 1.234 dissertações e teses que discutiram o esporte de uma forma geral e/ou modalidades esportivas. Identificamos um total de 97 diferentes modalidades esportivas abordadas pelos trabalhos em questão, além de uma categoria intitulada “inespecífica”, na qual foram classificados trabalhos em que o esporte foi discutido de uma forma genérica, sem destaque para uma ou outra modalidade (SOUZA, 2017). Para fins das análises apresentadas a seguir, não consideramos esta categoria.

Situando apenas as modalidades definidas para esta pesquisa diante de todas as modalidades que se fizeram presentes no projeto MPC-PPGEF, o futebol se destaca como a modalidade mais contemplada nas dissertações e teses (262 trabalhos). O futsal apareceu como a 5ª modalidade mais pesquisada (111 trabalhos). Em seguida, o futebol de 5 despontou como 27ª modalidade mais pesquisada (tal como outras 8 modalidades), sendo contemplada por 5 trabalhos. Ao lado de outras 3 modalidades, o futebol 7 foi a

29ª modalidade mais pesquisada, com 3 trabalhos dedicados. As modalidades futebol de 7, futebol de areia e futevôlei foram, ao lado de outras 10 pesquisas, as penúltimas modalidades mais pesquisadas, sendo abordadas por 2 trabalhos cada uma. Por fim, o futebol para amputados e mais outras 29 modalidades despontaram como as modalidades contempladas por apenas um trabalho cada uma. A pesquisa voltada aos futs compreende 28,69% do total de dissertações e teses sobre esporte e/ou modalidades esportivas.

A TABELA 1 apresenta a quantidade de dissertações e teses que tratam dos futs definidos para este trabalho e o seu respectivo ranking em relação às outras modalidades contempladas na planilha do IE.

TABELA 1 – NÚMERO DE TRABALHOS POR MODALIDADE E POR POSIÇÃO GERAL EM RELAÇÃO À TODAS AS MODALIDADES CONSIDERADAS NO PROJETO MPC-PPGEF

Modalidade	Posição da modalidade*	D	T	Total
Futebol	1º	214	48	262
Futsal	5º	82	29	111
Futebol de 5	27º	4	1	5
Futebol 7	29º	2	1	3
Futebol de 7	30º	1	1	2
Futebol de areia		2	-	
Futevôlei		2	-	
Futebol para amputados	31º	1	-	1

FONTE: as autoras, com base nos dados do projeto MPC-PPGEF

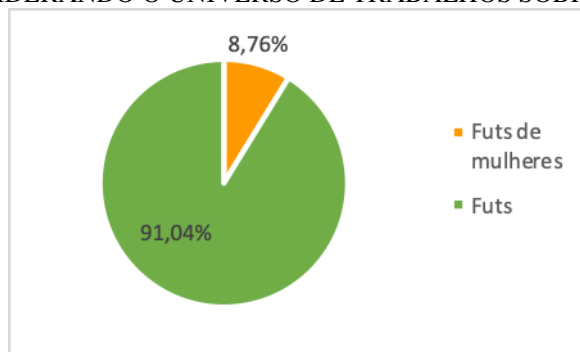
NOTA: * Posição da modalidade com relação à quantidade de trabalhos que a contemplaram, considerando as 97 modalidades sobre esporte e/ou modalidades esportivas que emergiram do projeto MPC-PPGEF.

LEGENDA: D: dissertações; T: teses

O grande número de trabalhos sobre o futebol reflete a relevância que a modalidade tem como parte da identidade brasileira. O futebol se caracteriza como uma das manifestações culturais mais importantes na constituição da cultura nacional contemporânea (GASTALDO, 2002). Conforme destacamos no início deste trabalho, pesquisas recentes apontam a modalidade como a mais praticada pela população brasileira nos anos de 2013 e 2015 (IBGE, 2017; DIESPORTE, 2015).

Considerando os 31 trabalhos em que se discutiram aspectos sobre os futs de mulheres, estes representam 2,51% do total dos 1.234 trabalhos levantados através do projeto MPC-PPGEF. Frente aos 353 trabalhos que apresentaram discussões envolvendo os futs, a porcentagem das pesquisas que discutiram questões relativas aos futs de mulheres corresponde a 8,76%, conforme ilustra a FIGURA 7.

FIGURA 7 – QUANTIDADE DE TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES CONSIDERANDO O UNIVERSO DE TRABALHOS SOBRE FUTS



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Esta menor proporção de pesquisas voltadas aos futs de mulheres se assemelha à menor intensidade com que as mulheres praticam a modalidade. De acordo com o Diagnóstico Nacional do Esporte, os homens praticantes de futebol no ano de 2013 eram 66,2% e as mulheres 19,2%. Os dados do IBGE ilustram uma discrepância ainda maior: em 2015, a porcentagem de homens que jogaram futebol foi 94,5 e de mulheres apenas 5,5% (IBGE, 2017; DIESPORTE, 2015).

Na subseção seguinte apresentamos um panorama geral das dissertações e teses que abordam os futs de mulheres.

3.2 SOBRE OS FUTS DE MULHERES

Identificamos 31 trabalhos que abordam os futs de mulheres. A TABELA 2 apresenta estes trabalhos em termos de título, autor, orientador, tipo de trabalho (dissertação ou tese), ano de defesa e objetivo do trabalho. Citamos o objetivo conforme exposto pelos próprios autores dos trabalhos. Nos casos em que o objetivo foi apresentado de forma distinta em diferentes trechos do trabalho (no resumo e na introdução, por exemplo), mencionamos todas as variações identificadas, a fim de apresentarmos aqui o objetivo de cada um dos trabalhos da forma mais completa possível.

TABELA 2 – TÍTULO, AUTOR, ORIENTADOR, ANO DE DEFESA E OBJETIVOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Título	Autor	Orientador	Tipo	Ano	Objetivo
As escolhas de adolescentes em aulas de educação física no ensino médio	Antonio Sabino da Silva Filho	Umberto Cesar Corrêa	D	2010	“Investigar as escolhas feitas por adolescentes durante as aulas de educação física com relação a atividades de caminhada, corrida e futsal (p. XI)”
Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivo de confronto no lazer	Alexandre Jackson Chan-Vianna	Ludmila Nunes Mourão	T	2010	“Compreender quais as representações que sustentam a permanência de mulheres nesses esportes [coletivos de confronto] por lazer (p. VI)”
Mulheres da classe alta no futebol: o caso do Nova Iguaçu Country Club	Carlos Eduardo Naliato Melillo	Sebastião Josué Votre	D	2010	“Analisar e interpretar a inserção e permanência de mulheres da classe alta na prática do futebol. Identificar as facilidades e dificuldades dessa prática. [...] Contribuir para implementar a prática do futebol para mulheres da classe alta em clubes e outras instituições da mesma natureza (p. 20)”
A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina	Felipe Rodrigues da Costa	Antonio Jorge Gonçalves Soares	T	2012	“Analisar as estratégias construídas por jovens atletas de futsal feminino de Santa Catarina, para conciliarem a formação esportiva e a formação escolar, descrevendo seu perfil escolar e expectativas de formação acadêmica, bem como entender o significado atribuído ao treino, aos estudos e à escola (p. VII)”
As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?	Aline Edwiges dos Santos Viana	Helena Altmann	D	2012	“Compreender como as relações de gênero perpassam a prática do futebol quando meninas e meninos treinam juntos (p. 17). [...] Observar, analisar e entender as relações entre meninos e meninas em uma escola franqueada, ressaltando a importância de compreender a relação dos professores com os/as alunos/as e as intervenções pedagógicas que permeiam as estruturas e linhas do campo (p. 27, 28)”

TABELA 2 – TÍTULO, AUTOR, ORIENTADOR, ANO DE DEFESA E OBJETIVOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Título	Autor	Orientador	Tipo	Ano	Objetivo
Educação física escolar e relações de gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos	Liane Aparecida Roveran Uchoga	Helena Altmann	D	2012	“Analisar as relações de gênero em aulas de EF com diferentes conteúdos, de modo a compreender como a diversificação destes interfere nas relações de gênero (p. 19)”
Imagem corporal do atleta: a experiência da dor física no esporte de rendimento	Petrucio Venceslau de Moura	Iraquiton de Oliveira Caminha	D	2012	“Compreender a construção da imagem corporal em atletas de rendimento considerando as características e nuances da sensação de dor física advinda da experiência vivida em diferentes modalidades esportivas (p. VII)”
Novo Mundo Futebol Clube e o "velho mundo" do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadora de futebol	Leila Salvini	Wanderley Marchi Júnior	D	2012	“Entender como se dá processo de incorporação das disposições para ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol (p. 22)”
O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil	Heidi Jancer Ferreira	José Geraldo do Carmo Salles	D	2012	“Analisar a atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil, buscando elucidar quais são as razões associadas à baixa representatividade feminina nesse cargo (p. 10)”
Análise do desempenho muscular do quadríceps e dos isquiotibiais em função da série temporal e da amplitude de movimento de atletas amadoras de futsal feminino	Ana Carolina de Mello Alves Rodrigues	Sérgio Augusto Cunha	D	2013	“Analisar a série temporal da produção de torque do quadríceps e dos isquiotibiais e calcular a potência e o desequilíbrio muscular de atletas de futsal feminino em função do ciclo de movimento de flexão e extensão do joelho no membro dominante (p. 6)”

TABELA 2 – TÍTULO, AUTOR, ORIENTADOR, ANO DE DEFESA E OBJETIVOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Título	Autor	Orientador	Tipo	Ano	Objetivo
Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino	Caroline Valente Heidrich	Suzete Chiviacowsky Clark	D	2013	“Verificar os efeitos da ameaça do estereótipo negativo, na aprendizagem de uma tarefa motora de futebol, em mulheres não-praticantes do esporte (p. 39)”
Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade	Osmar Moreira de Souza Júnior	Heloisa Helena Baldy dos Reis	T	2013	“Analisar os projetos de jogadoras e de ‘clubes’ para a efetivação do futebol como carreira profissional, bem como a normatização legal dos vínculos futebolísticos dessas atletas (p. 9)”
Aulas mistas na educação física: tensões e contradições	Michele Ziegler de Mattos	Márcio Xavier Bonorino Figueiredo	D	2014	“Analisar as relações de gênero presentes nas aulas de Educação Física e as dificuldades, tensões e contradições quanto ao ensino de aulas mistas em uma escola de Pelotas/RS (p. VIII)”
Efeitos agudos e crônicos do treinamento de futebol recreacional sobre indicadores fisiológicos, neuromusculares e bioquímicos em mulheres não treinadas	Jaelson Gonçalves Ortiz	Fernando Diefenthaler	D	2014	“Verificar o perfil fisiológico e o padrão de atividade de jogos reduzidos (7x7 e 8x8), bem como, analisar as respostas fisiológicas, neuromusculares e bioquímicas após 8 semanas de participação regular na prática do futebol em formato reduzido em comparação com o treinamento aeróbio em mulheres adultas não treinadas (p. VIII)”
Futebol e cultura: assistência aos jogos em um bar na cidade de Piracicaba-SP	Milena Avelaneda Origuela	Cinthia Lopes da Silva	D	2014	“Identificar e analisar os significados da assistência aos jogos de futebol no bar (p. VII)”
Futsal Intermittent Endurance Test (FIET): avaliação e método para individualizar treinamento intermitente de alta intensidade em atletas de futsal	Lorival José Carminatti	Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo	T	2014	“Investigar a validade de construto do FIET [<i>Futsal Intermittent Endurance Test</i>] em atletas de futsal feminino e analisar a demanda fisiológica de um método para individualizar treinamento intermitente de alta intensidade aplicado na modalidade futsal (p. 26)”

TABELA 2 – TÍTULO, AUTOR, ORIENTADOR, ANO DE DEFESA E OBJETIVOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Título	Autor	Orientador	Tipo	Ano	Objetivo
A escola recebe a Copa do Mundo no Brasil	Rebeca Signorelli Miguel	Elaine Prodócimo	D	2015	“Compreender relações entre as instituições esportiva e escolar no momento de Copa do Mundo no Brasil presentes na escola pública municipal onde a pesquisa foi realizada, e analisar uma proposta de intervenção sobre este megaevento nas aulas de Educação Física escolar na mesma escola (p. 24)”
Clube, futebol e lazer: as dinâmicas cultural e educativa de um campeonato de futebol amador na cidade de Piracicaba/SP	Milena Avelaneda Origuela	Cinthia Lopes da Silva	T	2015	“Analisar a dinâmica cultural do Campeonato Livre de Futebol Social (p. 11)”
De antena ligada na “Atenas Brasileira”: um estudo de recepção midiática em torno da Copa do Mundo de 2014 sob olhares de jovens escolares em São Luís-MA	Ywry Crystiano da Silva Magalhães	Alfredo Feres Neto	D	2015	“Analisar a recepção midiática dos discursos televisivos em torno do futebol por meio dos procedimentos discursivos e interdiscursivos (p. 15)”
Discursos e experiências pedagógicas de gênero no Programa Segundo Tempo	Aline Laila Gomes	Ludmila Nunes Mourão	D	2015	“Analisar a inserção e permanência de meninas e meninos nos núcleos do PST [Programa Segundo Tempo] de Ubá/MG, bem como os processos sociais que resultam em discrepância na participação entre os gêneros; e identificar de que formas os discursos sobre gênero se materializam nas intervenções pedagógicas dos coordenadores de núcleo (p. IX)”
Efeito da suplementação com óleo de macadâmia em marcadores lipídicos e inflamatórios em adolescentes praticantes de futsal	Renato Martins Teruya	Renata Gorjao	D	2015	“Verificar as alterações promovidas pela suplementação com o óleo de macadâmia em adolescentes do sexo feminino participantes da turma de atividades curriculares desportivas na modalidade futsal em parâmetros lipídicos e na modulação da função de linfócitos ⁸ ” (CAPES, 2015, <i>online</i>)

⁸ Dissertação não localizada *online* na íntegra. Nem mesmo através de contato com o autor através do Facebook foi possível obter uma versão completa do trabalho.

TABELA 2 – TÍTULO, AUTOR, ORIENTADOR, ANO DE DEFESA E OBJETIVOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Título	Autor	Orientador	Tipo	Ano	Objetivo
Efeito de dois modelos de treinamento intervalado de alta intensidade sobre a performance de jogo, índices fisiológicos e neuromusculares em atletas de elite de futsal feminino	Francimara Budal Arins	Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo	T	2015	“Analisar os efeitos de dois modelos de treinamento intervalado de alta intensidade (TIAI7,5x7,5 vs. TIAI15x15) aplicados durante cinco semanas na performance de jogo, índices fisiológicos e neuromusculares em atletas de elite de futsal feminino (p. 40)”
Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino	Pamela Siqueira Joras	Silvana Vilodre Goellner	D	2015	“Analisar a trajetória de Aline Pellegrino, em três alicerces de construção deste trabalho, a sua trajetória como atleta de futebol, treinadora e diretora de projeto social (p. VIII)”
A educação esportiva de meninas na escola pública: experiências positivas de gênero na educação física	Simone Cecilia Fernandes	Helena Altmann	T	2016	“Analisa a educação esportiva de meninas na escola pública a partir das narrativas de oito docentes da Rede Municipal de Campinas, SP, os quais ensinam esportes coletivos às alunas em suas aulas (p. VII)”
A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil: o que noticiam sobre elas?	Tayane Mockdece Rihan	Ludmila Nunes Mourão	D	2016	“Compreender as maneiras pelas quais as reportagens articulam os discursos (práticas discursivas e não-discursivas) e geram ou reproduzem representações para o público leitor (p. 18)”
Árbitros: vilões e/ou mediadores do espetáculo?	Carla Righeto	Heloisa Helena Baldy dos Reis	D	2016	“Estudar a violência contra os árbitros de futebol no Brasil (p. IX) [...] Conhecer quem são os árbitros FIFA em atuação na Federação Paulista de Futebol e o que os levou a escolher a arbitragem como “profissão”. Estudar os tipos de violências sofridas por estes, assim como o que eles sentem e interpretam da violência sofrida (p. 18)”
Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)	Suellen dos Santos Ramos	Silvana Vilodre Goellner	D	2016	“Analisar a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda), relacionando-a com a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul a partir da década de 1980, construindo uma narrativa sobre sua trajetória esportiva, como jogadora de futebol e como formadora de atletas. (p. 21)”

TABELA 2 – TÍTULO, AUTOR, ORIENTADOR, ANO DE DEFESA E OBJETIVOS DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES (conclusão)

Título	Autor	Orientador	Tipo	Ano	Objetivo
Jogos de solicitação tático-técnica no ensino médio: estudo de caso de uma metodologia para o ensino do futsal	Givanildo Favero	José Tarcísio Grunennvaldt	D	2016	“Compreender como os alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Major Otávio Pitaluga, da cidade de Rondonópolis-MT atuam diante dos jogos de solicitação tático-técnica aplicados ao futsal (p. VIII)”
<i>Macho varón sin pepa: a prática dos futebóis na história de vida de atletas da equipe de futebol da Universidade Federal do Rio Grande do Sul</i>	Claudia Yaneth Martínez Mina	Silvana Vilodre Goellner	D	2016	“Analisar as experiências das atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), identificando a forma como a categoria relacional gênero apareceu nos diversos contextos sociais em função de serem mulheres que praticavam este esporte (p. VII)”
Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional	Igor Chagas Monteiro	Ludmila Nunes Mourão	D	2016	“Descrever a trajetória de árbitras de futebol profissional no Brasil, analisando seus processos de inserção, permanência, ascensão na carreira e aposentadoria (p. VII)”
Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil	Alex Christiano Barreto Fensterseifer	Antônio Renato Pereira Moro	T	2016	“Investigar o estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil sobre o tema futebol disponíveis no banco de teses da CAPES no período entre 1987 e 2014 (p. 31)”

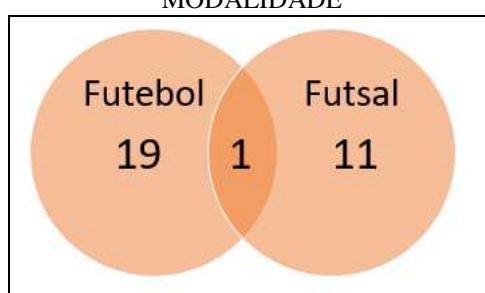
FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

LEGENDA: D: dissertações; T: teses

Ao considerarmos somente os trabalhos que envolveram a mulher no contexto dos futs, identificamos que apenas duas das modalidades inicialmente consideradas se fizeram presentes nestas pesquisas: o futebol e o futsal⁹. Desta forma, a partir de agora passaremos a utilizar o termo “futs” para fazer referência apenas a estas duas modalidades.

A distribuição dos 31 trabalhos que tratam dos futs de mulheres se deu da seguinte forma: 19 trabalhos consideraram o futebol, 11 trabalhos consideraram o futsal e 1 trabalho considerou ambas as modalidades. A FIGURA 8 sinaliza essa distribuição.

FIGURA 8 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR MODALIDADE



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Ainda que tenhamos pretendido englobar nesta pesquisa dissertações e teses que tratassem a mulher no contexto de sete diferentes modalidades – futebol, futebol 7, futebol de 5, futebol de 7, futebol para amputados, futevôlei e futsal –, o fato de termos localizado pesquisas que abordaram a mulher apenas no contexto de duas destas modalidades (futebol e futsal) pode estar relacionado à maior popularidade destas diante das demais. Dentre os 29 esportes praticados por brasileiros no ano de 2013, de acordo com a pesquisa do DIESPORTE (2015), além do futebol despontar como a modalidade mais jogada, o futsal aparece na sétima posição. Somadas, as duas modalidades foram praticadas por 46,1% da população brasileira. Por outro lado, os outros futs (futebol 7, futebol de 5, futebol de 7, futebol para amputados e futevôlei) sequer foram citados na pesquisa.

Quanto ao tipo dos trabalhos, a distribuição se deu conforme aponta a TABELA 3: 23 dissertações e 8 teses.

⁹ Outras modalidades foram trabalhadas conjuntamente com o futebol e o futsal em alguns dos trabalhos levantados. São elas: atletismo, badminton, basquete, ginástica, handebol, judô, natação, polo aquático, vela e vôlei.

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR MODALIDADE E TIPO DE PRODUÇÃO

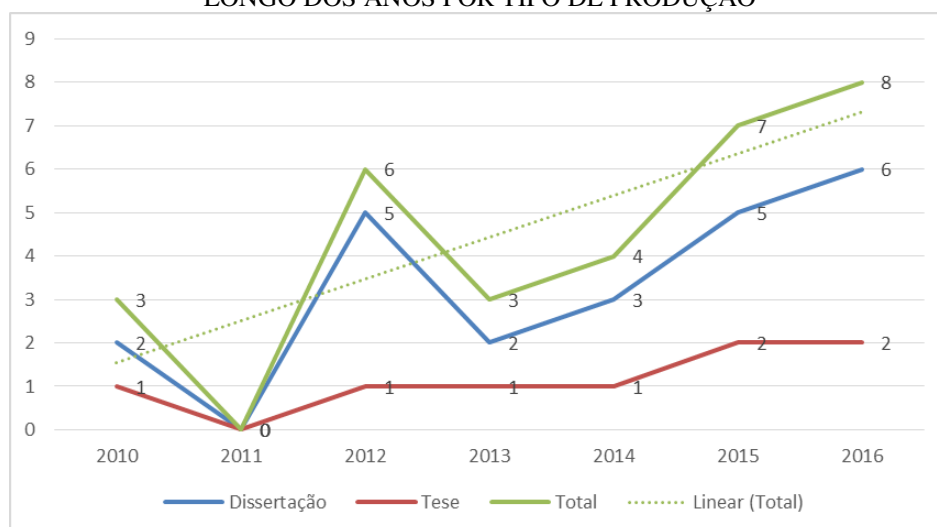
Modalidade	Dissertação	Tese
Futebol	15	4
Futsal	7	4
Futebol e Futsal	1	-
TOTAL	23	8

FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Outras pesquisas que se dedicaram ao estudo da produção do conhecimento de dissertações e teses sobre os futs de mulheres (ARAUJO, 2015; SALVINI; FERREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2014) e sobre os futs de uma forma geral (CAREGNATO et al., 2015; FENSTERSEIFER, 2016; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010) também identificaram um maior número de dissertações em relação à quantidade de teses. As justificativas para o ritmo das produções de teses não acompanhar o de dissertações podem estar atreladas ao fato de o tempo mínimo determinado para o doutorado ser maior do que o mínimo definido para o mestrado – dois e um anos, respectivamente (BRASIL, 1965).

A distribuição das dissertações e teses que abordam os futs de mulheres ao longo dos anos é apresentada na FIGURA 9. Podemos constatar que o maior número de trabalhos defendidos ocorreu no ano de 2016 (oito trabalhos). Nenhuma pesquisa sobre futs de mulheres foi defendida no ano de 2011 dentro dos PPGEF. Mesmo com estas oscilações, a linha de tendência da produção total (“Linear (Total)”) nos permite vislumbrar que a produção sobre futs de mulheres cresceu de forma estável nos anos considerados.

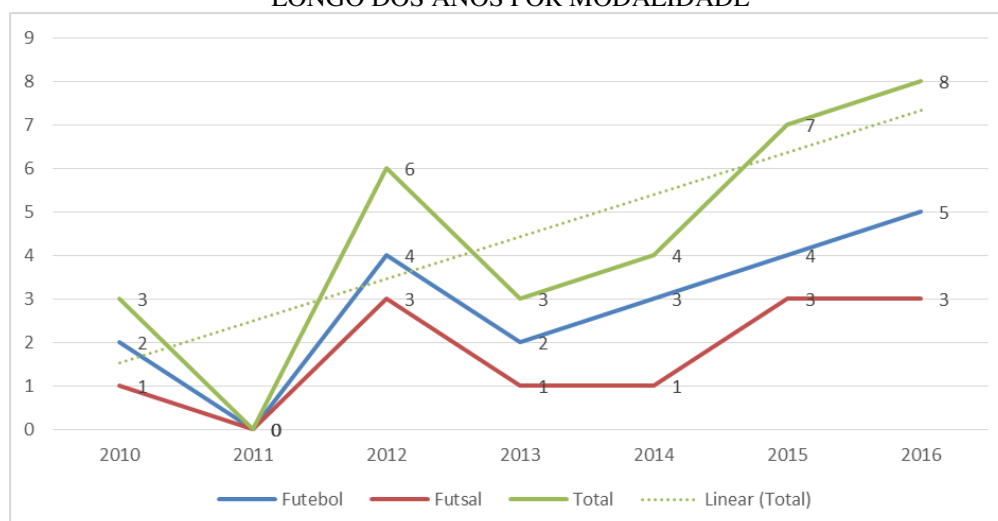
FIGURA 9 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES AO LONGO DOS ANOS POR TIPO DE PRODUÇÃO



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

A seguir, apresentamos a distribuição temporal dos trabalhos que abordam os futs de mulheres em termos de modalidades estudadas: futebol ou futsal (FIGURA 10). É importante ressaltar que a linha do gráfico que representa a produção total condiz com o total de trabalhos por ano sem considerar a fragmentação por modalidades (ou seja, se um mesmo trabalho considerou as duas modalidades – futebol e futsal –, na linha “total” ele é contabilizado apenas uma vez). Portanto, ela não necessariamente representa a soma das produções isoladas do futebol e do futsal. A partir dessa condição, podemos observar que o único trabalho que considerou as duas modalidades de forma conjunta foi defendido no ano de 2012. O gráfico também nos permite constatar que, com exceção do ano de 2011, as pesquisas sobre futs de mulheres dedicaram-se mais a estudar a mulher no contexto do futebol do que no contexto do futsal.

FIGURA 10 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES AO LONGO DOS ANOS POR MODALIDADE



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

A pesquisa de Barreira *et al.* (2018) apresentou algumas hipóteses visando explicar a forma com que os artigos sobre futebol e futsal feminino levantados em sua pesquisa se distribuíram entre os anos de 1998 e 2017. Para as autoras, o aumento considerável de publicações nacionais a partir de 2008 (primeira ocasião entre os anos considerados em que o número de artigos foi superior à quatro) foi influenciado por fatores como o bom desempenho das seleções brasileiras de futebol e de futsal em competições internacionais a partir dos anos 2000 – citam, como conquistas do futebol feminino, os dois vice-campeonatos olímpicos (2004 e 2008) e o primeiro lugar no Pan-

Americano de 2007, realizado no Brasil, e os seis títulos consecutivos da seleção de futsal feminino no Torneio Mundial de Futsal Feminino (2010-2015). As autoras também atribuem o aumento no número de produções ao fato da jogadora de futebol da seleção brasileira Marta ter ganho o título de melhor do mundo por cinco vezes consecutivas (2006-2010). Vale também ressaltar que Marta foi Bola de Ouro no ano de 2004 e Bola de Ouro e Chuteira de Ouro no ano de 2007 (FRAZÃO, 2019). Estas hipóteses podem explicar também os dados que encontramos na presente pesquisa.

Realizamos um levantamento dos principais resultados alcançados por estas seleções desde o ano 2000 até o ano de 2016, último ano considerado nesta pesquisa¹⁰ e tabulamos de acordo com a TABELA 4.

TABELA 4 – PRINCIPAIS RESULTADOS DAS SELEÇÕES FEMININAS DE FUTEBOL E DE FUTSAL ENTRE 2000 E 2016

ANO	FUTEBOL				FUTSAL	
	Jogos Pan-Americanos	Copa América Feminina	Copa do Mundo de Futebol Feminino	Olimpíadas	Torneio Mundial de Futsal Feminino	Copa América Feminina de Futsal
2000	-	-	-	4º lugar	-	-
2001	-	-	-	-	-	-
2002	-	-	-	-	-	-
2003	1º lugar	1º lugar	X	-	-	-
2004	-	-	-	2º lugar	-	-
2005	-	-	-	-	-	1º lugar
2006	-	2º lugar	-	-	-	-
2007	1º lugar	-	2º lugar	-	-	1º lugar
2008	-	-	-	2º lugar	-	-
2009	-	-	-	-	-	1º lugar
2010	-	1º lugar	-	-	1º lugar	-
2011	2º lugar	-	X	-	1º lugar	1º lugar
2012	-	-	-	X	1º lugar	-
2013	-	-	-	-	1º lugar	-
2014	-	1º lugar	-	-	1º lugar	-
2015	1º lugar	-	X	-	1º lugar	X
2016	-	-	-	4º lugar	-	-

FONTE: as autoras, com base em dados da CBF¹¹ e da CBFS¹²

LEGENDA: “-”: evento não realizado no ano em questão; “X”: seleção brasileira não participou do evento no ano em questão ou não conquistou resultado expressivo

¹⁰ Consideramos até o ano de 2016 embora saibamos que possíveis conquistas das seleções femininas neste ano não implicariam em tempo hábil para a produção de algum trabalho de pós-graduação sobre os futs de mulheres no período que consideramos nesta dissertação.

¹¹ Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/>>. Acesso em: 30 set. 2019.

¹² Disponível em: <<http://www.cbfs.com.br/2015/>>. Acesso em: 30 set. 2019.

Conforme ilustra a TABELA 4, a seleção brasileira feminina de futebol disputou todas as finais das edições dos Jogos Pan-Americanos e da Copa América Feminina que ocorreram nos anos considerados no levantamento. Com relação aos campeonatos em nível mundial, a seleção de futebol feminina alcançou boas colocações especialmente nas Olimpíadas. Na Copa do Mundo de Futebol Feminino o resultado mais expressivo ao longo do período considerado nesta análise foi um vice-campeonato no ano de 2007. Já a seleção de futsal feminino foi absoluta: conquistou todas as edições realizadas do Torneio Mundial de Futsal Feminino e, dentre as edições realizadas da Copa América Feminina de Futsal no período considerado, só não conquistou o título no ano de 2015.

Ressaltamos, conforme aponta Souza Júnior (2013), que são geralmente nestas ocasiões – competições envolvendo a seleção brasileira – que os canais de televisão de rede aberta dedicam algum espaço à transmissão de partidas de futebol de mulheres. Neste sentido, o mesmo autor enfatiza o papel da Rede Bandeirantes de Televisão (Band), a qual transmite jogos de futebol de mulheres desde a década de 1980 e insistentemente reivindica apoio à modalidade durante as transmissões. No ano de 2019, pela primeira vez na história, a Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA foi transmitida em duas emissoras de TV aberta (além da Band, a Rede Globo), bem como o campeonato inteiro foi transmitido pelo canal por assinatura SporTV.

De forma especial, a jogadora Marta acaba, muitas vezes, servindo de âncora em meio ao contexto midiático. A pesquisa de Januário (2017) buscou analisar a cobertura realizada por portais de notícias pernambucanos sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino 2015 especialmente sobre a jogadora Marta. A autora observou casos em que o nome da jogadora foi utilizado para identificar a própria seleção brasileira – uso de termos como “Brasil de Marta”, “Seleção de Marta”, “Marta e Cia.”, entre outros. Além disso, identificou reportagens que abordaram especificamente a jogadora em si, discursando sobre seus recordes, a tietagem dos fãs e sua rotina de treino. Nesse sentido, a autora concluiu que a mídia usa a imagem de Marta como destaque em virtude do desempenho da jogadora e os prêmios que ela conquistou.

Suspeitamos que estas ocasiões de visibilidade midiática conferida aos futs de mulheres, ainda que pontuais, contribuem para divulgar e alavancar o esporte, mesmo que de forma tímida. Estes momentos de visibilidade podem ser um dos fatores

responsáveis por instigar as pesquisas em programas de mestrado e de doutorado voltadas aos futs de mulheres.

3.3 CENTROS DE PRODUÇÃO

O projeto MPC-PPGEF identificou 37 PPG na área da Educação Física reconhecidos e recomendados pela CAPES. Dentre eles, três programas foram excluídos do levantamento devido ao fato de dedicaram-se basicamente à reabilitação e desempenho funcional (Programa de Pós-Graduação em Reabilitação e Desempenho Funcional da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto), fonoaudiologia (Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) e terapia ocupacional (Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos). Desta forma, o escopo do projeto MPC-PPGEF foi os 34 PPG diretamente relacionados com a educação física. Destes, cinco não declararam produção em termos de dissertações e/ou teses entre os anos de 2010 e 2016 – possivelmente porque não houve tempo hábil para defesa de teses e dissertações considerando o ano de sua criação. Portanto, o projeto MPC-PPGEF trabalhou com 29 PPGEF que produziram dissertações e teses sobre esporte e/ou modalidades esportivas (SOUZA, 2017). Os trabalhos que abordam os futs de mulheres foram provenientes de 13 destes programas.

A totalidade de programas que compuseram o escopo do projeto MPC-PPGEF, a instituição a que estão vinculados e a sigla através da qual serão identificados nesta pesquisa podem ser visualizados no QUADRO 3. Ressaltamos que, ao tratarmos genericamente dos programas de pós-graduação que produziram sobre os futs de mulheres, os mesmos serão tratados como PPGEF (Programa de Pós-Graduação em Educação Física), mesmo quando a nomenclatura do programa não contém o vocábulo “Educação Física”.

QUADRO 3 – SIGLA, NOME E INSTITUIÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO QUE PRODUZIRAM TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Sigla	Nome do programa	Instituição
PROGRAMAS DESCONSIDERADOS DO ESCOPO DO PROJETO MPC-PPGEF		
PPGEFE/RDFRP/USP	Programa de Pós-Graduação em Reabilitação e Desempenho Funcional	Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto
PPGF/UNESP-MAR	Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
PPGTO/UFSCAR	Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional	Universidade Federal de São Carlos
PROGRAMAS QUE PRODUZIRAM APENAS ARTIGOS SOBRE ESPORTE E/OU MODALIDADES ESPORTIVAS, CONSIDERANDO O PROJETO MPC-PPGEF		
PPGCAF/EACH/USP	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física	Universidade de São Paulo
PPGEF/UFPE	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal de Pernambuco
PPGEF/UFMA	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal do Maranhão
PPGEF/UNIVASF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal do Vale do São Francisco
PPGEFE/EEFERP/USP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Esporte	Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto
PROGRAMAS QUE PRODUZIRAM DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE OS FUTS		
PPGEF/UEM-UEL	Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física (UEM/UEL)	Universidade Estadual de Maringá/Universidade Estadual de Londrina
PPGEFPS/UNOPAR	Programa de Pós-Graduação em Exercício Físico na Promoção da Saúde	Universidade Norte do Paraná
PPGEDE/USJT	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade São Judas Tadeu
PPGEF/UFTM	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
PPGEF/UFRN	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
PPGEF/UFRJ	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal do Rio de Janeiro
PPGEF/UFES	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal do Espírito Santo
PPGEDE/UFMS	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal de Santa Maria
PPGSSEF/UCB	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Católica de Brasília
PPGEF/FUFSE	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Fundação Universidade Federal de Sergipe
PPGCMH/UNIMEP	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano	Universidade Metodista de Piracicaba

QUADRO 3– SIGLA, NOME E INSTITUIÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO QUE PRODUZIRAM TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES (conclusão)

Sigla	Nome do programa	Instituição
PPGCMH/UDESC	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano	Universidade do Estado de Santa Catarina
PPGCEE/UERJ	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
PPGCE/UFMG	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte	Universidade Federal de Minas Gerais
PPGCM/UNESP-RC	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Rio Claro (SP)
PPGCAF/UNIVERSO	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física	Universidade Salgado de Oliveira
PROGRAMAS QUE PRODUZIRAM DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES		
PPGEFI/UFV-UFJF	Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física	Universidade Federal de Viçosa/Universidade Federal de Juiz de Fora
PAPGEF/UPE-UFPB	Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física	Universidade de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba
PPGCMH/UNICSUL	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano	Universidade Cruzeiro do Sul
PPGCMH/UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PPGEF/UNB	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade de Brasília
PPGFEF/UNICAMP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Estadual de Campinas
PPGEF/UFPEL	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal de Pelotas
PPGEF/UFSC	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal de Santa Catarina
PPGEF/UFMT	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal de Mato Grosso
PPGEDE/UFPR	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Federal do Paraná
PPGEF/UGF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Gama Filho
PPGEF/UNIMEP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Universidade Metodista de Piracicaba
PPGEFE/EEFE/USP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Esporte	Universidade de São Paulo

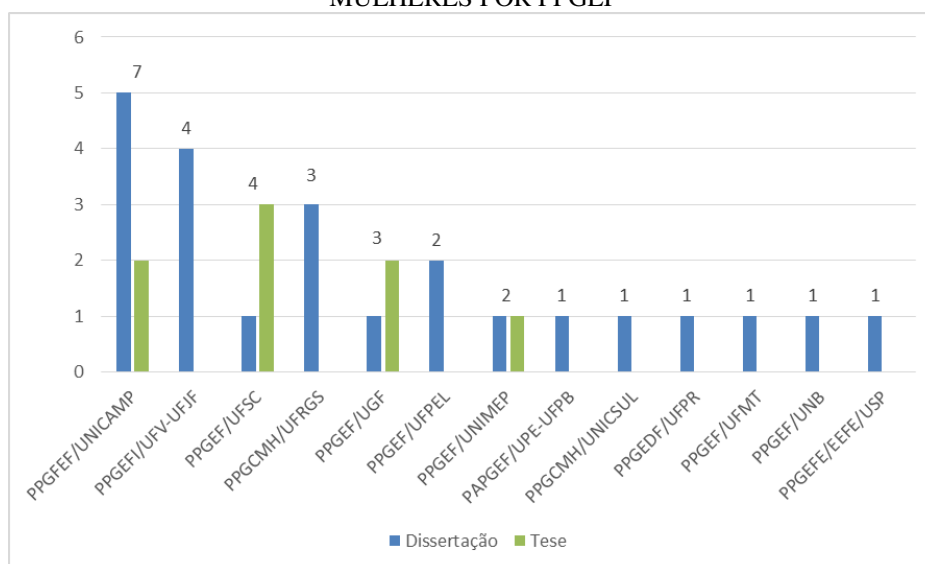
FONTE: as autoras, com base dos dados do projeto MPC-PPGEF

Considerando os PPGEF que produziram dissertações e teses que abordam os futs de mulheres, o PPGFEF/UNICAMP foi o programa com o maior número de produções – sete. Em seguida, com quatro trabalhos que abordam os futs de mulheres, estão o PPGEFI/UFV-UFJF e o PPGEF/UFSC. Na sequência, o PPGCMH/UFRGS e o

PPGEF/UGF, com três trabalhos. O PPGEF/UFPEL e o PPGEF/UNIMEP aparecem na quarta posição, cada um com dois trabalhos que tratam dos futs de mulheres. Os demais programas produziram, cada, um trabalho sobre a temática: PAPGEF/UPE-UFPB, PPGCMH/UNICSUL, PPGEF/UNB, PPGEF/UFMT, PPGEF/UFPR e PPGEFE/EEFE/USP.

A FIGURA 11 apresenta a distribuição acima descrita subdividida em termos de dissertações e teses que cada programa produziu sobre futs de mulheres. O número apresentado acima de cada barra corresponde à quantidade total de produções (ou seja, a soma da quantidade de dissertações e de teses) do PPGEF em questão.

FIGURA 11 – DISTRIBUIÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR PPGEF



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Conforme ilustra a FIGURA 11, O PPGEF da UNICAMP foi o detentor do maior número de produções que abordam os futs de mulheres – sete trabalhos. Outras pesquisas também observaram a relevância deste programa na área da educação física como lócus de produção de trabalhos (FENSTERSEIFER, 2016; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010; GONÇALVES et al., 2017; ROSA; LETA, 2011; SOUZA; CUNHA, No prelo; SOUZA; SILVA; MOREIRA, 2016). É interessante observar que outro programa expressivo e protagonista na área da educação física (ROSA; LETA, 2011) e em diversas outras áreas de conhecimento (CRUZ, 2010), o PPGEFE/EEFE/USP, nesta pesquisa figurou entre os programas que produziram apenas um trabalho sobre os futs de mulheres.

A fim de subsidiar a discussão dos dados, ainda que não seja parte dos objetivos do presente estudo, realizamos um levantamento dos grupos de pesquisa existentes nas instituições de onde provém os PPGEF que abordaram os futs de mulheres. Por meio de consulta ao Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq¹³, identificamos os grupos de pesquisa relacionados aos futs na área da educação física – totalizando 30 grupos. Destes, oito são das instituições de onde emergiram pesquisas que abordam os futs de mulheres – UFPR, UFRGS e UNICAMP (com dois grupos em cada instituição) e UFSC e UFV (com um grupo em cada instituição). A seguir, descrevemos como a busca foi realizada. Utilizamos os seguintes termos de busca: “futebol” (abrangendo, assim, todas as modalidades que compõem os futs desta pesquisa, com exceção do futsal e futevôlei – uma vez que as demais modalidades têm sua nomenclatura iniciada pelo termo futebol), “futsal” e “futevôlei”. Realizamos a pesquisa por “grupos” e por “linhas de pesquisa”. Aplicamos a busca nos seguintes campos: “Nome do grupo”, “Nome da linha de pesquisa” e “Palavra-chave da linha de pesquisa”. Não aplicamos filtro na área de conhecimento, uma vez que a área da “educação física” não constava como opção para ser selecionada no filtro. Contudo, no momento da apresentação dos resultados, consideramos apenas aqueles cujos grupos e linhas de pesquisa pertencessem à área da educação física. Outros grupos e linhas de pesquisa relacionados aos futs poderiam emergir caso tivéssemos considerado demais instituições de ensino – para além daquelas que produziram sobre os futs de mulheres –, bem como se considerássemos outras áreas de pesquisa para além da educação física. No entanto, considerando o escopo deste trabalho, restringimo-nos apenas às 15 instituições que produziram acerca dos futs de mulheres e aos grupos e linhas de pesquisa da área da educação física.

O QUADRO 4 apresenta os grupos levantados nestas instituições, bem como suas respectivas linhas de pesquisa, ano de formação e data em que fora realizada a última atualização de dados do grupo junto ao diretório.

¹³ Consulta realizada nos dias 26 e 27 de agosto de 2019 através de plataforma *online* (http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf).

QUADRO 4 – GRUPOS E LINHAS DE PESQUISA VINCULADOS A INSTITUIÇÕES QUE PRODUZIRAM TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Universidade	Grupo	Linha de pesquisa	Ano formação	Data última atualização
UFPR	Centro de Estudos da Performance Física - CEPEFIS	Aptidão Aeróbia e Performance Física	2000	26/06/2019
		Demandas Fisiológicas no Exercício e Esporte		
		Fadiga e Performance Física		
		Futebol e Performance		
UFPR	Centro de Estudos do Talento Esportivo	Deteção de Talentos	2013	29/08/2019
		Deteção de Talentos e Formação Esportiva		
		Proposta metodológica para o ensino de esportes olímpicos de combate nas escolas brasileiras: formação de equipes especializadas em ensino e deteção de talentos para os esportes: Judô, Esgrima, Luta Olímpica, Boxe e Taekwondo		
		Uso das novas tecnologias para a deteção e desenvolvimento do talento esportivo		
UFRGS	Centro de Estudos Olímpicos e Paralímpicos	Gestão e Política de Esporte	2000	08/05/2019
		Impacto e Legado de Megaeventos Esportivos		
		Olimpismo e Filosofia do Esporte		
UFRGS	GRECCO – Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História	Esporte, Gênero e Sexualidade	2002	29/08/2019
		Futebol e Mulheres		
		Gênero, Violência e Escola		
		História do Esporte e da Educação Física		
		Representações Sociais do Movimento Humano		

QUADRO 4 – GRUPOS E LINHAS DE PESQUISA VINCULADOS À INSTITUIÇÕES QUE PRODUZIRAM TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(conclusão)

Universidade	Grupo	Linha de pesquisa	Ano formação	Data última atualização
UFSC	Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal	Avaliação do desempenho Físico-Técnico-Tático no Futebol e no Futsal	2015	01/10/2018
		Fatores de Rendimento no Futebol e no Futsal		
		Futebol e Futsal na Perspectiva de Saúde		
		Treinamento Físico-Técnico-Tático no Futebol e no Futsal		
UFV	Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol (UFV)	Análise de Jogo	2010	08/10/2018
		Cognição e Ação Esportiva		
		Metodologia de Treinamento no Futebol		
		Psicologia do Esporte		
UNICAMP	Grupo de Estudos em Esportes para Pessoas com Paralisia Cerebral	Avaliação antropométrica e da composição corporal	2015	10/12/2018
		Desenvolvimento da Coordenação e Controle Motor: Intervenções Motoras		
		Esporte Escolar para pessoas com Paralisia Cerebral		
		Fisiologia do Treinamento Esportivo no Futebol de 7 Paralímpico		
UNICAMP	Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (LEPE) - Futebol	Desenvolvimento Pessoal, Profissional e Social no Futebol	2011	05/06/2019
		Dinâmica das Organizações e Eventos		
		Formação e Intervenção do Treinador de Futebol		
		Metodologia do Ensino/Treino e Análise de Jogo no Futebol		

FONTE: as autoras, com base nos dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPQ, 2019)

A partir do levantamento de grupos de pesquisa relacionados aos futs na área da educação física, notamos que dos 30 grupos identificados, oito são das instituições que produziram pesquisas que abordam os futs de mulheres – UFPR, UFRGS e UNICAMP abrigam dois grupos cada uma e UFSC e UFV abrigam, cada, um grupo de pesquisa (conforme exhibe o QUADRO 4). Considerando todas as linhas de pesquisa destes oito grupos tabulados, observamos que apenas uma dedica-se especificamente ao estudo do futebol de mulheres – a linha “Futebol e Mulheres”, do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História da UFRGS (grupo este liderado pelos professores André Luiz dos Santos Silva e Silvana Vilodre Goellner). Existem, ainda, duas linhas de pesquisa voltadas ao estudo de gênero – “Esporte, Gênero e Sexualidade” e “Gênero, Violência e Escola”, ambas alocadas no mesmo grupo de pesquisa supracitado. Vale destacar também que, dentre os outros 22 grupos de pesquisa relacionados aos futs na área da educação física (estes vinculados a instituições que não produziram dissertações ou teses sobre os futs de mulheres), não identificamos nenhuma linha de pesquisa voltada à discussões sobre mulheres no contexto dos futs (CNPQ, 2019).

Pressupomos que a configuração da produção de dissertações e teses sobre os futs de mulheres no contexto dos PPGEF entre os anos de 2010 e 2016 não está diretamente relacionada à presença de grupos/linhas de pesquisa voltados aos futs de mulheres alocados na área da educação física. Ainda que o PPG da única instituição que apresentou linhas de pesquisa voltadas ao estudo de gênero e/ou de mulheres no contexto dos futs (PPGCMH/UFRGS) figure na terceira colocação dentre os programas que mais produziram trabalhos que abordam os futs de mulheres, outros PPG produziram tanto quanto ou até mais pesquisas sobre os futs de mulheres do que o PPGCMH/UFRGS no contexto considerado nesta pesquisa. Além disso, as demais instituições de onde procederam trabalhos que abordam os futs de mulheres – UFJF, UGF, UFPEL, UNIMEP, UPE, UFPB, UNICSUL, UFMT, UNB, USP¹⁴ – não possuem grupos/linhas de pesquisa relacionadas aos futs na área da educação física. Nos chamou a atenção a carência de pesquisadores com foco na temática dos futs de mulheres e a aparente pouca relevância que esta tem como objeto de estudo em grupos/linhas de pesquisa, assim como Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014) já haviam constatado em sua pesquisa. Nossa hipótese que explica a forma com que a produção dos trabalhos que

¹⁴ Ressaltamos que a quantidade de instituições é maior do que a quantidade de PPG devido ao fato de alguns programas serem associados – nestes casos, os programas se caracterizam por serem formados por mais de uma universidade.

abordam os futs de mulheres se configurou nos diferentes PPGEF está relacionada à presença de membros do corpo docente que tem a intenção de estudar temáticas voltadas às questões de gênero e/ou futs de mulheres. Esta suposição é abordada de forma mais profunda na seção AUTORES E ORIENTADORES.

Considerando a localização geográfica das instituições de ensino que abrigam os PPGEF de onde emergiram os trabalhos que abordam os futs de mulheres, podemos constatar que a região Sudeste concentra a maioria dos programas: PPGEFI/UFV-UFJF, PPGCMH/UNICSUL, PPGFEF/UNICAMP, PPGEF/UGF, PPGEF/UNIMEP e PPGEFE/EEFE/USP. Em seguida, vêm as regiões Sul (PPGCMH/UFRGS, PPGEF/UFPEL, PPGEF/UFSC e PPGEDF/UFPR), Centro-Oeste (PPGEF/UNB e PPGEF/UFMT) e Nordeste (PAPGEF/UPE-UFPB). A região Norte não abriga nenhum PPGEF considerado no escopo do projeto MPC-PPGEF. Estas informações estão dispostas na FIGURA 12.

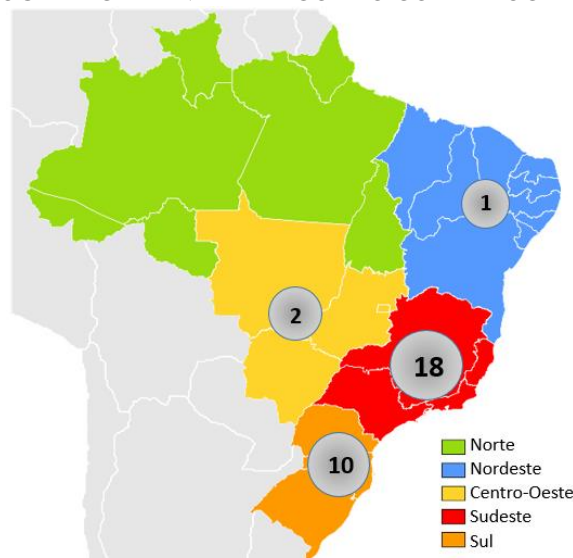
FIGURA 12 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS PPGEF QUE PRODUZIRAM TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Ao distribuir os trabalhos que estes programas produziram sobre os futs de mulheres pelas respectivas regiões do país, a configuração segue o padrão acima destacado, conforme ilustra a FIGURA 13.

FIGURA 13 – QUANTIDADE DE TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES DISTRIBUÍDOS GEOGRAFICAMENTE DE ACORDO COM A LOCALIZAÇÃO DOS PPGEF



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

A região Sudeste se mantém como a detentora do maior número de trabalhos (18). Sozinha, ela detém mais pesquisas sobre os futs de mulheres entre os anos de 2010 e 2016 do que as demais regiões nas quais emergiram trabalhos sobre a temática. A segunda região com maior número de trabalhos é a região Sul (10 trabalhos), seguida das regiões Centro-Oeste (2 trabalhos) e Nordeste (1 trabalho).

Estes achados com relação à supremacia das regiões Sul e Sudeste no que diz respeito à produção científica vai ao encontro de resultados apurados em pesquisas que se dedicaram ao estudo da produção do conhecimento sobre os futs de mulheres (SALVINI; FERREIRA; MARCHI JÚNIOR, 2014); sobre os futs de uma forma geral (FENSTERSEIFER, 2016; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010); sobre modalidades esportivas específicas e/ou de uma forma geral (ROJO et al., 2018; SOUZA; CUNHA, No prelo; SOUZA; SILVA; MOREIRA, 2016); e sobre outras áreas de conhecimento (MIRANDA, 2012; OLIVEIRA, 2011a; SOUZA et al., 2013; VENDRUSCOLO, 2009).

Ressaltamos que a oferta de programas de pós-graduação *stricto sensu* no país é maior na região Sudeste (1.600 programas), seguida pela região Sul (818), região Nordeste (776), região Centro-Oeste (323) e região Norte (218). Especificamente com relação aos PPGEF, a distribuição dos 35 programas *stricto sensu* em funcionamento por regiões do país segue a mesma tendência: 17 programas na região Sudeste do país; 8 na região Sul; 6 na região Nordeste; e 4 na região Centro-Oeste. Nenhum PPGEF localiza-se na região Norte do país (CAPES, 2016). Esta maior oferta de programas nas

regiões Sul e Sudeste pode explicar a maior quantidade da produção científica emergente destes locais.

3.4 AUTORES E ORIENTADORES

A TABELA 5 apresenta a lista dos orientadores dos 31 trabalhos que abordam os futs de mulheres. Para cada orientador, sinalizamos o ano em que ocorreram as defesas dos trabalhos orientados, o PPG em que estava vinculado na ocasião da defesa do trabalho e a quantidade de trabalhos que orientou (dissertações, teses e total).

TABELA 5 – NOME DO ORIENTADOR, ANO DA DEFESA, NOME DO PROGRAMA E TIPO DE TRABALHO ORIENTADO

(continua)

Orientador	Ano	PPG	D	T	Total
Ludmila Nunes Mourão	2010	PPGEF/UGF	-	1	4
	2015	PPGEFI/UFV-UFJF	1	-	
	2016		2	-	
Silvana Vilodre Goellner	2015	PPGCMH/UFRGS	1	-	3
	2016		2	-	
Helena Altmann	2012	PPGFEEF/UNICAMP	2	-	3
	2016		-	1	
Cinthia Lopes da Silva	2014	PPGEF/UNIMEP	1	-	2
	2015		-	1	
Heloisa Helena Baldy dos Reis	2013	PPGFEEF/UNICAMP	-	1	2
	2016		1	-	
Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo	2014	PPGEF/UFSC	-	1	2
	2015		-	1	
Alfredo Feres Neto	2015	PPGEF/UNB	1	-	1
Antonio Jorge Gonçalves Soares	2012	PPGEF/UGF	-	1	1
Antônio Renato Pereira Moro	2016	PPGEF/UFSC	-	1	1
Elaine Prodócimo	2015	PPGFEEF/UNICAMP	1	-	1
Fernando Diefenthaeler	2014	PPGEF/UFSC	1	-	1
Iraquiton de Oliveira Caminha	2012	PAPGEF/UPE-UFPB	1	-	1
José Geraldo do Carmo Salles	2012	PPGEFI/UFV-UFJF	1	-	1
José Tarcísio Grunennvaldt	2016	PPGEF/UFMT	1	-	1
Márcio Xavier Bonorino Figueiredo	2014	PPGEF/UFPEL	1	-	1
Renata Gorjão	2015	PPGCMH/UNICSUL	1	-	1
Sebastião Josué Votre	2010	PPGEF/UGF	1	-	1
Sérgio Augusto Cunha	2013	PPGFEEF/UNICAMP	1	-	1
Suzete Chiviacowsky Clark	2013	PPGEF/UFPEL	1	-	1

NOME DO ORIENTADOR, ANO DA DEFESA, NOME DO PROGRAMA E TIPO DE TRABALHO ORIENTADO

(conclusão)

Orientador	Ano	PPG	D	T	Total
Umberto Cesar Corrêa	2010	PPGEFE/EEFE/USP	1	-	1
Wanderley Marchi Júnior	2012	PPGEDF/UFPR	1	-	1

FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

LEGENDA: D: dissertações; T: teses

A fim de embasar análises, coletamos informações sobre cada docente que orientou as dissertações e teses sobre os futs de mulheres, focando em sua relação acadêmica com os futs, com a mulher no contexto de distintas modalidades esportivas e/ou com temáticas de gênero. Buscamos estas informações no Currículo Lattes de cada professor consultando os seguintes campos: “Resumo” e “Projetos de pesquisa”. No QUADRO 5 expomos os resultados encontrados, ressaltando que no campo “Projetos de pesquisa” apresentamos apenas os títulos dos projetos que se relacionam com as temáticas mencionadas acima. Nos casos em que o docente não possui relação acadêmica com nenhuma destas temáticas, sinalizamos com um hífen (“-”).

QUADRO 5 – LINHAS E PROJETOS DE PESQUISA DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Orientador	Campo Lattes	Informações
Ludmila Nunes Mourão	Resumo	“Pesquisadora dos estudos das Mulheres no Esporte, Gênero nas Atividades Físico-desportivas e Educação Física Escolar. [...] É autora de livros, capítulos de livros e artigos nas temáticas Mulheres no Esporte, Gênero nas Atividades Físico-desportivas e Educação Física Escolar. Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS/CNPq)”.
	Projetos de pesquisa	“2017 – Atual: Discursos e relações de gênero nas práticas corporais e esportivas”; “2013 – 2017: Representações de gênero nas atividades físico-esportivas”; “2012 – 2016: Representações de feminilidades em Mulheres praticantes de Lutas”; “2010 – 2013: Representações de Atividade Física de Mulheres e seus Efeitos na Adesão a Prática em Academias Femininas na Cidade do Rio de Janeiro”; “2007 – 2011: Mulheres no Tatame: o judô feminino no Brasil”; “2007 – 2010: Estudo Sócio diagnóstico sobre gênero e etnia em programas de esporte e lazer: Subsídios para elaboração de políticas públicas inclusivas”; “2002 – 2007: História das mulheres na prática das atividades físico-esportivas”.

QUADRO 5 – LINHAS E PROJETOS DE PESQUISA DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Orientador	Campo Lattes	Informações
Silvana Vilodre Goellner	Resumo	“Foi coordenadora do Grupo Temático Gênero e Ciências do Esporte, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2013-2015) e do Simpósio Temático "Gênero e Práticas corporais e esportivas" do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Integra o coletivo Guerreiras Project. Curadora das exposições "Futebol e Mulheres no País da Copa de 2014" e "Paisagens da memória: cidade e corpos em movimento" realizadas em Porto Alegre. Co-curadora das exposições "Visibilidade para o Futebol Feminino" e "Contra-Ataque: as mulheres do Futebol" realizadas no Museu do Futebol em 2015 e 2019 respectivamente. É vice-coordenadora do GRECCO - Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História e Coordenadora, juntamente com David Wood (Inglaterra) e Verônica Moreira (Argentina) da Rede de Pesquisa sobre Futebol de Mulheres na América Latina. Tem experiência na área de educação física, com ênfase em história e gênero atuando principalmente nos seguintes temas: corpo, gênero, história do corpo e da educação física e esportes, futebol e mulheres, documentação e informação e memória”.
	Projetos de pesquisa	“2008 – 2010: Estudo sócio-diagnóstico sobre gênero e etnia em programas de esporte e lazer: subsídios para elaboração de políticas públicas inclusivas”; “2007 – Atual: Mulheres Atletas: o esporte como espaço de visibilidade feminina”; “2005 – 2012: As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos generificados”.
Helena Altmann	Resumo	“Foi coordenadora do GTT Gênero do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2015-2017). Tem experiência na área de educação, educação física e esporte, com ênfase em gênero e sexualidade”.
	Projetos de pesquisa	“2016 – Atual: Educação esportiva e gênero em aulas de educação física: uma análise a partir da produção de conhecimento (2000-2016)”; “2013 – 2016: Educação física escolar e relações de gênero: educação do corpo e do movimento esportivo”; “2009 – 2011: Futsal feminino na América do Sul”; “2008 – 2013: Educação Física Escolar e Igualdade de Gênero: um estudo transcultural”; “1996 – 1998: Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física”; “1993 – 1995: Vivências corporais com mulheres em situação de violência”.
Cinthia Lopes da Silva	Resumo	“[...] co-autora do livro ‘O futebol no contexto cultural brasileiro’”.
	Projetos de pesquisa	-

QUADRO 5 – LINHAS E PROJETOS DE PESQUISA DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Orientador	Campo Lattes	Informações
Heloisa Helena Baldy dos Reis	Resumo	“Atuando principalmente nos seguintes temas: [...] futebol e violência, [...]. Foi membro de várias comissões nacionais relativas ao Esporte, entre as quais destaca a Comissão Nacional de Prevenção à Violência e Segurança nos Estádios (CONSEGUE) nomeada pelo Ministro do Esporte, tendo sido convidada várias vezes como palestrante em audiências públicas na Câmara dos Deputados e Ministérios da Justiça e do Esporte sobre o tema Futebol, Violência, Segurança e Prevenção [...]. Idealizadora e organizadora dos Simpósios sobre Hooliganismo no Futebol (20012; 2013; 2014) e na América Latina (2013), evento promovido pelo Ministério do Esporte [...] Em 2007 recebeu o Prêmio de Mérito Científico da Unicamp pela orientação da pesquisa: Análise da tática defensiva da seleção brasileira adulta de handebol feminino, na marcação do pivô”.
	Projetos de pesquisa	“2017 – Atual: Homicídios relacionados com o futebol brasileiro”; “2016 – 2017: Políticas de prevenção da violência em espetáculos de futebol: Brasil ? Alemanha”; “2014 – 2017: Torcedores: vida, paixão e morte no país do futebol”; “2013 – Atual: Políticas de Segurança em Espectáculos Futebolísticos na América Latina”; “2009 – 2013: O torcedor organizado e as políticas públicas de prevenção da violência relacionada ao futebol”; “1998 – 2017: As raízes da violência no futebol brasileiro”; “1995 – 1998: Futebol e Sociedade: um estudo da torcida de futebol”.
Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	“2018 – Atual: Monitoramento da carga interna e externa em jogadores de futebol de base durante uma temporada competitiva”; “2013 – Atual: Avaliação dos parâmetros neuromusculares em adolescentes jogadores de futebol: efeitos do tamanho corporal e da maturação biológica”; “2012 – Atual: Efeito de dois modelos de treinamento intervalado de alta intensidade sobre a performance de jogo, índices fisiológicos e neuromusculares em atletas de futsal feminino”; “2012 – Atual: Validade do Pico de Velocidade no teste de Carminatti (T-CAR) para predição da performance e para a prescrição de treinamento em jogadores de Futebol”.
Alfredo Feres Neto	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	-
Antonio Jorge Gonçalves Soares	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	“2008 – 2011: Profissionalização e escolarização de jovens futebolistas na Espanha”; “2004 – 2007: Os processos de detecção e seleção de talentos no futebol”; “1993 – 1994: Formação do Corpo Feminino no Brasil do Séc. XX”.
Antônio Renato Pereira Moro	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	-
Elaine Prodócimo	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	-

QUADRO 5 – LINHAS E PROJETOS DE PESQUISA DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(continua)

Orientador	Campo Lattes	Informações
Fernando Diefenthaler	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	-
Iraquiton de Oliveira Caminha	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	<p>“2015 – 2018: Práticas corporais e tecnologias contemporâneas: design de estereótipos de gênero”;</p> <p>“2015 – 2018: Esporte e heteronormatividade: barreiras encontradas por homossexuais”;</p> <p>“2015 – 2018: Práticas corporais e transexualidade: estudo de homens e mulheres trans”;</p> <p>“2008 – 2010: Biopolítica da beleza: relações de poder na construção de corpos femininos em academias de ginásticas”.</p>
José Geraldo do Carmo Salles	Resumo	“[...] Coordenador de Projetos de Extensão (handebol e futebol)”.
	Projetos de pesquisa	<p>“Mundial de Handebol Feminino - Sérvia 2013 - Performance das Equipes; Levantamento do Perfil das treinadoras brasileiras participantes dos Jogos Escolares; Protagonismo feminino no esporte universitário: dialogando trajetórias”.</p>
José Tarcísio Grunennvaldt	Resumo	“[...] Leciona disciplinas relacionadas aos Esportes Coletivos (Futebol, Handebol, Futsal, Basquetebol) [...]. Professor de didática do curso de Especialização em Futebol (Universidade Federal de Viçosa) [...]. Coordenador de Projetos de Extensão (handebol e futebol)”.
	Projetos de pesquisa	<p>“2014 – 2016: O futebol brasileiro e o comprometimento do desempenho das equipes diante dos trajetos percorridos pelas equipes nas principais competições”;</p> <p>“2014 – Atual: Mundial de Handebol Feminino - Sérvia 2013 - Performance das Equipes”</p> <p>“2010 – Atual: O vínculo afetivo do brasileiro com o futebol”</p> <p>“2009 – 2011: Protagonismo feminino no esporte universitário: dialogando trajetórias”</p> <p>“2005 – 2007: Perfil da mulher mineira participante de competições amadoras - Jogos do Interior de Minas”</p> <p>“2005 – 2006: Análises defensivas das equipes femininas de handebol, finalistas do 1º circuito regional ?Grande Lago? ? Minas Gerais”.</p>
Márcio Xavier Bonorino Figueiredo	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	-
Renata Gorjão	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	-
Sebastião Josué Votre	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	<p>“2008 – 2010: Rumo à liderança: homens e mulheres na gestão e na prática do esporte no Rio de Janeiro”;</p> <p>“2008 – 2009: Estudo sócio-diagnóstico sobre gênero e etnia em programas de esporte e lazer: subsídios para elaboração de políticas públicas inclusivas”;</p> <p>“2005 – 2007: Jovens mulheres ícones no esporte brasileiro: representações sobre o impacto de suas carreiras na inclusão feminina no esporte”;</p> <p>“2002 – 2004: Gênero nas atividades físico-desportivas: mulheres-ícones no esporte brasileiro”.</p>

QUADRO 5 – LINHAS E PROJETOS DE PESQUISA DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

(conclusão)

Orientador	Campo Lattes	Informações
Sérgio Augusto Cunha	Resumo	“[...] atuando principalmente nos seguintes temas: biomecânica, futebol, futsal e modelos matemáticos para esportes”.
	Projetos de pesquisa	<p>“2017 – Atual: <i>The secret of playing football: Brazil versus the Netherlands</i>”;</p> <p>“2014 – 2015: Copa do Mundo Brasil 2014: Futebol, catalisador para intercâmbio cultural, científico e tecnológico”;</p> <p>“2009 – 2014: Representação da área de atuação de equipes de futebol a partir da análise por componentes principais”;</p> <p>“2008 – 2014: Descrição das rotações tridimensionais do tornozelo do membro de suporte em cobranças de pênaltis no futebol”;</p> <p>“2006 – 2013: Estudo biomecânico dos padrões cinemáticos do chute no futebol”;</p> <p>“2001 – 2007: Análise do posicionamento e das ações técnicas de jogadores de futebol”;</p> <p>“2001 – 2006: Estudo biomecânico dos padrões motores do chute no futebol”;</p> <p>“2001 – 2003: Metodologia para a análise gráfica do chute no futebol utilizando as coordenadas esféricas dos segmentos inferiores”.</p>
Suzete Chiviackowsky Clark	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	<p>“2019 – Atual: Estereótipos de gênero e aprendizagem motora em homens”;</p> <p>“2015 – Atual: Ameaça do estereótipo e aprendizagem de habilidades motoras”;</p> <p>“2012 – 2015: Ameaça do estereótipo e aprendizagem de habilidades motoras”.</p>
Umberto Cesar Corrêa	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	-
Wanderley Marchi Júnior	Resumo	-
	Projetos de pesquisa	<p>“2017 – 2018: ‘Capoeira é pra homem, menino e mulher’: as relações de poder nesse espaço social esportivo”;</p> <p>“2016 – 2017: A participação no alto rendimento e a carreira profissional de jogadores de futsal masculino no Brasil: a perspectiva dos atletas”;</p> <p>“2016 – 2016: ‘Levanta a saia e vem pra roda’: uma análise sociológica da participação feminina nas rodas de capoeira”;</p> <p>“2016 – 2016: Fisiculturismo feminino: transformações histórico-sociais dos corpos e da modalidade no Brasil”;</p> <p>“2013 – 2017: A luta como ofício do corpo: MMA feminino em Curitiba/PR”;</p> <p>“2011 – 2014: Entre o espaço dos pontos de vista e a trama dos conflitos - por uma reinterpretação teórica dos significados e funções sociais do futebol no Brasil”.</p>

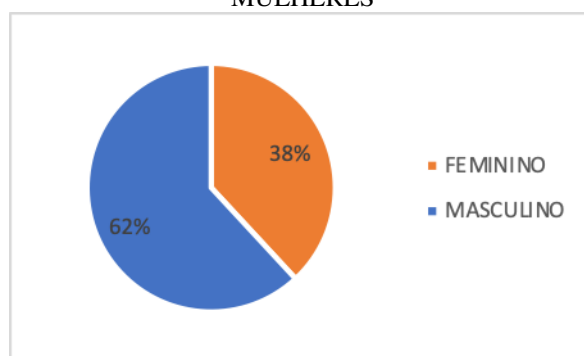
FONTE: as autoras, com base no Currículo Lattes dos pesquisadores

A partir das informações exibidas nos campos “Resumo” e “Projetos de pesquisa”, constatamos que as três professoras que mais orientaram trabalhos sobre os futs de mulheres (Ludmila Nunes Mourão, com quatro trabalhos, e Silvana Vilodre Goellner e Helena Altmann, com três trabalhos cada uma) dedicam-se intensamente à

temáticas que envolvem questões de gênero e mulheres no esporte. De modo especial, a professora Silvana Vilodre Goellner concentra-se em pesquisas que envolvem futebol e mulheres. Conforme citado outrora, ela também é uma das líderes do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História da UFRGS, grupo que concentra as linhas de pesquisa: “Futebol e Mulheres”, “Esporte, Gênero e Sexualidade” e “Gênero, Violência e Escola”. No caso dos professores que orientaram menor quantidade de dissertações e teses sobre os futs de mulheres (um ou dois trabalhos), o envolvimento com temáticas de gênero e/ou com a mulher no contexto de diferentes modalidades esportivas já não foi tão evidente. A grande maioria destes docentes apresenta algum envolvimento com os futs de uma forma geral, sem explicitar questões de gênero. É possível que a orientação dos trabalhos que abordaram os futs de mulheres tenha representado uma exceção para estes professores diante das temáticas de estudo que habitualmente cada qual se dedica. Diante deste contexto, conjecturamos que a forma com que a produção dos trabalhos que abordam os futs de mulheres se distribuiu nos diferentes PPGEF está associada à presença de membros do corpo docente que tem a intenção de estudar temáticas voltadas às questões de gênero e/ou futs de mulheres.

Ao considerarmos o sexo¹⁵ dos 21 orientadores dos trabalhos que abordam os futs de mulheres, identificamos que a maioria – 13 – são do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Esta disposição é exposta na FIGURA 14.

FIGURA 14 – SEXO DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES



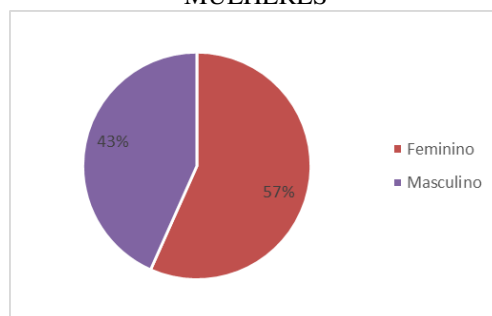
FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

¹⁵ Verificamos o sexo dos autores e orientadores levando em consideração os prenomes masculinos e femininos (de acordo com a língua portuguesa) e, se necessário, acessamos a plataforma Lattes e buscamos evidências de substantivos que permitissem identificar o sexo (por exemplo: professor/professora, doutor/doutora, pesquisador, pesquisadora, etc.).

É interessante ressaltar que se a contagem for realizada da forma “orientador por trabalho” (ou seja, contabilizando mais de uma vez aqueles que orientaram mais de um trabalho), a configuração se inverte: 17 pesquisas foram conduzidas por orientadoras do sexo feminino, enquanto os outros 14 trabalhos foram orientados por pessoas do sexo masculino. Isso mostra que uma quantidade menor de pessoas do sexo feminino orientou um maior número de trabalhos – ao visualizar a TABELA 5, é possível verificar que as cinco primeiras orientadoras concentraram a orientação de quase metade dos trabalhos que abordam os futs de mulheres.

Com relação ao sexo dos autores, 17 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino, conforme expõe a FIGURA 15 (a soma destes valores é inferior à 31 devido ao fato de que uma mesma autora defendeu dois trabalhos no período considerado e optamos por contabilizar a autora apenas uma vez para fins desta análise).

FIGURA 15 – SEXO DOS AUTORES DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES

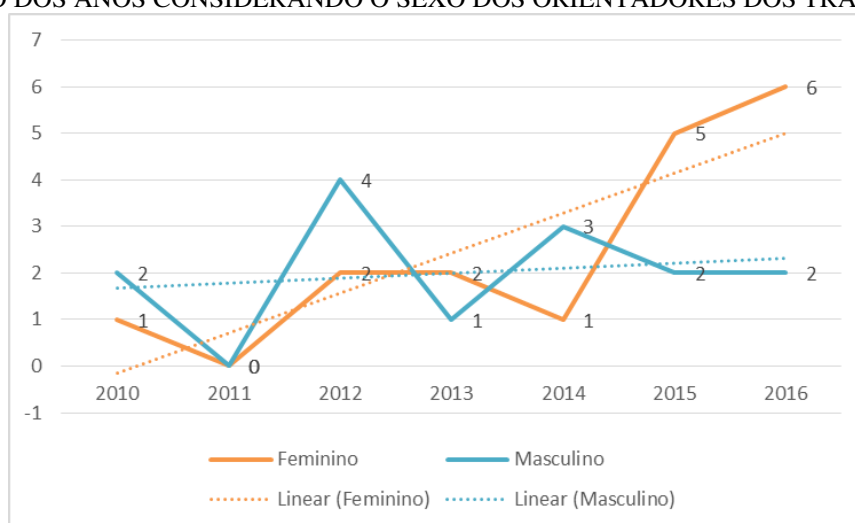


FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Podemos afirmar que as mulheres foram não somente objeto de estudo nas pesquisas analisadas, mas também as principais produtoras de dissertações e teses que abordam os futs de mulheres. Este resultado é semelhante ao que Barreira *et al.* (2018) identificaram em sua pesquisa – um maior número de primeiras autoras do sexo feminino nos artigos sobre futebol e futsal feminino.

Os gráficos a seguir nos permitem vislumbrar a evolução temporal das dissertações e teses sobre futs de mulheres distribuída em termos do sexo dos orientadores – FIGURA 16 – e dos autores – FIGURA 17.

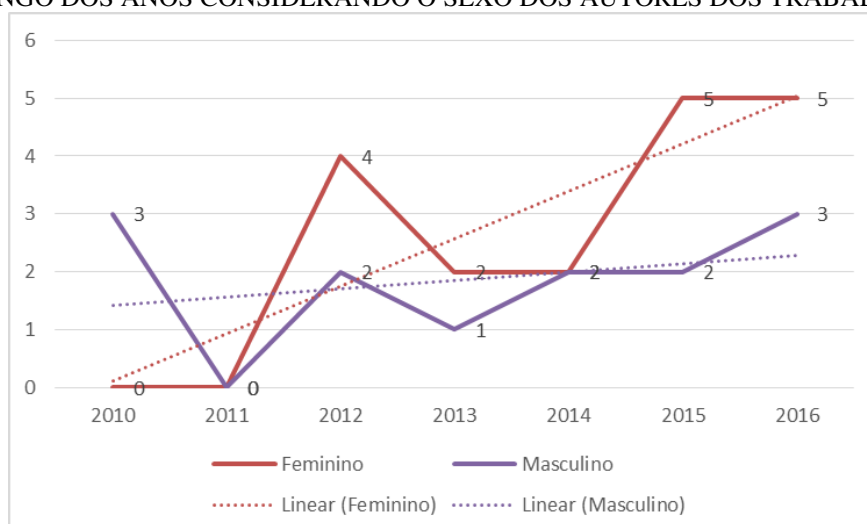
FIGURA 16 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES AO LONGO DOS ANOS CONSIDERANDO O SEXO DOS ORIENTADORES DOS TRABALHOS



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Com base na FIGURA 16 podemos observar que a orientação de trabalhos que tratam de futs de mulheres por indivíduos do sexo masculino está basicamente estagnada. Por outro lado, a mesma figura assinala que a orientação por parte de indivíduos do sexo feminino, embora tenha oscilado ao longo dos anos analisados, se configura em uma acentuada ascensão quando se analisa a linha de tendência desta categoria (vide “Linear (Feminino)”).

FIGURA 17 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES AO LONGO DOS ANOS CONSIDERANDO O SEXO DOS AUTORES DOS TRABALHOS



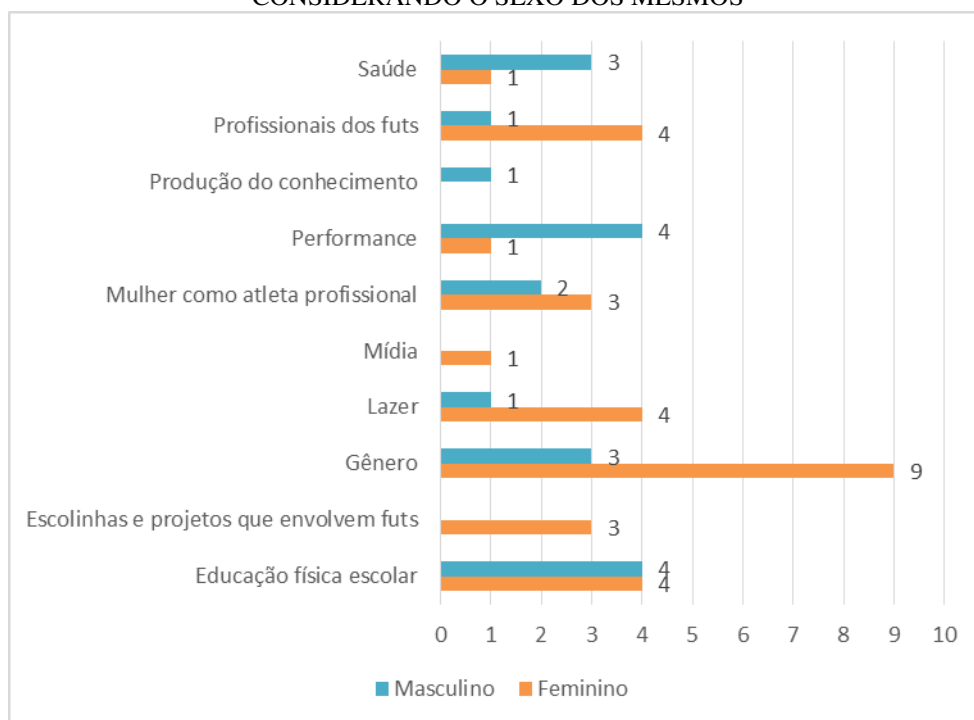
FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Um comportamento semelhante pode ser observado com relação à produção por sexo dos autores (FIGURA 17). Enquanto a produção de pesquisas que abordam os

futs de mulheres por autores do sexo masculino apresentou um leve crescimento (vide “Linear (Masculino)”), ao considerarmos as autoras do sexo feminino podemos notar um crescimento acentuado da produção sobre futs de mulheres ao longo dos anos analisados.

A FIGURA 18 apresenta a quantidade de orientadores do sexo masculino e do sexo feminino que se dedicou a cada enfoque temático. Dentre os orientadores do sexo masculino, as categorias mais orientadas foram Performance e Educação física escolar, com 4 trabalhos cada. Em seguida, vieram as pesquisas dedicadas à Saúde e Gênero (3 trabalhos cada), Mulher como atleta profissional (2 trabalhos) e Profissionais dos futs, Produção do conhecimento e Lazer (1 trabalho cada). Os enfoques Mídia e Escolinhas e projetos que envolvem futs não foram orientados por nenhum pesquisador do sexo masculino. Já os trabalhos orientados por pesquisadoras se distribuíram nos enfoques temáticos da seguinte forma: 9 trabalhos na categoria Gênero; 4 trabalhos em cada um destes enfoques: Profissionais dos futs, Lazer e Educação física escolar; 3 trabalhos em cada uma destas categorias: Mulher como atleta profissional e Escolinhas e projetos que envolvem futs; e 1 trabalho em cada um destes enfoques: Mídia, Saúde e Performance. Nenhum trabalho da categoria Produção do conhecimento foi orientado por pesquisadoras do sexo feminino.

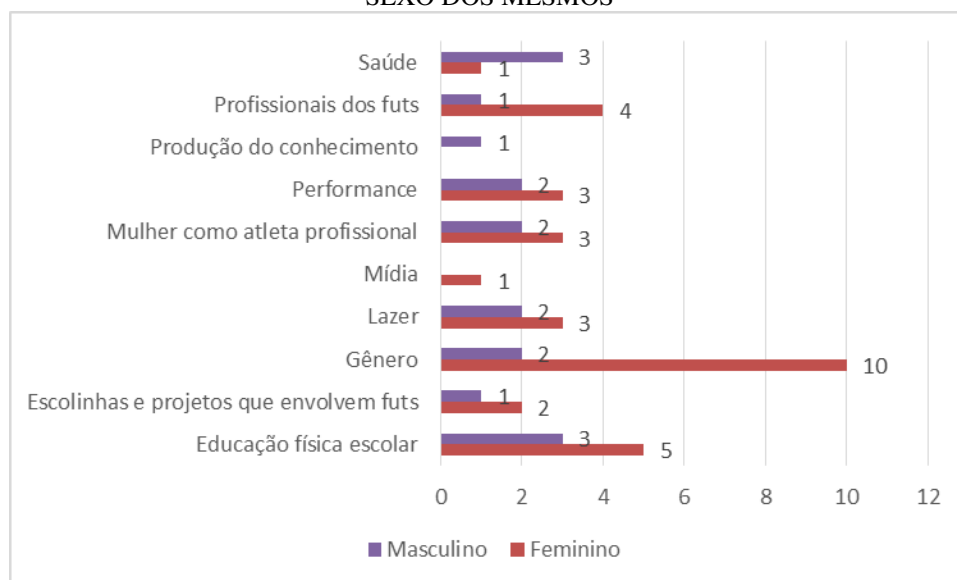
FIGURA 18 – QUANTIDADE DE ORIENTADORES POR ENFOQUE TEMÁTICO CONSIDERANDO O SEXO DOS MESMOS



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

A FIGURA 19 ilustra a quantidade de autores do sexo masculino e do sexo feminino que se dedicou a cada enfoque temático.

FIGURA 19 – QUANTIDADE DE AUTORES POR ENFOQUE TEMÁTICO, CONSIDERANDO O SEXO DOS MESMOS



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Dentre os autores do sexo masculino, a maioria dedicou-se à trabalhos dos enfoques temáticos Saúde e Educação física escolar (3 trabalhos cada). Em seguida, com 2 trabalhos em cada categoria, despontaram: Performance, Mulher como atleta profissional, Lazer e Gênero; e 1 trabalho em cada um dos seguintes enfoques: Profissionais dos futs, Produção do conhecimento e Escolinhas e projetos que envolvem futs. Nenhum autor do sexo masculino investigou questões relacionadas à categoria Mídia. Quanto à distribuição dos trabalhos escritos por autoras do sexo feminino nos distintos enfoques temáticos, a configuração se deu da seguinte forma: 10 trabalhos dedicaram-se à categoria Gênero; 5 trabalhos ao enfoque Educação física escolar; 4 trabalhos à Profissionais dos futs; 3 trabalhos à cada um destes enfoques: Performance, Mulher como atleta profissional e Lazer; 2 trabalhos dedicaram-se à categoria Escolinhas e projetos que envolvem futs; e 1 trabalho voltado à cada um destes enfoques: Mídia e Saúde. Nenhuma autora do sexo feminino debruçou-se sobre o enfoque Produção do conhecimento.

Vale ressaltar que nos gráficos apresentados na FIGURA 18 e na FIGURA 19, a soma dos trabalhos por sexo dos orientadores/autores é maior do que o número total de orientadores/autores uma vez que algumas produções se enquadraram em mais de um enfoque temático.

A maioria absoluta das dissertações e teses que abordam os futs de mulheres orientadas e escritas por autoras do sexo feminino se enquadra no enfoque de gênero – foram 9 trabalhos orientados e 10 trabalhos escritos por autoras do sexo feminino que se enquadraram nesse enfoque temático – vide FIGURA 18 e FIGURA 19, respectivamente. Oliveira (2011b) e Souza (2011) partem da premissa de que a ciência não é neutra, uma vez que ela se configura como atividade humana e, assim, tanto os processos como os resultados da ciência são permeados por configurações histórias e sociais-naturais. Esta não neutralidade inicia já no instante em que o pesquisador escolhe seu problema de pesquisa e na forma com que se aproxima dele. A partir dessa percepção, Anjos e Dantas (2016) afirmam que, ao fazer ciência, pesquisadoras tendem a se identificar como sujeitos ou com objetos científicos voltados à questões de gênero devido à aproximação cotidiana com a temática em sua vida. As mesmas autoras levantam a hipótese de que este seja o motivo pelo qual pareça “natural” a aproximação de mulheres ao campo que discute questões de gênero. Ao contrário, demais assuntos relacionados ao futebol que não estejam atrelados à questões de gênero se constituíram, de acordo com os achados das autoras, temáticas a serem exploradas por pesquisadores

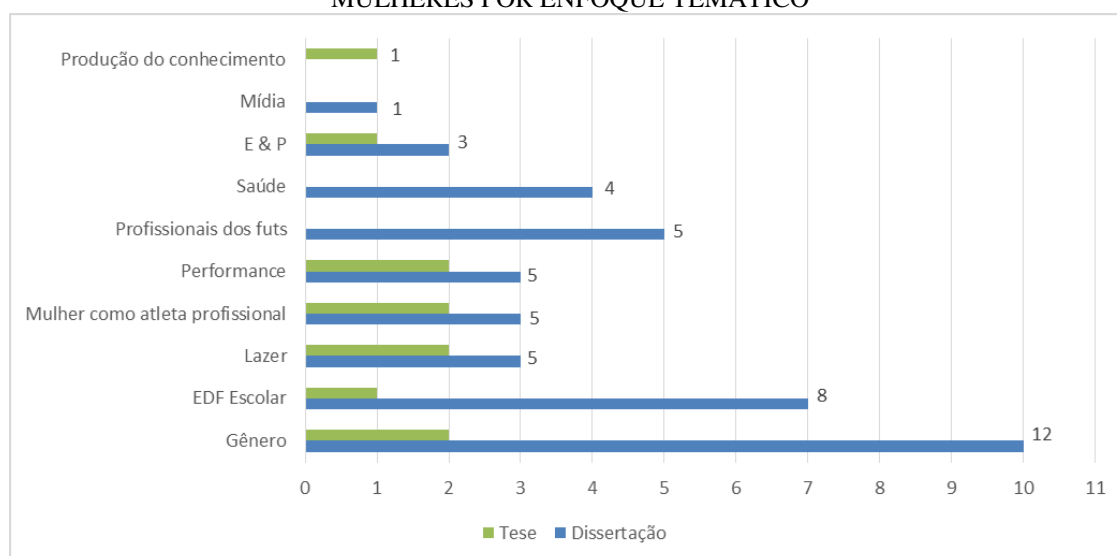
homens. Contudo, as mesmas autoras afirmam que o pressuposto de que as temáticas de gênero são uma categoria de análise quase que exclusivamente feminina não procede. Ainda que o conceito de gênero tenha surgido como uma ferramenta analítica e política dentro do contexto do movimento feminista, a temática contempla uma análise muito mais ampla, constituindo a identidade de sujeitos pertencentes a diferentes sociedades e situados em distintos momentos históricos. Não se justifica, assim, que a temática seja abordada apenas por pesquisadoras mulheres.

Em nossa pesquisa constatamos, além da já mencionada aproximação de orientadoras e autoras do sexo feminino com a temática de gênero, o distanciamento das mesmas com relação aos enfoques temáticos Saúde e Performance. Apenas um trabalho foi orientado em cada uma destas categorias por orientadoras do sexo feminino e apenas um trabalho foi escrito por autoras do sexo feminino sob o enfoque da Saúde. Por outro lado, a maioria dos orientadores do sexo masculino que dedicaram-se às pesquisas que abordaram os futs de mulheres o fez em uma perspectiva de Performance (quatro trabalhos). Dentre os autores do sexo masculino que pesquisaram os futs de mulheres, a maioria o fez em uma perspectiva de Saúde (três trabalhos).

3.5 ENFOQUES TEMÁTICOS

Ao agruparmos os 31 trabalhos que abordam os futs de mulheres de acordo com os seu(s) enfoque(s) temático(s) de discussão, a configuração se dá conforme a FIGURA 20. Destacamos que, devido ao fato de um mesmo trabalho poder ser classificado em mais de um enfoque temático, em virtude de suas abordagens interdisciplinares, a soma dos trabalhos por enfoque temático apresentada é superior a 31. Ressaltamos, também, que o número apresentado ao lado de cada barra corresponde à quantidade total de produções (ou seja, a soma da quantidade de dissertações e de teses) por enfoque temático.

FIGURA 20 – DISTRIBUIÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR ENFOQUE TEMÁTICO



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

A temática Gênero foi a mais recorrente nos trabalhos que abordam os futs de mulheres – foram 12 trabalhos, sendo 10 dissertações e 2 teses. Em seguida, veio a categoria Educação física escolar, totalizando 8 trabalhos. Esmiuçando as pesquisas classificadas neste enfoque nos distintos níveis de ensino, temos que 4 trabalhos abordam o ensino fundamental, 3 trabalhos o ensino médio, 1 trabalho o ensino superior e 1 trabalho o ensino de jovens e adultos (uma pesquisa abordou dois níveis de ensino distintos de forma conjunta, por isso a soma dos trabalhos por níveis de ensino ultrapassa a quantidade de total de oito trabalhos considerada na categoria Educação física escolar). Com cinco trabalhos dedicados, apareceram os seguintes enfoques temáticos: Lazer, Mulher como atleta profissional, Performance e Profissionais dos futs. Quatro trabalhos se enquadraram na categoria Saúde. O enfoque temático Escolinhas e projetos que envolvem futs (representado na FIGURA 20 através da sigla E&P) foi contemplado por três pesquisas. Uma pesquisa enquadrou-se em cada uma das seguintes categorias: Mídia e Produção do conhecimento.

Conforme destacamos anteriormente, um mesmo trabalho pode ter sido classificado em mais de um enfoque temático. Isto nos permitiu identificar agrupamentos entre enfoques temáticos, os quais podem ser consultados na TABELA 6.

TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES CONSIDERANDO OS AGRUPAMENTOS DE ENFOQUES TEMÁTICOS PRESENTES EM UM MESMO TRABALHO

Enfoques Temáticos	Nº de trabalhos
EDF escolar	4
EDF escolar/Gênero	3
EDF escolar/Gênero/Lazer	1
Escolinhas e projetos que envolvem futs/Gênero	2
Escolinhas e projetos que envolvem futs/Gênero/Lazer	1
Gênero/Mídia	1
Gênero/Mulher como Atleta profissional	1
Gênero/Performance	1
Gênero/Profissionais dos futs	2
Lazer	3
Mulher como atleta profissional	2
Mulher como atleta profissional/Profissionais dos futs	2
Performance	2
Performance/Saúde	2
Profissionais dos futs	1
Produção do conhecimento	1
Saúde	2
TOTAL	31

FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

A fim de expandir as possibilidades analíticas, relacionamos os enfoques temáticos que emergiram dos trabalhos levantados nesta pesquisa com as subáreas de conhecimento consideradas por Manoel e Carvalho (2011): biodinâmica, pedagógica, sociocultural. De acordo com os autores,

a biodinâmica compreende as atividades de pesquisa dentro de subdisciplinas como bioquímica do exercício, biomecânica, fisiologia do exercício, controle motor, aprendizagem e desenvolvimento motor, além de alguns campos aplicados, como nutrição esportiva e treinamento físico e desportivo. As linhas de pesquisa na biodinâmica são orientadas pelas ciências naturais [...]. A subárea sociocultural trata de temas como esporte, práticas corporais e atividade física nas perspectivas da sociologia, da antropologia, da história e da filosofia. A subárea pedagógica investiga questões relativas à formação de professores, ao desenvolvimento curricular, aos métodos de ensino e à pedagogia do esporte, além de tratar de aspectos metodológicos, sociais, políticos e filosóficos da educação. As subáreas sociocultural e pedagógica definem suas linhas de investigação orientadas pelas ciências sociais e humanas (MANOEL; CARVALHO, 2011, p. 392).

O QUADRO 6 demonstra como se estabeleceu a relação entre os enfoques temáticos e as subáreas de conhecimento.

QUADRO 6 – RELAÇÃO ENTRE ENFOQUES TEMÁTICOS E SUBÁREAS DE CONHECIMENTO

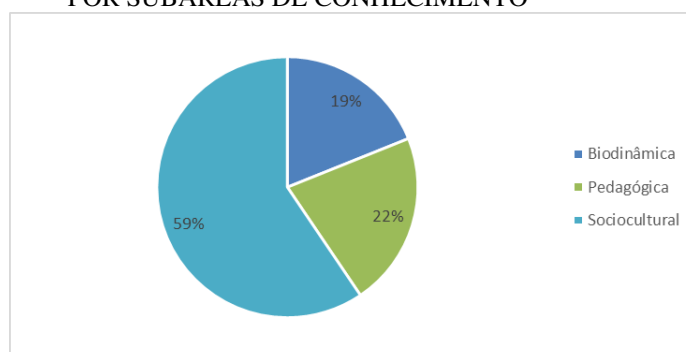
Enfoques temáticos	Subárea de conhecimento
Performance	Biodinâmica
Saúde	
Educação física escolar	Pedagógica
Escolinhas e projetos que envolvem futs*	Sociocultural
Gênero	
Lazer	
Mídia	
Mulher como atleta profissional	
Produção do conhecimento	
Profissionais dos futs	

FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa e Manoel e Carvalho (2011)

NOTA: * Embora discussões sobre escolinhas de futebol e projetos que envolvem futs possam eventualmente se enquadrar nas subáreas biodinâmica e pedagógica, o enfoque dos trabalhos levantados que se enquadram neste enfoque temático foi sociocultural.

Considerando a relação elucidada pelo QUADRO 6, identificamos a forma com que a produção que abordou os futs de mulheres se distribuiu de acordo com as subáreas de conhecimento, conforme ilustra a FIGURA 21.

FIGURA 21 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR SUBÁREAS DE CONHECIMENTO



FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

A produção na subárea sociocultural se sobressaiu sobre as demais (22 trabalhos). Em seguida, estão as subáreas pedagógica (8 trabalhos) e biodinâmica (7 trabalhos). Vale ressaltar que a soma dos trabalhos aqui indicados ultrapassa o total dos 31 trabalhos que abordam os futs de mulheres uma vez que algumas pesquisas se enquadraram em mais de subárea de conhecimento e a disposição exposta na FIGURA 21 considerou as subáreas de conhecimento de forma isolada.

Por outro lado, se considerarmos as combinações entre as subáreas de conhecimento que emergiram como consequência de trabalhos que foram classificados em mais de uma subárea, obtemos a disposição conforme ilustra a TABELA 7.

TABELA 7 – DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS QUE ABORDAM OS FUTS DE MULHERES POR AGRUPAMENTOS DAS SUBÁREAS DE CONHECIMENTO

Subárea de conhecimento	Nº de trabalhos
Biodinâmica	6
Biodinâmica/Sociocultural	1
Pedagógica	3
Pedagógica/Sociocultural	5
Sociocultural	16
TOTAL	31

FONTE: as autoras, com base nos dados da pesquisa

Observamos que 1 trabalho se enquadrrou nas subáreas biodinâmica e sociocultural, enquanto 5 trabalhos foram classificados conjuntamente nas subáreas pedagógica e sociocultural. A configuração dos trabalhos que se enquadraram em apenas uma subárea de conhecimento foi a seguinte: 16 trabalhos na subárea sociocultural; 6 na subárea biodinâmica; e 3 pesquisas na subárea pedagógica.

O fato de a maioria das dissertações e teses que abordam os futs de mulheres se enquadrar na categoria sociocultural difere de resultados de outras pesquisas que analisaram a produção do conhecimento sobre esporte e/ou modalidades esportivas (GONÇALVES et al., 2017; MOREIRA et al., 2017; PÉREZ-GUTIÉRREZ et al., 2017; ROJO et al., 2018; SOUZA; CUNHA, No prelo; SOUZA; SILVA; MOREIRA, 2016) e no campo da educação física de uma forma geral (CASTRO et al., 2017; MANOEL; CARVALHO, 2011; ROSA; LETA, 2011). Em todos estes casos, os autores observaram que a produção tende a predominar na subárea biodinâmica.

Diversos autores atribuem essa maior quantidade de produções voltada à subárea biodinâmica aos critérios de avaliação dos PPGEF da Área 21, área em que a educação física está alocada¹⁶ (BRACHT, 2015; CASTRO et al., 2017; CENÁRIOS..., 2015; CORRÊA; CORRÊA; RIGO, 2018b; MANOEL, 2015; MANOEL; CARVALHO, 2011; RIGO; RIBEIRO; HALLAL, 2011; ROSA; LETA, 2011; SILVA; GONÇALVES-SILVA; MOREIRA, 2014; SOUZA; CUNHA, No prelo; SOUZA; SILVA; MOREIRA, 2016; STIGGER; SILVEIRA; MYSKIW, 2015; TAVARES, 2015).

¹⁶ Ressaltamos que a Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia também fazem parte desta área e exercem influência nestes critérios.

O item mais valorizado na avaliação diz respeito à produção intelectual. Um de seus critérios pondera a quantidade de publicações em periódicos com maior fator de impacto (FI) e melhor qualificados no *Qualis* (CAPES, 2016; FERREIRA; MOREIRA, 2003; MANOEL; CARVALHO, 2011). Vale destacar que o cálculo do FI considera a quantidade de vezes que uma revista é citada em um período de dois anos anteriores ao ano para o qual o indicador está sendo medido (GARFIELD, 1997).

Uma das consequências deste critério é que periódicos cujo escopo engloba áreas com ritmo de renovação de conhecimento acelerado acabam sendo citados de forma intensa em um curto período de tempo após sua publicação, favorecendo o valor de seus fatores de impacto. Por outro lado, periódicos cujas áreas de publicação carecem de um tempo maior para atingir a mesma contagem de citações acabam ficando com um menor FI (WALLIN, 2005). Neste último caso se enquadram periódicos voltados às Ciências Sociais e Humanas, uma vez que suas publicações tendem a utilizar referenciais teóricos mais clássicos (GARFIELD, 1997). O caráter das pesquisas desenvolvidas nessa área de conhecimento – geralmente mais regionais e não facilmente replicáveis – faz com que as mesmas acabem não servindo como referência para publicações na esfera internacional (WALLIN, 2005), limitando as possibilidades de os periódicos dedicados à estas áreas obterem um maior FI.

Outro fator que pode propiciar uma maior quantidade de publicações na subárea biodinâmica diz respeito à maior oferta de periódicos dedicados (CORRÊA; CORRÊA; RIGO, 2018; MANOEL, 2015). Um maior volume de artigos tende a ser publicado, o que pode resultar em maiores possibilidades de serem citados (GARFIELD, 1997; PINTO; ANDRADE, 1999). O perfil dos docentes dos PPGEF, majoritariamente vinculados às Ciências Biológicas e da Saúde (CORRÊA; CORRÊA; RIGO, 2018; RIGO; RIBEIRO; HALLAL, 2011), também pode induzir à predominância da subárea biodinâmica. Ainda, Souza e Cunha (No prelo) apontam para o fator financiamento das pesquisas, uma vez que identificaram uma tendência de maior financiamento para a subárea biodinâmica no levantamento em que realizaram.

Mesmo diante deste conjunto de fatores que vem favorecendo a subárea biodinâmica, as subáreas sociocultural e pedagógica prevaleceram nas dissertações e teses que abordam os futs de mulheres. Esta configuração se dá especialmente pelas maiores quantidades de trabalhos nas categorias gênero (12 pesquisas) e educação física escolar (8 pesquisas), conforme FIGURA 20. Ressaltamos que a predominância de

pesquisas voltadas à categoria Gênero também foi constatada no levantamento de artigos sobre futebol e futsal feminino realizado por Barreira *et al.* (2018).

A perspectiva do futebol brasileiro como um espaço em que se reforça a hegemonia masculina, assumindo performances “masculinas” como referenciais até mesmo entre mulheres que jogam os futs (KESSLER, 2012), parece refletir-se também no campo acadêmico. O futebol de homens é considerado o normal, enquanto o futebol de mulheres parece ser “o Outro”¹⁷. Nesse sentido, conjecturamos que questões de gênero parecem emergir de forma natural quando se estuda os futs de mulheres. Ou, ao contrário, parece que discutir gênero se configura como uma obrigação quando se está pesquisando os futs de mulheres. Essa hipótese é reforçada pelo achado desta pesquisa no que diz respeito à quantidade de dissertações e teses que abordaram questões de gênero ao estudar os futs de mulheres – gênero se configurou o enfoque temático que abrangeu o maior número de pesquisas sobre os futs de mulheres.

No próximo capítulo apresentamos uma análise mais aprofundada das dissertações e teses que abordam os futs de mulheres a partir dos diferentes enfoques temáticos presentes na discussão destes trabalhos.

¹⁷ Adaptamos para o contexto dos futs a ideia proposta por Beauvoir (1970). Segundo a autora, a relação entre o masculino e o feminino não se configura de forma simétrica. Tanto é que utilizamos a expressão “os homens” para fazer menção a todos os seres humanos. Para a autora, a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem; a mulher é o inessencial frente ao essencial. “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (p. 10).

4 ENFOQUES TEMÁTICOS

Nas subseções seguintes, nos dedicamos a analisar as dissertações e teses que abordaram os futs de mulheres de acordo com os enfoques temáticos de cada trabalho. Para cada enfoque temático, primeiramente apresentamos um quadro com os títulos dos trabalhos que foram classificados como pertencentes ao mesmo, com o nome do autor, nome do orientador e ano de publicação. Em seguida, expomos uma tabela contendo informações básicas e comparativas dos trabalhos que foram classificados na categoria em questão – sexo dos autores, tipo de trabalho (dissertação ou tese) e tipos abordagem metodológica (qualitativo, quantitativo ou quanti-qualitativo)¹⁸. Para alguns enfoques temáticos adicionamos demais itens comparativos à tabela, os quais representam particulares de cada categoria.

Para cada trabalho integrante de cada um dos enfoques temáticos, apresentamos um breve resumo, incluindo objetivo da pesquisa (exatamente conforme descreveu o autor), metodologia e principais resultados e conclusões, a fim de situar o leitor. Salientamos que os resumos enfatizam somente os *insights* das pesquisas que dizem respeito à relação entre mulheres e os futs, ou seja, não nos detemos a apresentar o trabalho como um todo. Além disso, para cada enfoque temático, desenvolvemos os resumos enfatizando somente os aspectos relacionados com a categoria em questão.

Por fim, debatemos particularidades apresentadas nas pesquisas de um mesmo enfoque temático, responsáveis por aproximar ou diferenciar os trabalhos entre si. Assumimos que cada pesquisa tem suas singularidades – foram desenvolvidas em momentos e contextos diferentes, compreendem diferentes tipos de futs, abordam públicos alvos que, embora de alguma forma envolvam mulheres que praticam os futs, tem suas características próprias (como idade das participantes, número de pessoas envolvidas, peculiaridades relativas à localização geográfica, diferentes classes sociais, entre outros). Resguardando estas diferenças, estabelecemos alguns diálogos entre as pesquisas por entendermos que dentro de um mesmo enfoque temático os autores de cada trabalho debruçaram-se em estudar os futs de mulheres a partir de perspectivas em comum.

¹⁸ A informação acerca do tipo de trabalho quanto à metodologia foi obtida através de consulta direta às dissertações e teses. Não incluímos neste critério comparativo os trabalhos cujos autores não explicitaram o tipo de abordagem utilizada em sua pesquisa.

Ordenamos as seções que apresentam as discussões de cada enfoque temático em ordem alfabética. Dentro de cada seção, apresentamos os resumos respeitando a ordem cronológica dos anos em que as dissertações ou teses foram defendidas. Em caso de trabalhos defendidos no mesmo ano, tomamos a ordem alfabética do sobrenome dos autores como forma de ordenar as pesquisas. Ainda enfatizamos que mantivemos termos, como por exemplo, o nome das modalidades (futebol, futsal, futebóis) e o uso das expressões sexo e gênero, assim como cada autor utilizou em sua pesquisa.

4.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O título, autor, orientador e ano de publicação das dissertações e teses que se enquadram no enfoque temático Educação física escolar são apresentados no QUADRO 7.

QUADRO 7 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Título	Autor	Orientador	Ano
A educação esportiva de meninas na escola pública: experiências positivas de gênero na educação física	Simone Cecília Fernandes	Helena Altmann	2016
A escola recebe a Copa do Mundo no Brasil	Rebeca Signorelli Miguel	Elaine Prodócimo	2015
As escolhas de adolescentes em aulas de educação física no ensino médio	Antônio Sabino da Silva Filho	Umberto Cesar Correa	2010
Aulas mistas na educação física: tensões e contradições	Michele Ziegler de Mattos	Márcio Xavier Bonorino Figueiredo	2014
De antena ligada na “Atenas Brasileira”: um estudo de recepção midiática em torno da Copa do Mundo de 2014 sob olhares de jovens escolares em São Luís - MA	Ywry Crystiano da Silva Magalhães	Alfredo Feres Neto	2015
Educação física escolar e relações de gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos	Liane Aparecida Roveran Uchoga	Helena Altmann	2012
Jogos de solicitação tático-técnica: estudo de caso de uma metodologia para o ensino do futsal	Givanildo Fávero	José Tarcísio Grunennvaldt	2016
<i>Macho varón sin pepa: a prática dos futebóis na história de vida de atletas da equipe de futebol da Universidade Federal do Rio Grande do Sul</i>	Claudia Yaneth Martínez Mina	Silvana Vilodre Goellner	2016

FONTE: as autoras

A TABELA 8 apresenta as seguintes informações sobre os trabalhos que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia, outros enfoques temáticos em que os trabalhos foram classificados, tipo de escola e nível de ensino.

TABELA 8 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Informação		Quant. trabalhos	Referências
Sexo autor	Feminino	5	(FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MIGUEL, 2015; MINA, 2016; UCHOGA, 2012)
	Masculino	3	(FÁVERO, 2016; MAGALHÃES, 2015; SILVA FILHO, 2010)
Tipo de trabalho	Dissertação	7	(FÁVERO, 2016; MAGALHÃES, 2015; MATTOS, 2014; MIGUEL, 2015; MINA, 2016; SILVA FILHO, 2010; UCHOGA, 2012)
	Tese	1	(FERNANDES, 2016)
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	6	(FÁVERO, 2016; FERNANDES, 2016; MAGALHÃES, 2015; MATTOS, 2014; MIGUEL, 2015; UCHOGA, 2012)
	Quantitativo	0	-
	Quanti-qualitativo	0	-
Trabalhos que classificamos em outros enfoques além de Educação física escolar	Gênero	5	(FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MIGUEL, 2015; MINA, 2016; UCHOGA, 2012)
	Lazer	1	(MINA, 2016)
Tipo de escola	Escola pública	7	(FÁVERO, 2016; FERNANDES, 2016; MAGALHÃES, 2015; MIGUEL, 2015; MINA, 2016; SILVA FILHO, 2010; UCHOGA, 2012)
	Escola particular	1	(MATTOS, 2014)
Nível de ensino	Fundamental	4	(FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MIGUEL, 2015; UCHOGA, 2012)
	Médio	3	(FÁVERO, 2016; MAGALHÃES, 2015; SILVA FILHO, 2010)
	Superior	1	(MINA, 2016)
	EJA	1	(FERNANDES, 2016)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos os resumos dos oito trabalhos do presente enfoque temático.

A pesquisa de Silva Filho (2010, p. 15) teve como objetivo “investigar as escolhas feitas por adolescentes durante as aulas de educação física” a partir das modalidades caminhada, corrida e futsal. A pesquisa foi realizada durante as aulas de EDF escolar ministradas pelo autor junto a alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio de uma escola do município de Carapicuíba – São Paulo. Para cada modalidade elencada, Silva Filho (2010) elaborou quatro diferentes atividades, cada uma envolvendo um tema principal – social, com jogo, competição e *fitness*. Os alunos escolhiam quais atividades gostariam de realizar e, com base nestas escolhas, Silva Filho (2010) traçou um panorama levando em consideração o ano do ensino médio, idade e gênero.

Com relação especificamente ao futsal, o pesquisador constatou que a maioria dos rapazes escolheu as atividades com caráter de competição e jogo, enquanto a maioria das moças optou por atividades sociais e *fitness*. Para Silva Filho (2010), esta configuração poderia estar relacionada às normas sociais e culturais, uma vez que algumas meninas relataram que o futsal não é uma atividade feminina, podendo deixá-las masculinizadas, bem como criticaram o fato de terem que se sujeitar ao contato físico com rapazes mais fortes. Diante deste contexto e dos resultados constatados a partir das outras modalidades pesquisadas, o autor defendeu que o planejamento do professor deveria contemplar atividades com tema social para que houvesse maior adesão por parte de adolescentes do gênero feminino nas aulas de EDF escolar.

Em sua pesquisa de mestrado, Uchoga (2012, p. 19) buscou “analisar as relações de gênero em aulas de educação física com diferentes conteúdos, de modo a compreender como a diversificação destes interfere nas relações de gênero”. Para tanto, a autora realizou um estudo etnográfico e entrevistas junto a professores que trabalhavam com o currículo estabelecido pela Rede Estadual de Ensino de São Paulo nas aulas de EDF e alunos de 5ª, 6ª e 7ª série de duas escolas distintas.

Uchoga (2012) considerou diferentes conteúdos da EDF escolar em sua dissertação – esportes, ginásticas e danças. Com relação aos esportes e, de modo especial nas aulas de futsal, a pesquisadora observou que mesmo com a separação de equipes por gênero, geralmente as meninas assumiam papéis coadjuvantes, não atingindo os objetivos da aula. A autora atribuiu esta configuração às construções de gênero hegemônicas (as quais legitimam os meninos como mais habilidosos e meninas como incapazes), à apropriação cultural de espaços alternativos por parte dos meninos para a prática do futebol (de modo que eles adquiram mais experiências corporais

concretas em ambientes que não somente a escola quando comparados à meninas) e à ideologia de que o esporte não condiz com atributos de feminilidade que se espera de meninas. Por outro lado, Uchoga (2012) observou que meninas habilidosas tinham legitimidade para dividir espaço com os meninos – especialmente nos momentos de livre escolha em que as crianças optavam por jogar futebol.

Diante do contexto acima identificado, a autora fez importantes reflexões envolvendo o futebol, gênero e habilidade. As meninas habilidosas que subverteram a norma conseguiram transitar entre as práticas e não tiveram sua sexualidade questionada em nenhum momento de observação. Já os meninos que não seguiram à regra do “ser bom de bola” – ou seja, não demonstraram habilidades que se espera de um menino – tiveram menos possibilidades de inserção nas aulas, colocando em cheque não somente a própria habilidade, mas também a sua sexualidade. Assim, a autora aponta que gênero não é o único fator de exclusão na EDF escolar, mas que este atua ao lado de outros como habilidade, força e idade.

A partir da análise da entrevista realizada junto aos alunos, Uchoga (2012) depreendeu que muitos discentes entendiam o futebol na escola como uma atividade séria e competitiva, ao contrário daquele praticado em outros espaços de socialização, como ruas ou parques, o que delimitava a participação nas aulas de EDF. Ainda, de modo especial entre as meninas, o fator “amizade” também apareceu como determinante para a prática – as amizades e redes sociais exercem um importante papel no envolvimento e divertimento das meninas durante as aulas de EDF. De uma forma geral, a autora enfatizou a importância da diversificação de conteúdos na EDF como forma de reordenar as relações de gênero que se faziam presentes na escola.

Em sua dissertação, Mattos (2014, p. 18) objetivou “analisar as relações de gênero presentes nas aulas de Educação Física e as dificuldades, tensões e contradições quanto ao ensino de aulas mistas em uma escola de Pelotas/RS”. Como procedimentos metodológicos, a autora adotou observações das aulas de EDF e entrevistas junto ao professor e alunos do 7º ano do ensino fundamental. Vale ressaltar que o professor da disciplina fazia a separação de meninos e meninas durante as aulas.

Através das falas coletadas em entrevistas junto aos alunos, a autora constatou que os meninos gostariam de ter aulas mistas porque achavam a separação chata ou porque era mais divertido jogar com as meninas. A autora identificou que as meninas preferiam atividades separadas dos meninos, pois se sentiam mais fracas e sem

habilidade, além de acharem violento jogar com os meninos e/ou sentirem vergonha. Mattos (2014) elencou algumas questões que justificaram essas falas, como o fato de as meninas não serem estimuladas à jogar durante a vida, sentindo-se menos aptas à prática esportiva; o fato de não terem habilidade representar uma barreira à prática mista; e à crença das meninas de que o seu corpo é mais frágil, não estando, portanto, apto à prática de esporte. Quanto ao professor, Mattos (2014) constatou que o mesmo considera a divisão vantajosa, pois assim ele conseguia dar conta dos dois grupos, além de amenizar as diferenças de habilidades que existem entre meninos e meninas.

A crítica da autora veio no sentido de que não existem discussões de gênero nas aulas que poderiam melhor justificar a escolha pela divisão da turma. Para a autora, o coerente seria a promoção não somente de aulas mistas, mas ensinar a partir de um modelo co-educativo, no qual questões de gênero inerentes às atividades pudessem ser problematizadas (MATTOS, 2014).

Em sua dissertação, Magalhães (2015) propôs “analisar a recepção midiática dos discursos televisivos em torno do futebol por meio dos procedimentos discursivos e interdiscursivos” (p. 15). Além da observação participante das aulas de EDF de uma turma de 1º ano do ensino médio, o autor promoveu um grupo de discussão a partir de matérias do programa Globo Esporte/RJ veiculadas pós-jogo da seleção brasileira de futebol na Copa de 2014 e aplicou um questionário.

O pesquisador observou que, embora as aulas práticas de futebol fossem mistas (isto é, equipes compostas por meninos e meninas), as alunas não se sentiam à vontade em participar das aulas. O autor entendeu que são os discursos enraizados na sociedade que alimentam a discriminação para com as mulheres que praticam futebol. Mesmo que de forma inconsciente, os alunos estão dominados pela ideologia – “seus discursos são formados pelas suas experiências anteriores e por isso reproduzem ideias enraizadas na sociedade” (MAGALHÃES, 2015, p. 84). Deste modo, o autor defendeu que a solução do problema não estava na formação de equipes mistas, mas em problematizar essa temática durante as aulas de EDF.

O intuito da dissertação de Miguel (MIGUEL, 2015, p. 24) consistiu em

compreender relações entre as instituições esportiva e escolar no momento de Copa do Mundo no Brasil presentes na escola pública municipal onde a pesquisa foi realizada, e analisar uma proposta de

intervenção sobre este megaevento nas aulas de Educação Física escolar na mesma escola.

Miguel (2015) utilizou-se de observações, entrevistas, roda de conversa e uma proposta de intervenção junto a uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola da cidade de Campinas – São Paulo. Com a intervenção, a pesquisadora buscou tematizar a Copa do Mundo. Dentre as temáticas levantadas, destacamos a relação “gênero e futebol”, a qual enfatizamos a seguir.

Miguel (2015) identificou que os meninos e meninas da turma estudada estavam habituados à práticas corporais sexistas. Notou resistência no momento da aula prática por parte das meninas e de meninos tidos como menos habilidosos. Para a autora, estes sujeitos são culturalmente excluídos das práticas institucionalizadas de esporte, uma vez que no Brasil o futebol é “esporte de homem” e geralmente baseado no alto rendimento. A autora salientou que a problematização entre gênero e futebol aconteceu de forma constante ao longo das aulas. Para a autora, somente assim é possível desconstruir ideias conservadoras, discriminatórias e violentas com relação à participação das meninas na modalidade, optando por práticas solidárias que envolvem a participação de todos.

Fávero (2016, p. 13) buscou “compreender como os alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Major Otávio Pitaluga, da cidade de Rondonópolis – Mato Grosso, atuam diante dos Jogos de Sustentação Tático-Técnica (JSTT) aplicados ao futsal” em sua pesquisa de mestrado. Os JSTT representam uma alternativa aos métodos tradicionais de ensino, os quais, por sua vez, baseiam-se na repetição e memorização de técnicas e táticas. Adotando o estudo de caso como metodologia, o autor aplicou uma série de 15 JSTT em equipes mistas de uma turma de 1º ano de ensino médio durante as aulas de EDF. Em seguida, realizou uma entrevista junto aos alunos.

Dentre os aspectos analisados, Fávero (2016) considerou os impactos dos JSTT em situações como trabalho coletivo, tomada de decisão, movimentação e posicionamento em quadra, motivação e interesse, entre outros. Com relação especificamente à formação de turmas mistas, o autor observou que, embora tenha havido uma resistência inicial por parte dos meninos da turma, eles demonstraram uma postura de respeito às individualidades das alunas, proporcionando uma maior participação das mesmas nas jogadas coletivas e contribuindo para a evolução do jogo

delas. Na opinião do autor, os SJTT corresponderam a uma metodologia capaz de oportunizar a participação de meninos e meninas envolvidos no processo de aprendizagem.

Em sua tese, Fernandes (2016, p. VII) analisou “a educação esportiva de meninas na escola pública a partir das narrativas de oito docentes da Rede Municipal de Campinas, SP, os quais ensinam esportes coletivos às alunas em suas aulas”. Para tanto, entrevistou oito professores que participaram com frequência dos Jogos Escolares Municipais de Campinas com equipes femininas nas modalidades handebol, voleibol, futsal e basquetebol. Embora a pesquisa tenha considerado os esportes coletivos de uma forma geral, muitas das análises realizadas pela autora e apresentadas adiante dizem respeito especialmente à prática do futebol.

Fernandes (2016) observou que as alunas se afastavam dos fazeres esportivos nas aulas de EDF escolar por conta do reflexo de um mecanismo social que ele denominou de “relações patriarcais”. Neste tipo de relação de gênero, as mulheres são situadas em posições subordinadas e seu valor é negado. Diante desse contexto, a pesquisadora constatou que, para ensinar esportes coletivos à meninas, eram necessárias pequenas (mas repetidas) ações docentes de enfrentamento às relações de gênero patriarcais.

Algumas ações positivas dos professores estudados compreenderam: não permitir que discentes deixassem de fazer as aulas práticas de EDF; buscar transferir a noção de uma natureza dada para a noção de construção a partir de experiências corporais; separar os meninos e meninas, uma vez que esta prática proporcionava às meninas melhores condições de aprender esportes, pois minimizava tensões de gênero associadas à inferiorização das meninas durante as aulas conjuntas; posicionar-se positivamente diante do fazer esportivo das meninas, encorajando-as nas aulas; oportunizar significativas experiências corporais de movimento à meninos e meninas, observando as possibilidades de movimento em suas singularidades e dando o tempo necessário ao aprendizado de cada aluno (FERNANDES, 2016).

O objetivo da pesquisa de Mina (2016, p. VII) consistiu em “analisar as experiências das atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), identificando a forma como a categoria relacional gênero apareceu nos diversos contextos sociais em função de serem mulheres que praticavam este esporte”.

Utilizando a metodologia da história oral, a autora entrevistou 15 atletas da equipe de futsal da UFRGS.

Com relação ao período escolar, Mina (2016) constatou que as meninas eram aceitas nos futebolis dos meninos uma vez que apresentavam habilidade na prática da modalidade – tanto no recreio, quanto nas aulas de EDF. Ainda que a turma fosse dividida por gênero nestas ocasiões, as meninas eram autorizadas pelos professores a jogarem com os meninos. Para a autora, estas foram evidências que a exclusão na prática de alguns esportes ocorre mais pelo fator habilidade do que pelo fator sexo. Nesse contexto, as atletas também relataram o fato de as outras meninas da turma não demonstrarem interesse em jogar futebol, preferindo o vôlei ou o handebol. Mina (2016) entendeu que essa configuração poderia se dar em virtude de aspectos como o fato de a maioria não saber jogar futebol, medo, vergonha e influências sociais na construção de modelos de gênero. A autora ainda inferiu que as experiências esportivas vivenciadas no contexto escolar por aquelas mulheres tiveram grande influência na continuidade da prática em anos subsequentes (MINA, 2016).

Muitos dos trabalhos que abordaram os futs de mulheres e que se enquadraram na categoria Educação física escolar levantaram e discutiram fatores que atuam como barreiras e outros que representam facilitadores à participação das meninas na EDF escolar, especialmente quando a temática das aulas são os futs e/ou os demais esportes coletivos. Estes aspectos serão apresentados e discutidos a seguir.

Uma das temáticas mais aprofundadas nos trabalhos sobre futs de mulheres da categoria Educação física escolar foi a questão da pouca ou nenhuma experiência das meninas com os futs em um contexto extraescolar (FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MINA, 2016; UCHOGA, 2012). Estes autores alegam que os maiores estímulos dados aos meninos fora do ambiente escolar à prática de atividades física oportunizam ao mesmos maiores possibilidades de movimentos, bem como facilitam a aprendizagem de novos conteúdos por parte deles. Conforme apontaram Fernandes (2016), Mattos (2014) e Uchoga (2012), bem como Altmann, Ayoub e Amaral (2011) discutiram em sua pesquisa, é possível afirmar que meninas e meninos são sujeitos a processos socioculturais distintos de educação do corpo. Sousa e Altmann (1999) explicam que o modelo de EDF escolar visou manter, durante muitas décadas, as relações de poder marcadas pela dominação masculina. Para tanto, conservou a simbologia da mulher como um indivíduo frágil e emotivo e do homem como forte e racional, através do

ensino de seus diversos conteúdos, especialmente dos esportes. Assim, a mulher foi colocada como menos propensa ao conteúdo esportivo. Além desta herança cultural, Altmann, Ayoub e Amaral (2011) afirmam que o fazer esportivo muitas vezes ainda se caracteriza pela noção de algo inato e decorrente de razões biológicas. Goellner (2010) e Fernandes (2016) ressaltam que antes mesmo da aquisição de experiências corporais, o corpo é tomado como algo *a priori* naturalmente dado, fato que justifica as distinções entre fazeres e saberes e resulta na transformação do arbitrário cultural em natural. Assim, Fernandes (2016) e Louro (2003) assinalam que aos corpos de meninos são associadas características como atributos por excelência específicos a eles – mais corajosos, fortes, velozes. Aditivamente, a referência de norma em nossa sociedade diz que os meninos/homens devem gostar de esportes e praticá-los com eficácia justamente pelo fato de “serem meninos”.

Outra temática recorrente nos trabalhos sobre futs de mulheres analisados diz respeito à separação da turma entre meninos e meninas ou à manutenção de turmas mistas (FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MINA, 2016; UCHOGA, 2012). Conforme explicam Altmann (1998) e Dornelles (2011), e Fernandes (2016) e Mina (2016) debateram em suas pesquisas, os motivos que levam os professores a optarem pela divisão entre os alunos geralmente estão relacionados à naturalização de diferenças culturais entre meninos e meninas – expressões de diferença corporal entre meninos e meninas que se evidenciam, especialmente, em aulas de esporte. Em sua tese, Fernandes (2016) concluiu que a separação entre meninos e meninas proporcionou às meninas melhores condições de aprender esportes, uma vez que as tensões de gênero foram minimizadas nesse contexto. Mas ela apontou para a necessidade de se problematizar a naturalização de representações de feminilidade e masculinidade que serve de base a esta divisão nas aulas de EDF escolar. A autora também reconheceu que distribuições que separam meninos e meninas podem não viabilizar o aprendizado de todos discentes – como o caso de meninos pouco habilidosos (conforme discorreremos mais adiante). Bem como, conforme ressaltou Uchoga (2012), impossibilitar a transição entre as fronteiras, ou seja, não permitir que meninos joguem com meninas e vice-versa. Neste sentido, como apontam Altmann, Ayoub e Amaral (2011) e como Mattos (2014) identificou em sua dissertação, práticas coeducativas podem trazer possibilidades positivas como socialização, integração e troca de experiências, possibilitando a problematização e desconstrução de estereótipos de gênero e promovendo o respeito às diferenças.

Quanto às práticas coeducativas, Fernandes (2016) chama a atenção para o fato de que a simples flexibilização de regras em favor de meninas e de meninos menos habilidosos pode não contemplar o conjunto de saberes que vão além da prática esportiva em si. Altmann, Ayoub e Amaral (2011) e Sousa e Altmann (1999) enfatizam que é preciso cautela para que as dificuldades de estas meninas não se tornem ainda mais enfatizadas e visibilizadas – o ajuste, neste caso, está sendo sugerido por conta da “debilidade” feminina. Reforçando, conforme aponta Louro (2003, p. 74), “a ideia que o feminino é um desvio construído a partir do masculino”.

Com relação aos alunos, os trabalhos levantados mostraram divergências de opiniões quanto às preferências dos mesmos com relação às aulas divididas ou mistas. As dissertações de Mattos (2014) e Uchoga (2012) constataram que as meninas vêm a separação como vantajosa porque elas não se consideram hábeis em determinadas práticas esportivas ou por apontarem diferenças físicas em que os meninos levam vantagem. Por outro lado, a pesquisa de Mina (2016) verificou que as meninas queriam jogar futebol junto aos meninos devido ao fato de as demais meninas da turma não demonstrarem interesse pela modalidade.

Conforme citamos anteriormente, a divisão da turma entre meninos e meninas pode intervir no aprendizado de meninos pouco habilidosos, temática que fora abordada por algumas pesquisas analisadas (FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; UCHOGA, 2012). Fernandes (2016) destaca que, ainda que sejam exceções, meninos com poucos saberes esportivos passam a demandar maior atenção e estímulos diferenciados para que aprendam esportes nas aulas de EDF escolar. Uchoga (2012) identificou que diante da exposição frente aos seus pares e da possibilidade de serem excluídos frente à falta de habilidade no futebol, estes alunos acabam sendo menos inseridos nas aulas de EDF e perdem a legitimidade nas práticas esportivas.

Em relação à percepção dos professores com relação à separação da turma entre meninos e meninas, Fernandes (2016) e Uchoga (2012) identificaram o receio por parte de alguns docentes de que, ao permitirem que os meninos realizem práticas esportivas junto às meninas, eles fossem estigmatizados como “mariquinha”, “menos menino”. Nossa cultura impõe que o gênero masculino deve ter habilidades no futebol e que praticar a modalidade é assumir-se como menino, aceitando um tipo de masculinidade hegemônica que inclui, dentre outros aspectos, a heterossexualidade. Ao subverterem à norma e procurarem o grupo de meninas para jogar futebol – as quais não são consideradas detentoras das habilidades que a modalidade exige –, os meninos

acabam por arriscar sua própria masculinidade perante seus pares. Deste modo, realizar as aulas de EDF junto às meninas pode acentuar a suspeição da sexualidade dos meninos menos habilidosos. Fernandes (2016) faz uma importante reflexão no sentido de que esse pensamento machista, que justifica questionar a masculinidade dos meninos que escolhem jogar com as meninas, também impõe uma inferiorização no fazer esportivo das meninas, uma vez que reforça a ideia de que os meninos são detentores de um estilo de jogo “superior”.

Algumas das dissertações e teses que abordaram os futs de mulheres no contexto da Educação física escolar discutiram aspectos relacionados à meninas com saberes prévios na modalidade (FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MINA, 2016; UCHOGA, 2012). Embora, segundo Fernandes (2016), meninas que são estimuladas no ambiente extra escolar à prática esportiva sejam exceção, elas acabam tendo maior interesse pela prática corporal durante as aulas de EDF e adquirem novas experiências corporais. Conforme enfatiza Hills (2007) e alguns autores das dissertações e teses do presente enfoque temático (FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MINA, 2016; UCHOGA, 2012), a habilidade destas meninas lhes dá legitimidade para que participem das atividades e disputem espaço junto aos meninos. Fernandes (2016) e Mina (2016) identificaram que meninas que se destacam por conta de seus fazeres esportivos na escola acabam sendo referência para outras alunas, de modo que isto representa um estímulo social à prática esportiva das meninas. Contudo, alguns autores alertaram para a possibilidade de estas meninas estarem expostas à estigmas que as caracterizam como “meninas macho”. Na dissertação de Silva Filho (2010), as próprias alunas, ao optarem por práticas de futsal com caráter mais social e *fitness*, argumentaram que o futsal não é uma atividade feminina e que sua prática poderia deixá-las com feições masculinizadas.

Mina (2016) identificou em sua pesquisa que esta “preocupação” estava presente no ambiente familiar, especialmente por parte das mães. Muitas argumentavam que suas filhas pareciam meninos, que iriam ficar masculinizadas pela convivência com os meninos no esporte ou que deveriam praticar modalidades “voltadas para mulheres” (como voleibol, ginástica ou dança). Neste contexto, conforme também aponta Altmann (1998), as mães entendiam que suas filhas, ao adentrarem no universo do futebol, estariam transgredindo as normas sociais de gênero, uma vez que o futebol é percebido como um esporte para meninos e que masculiniza. De acordo com Mina (2016), a iniciação das meninas na prática do futebol teve influência direta de “irmãos, primos, pais, tios ou amigos meninos” (p. 64), evidenciando, segundo a autora, a diferenciação

por gênero que caracteriza o futebol: as normas socioculturais impõem que homens devem não somente gostar de esportes, como também praticá-los. Naturalmente, acabam criando gosto pela atividade esportiva e podem se tornar influenciadores daqueles que fazem parte de seu convívio.

Algumas das dissertações e teses sobre os futs de mulheres que se enquadraram na categoria Educação física escolar (FERNANDES, 2016; MIGUEL, 2015; UCHOGA, 2012) concluíram, conforme também atestam Sousa e Altmann (1999), que gênero não representa o único critério produtor de exclusão na EDF escolar. Ele combina-se com outros fatores como habilidade, força e idade.

Outra barreira discutida nas pesquisas que abordaram os futs de mulheres na temática Educação física escolar diz respeito às questões de feminilidades (FERNANDES, 2016; MINA, 2016; UCHOGA, 2012). Fernandes (2016) observou que ao longo da vida, a menina/mulher é exposta à modelos de feminilidade que determinam os marcos de mobilidade controlada do corpo, formas de vestir, maquiar e comportar – assim, no contexto da EDF escolar, geralmente as meninas não querem transpirar, tem medo de quebrar a unha, utilizam adornos e adereços, não querem que o cabelo desarrume. Uchoga (2012) constatou que durante a pré-adolescência, o “brincar/jogar na rua” desaparecia do cotidiano das meninas por ela estudadas, o que já não foi constatado com relação aos meninos. Neste período e durante a adolescência, conforme também afirma Fernandes (2016), às meninas é imposta uma feminilidade normativa, com o cercamento dos gestos e dos movimentos do corpo. Enquanto aos meninos são atribuídas ocorrências de força física, representando um período em que as distinções culturais entre os corpos de meninos e meninas se tornam mais evidentes.

Duas pesquisas constataram forte resistência familiar – especialmente por parte das mães – com relação à prática esportiva das meninas (MINA, 2016; UCHOGA, 2012). Conforme discutimos outrora, Mina (2016) observou resistência nos discursos das mães das atletas não somente com relação às possibilidades de suas filhas ficarem masculinizadas, mas também notou que as mães alegavam preocupações voltadas às possibilidades de as meninas se machucarem. Devido a um pequeno acidente ocorrido durante a aula de EDF, Uchoga (2012) relatou que mães de alunas solicitaram à escola que os alunos não fossem obrigados a participar das aulas práticas, realizando trabalhos e/ou relatórios como alternativas. A solicitação foi acatada pela direção da escola, que repassou a recomendação à professora de EDF. Para a autora, tanto a solicitação quanto o aceite da direção representaram a legitimação de um discurso de que as meninas não

sabem e, por não saberem, estão expostas ao risco de se machucarem. Descaracterizando, assim, as aulas de EDF escolar como um momento de aprendizagem.

Dois trabalhos abordaram a constituição de corpos através do conceito de fisicalidade (FERNANDES, 2016; UCHOGA, 2012). De acordo com Hills (2007), o termo é associado, no contexto esportivo, à masculinidade. O corpo esportivo ideal ou o sucesso esportivo são retratados como noções que reforçam a masculinidade hegemônica, perpetuando as tradicionais relações de poder de gênero. A educação física compreende um tempo-espço social dinâmico no qual os alunos experimentam e interpretam a fisicalidade em distintos contextos, acentuando os relacionamentos entre os pares e privilegiando formas particulares de incorporação. Para Fernandes (2016) e Uchoga (2012), o rompimento com as noções que vinculam o sucesso esportivo ao corpo masculino, bem como o desenvolvimento da fisicalidade por parte das meninas, podem ser alcançados por meio de um possível empoderamento proporcionado à meninas durante as aulas de esportes na EDF escolar. Como afirmou Fernandes (2016, p. 96), “a diferença entre os corpos é situacional. Trata-se, portanto, de problematizar os processos sociais que atuam nesta produção hegemônica e hierarquizada das diferenças corporais”.

Diante destes aspectos discutidos nas dissertações e teses e aqui apresentados, Fernandes (2016) e Uchoga (2012) enfatizaram a importância do agir docente em vários âmbitos. Assim como reforçam Goellner (2010) e Hills (2007), é fundamental a problematização da constituição heterogênea do corpo biológico frente à prática esportiva. Os atores que fazem parte do ambiente escolar devem compreender que as diferenças entre os gêneros são históricas e socialmente construídas. O professor deve colocar as meninas como sujeitos plenos de possibilidades frente ao ato de aprender esportes, negando que seja necessário um saber prévio para tal e encorajando-as na certeza de que as meninas conseguem fazer bem. De acordo com Fernandes (2016), o professor deve valorizar situações em as meninas vencem suas dificuldades, proporcionando empoderamento às mesmas. Conforme aponta Garrett (2004), um dos desafios da EDF escolar consiste em encontrar meios de empoderar meninas para que sintam-se mais confiantes e habilidosas no uso de seus corpos, ao invés de terem seus corpos limitados por formas restritivas de padrões corporais de gênero. Hills (2007) complementa afirmando que meninas que obtêm graus variados de sucesso em diferentes situações da EDF escolar sentem-se confiantes em sua capacidade de

demonstrar sucesso. Isto pode representar pontos de partida para transformar ideias de fisicalidade, atividade física e sua relação com a feminilidade.

Fernandes (2016) também ressalta que os professores devem incentivar as meninas como sujeitos plenos de condições de aprender nas aulas de EDF e se tornarem detentoras de status social por meio do fazer esportivo. Essa atitude docente minimiza alguns recursos estéticos e possibilita um fazer eficaz nos esportes, permitindo, até mesmo, que se mantenha certo modelo de feminilidade.

Quanto à separação ou não da turma entre meninos e meninas, Fernandes (2016) ressalta que a escolha docente sempre será uma questão contextual. Não há consenso sobre um formato de aula mais adequado. Porém, como também afirma Dornelles (2011), é necessário o questionamento e a problematização do que se constitui como natural no contexto da EDF escolar.

A temática Educação física escolar foi a segunda mais recorrente nas dissertações e teses que abordam os futs de mulheres. Se pesquisadores vêm se dedicando de forma intensa à estudar e compreender como estão se estabelecendo as aulas de educação física frente às diferentes possibilidades que envolvem meninos e meninas, é porque o campo da educação física escolar vem se constituindo como um espaço em que as questões de gênero estão emergindo e não vêm sendo negligenciadas – tanto na prática, por parte dos professores (como pudemos observar nas pesquisas aqui analisadas), como no âmbito acadêmico-científico. Conforme destacou Uchoga (2012), reafirmando Goellner (2010), o espaço da EDF física escolar tem sua relevância na medida em que, muitas vezes, representa o único a garantir que diferentes práticas corporais sejam vivenciadas e aprendidas por meninos e meninas. Desta forma, na medida em que as pesquisas reconhecem e problematizam as dificuldades encontradas, bem como sistematizam e difundem boas práticas docentes, elas contribuem para desconstruir estereótipos ainda existentes acerca de meninos e meninas durante as aulas de educação física escolar. Elas também cooperam para que os bons exemplos identificados possam ser seguidos em outros ambientes escolares.

4.2 ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS

O título, autor, orientador e ano de publicação das dissertações e teses que se enquadram no enfoque temático Escolinhas e projetos que envolvem futs são apresentados no QUADRO 8.

QUADRO 8 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS

Título	Autor	Orientador	Ano
As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?	Aline Edwiges dos Santos Viana	Helena Altmann	2012
Discursos e experiências pedagógicas de gênero no Programa Segundo Tempo	Aline Laila Gomes	Ludmila Nunes Mourão	2015
Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivo de confronto no lazer	Alexandre Jackson Chan Vianna	Ludmila Nunes Mourão	2010

FONTE: as autoras

A TABELA 9 apresenta as seguintes informações sobre os trabalhos que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia, outros enfoques temáticos em que os trabalhos foram classificados e o contexto da pesquisa (projeto social ou escolinha de futebol).

TABELA 9 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS

Informação	Quant. trabalhos	Referências
Sexo autor	Feminino	2 (GOMES, 2015; VIANA, 2012)
	Masculino	1 (CHAN-VIANNA, 2010)
Tipo de trabalho	Dissertação	2 (GOMES, 2015; VIANA, 2012)
	Tese	1 (CHAN-VIANNA, 2010)
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	2 (CHAN-VIANNA, 2010; GOMES, 2015)
	Quantitativo	0 -
	Quanti-qualitativo	0 -
Trabalhos que classificamos em outros enfoques além de Escolinhas e projetos que envolvem futs	Gênero	3 (CHAN-VIANNA, 2010; GOMES, 2015; VIANA, 2012)
	Lazer	1 (CHAN-VIANNA, 2010)
Contexto	Projeto social	2 (CHAN-VIANNA, 2010; GOMES, 2015)
	Escolinha de futebol	1 (VIANA, 2012)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos os resumos dos três trabalhos do presente enfoque temático.

A tese de Chan-Vianna (2010, p. VI) dedicou-se a “compreender quais as representações que sustentam a permanência de mulheres nesses esportes [coletivos de

confronto] por lazer”. Através da etnografia, o autor fez uso de diário de campo, fotos, filmagens e pequenos questionários. O local de observação foi um Centro Esportivo na cidade do Rio de Janeiro, no qual era promovido um projeto de iniciação esportiva socioeducativo com a oferta de 25 modalidades distintas. Chan-Vianna (2010) acompanhou uma turma exclusiva de mulheres que, apesar de treinarem em quadra de futsal, seguiam as regras do jogo de futebol de campo. Além deste ambiente, observou as mesmas mulheres em contextos como festas, churrascos, locais de convivência mútua, entre outros. Foram 12 mulheres com idades entre 19 e 24 anos. Contemplamos, a seguir, os aspectos desta pesquisa que dizem respeito mais especificamente às peculiaridades voltadas à categoria Escolinhas e projetos que envolvem futs.

Considerando os demais esportes coletivos ofertados pelo Centro Esportivo, o futebol era o único que tinha uma turma exclusiva de mulheres. As aulas, que compreendiam fundamentos técnico-táticos e jogos e tinham duração de uma hora, ocorriam no período da tarde. O autor observou que o encontro entre as mulheres começava cerca de duas horas antes e terminava no final da tarde/início da noite. As mulheres passavam cerca de 40 a 60 minutos no vestiário nos períodos pré e pós aulas. Para Chan-Vianna (2010), este representava um ambiente mais reservado para as meninas conversarem, compreendendo um tempo/espço de sociabilidade. O autor notou que o grupo do futebol diferenciava-se dos demais grupos que praticavam outras modalidades no Centro Esportivo pelas marcas simbólicas de feminilidade desviante que a maioria das praticantes apresentava. O estigma da masculinização era, inclusive, reconhecido dentro da própria equipe de futebol, o que fazia com que aquelas mulheres, como estratégias de ação e de contestação, buscassem se afirmar como mulheres de atitude, sagazes e respeitadoras das individualidades.

Chan-Vianna (2010) identificou o projeto como uma alternativa para que aquelas mulheres, que haviam jogado futebol ao longo de suas vidas, continuassem praticando a modalidade. Contudo, entendeu que o estigma que lhes era imputado tornava a participação das mulheres naquele grupo desconfortável – mas isso não as impedia de jogar.

A dissertação de Viana (2012, p. 27-28) teve como intuito

observar, analisar e entender as relações entre meninos e meninas em uma escola franqueada [escola de futebol que utiliza a imagem e a marca de um clube profissional de futebol], ressaltando a importância

de compreender a relação dos professores com os/as alunos/as e as intervenções pedagógicas que permeiam as estruturas e linhas do campo

A autora realizou uma pesquisa etnográfica em uma escolinha de futebol que ofertava aulas mistas na cidade de Campinas – São Paulo. A turma era composta por 23 alunos, sendo cinco meninas (estas com faixa etária entre 16 e 28 anos). Ela fez uso de observação participante e realizou entrevistas junto a 15 indivíduos – o professor e alguns alunos. Para a análise de dados, utilizou a técnica do *scalt*¹⁹, com base em 6 jogos filmados.

Viana (2012) observou que o preconceito de gênero era reproduzido verbalmente e corporalmente em todo o contexto da escolinha – pelo professor, alunos e pais de alunos –, reforçando a hegemonia masculina no que diz respeito à prática do futebol. Ao se desviarem e romperem com as normas e expectativas sociais, as meninas eram criticadas verbalmente ou ignoradas nas situações de jogo. Também notou que meninas detentoras de um capital de beleza, mesmo que não soubessem jogar tão bem, eram disputadas no momento em que os meninos escolhiam atletas para formar seus times. Ela ainda verificou problemas na aprendizagem relacionados à forma inadequada de organização da turma e ao procedimento pedagógico adotado pelo professor. Além de utilizar um critério duvidoso de divisão de equipes por habilidade, desconsiderando fatores como diferença de idade e história de vida, o professor ministrava uma aula baseada no ensino tradicional do futebol, enfatizando apenas fundamentos técnicos-táticos.

A autora concluiu que os procedimentos utilizados na escolinha não permitiam que todos aprendessem a prática do futebol. Assumindo que são vários os agentes que participam da construção dos corpos masculino e feminino – pais, amigos, escola, professores e treinadores, clubes e escolas de esportes, mídia, projetos sociais – as intervenções do professor deveriam considerar as diferentes experiências corporais, culturais e sociais de cada aluno. Para a autora, a prática pedagógica da escolinha observada não era pautada em princípios de equidade de gênero no que se refere ao ensino e aprendizagem do futebol (VIANA, 2012).

O estudo desenvolvido por Gomes (2015, p. IX) buscou

¹⁹ Representa uma ficha de controle de desempenhos de atletas (TENROLLER, 2004).

analisar a inserção e permanência de meninas e meninos nos núcleos do PST [Programa Segundo Tempo] de Ubá/MG, bem como os processos sociais que resultam em discrepância na participação entre os gêneros; e identificar de que formas os discursos sobre gênero se materializam nas intervenções pedagógicas dos coordenadores de núcleo.

A autora realizou entrevistas com coordenadores de 15 núcleos do PST e observou 9 aulas em 4 núcleos. Utilizou a análise de conteúdo para o tratamento dos dados.

Em 14 dos 15 núcleos observados, os meninos eram maioria nas turmas. Grande parte dos coordenadores entrevistados indicou dificuldades quanto à inclusão de meninas nas atividades. Dentre os motivos, aspectos como: predominância de meninos e alto nível de competitividade deles; resistência de meninos e meninas em praticarem atividades juntos uns dos outros; falta de interesse de meninos e meninas por determinadas modalidades; barreiras que os pais colocavam para as meninas participarem do programa. Embora existam recomendações por parte do PST para que o trabalho seja realizado com turmas mistas, Gomes (2015) constatou divisões em alguns núcleos – por habilidade, faixa etária e por gênero. Quanto à esta última, os coordenadores justificaram por questões de força física e por conta de as meninas poderem se machucar. A autora ainda observou que o principal motivo que atrapalhava a manutenção das meninas nos núcleos compreendiam as tarefas domésticas.

Através dos dados levantados, Gomes (2015) concluiu que os educadores encontraram dificuldades para trabalhar de forma coeducativa nos núcleos. Nesse sentido, a autora ressaltou a importância da formação continuada ofertada pelo programa. Além disso, sugeriu que os coordenadores dos núcleos realizassem trocas de experiências entre si; aproximassem a família do programa, dialogando no sentido de reverter a discriminação de gênero no âmbito familiar; e que criassem condições de problematizar as diferentes realidades encontradas nos núcleos de forma conjunta com os alunos, promovendo o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de cada sujeito.

Tendo em vista que a escolinha e os projetos estudados nos trabalhos acima expostos possuem particularidades que os diferenciam entre si, optamos por, primeiramente, apresentar de forma mais aprofundada os objetivos e/ou características

de cada projeto, a fim de melhor situar o leitor. A seguir apresentaremos o contexto das pesquisas.

À época da pesquisa de Chan-Vianna (2010), o Centro Esportivo Miécimo da Silva representava o maior aparelho de lazer esportivo da cidade do Rio de Janeiro. Este disponibilizava mais de 25 modalidades e contava com um público semanal de 15.000 usuários. Este complexo abrigava um projeto de iniciação socioeducativo da prefeitura, cuja principal referência eram as aulas de iniciação esportiva gratuitas. Esperava-se que o princípio norteador das ações pedagógicas fosse a inclusão social. Quanto ao Programa Segundo Tempo, considerado na pesquisa de Gomes (2015), à época da pesquisa era gerenciado pelo Ministério do Esporte e consistia em ações de esporte educacional voltadas a crianças, jovens e adolescentes, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade social. A concretização do programa se dava por meio de convênio entre entidades públicas e o Ministério do Esporte. As atividades eram ofertadas em núcleos e no período de contraturno escolar. A princípio, as modalidades esportivas deveriam ter caráter educacional (BRASIL, 2014 apud GOMES, 2015, p. 19)²⁰. A escola de futebol estudada por Viana (2012), intitulada de forma fictícia como “Mestre da Bola Futebol Clube” e localizada na cidade de Campinas-SP, recebia muitos alunos não somente por sua boa localização e estrutura, mas por representar uma franquia de um time de futebol para o qual muitos torciam. Contava com quase 500 matriculados.

Destacamos o fato de que nos dois projetos sociais eram ofertadas outras modalidades além dos futs. No projeto socioeducativo observado por Chan-Vianna (2010) haviam as modalidades, além do futebol: ginástica rítmica desportiva, dança, ginástica localizada, voleibol, judô, handebol e basquetebol. Na faixa etária acima de 15 anos, as mulheres se faziam participantes em todas as atividades, em maior número naquelas relacionadas à estética e bem estar corporal. Já no caso do Programa Segundo Tempo, deveriam ser ofertadas no mínimo duas modalidades coletivas e uma modalidade individual para turmas até 15 anos; acima dessa faixa etária, os núcleos poderiam ofertar apenas uma modalidade para as turmas, de acordo com o interesse dos alunos. Nas entrevistas realizadas por Gomes (2015), a autora constatou que as modalidades mais trabalhadas nos núcleos estudados eram futsal, handebol, voleibol,

²⁰ Optamos por utilizar a definição constante na pesquisa uma vez que a descrição mais atualizada do Programa Segundo Tempo apresenta algumas diferenciações que poderiam descaracterizar o contexto trabalhado por Gomes (2015).

basquetebol, atletismo, natação e dança – sendo que a predominância de meninos se dava no futsal; e de meninas na dança.

Especialmente com relação aos projetos, estudados por Chan-Vianna (2010) e Gomes (2015), ambos apresentavam propostas de caráter educacional. Contudo, Gomes (2015) identificou, a partir da fala de um dos coordenadores do núcleo, uma perspectiva de trabalho voltada à concepção de esporte de rendimento (principalmente nas modalidades de futebol e futsal), afastando a prática da proposta sugerida pelo Programa Segundo Tempo. Para a autora, a metodologia de trabalho daquele professor privilegiava os mais aptos e habilidosos, excluindo os demais sujeitos da prática – geralmente as meninas. Chan-Vianna (2010) também verificou que as atividades realizadas no projeto por ele estudado seguiam um padrão típico de treinos de futebol, em que o professor aplicava repetições de movimento técnicos e atividades de condicionamento físico. Na percepção das participantes, esses tipos de exercícios não eram lúdicos e, uma vez que elas não participavam de competições, não viam motivos para terem que se submeter às atividades enfadonhas. Como agravante, o autor percebeu que, no intuito de único de conformar as participantes do projeto às normas sociais vigentes, não se faziam presentes intervenções, de forma sistemática, relativas à questões de gênero.

Viana (2012) observou que na escolinha de futebol não havia uma prática organizada e sistematiza do processo de ensino em que se observassem questões inerentes ao gênero. O professor não problematizava as diferenças culturalmente estabelecidas entre os gêneros, adotando critérios didáticos que desconsideravam particularidades como diferenças de faixa etária, características individuais e conhecimento acumulado dos sujeitos. A autora também identificou um ensino baseado em gestos técnicos. Além disso, propostas de adaptações nas atividades impostas pelo professor ora desagradavam os meninos – porque limitavam o uso de atributos e técnicas corporais que estes já tinham acumulado ao longo de suas experiências prévias –, ora desagradavam as meninas – porque elas não tinham habilidades suficientes para acompanhar a atividade.

A forma como as equipes eram divididas para o momento dos jogos denunciou, conforme Gomes (2015) e Viana (2012) identificaram, ausência de critérios explícitos e reflexivos por parte dos professores. Viana (2012) notou que, embora o professor afirmasse dividir as equipes a partir da habilidade dos alunos, sempre eram escolhidos primeiramente todos os meninos – mesmo os que não apresentavam tanta habilidade no

futebol – e, por fim, eram divididas as meninas. Estas dificilmente jogavam em uma mesma equipe. Quando isso acontecia, os meninos contestavam, afirmando que o time havia ficado mais fraco – sendo que, em muitos casos, no outro time haviam meninos menos habilidosos do que as meninas. Gomes (2015) identificou que o professor de um núcleo separava as turmas por questões de habilidade, a fim de preservar os menos habilidosos, e outros dois coordenadores separavam as meninas dos meninos nas aulas de futsal. Dentre os motivos, alegaram questões de os meninos serem “fominha” para jogar futebol (o que poderia excluir as meninas da prática), força física e possibilidades de as meninas se machucarem.

Conforme afirmam Altmann, Ayoub e Amaral (2011) e discutimos de modo conveniente na seção EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, os autores do presente enfoque temático (CHAN-VIANNA, 2010; GOMES, 2015; VIANA, 2012) também reconheceram que os diferentes processos socioculturais e diferentes oportunidades de conhecimento a que meninos e meninas são submetidos em seus regimes de educação corporal implicam em efeitos importantes sobre as habilidades acumuladas por estes sujeitos. Dornelles (2011) reforça que as representações de masculinidade e feminilidade que servem como justificativas para amparar as escolhas de professores no momento de dividir a turma acabam sendo naturalizadas. Para Gomes (2015) e Viana (2012), estas escolhas deveriam ser problematizadas, especialmente no contexto dos projetos por elas estudados.

Para além deste fator, conforme também mencionamos anteriormente e apontam Altmann, Ayoub e Amaral (2011), Louro (2003) e Sousa e Altmann (1999), critérios de divisão de equipes e propostas de adaptação nas regras do jogo a fim de tornar as atividades mais inclusivas para as meninas podem enfatizar e tornar ainda mais visibilizadas as dificuldades apresentadas por elas. Esta constatação também foi verificada na dissertação de Gomes (2015). Goellner *et al.* (2010) identificaram em sua pesquisa que o uso de critérios que combinam grau de habilidade motora e gênero podem representar um dos motivos da ausência e evasão de alunos dos núcleos de esporte e lazer.

Diante dos aspectos levantados até aqui, observamos diversas críticas expostas especialmente nos trabalhos de Gomes (2015) e Viana (2012). As autoras denunciaram a falta de preparo por parte dos professores para lidar com as diferenças de gênero, a naturalização dos discursos biológicos por parte dos professores, os procedimentos pedagógicos inconsistentes com as propostas da escolinha/projeto e a reprodução de

discursos socioculturais enfatizando a superioridade dos corpos masculinos. Mais à frente, finalizando esta seção, apresentaremos algumas sugestões das autoras como possíveis encaminhamentos a serem tomados.

Os motivos que levaram as meninas/mulheres a adentrarem e permanecerem nas escolinhas e projetos foram distintos nas pesquisas analisadas. Chan-Vianna (2010) identificou que o projeto socioeducativo representava uma forma das mulheres estudadas continuarem jogando futebol, uma vez que elas gostariam de ter se profissionalizado na modalidade, mas interromperam seus planos na medida em que tiveram que priorizar outros projetos de vida. A continuidade no projeto, na visão do autor, se deu pelo espaço de socialização e lazer que o mesmo proporcionava às meninas. Já na pesquisa de Viana (2012), as meninas adentraram na escolinha de futebol em virtude de amigas próximas terem iniciado a prática e as convencerem a iniciar também. A autora identificou, dentre os fatores para manutenção na escolinha, os benefícios estéticos proporcionados pela prática do futebol. Os motivos de inserção e permanência de alunas não foram trabalhados por Gomes (2015). A autora apenas identificou fatores que impossibilitaram a permanência de meninas nos núcleos – tarefas domésticas, falta de incentivo por parte dos pais e violência nos bairros em que residiam.

Chan-Vianna (2010) e Viana (2012) constataram que as meninas mais habilidosas eram aquelas que haviam tido vivências corporais relacionadas ao futebol durante a infância em espaços informais, como a rua. No caso da pesquisa de Viana (2012), em que também haviam meninos na equipe observada, a autora percebeu que os meninos menos habilidosos eram aqueles que haviam iniciado tardiamente a prática da modalidade. Estes relatos reforçam a necessidade, como mencionamos anteriormente e conforme apontam Altmann, Ayoub e Amaral (2011), da desconstrução dos discursos pautados em razões biológicas e inatas para justificar a diferença de habilidades entre meninos e meninas no contexto das escolinhas/projetos.

As pesquisas que estudaram os futs de mulheres sob a ótica das Escolinhas e projetos que envolvem futs apresentaram diferentes perspectivas familiares sobre o fato de terem uma integrante mulher jogando futebol. No caso da pesquisa de Chan-Vianna (2010), as preocupações constantes das mulheres estudadas com relação aos seus familiares se relacionavam com o tipo de conduta e imagem que deveriam apresentar diante deles. Tanto por conta do estigma que carregavam por jogar futebol no projeto, quanto em ocasiões em que assumiam suas opções sexuais e precisavam expor à família

o estilo de vida que escolheram para si. Contudo, o autor notou que, ao invés de promover uma ruptura com os valores familiares, as jogadoras buscavam se conformar às referências em que foram criadas. Os achados de Viana (2012) com relação aos familiares dizem respeito à participação destes como espectadores durante os treinamentos na escolinha. Enquanto os membros das famílias dos meninos permaneciam ao redor da quadra acompanhando e “participando” das atividades, por meio de gritos e aplausos, as meninas não eram assistidas por seus familiares durante os treinos. Gomes (2015) constatou que o núcleo familiar representava a maior dificuldade de inserção e permanência das meninas no projeto. A maioria dos coordenadores entrevistados apontou a questão das tarefas domésticas como empecilho para as meninas adentrarem e se manterem no projeto.

A tese de Souza Júnior (2013), embora não se enquadre no presente enfoque temático, trouxe um aspecto de discussão que envolve família e escolinhas de futebol que vale a pena aqui apresentar. Ele fez menção ao fato de os pais se preocuparem com suas filhas jogando futebol na rua. Mas constatou que em escolinhas os pais acabavam permitindo que as filhas jogassem. Com base em Moura (2005 apud SOUZA JÚNIOR, 2013, p. 243), o autor entende que, para além do futebol ser considerado uma reserva de exercitação da masculinidade hegemônica, a rua representa um dos maiores espaços públicos ligados ao exercício da masculinidade. Desta forma, as escolinhas de futebol, em seu caráter menos público que a rua, acabavam amenizando a participação das filhas na modalidade. O projeto socioeducativo também foi reconhecido com um caráter menos público por Chan-Vianna (2010). O autor identificou que naquele espaço as mulheres por ele estudadas poderiam expressar – mais do que em outros locais públicos do cotidiano – suas individualidades e valorizar características contrárias ao padrão da feminilidade tradicional. Na tentativa de correlacionar as constatações dos dois autores, entendemos que as escolinhas e projetos representam espaços mais reservados no qual as meninas/mulheres podem jogar o seu futebol e expressar as suas emoções sem serem submetidas a intensos julgamentos sociais.

As pesquisas de Chan-Vianna (2010) e de Viana (2012) trouxeram alguns aspectos que discutem a feminilidade. Conforme já apontado anteriormente, o grupo observado por Chan-Vianna (2010) era composto somente por mulheres. Estas conviviam com o estigma da masculinidade e assumiam a condição de desviantes da feminilidade tradicional. Elas inclusive rotulavam as mulheres vinculadas à feminilidade tradicional – como frescas, delicadas entre aspas, cheias de não me toque e

com exagero na preocupação estética. Mas, ao mesmo tempo, elas tomavam cuidado para não exteriorizar um tipo exacerbado masculinidade, visando preservar a imagem do grupo perante a sociedade. Para elas, esse tipo de exibição de masculinidade era o que denigria a imagem que as pessoas tinham sobre as mulheres que praticam futebol. Viana (2012), por outro lado, notou preocupações evidentes com a beleza e o corpo entre algumas das meninas observadas, as quais mantinham padrões de feminilidade inclusive dentro de campo – com uso de maquiagem e calções curtos. A autora também constatou que, embora não detentoras de habilidade, estas meninas possuíam um capital de beleza, o que fazia com que fossem disputadas pelos meninos quando estes eram responsáveis por escolher suas equipes. Conforme destaca Altmann (2009, p. 63), “o corpo feminino como objeto de admiração masculino se confunde e, em alguns momentos, até se sobrepõe ao corpo de atleta”.

Quanto aos motivos de ausência ou evasão identificados nos projetos/escolinha estudados, Viana (2012) observou que no dia da semana em que era realizado apenas o jogo formal (sem outras atividades e sem o jogo adaptado), a ausência das meninas era maior. Para a autora, isto decorria do fato de que o jogo formal exigia habilidades individuais e coletivas, dentre as quais muitas faltavam às meninas. Desta forma, elas acabavam sendo naturalmente excluídas do jogo – por não conseguirem corresponder às expectativas – e obtinham pouco ou nenhum aprendizado com a atividade. Conforme citamos anteriormente e enfatizam Goellner *et al.* (2010), a combinação de critérios de habilidade e gênero para embasar configurações de aulas em núcleos de esporte e lazer favorece a ausência e evasão de alunos.

Gomes (2015) constatou, a partir das narrativas dos coordenadores entrevistados, que em alguns núcleos as turmas começavam repletas de meninas e, ao decorrer do tempo, as mesmas se evadiam. De acordo com os coordenadores, elas se inseriam no programa quando mais novas, mas, na medida em que ficavam mais velhas, se desinteressavam e acabavam saindo. A autora atribuiu os motivos desta configuração à forma com que o projeto era conduzido, muitas vezes desconsiderando as características e experiências de vida distintas de cada aluno, o que não incentiva-os a permanecerem nas práticas. Pelo contrário, no contexto estudado por Chan-Vianna (2010), na medida em que a faixa etária das mulheres aumentava, havia um crescimento de participação nas modalidades de futebol e handebol. O autor inferiu que ocorria uma migração acentuada de meninas de outras modalidades em direção ao futebol e handebol a partir da adolescência porque apenas na idade adulta jovem as mulheres

optavam por praticar apenas a sua modalidade preferida. Segundo o autor, o momento desta opção coincide com o fim da escolarização básica, com um histórico de terem vivenciado diferentes modalidades esportivas previamente e com uma maior autonomia em relação aos pais e outras redes de relacionamento, o que permite que as mulheres redirecionem suas escolhas.

Conforme pontuamos anteriormente, Gomes (2015) e Viana (2012) apresentaram propostas com o intuito de modificar alguns aspectos problemáticos das realidades observadas nos projetos/escolinha. Um dos pontos mais enfatizados foi a importância do professor como potencial agente transformador da realidade que ainda impõe barreiras à prática dos futs por mulheres. O professor deve elaborar propostas de ensino que considerem as diferenças de faixa etária, características, conhecimento e experiências de todos os seus alunos. Ele deve buscar formas alternativas e diversificadas de realizar as atividades, contemplando, de forma mais igualitária possível, os gostos de meninos e meninas. Ao mesmo tempo, deve incentivar uma prática conjunta de meninos e meninas. Conceitos pré-estabelecidos e determinações que envolvem os futs devem ser questionados, problematizados, discutidos e desconstruídos junto ao grupo. Para além de gestos técnicos-táticos, o professor de projetos/escolinhas deve ensinar valores como educação, cidadania, respeito, superação, inclusão, perseverança e autonomia.

Assim como concluiu Viana (2012, p. 109),

a prática do jogo, quando orientada corretamente pelo professor, induz o desenvolvimento de capacidades tático-cognitivas, técnicas e sócio-afetivas. A cooperação, capacidade de comunicação que o ambiente do jogo estabelece entre jogadores/as da mesma equipe, e a contracomunicação entre jogadores/as de equipes adversárias são essências do jogo.

Gomes (2015) ressaltou a importância de aproximar a família dos projetos/escolinhas e manter o diálogo no sentido de reverter as discriminações de gênero presentes no núcleo familiar. Por fim, Chan-Vianna (2010) destacou que o principal desafio em relação ao contexto do projeto por ele estudado dizia respeito à estigmatização da masculinidade que permeava o grupo das mulheres que jogavam futebol. Nesse sentido, o autor identificou que as próprias atletas organizavam estratégias – muitas vezes naturais – de forma a manter o grupo coeso e alinhado quanto aos meios de lidar com o estereótipo. Na percepção do autor, o “ser” era um direito

individual de cada atleta. Mas o “parecer” era uma questão de comprometimento do grupo, uma vez que implicava em consequências para além do ambiente do futebol.

Algumas pesquisas apontam que são escassas as escolinhas de futebol voltadas especificamente ao público feminino (MINA, 2016; SALVINI, 2012). Desta forma, meninas e mulheres que buscam treinamentos especificamente voltados aos futs muitas vezes acabam se inserindo em escolinhas e projetos majoritariamente frequentados por meninos/homens. Nesse sentido, as pesquisas que se debruçam sob questões que envolvem a prática de futs por mulheres em contextos de escolinhas e projetos sociais não voltados exclusivamente para mulheres contribuíram para pontuar e debater pontos problemáticos ligados à esse assunto. Elas também apresentaram possibilidades de soluções, as quais podem servir de exemplo para ambientes e situações similares. Também é interessante salientar que mesmo diante das muitas adversidades pontuadas nas pesquisas, as escolinhas e projetos que envolvem futs parecem estar abrindo suas portas à participação feminina – pelo menos de acordo com o contexto dos ambientes aqui analisados. Este é um primeiro passo no sentido de atender à esta demanda que se faz cada vez mais presente. Mas é importante que boas práticas no trato docente com os alunos sejam adotadas. Nesse sentido, para além dos resultados aqui apresentados, as pesquisas que se debruçaram em estudar a menina praticante de futs sob a ótica da Educação física escolar também podem oferecer subsídios.

4.3 GÊNERO

O título, autor, orientador e ano de publicação das dissertações e teses que se enquadram no enfoque temático Gênero são apresentados no QUADRO 9.

QUADRO 9 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO GÊNERO

(continua)

Título	Autor	Orientador	Ano
A educação esportiva de meninas na escola pública: experiências positivas de gênero na educação física	Simone Cecília Fernandes	Helena Altmann	2016
A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil: o que noticiam sobre elas?	Tayane Mockdece Rihan	Ludmila Nunes Mourão	2016
As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?	Aline Edwiges dos Santos Viana	Helena Altmann	2012

QUADRO 9 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO GÊNERO

(conclusão)

Título	Autor	Orientador	Ano
Aulas mistas na educação física: tensões e contradições	Michele Ziegler de Mattos	Márcio Xavier Bonorino Figueiredo	2014
Discursos e experiências pedagógicas de gênero no Programa Segundo Tempo	Aline Laila Gomes	Ludmila Nunes Mourão	2015
Educação física escolar e relações de gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos	Liane Aparecida Roveran Uchoga	Helena Altmann	2012
Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino	Caroline Valente Heidrich	Suzete Chiviacowsky Clark	2013
<i>Macho varón sin pepa</i>: a prática dos futebóis na história de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Claudia Yaneth Martínez Mina	Silvana Vilodre Goellner	2016
Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer	Alexandre Jackson Chan-Vianna	Ludmila Nunes Mourão	2010
Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional	Igor Chagas Monteiro	Ludmila Nunes Mourão	2016
Novo Mundo Futebol Clube e o “velho mundo” do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol	Leila Salvini	Wanderley Marchi Júnior	2012
O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil	Heidi Jancer Ferreira	José Geraldo do Carmo Salles	2012

FONTE: as autoras

A TABELA 10 apresenta as seguintes informações sobre os trabalhos que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia e outros enfoques temáticos em que os trabalhos foram classificados.

TABELA 10 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO GÊNERO

(continua)

Informação	Quant. trabalhos	Referências
Sexo autor	Feminino	10 (FERNANDES, 2016; FERREIRA, 2012; GOMES, 2015; HEIDRICH, 2013; MATTOS, 2014; MINA, 2016; RIHAN, 2016; SALVINI, 2012; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012)
	Masculino	2 (CHAN-VIANNA, 2010; MONTEIRO, 2016)

TABELA 10 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO GÊNERO

(conclusão)

Informação		Quant. trabalhos	Referências
Tipo de trabalho	Dissertação	10	(FERREIRA, 2012; GOMES, 2015; HEIDRICH, 2013; MATTOS, 2014; MINA, 2016; MONTEIRO, 2016; RIHAN, 2016; SALVINI, 2012; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012)
	Tese	2	(CHAN-VIANNA, 2010; FERNANDES, 2016)
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	9	(CHAN-VIANNA, 2010; FERNANDES, 2016; FERREIRA, 2012; GOMES, 2015; MATTOS, 2014; MONTEIRO, 2016; RIHAN, 2016; SALVINI, 2012; UCHOGA, 2012)
	Quantitativo	1	(HEIDRICH, 2013)
	Quanti-qualitativo	0	-
Trabalhos que classificamos em outros enfoques além de Gênero	Educação física escolar	4	(FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MINA, 2016; UCHOGA, 2012)
	Escolinhas e projetos que envolvem futs	3	(CHAN-VIANNA, 2010; GOMES, 2015; VIANA, 2012)
	Lazer	2	(CHAN-VIANNA, 2010; MINA, 2016)
	Mídia	1	(RIHAN, 2016)
	Mulher como atleta profissional	1	(SALVINI, 2012)
	Performance	1	(HEIDRICH, 2013)
	Profissionais dos futs	2	(FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos os resumos dos doze trabalhos do presente enfoque temático.

Conforme apresentamos anteriormente na categoria ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS, a tese de Chan-Vianna (2010, p. VI) dedicou-se a “compreender quais as representações que sustentam a permanência de mulheres nesses esportes [coletivos de confronto] por lazer”. Através da etnografia, o autor fez uso de diário de campo, fotos, filmagens e pequenos questionários. O local de observação foi um Centro Esportivo na cidade do Rio de Janeiro, no qual era promovido um projeto de iniciação esportiva socioeducativo com a oferta de 25 modalidades distintas. Chan-Vianna (2010) acompanhou uma turma exclusiva de mulheres que,

apesar de treinarem em quadra de futsal, seguiam as regras do jogo de futebol de campo. Além deste ambiente, ele observou as mesmas mulheres em contextos como festas, churrascos, locais de convivência mútua, entre outros. Participaram do estudo 12 mulheres com idades entre 19 e 24 anos. Contemplamos, a seguir, os aspectos desta pesquisa que dizem respeito às questões voltadas à categoria Gênero.

As mulheres estudadas começaram a praticar o futebol na rua, ainda na infância. Durante o período escolar, diante da separação da turma entre meninos e meninas, jogavam com os meninos. Elas relataram que gostariam de ter se profissionalizado no futebol na adolescência, mas tiveram que optar por outros projetos de vida. Desta forma, participar do projeto no Centro Esportivo representava um meio de continuarem praticando a modalidade. O autor notou que o estigma da masculinização e homossexualidade se faziam presentes nos ambientes que elas frequentavam e as atletas tinham consciência de serem submetidas a esse estigma. Segundo Chan-Vianna (2010, p. 64), as atletas apresentavam um conjunto de marcas – como “roupas largas e a ausência de acessórios e adereços delicados; o despojamento de se vestir [...]; o jeito balançado de andar sem rebolar; as coxas fortes”, entre outras – que serviam de denúncia, o que motivava pessoas do entorno a estigmatizá-las. Por outro lado, o autor percebeu que estas mesmas marcas eram valorizadas pelas atletas como forma de afirmação de suas diferenças.

O autor constatou que o ambiente que as meninas construíram no contexto do projeto representava um local seguro de sociabilidade, onde era possível que elas expressassem suas individualidades e valorizassem características contrárias ao padrão de feminilidade tradicional. As meninas criticavam aquelas que exprimiam e exibiam modos masculinizados, uma vez que, segundo as mesmas, esse comportamento “queimava” a imagem delas como atletas de futebol, pois é a partir desse tipo de comportamento que as pessoas criam imagens preconceituosas sobre jogadoras de futebol. Logo, cada menina tinha direito livre para suas escolhas sexuais, mas a aparência era uma questão de comprometimento coletivo, a fim de denigrir o mínimo possível a imagem do grupo (CHAN-VIANNA, 2010).

Ferreira (2012) organizou sua dissertação no formato de três artigos. O objetivo geral da pesquisa foi “analisar a atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil, buscando elucidar quais são as razões associadas à baixa representatividade feminina nesse cargo” (p. 2). A autora realizou entrevistas com 13 mulheres que

atuavam como técnicas esportivas no Brasil em níveis estadual, nacional e internacional. Além do futebol e futsal, participaram técnicas das modalidades: natação, saltos ornamentais, ginástica aeróbica, judô, handebol e basquetebol. Apresentamos, a seguir, os achados de cada artigo de forma condensada. Destacamos a impossibilidade de analisarmos apenas as características emergentes das falas das técnicas dos futs, uma vez que Ferreira (2012) apresentou os resultados de sua pesquisa condensando os discursos das profissionais das diferentes modalidades.

Dentre os motivos associados à baixa representatividade de mulheres no comando esportivo, Ferreira (2012) encontrou falas relacionadas ao domínio masculino; à percepção social de que somente homens têm capacidades para serem técnicos; às dificuldades de progressão na carreira (ao contrário do que acontece com os homens); e à interiorização do domínio masculino por parte de algumas mulheres, aceitando a exclusão. A inserção nas carreiras de gestão se deu de forma natural, transitando da carreira atlética para funções como auxiliar técnico ou assumindo o cargo de técnicas de categorias de base. Durante a atuação como treinadoras, a autora verificou que elas estiveram constantemente se deparando com a desconfiança em relação à sua competência. Dentre as barreiras enfrentadas por técnicas esportivas brasileiras em sua atuação profissional, algumas das questões verificadas pela autora disseram respeito ao domínio masculino no campo de trabalho esportivo, preconceito em função do sexo e presença do estereótipo de homossexualidade.

A associação entre treinamento esportivo e masculinidade foi, na visão de Ferreira (2012), um fator que dificulta a inserção de mulheres e gera questionamentos sobre sua competência. Algumas medidas propostas pela autora a fim de promover a carreira de treinadora esportiva no Brasil incluíram a ampliação das redes de relacionamento entre mulheres, o aumento da participação feminina em cargos administrativos e o estabelecimento de políticas públicas a fim de que instituições como federações e clubes desenvolvam ações de redução nas barreiras que limitam a inserção, ascensão e permanência de mulheres nos cargos de treinadoras esportivas no país.

Salvini (2012, p. 22) desenvolveu um estudo cujo objetivo consistiu em “entender como se dá processo de incorporação das disposições para ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol”. A autora realizou uma pesquisa de campo junto ao clube do Novo Mundo, equipe de um bairro de Curitiba-PR. Além de 15 observações durante jogos e treinos, entrevistou jogadoras, ex-jogadoras,

diretor e presidente do clube. Tomou como base a teoria sociológica de Bourdieu para fundamentar suas análises.

A iniciação das atletas da equipe estudada se deu durante a infância, geralmente sendo as únicas meninas a praticar a modalidade em meio aos meninos. O futebol representou, ao longo de suas vidas, uma possibilidade de ascensão social – com o recebimento de bolsas de estudos e oportunidades de viajar e conhecer outros lugares. No clube, a autora percebeu a presença de aspectos de feminidade, os quais transmitiam uma imagem de conformidade com aquilo que socialmente se espera de uma mulher. Foram questões como o uso de uniformes mais adaptados ao corpo, unhas pintadas, uso de faixinha no cabelo, maquiagem, perfume, entre outros. As atletas afirmaram, de forma unânime, que um dos maiores desafios para o futebol feminino brasileiro compreende a falta de incentivo – ausência de calendário anual, falta de patrocínio, necessidade de uma profissão paralela, dificuldade na manutenção do condicionamento físico. Para a autora, isso está atrelado à ausência de mulheres nos cargos de gestão. A continuidade no futebol se deu, na visão de Salvini (2012), devido à perseverança, força de vontade e garra que as jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube apresentavam a fim de legitimarem-se na modalidade.

Em sua pesquisa de mestrado, Uchoga (2012, p. 19) buscou “analisar as relações de gênero em aulas de educação física com diferentes conteúdos, de modo a compreender como a diversificação destes interfere nas relações de gênero”. Para tanto, a autora realizou um estudo etnográfico e entrevistas junto a professores que trabalhavam com o currículo estabelecido pela Rede Estadual de Ensino de São Paulo nas aulas de EDF e alunos de 5^a, 6^a e 7^a série de duas escolas distintas. Alguns aspectos desta dissertação foram discutidos previamente na seção EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Neste momento, trazemos aspectos deste trabalho mais especificamente voltados à questões de Gênero.

A autora observou diferentes comportamentos entre meninos e meninas durante as aulas de educação física. As meninas participavam menos ativamente das aulas, uma vez que se sentiam menos habilidosas do que os meninos. Elas também tinham receio de se arriscar em novas atividades corporais. Com relação especificamente à modalidade do futebol, Uchoga (2012) verificou que a opção dos professores em dividir as turmas por sexo não contemplava a multiplicidade de características dos discentes. A autora percebeu que alguns meninos se viam obrigados

à jogar apenas para que sua masculinidade não fosse contestada por seus pares. Meninas que haviam tido experiências prévias com o futebol e que demonstravam habilidade, participavam de todas as aulas, especialmente as de futebol.

As aulas de futebol observadas revelaram como gênero e habilidades estão inter-relacionados no contexto da EDF escolar. Uchoga (2012) concluiu que estes fatores desempenham importantes funções nos processos de inclusão, exclusão e autoexclusão das práticas corporais de meninos e meninas. Nesse sentido, a autora evidencia que a forma com que os professores organizam as aulas pode ser um fator determinante para proporcionar – ou não – diferentes sociabilidades aos discentes.

Conforme apresentamos na seção ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS, a dissertação de Viana (2012, p. 27-28) teve como intuito

observar, analisar e entender as relações entre meninos e meninas em uma escola franqueada [escola de futebol que utiliza a imagem e a marca de um clube profissional de futebol], ressaltando a importância de compreender a relação dos professores com os/as alunos/as e as intervenções pedagógicas que permeiam as estruturas e linhas do campo

A autora realizou uma pesquisa etnográfica em uma escolinha de futebol que ofertava aulas mistas na cidade de Campinas – São Paulo. A turma era composta por 23 alunos, sendo cinco meninas (estas com faixa etária entre 16 e 28 anos). Ela fez uso de observação participante, realizou entrevistas com 15 indivíduos – o professor e alguns alunos – e utilizou a técnica do *scalt*²¹, com base em 6 jogos filmados. Apresentaremos agora os principais aspectos da dissertação que dizem respeito mais especificamente às discussões de Gênero.

Viana (2012) observou que nem todos os meninos tinham saberes corporais futebolísticos e nem todas as meninas apresentavam ausência ou deficiência destes saberes. Para a autora, isto se explica devido às experiências corporais, sociais e culturais distintas a que cada indivíduo fora submetido ao longo da vida. Preocupações com a beleza foram evidentes, segundo a autora, entre algumas das meninas estudadas – com uso de maquiagem e shorts curtos, por exemplo. Ela entendeu que, para jogarem na escolinha, as meninas precisavam apresentar um comportamento de acordo com as expectativas sociais, ou seja, sem abrir mão da feminilidade. Além disso, ela constatou

²¹ Representa uma ficha de controle de desempenhos de atletas (TENROLLER, 2004).

que, naquele contexto, o discurso biológico que coloca o masculino como supostamente superior ao feminino era abertamente reproduzido, inclusive na prática docente. As meninas sofriam discriminações verbal e corporal.

A autora concluiu que as experiências distintas e os locais em que meninos e meninas iniciaram a prática do futebol foram fundamentais para compreender as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem do futebol na escolinha estudada. Considerar as características individuais de cada aluno e reconhecer as experiências por eles vividas durante os diferentes processos de socialização a que foram submetidos ao longo de suas vidas são passos fundamentais, afirma a autora, para que o jogo entre meninos e meninas se torne possível de fato (VIANA, 2012).

Heidrich (2013, p. 29) teve por objetivo “verificar os efeitos da ameaça do estereótipo negativo, na aprendizagem de uma tarefa motora de futebol, em mulheres não-praticantes do esporte”, em sua dissertação desenvolvida no formato de artigo científico. Ele desenvolveu um estudo de análise comportamental com delineamento experimental. Trinta e seis estudantes de licenciatura em educação física da cidade de Pelotas – Rio Grande do Sul sem experiência prévia com o futebol realizaram uma tarefa de contornar cones em zigue-zague conduzindo uma bola de futebol com o pé dominante. As participantes foram divididas em três grupos com 12 membros em cada um: estereótipo negativo (receberam instruções reforçando que normalmente as mulheres desempenham a tarefa pior do que os homens, pois exige habilidades de força e potência), estereótipo reduzido (receberam instruções reforçando que mulheres podem normalmente desempenhar a tarefa melhor do que os homens, pois exige agilidade e coordenação motora) e grupo controle (receberam apenas instruções sobre a tarefa).

A atividade foi dividida em fases. No pré-teste, todas executaram a tarefa uma vez, recebendo previamente apenas a informação de como executar a tarefa. Na fase de aquisição, cada grupo recebeu sua respectiva instrução e executou 15 tentativas de prática. Em seguida, responderam a um questionário de auto eficácia e, por fim, a fase de retenção, na qual executaram mais 5 tentativas. Vinte e quatro horas depois, realizaram novamente a tarefa, recebendo apenas a informação de que deveriam repetir a mesma atividade do dia anterior (HEIDRICH, 2013).

A autora verificou que todos os grupos apresentaram uma melhora no resultado. Porém, comparando os resultados entre os grupos, o grupo estereótipo reduzido obteve resultados superiores em todas as fases analisadas. Ela explicou que as

mulheres geralmente são estereotipadas como biológica e fisicamente inferiores aos homens, especialmente em contexto esportivos. O simples fato de alterar uma informação relacionada a estereótipos de gênero resultou em significativas diferenças de aprendizagem e performance. As participantes que receberam informações reduzindo o estereótipo se julgaram mais capazes de realizar a mesma tarefa do que aquelas que receberam uma ativação do estereótipo, pois acreditaram que outras mulheres já haviam desempenhado aquela atividade tão bem ou melhor do que homens. Assim, a autora concluiu que reduzir determinado estereótipo pode otimizar a aprendizagem de tarefas que os indivíduos não se julgam aptos a realizar (HEIDRICH, 2013).

A dissertação de Mattos (2014) foi anteriormente apresentada na seção EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, enfatizando aspectos daquela categoria em questão. Agora, apresentamos novamente esta pesquisa, enfocando aspectos relacionados mais especificamente à questões de Gênero. Mattos (2014, p. 18) objetivou “analisar as relações de gênero presentes nas aulas de Educação Física e as dificuldades, tensões e contradições quanto ao ensino de aulas mistas em uma escola de Pelotas/RS”. Como procedimentos metodológicos, a autora adotou observações das aulas de EDF e entrevistas junto ao professor e alunos do 7º ano do ensino fundamental. O professor da disciplina fazia a separação de meninos e meninas durante as aulas.

Os meninos da turma apresentavam interesse por aulas conjuntas, pois achavam a separação chata ou porque era mais divertido jogar com as meninas. Por outro lado, as meninas resistiam à ideia, receosas de serem excluídas das atividades previstas para a aula pelo fato de se sentirem mais fracas e sem habilidade, além de acharem violento jogar com os meninos e/ou sentirem vergonha. O professor via a divisão como vantajosa uma vez que, em virtude da percepção de um desnível de habilidade entre meninos e meninas, ao separar a turma, ele conseguia dar conta de ambos os grupos (MATTOS, 2014).

Muitas das problemáticas identificadas por Mattos (2014) estavam relacionadas com os seguintes fatores: pouco estímulo ofertado às meninas ao longo da vida para praticarem esportes; crença das meninas de que os seus corpos eram frágeis, estando inaptas à prática esportiva; e falta de habilidade se sobrepor à questão de gênero como barreira à prática mista. A autora criticou o fato de não existirem discussões de gênero durante as aulas que pudessem subsidiar a escolha feita por separar a turma. Ela sugere que o adequado seria a promoção não somente de aulas mistas, mas o ensino a partir de

um modelo co-educativo, no qual as posições ocupadas pelos sexos fossem minimizadas e questões de gênero inerentes às atividades pudessem ser problematizadas.

O estudo desenvolvido por Gomes (2015, p. IX), apresentado anteriormente na categoria ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS, buscou

analisar a inserção e permanência de meninas e meninos nos núcleos do PST [Programa Segundo Tempo] de Ubá/MG, bem como os processos sociais que resultam em discrepância na participação entre os gêneros; e identificar de que formas os discursos sobre gênero se materializam nas intervenções pedagógicas dos coordenadores de núcleo.

A autora realizou entrevistas com coordenadores de 15 núcleos do PST e observou 9 aulas em 4 núcleos. Para o tratamento dos dados, ela utilizou a análise de conteúdo.

Dos 15 núcleos observados, em nove a autora identificou relatos de coordenadores sobre dificuldades relacionadas à barreiras culturais para incluir meninas nas aulas. Dentre os motivos, ela detectou aspectos como: predominância de meninos e alto nível de competitividade por parte deles; resistência por parte de meninos e meninas em praticarem atividades conjuntamente; falta de interesse de meninos e meninas por determinadas modalidades; obstáculos criados pelos pais para que as meninas participassem do programa. Dentre os seis coordenadores que afirmaram não ter problemas de inclusão de gênero nos núcleos, a autora observou que eles incentivavam a prática em conjunto, mostrando que meninos e meninas têm direitos, deveres e oportunidades iguais. Dez coordenadores relataram que utilizavam turmas mistas. Uma coordenadora separava a turma por nível de habilidade, dois por faixa etária e dois afirmaram separar meninos e meninas especificamente nas aulas de futsal. Dentre as justificativas, a autora identificou questões de diferença de força e possibilidade de as meninas se machucarem. Onze coordenadores acusaram que tarefas domésticas atrapalhavam a inserção e permanência das meninas nos núcleos.

Gomes (2015) observou que todos os coordenadores de núcleo tiveram disciplinas que discutiam temáticas de gênero durante suas formações acadêmicas. Eles também valorizavam a capacitação do programa, especialmente sobre questões de gênero. Contudo, para a autora, os coordenadores apresentaram dificuldades para

trabalhar de forma coeducativa. Ela enfatiza que trabalhar em uma perspectiva coeducativa seria fundamental para contribuir com o desenvolvimento das competências de todos os participantes do PST, sem excluir meninos ou meninas.

Conforme apresentamos na seção EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, em sua tese, Fernandes (2016, p. VII) analisou “a educação esportiva de meninas na escola pública a partir das narrativas de oito docentes da Rede Municipal de Campinas, SP, os quais ensinam esportes coletivos às alunas em suas aulas”. Para tanto, ela entrevistou oito professores que participaram com frequência dos Jogos Escolares Municipais de Campinas com equipes femininas nas modalidades handebol, voleibol, futsal e basquetebol. Embora a pesquisa tenha considerado os esportes coletivos de uma forma geral, muitas das análises realizadas pela autora e apresentadas adiante dizem respeito especialmente à prática do futebol. Apresentamos, a seguir, os principais aspectos da tese que enfatizaram questões de Gênero.

A autora identificou que no contexto escolar, as relações de gênero eram marcadas por uma masculinidade hegemônica e uma feminilidade enfatizada (incoerente com as demandas de movimentos do futebol), marcadas por relações de poder patriarcais. Os docentes estudados compreendiam que as diferenças entre os alunos não se caracterizavam biologicamente, mas por conta de diferentes experiências corporais de movimento. Contudo, algumas situações particulares, como tratar uma aluna forte como “rude” e temer que meninos fossem hostilizados pelos colegas por não demonstrarem habilidades esportivas, demonstraram, para a autora, que algumas lógicas hierarquizantes não eram suficientemente problematizadas no cotidiano escolar (FERNANDES, 2016).

Fernandes (2016) concluiu que algumas pequenas e repetidas ações docentes poderiam proporcionar às meninas novas formas de estar e viver o contexto escolar, como, por exemplo: ensinar todos os alunos de modo equitativo, não reproduzindo os modelos hegemônicos de gênero; exigir que todos participassem da aula prática, enfatizando a educação física como aula para meninos e meninas; e empoderar as meninas através da aprendizagem da gestualidade esportiva, afastando-as de demandas de feminilidade.

Conforme apresentamos anteriormente na seção EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, o objetivo da pesquisa de Mina (2016, p. VII) consistiu em “analisar as

experiências das atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), identificando a forma como a categoria relacional gênero apareceu nos diversos contextos sociais em função de serem mulheres que praticavam este esporte”. Utilizando a metodologia da história oral, a autora entrevistou 15 atletas da equipe de futsal da UFRGS. A seguir, nos atemos aos aspectos da dissertação voltados às questões de Gênero.

A autora considerou a categoria de gênero como uma dimensão transversal das experiências e trajetórias das atletas estudadas. Assim, ela identificou as representações sociais relacionadas com as feminilidades e masculinidades que permearam a relação das mulheres com os futebolis. A iniciação das atletas na modalidade se deu durante a infância, em forma de brincadeira, geralmente junto à meninos. Foram influenciadas por irmãos, primos, pais, tios ou amigos meninos. Aqueles que resistiam à escolha das meninas – normalmente as mães – temiam que elas ficassem masculinizadas devido ao fato de jogarem futebol. As experiências prévias acumuladas por estas meninas permitiram que praticassem a modalidade junto aos meninos no ambiente escolar, fosse no recreio ou nas aulas de EDF. As atletas entrevistadas relataram que era raro encontrarem escolinhas de futebol exclusivas para meninas, de modo que elas acabavam se matriculando em escolinhas cujas equipes eram majoritariamente compostas por meninos. Nesse contexto, elas afirmaram que se sentiam vigiadas – como se uma menina no meio de um grupo de meninos necessitasse de uma atenção especial. Algumas atletas participaram de times considerados profissionais, nos quais encontraram dificuldades como falta de patrocínio, baixo incentivo econômico e invisibilidade midiática. Para a autora, isto é consequência da discriminação de gênero existente nos cargos de poder – a ausência de mulheres nestes cargos inviabiliza a promoção e divulgação de torneios femininos. Mina (2016) concluiu que as experiências das atletas com os futebolis ao longo de suas vidas influenciaram a construção de suas identidades como mulheres, esportivas e universitárias.

A pesquisa de Monteiro (2016, p. 16) debruçou-se em “analisar os processos de inserção, permanência, ascensão na carreira e aposentadoria de árbitras no futebol profissional brasileiro”. Fez uso metodológico da história de vida ou trajetórias. O autor entrevistou 10 árbitras que, à época da pesquisa, atuavam ou tinham atuado no futebol profissional por pelo menos dois anos, em quaisquer níveis e federações. Os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo.

A inserção das participantes na arbitragem se deu em virtude de elas terem acumulado experiências com diversas atividades físicas e esportivas durante a infância. Geralmente começam a arbitrar no futebol amador. Dentre as dificuldades de inserção relatadas, o autor identificou preconceitos e resistência das federações. Já com relação à permanência na arbitragem, as principais barreiras mencionadas foram: preconceito, falta de reconhecimento, questões políticas, lesões e conciliação de trabalho e vida social. As oportunidades de apitar clássicos e finais de campeonatos masculinos apareceram como momentos marcantes nas carreiras das árbitras estudadas. Para elas, a questão da fisiologia dos corpos emergiu como uma problemática no sentido de que as exigências físicas são as mesmas para homens e mulheres na arbitragem, mas as diferenças entre os corpos as colocam em situação desprivilegiada (MONTEIRO, 2016).

Monteiro (2016) concluiu que como árbitra, ao comandar e liderar uma partida, a mulher confronta a concepção de que qualidades como liderança, comando e força são masculinas. O autor ainda observou que a situação da arbitragem feminina brasileira parece replicar o que se observa em estudos sobre mulheres em cargos de gestão relacionados ao esporte – estão em minoria e sua maior representatividade se dá em cargos intermediários. No caso da arbitragem, elas tendem a ser contempladas mais como árbitras assistentes (bandeirinha) do que como árbitras centrais.

A dissertação de Rihan (2016, p. 18) buscou “compreender as maneiras pelas quais as reportagens articulam os discursos (práticas discursivas e não-discursivas) e geram ou reproduzem representações para o público leitor”. A autora utilizou a etnografia virtual como metodologia de pesquisa. Ela levantou 161 reportagens sobre o futebol de mulheres veiculadas no site Globoesporte.com entre abril e julho de 2015, bem como 612 comentários de leitores. Alguns critérios de inclusão foram aplicados, tais como: reportagens (títulos, textos e imagens) que abordavam discursos sobre as mulheres no futebol e que apresentavam no título indícios de uma feminilidade concedida às atletas pelo discurso (por exemplo: “futebol feminino”, “musa”). Como critério de exclusão, foram removidas reportagens que simplesmente descreviam algum jogo ou evento de mulheres. O escopo final foi composto por 34 reportagens.

A autora observou que o futebol de homens é noticiado com maior frequência do que o futebol de mulheres nos meios de comunicação. De acordo com as reportagens e comentários analisados sobre o futebol de mulheres, ela inferiu o que se espera visibilizar enquanto corpos femininos no esporte: corpos atléticos e, ao mesmo tempo,

delicados e belos. Nas reportagens em que os corpos das mulheres correspondiam a um padrão de beleza, seus atributos eram evidenciados e sensualizados. No caso de uma reportagem em que as jogadoras não apresentavam um padrão hegemônico de feminilidade, em nenhum momento o texto se referiu à beleza física das atletas. Neste caso, os comentários de leitores destacaram negativamente a aparência das jogadoras e colocaram em dúvida a sua sexualidade. Quando as mulheres se destacaram como atletas ou em cargos de gestão, Rihan (2016) notou que foram frequentes os comentários que não aceitavam/reconheciam o fato de uma mulher alcançar determinados feitos. Os comentários reforçavam a ideia de que o gênero masculino é superior no futebol e que as mulheres são impossibilitadas de serem igualmente competentes nesse âmbito. A autora ainda levantou reportagens que abordaram iniciativas políticas em promover a igualdade de gênero no contexto do futebol brasileiro.

Rihan (2016) concluiu que a construção dos processos discursivos nas reportagens analisadas transmitiu a ideia de que as normas acerca do corpo, sexualidade, feminilidade e identidade de gênero para as jogadoras de futebol são naturais e estiveram presentes desde sempre. A recepção das notícias pelo público segue o mesmo padrão – a maioria dos comentários reforçou as normas estabelecidas de corpo, gênero e sexualidade para as atletas de futebol. No entanto, a autora identificou um pequeno movimento de resistência à norma. Foi um grupo de leitores que buscou, através de seus comentários, subverter às estruturas e padrões impostos pelo site. A autora defendeu que é preciso modificar as representações socioculturais sobre o futebol de mulheres a fim de que a modalidade seja definitivamente reconhecida.

Dentre as dissertações e teses que apresentaram e discutiram conceituações de gênero (CHAN-VIANNA, 2010; FERNANDES, 2016; MINA, 2016; MONTEIRO, 2016; RIHAN, 2016; SALVINI, 2012; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012), as autoras reiteradamente mais utilizadas foram Joan Scott, Judith Butler e Guacira Louro. Este achado vai ao encontro do resultado da pesquisa de Devide *et al.* (2011), que mapeou alguns aspectos relativos ao quadro teórico dos estudos de gênero na educação física no Brasil.

Gomes (2015), Mina (2016), Monteiro (2016), Uchoga (2012), Viana (2012) e Chan-Vianna (2010) apresentaram aspectos da definição de gênero proposta por Louro. Louro (2003) defende, a partir de uma abordagem feminista pós-estruturalista, um

conceito de gênero que engloba todas as formas de construção social, cultural e linguística. Ela aponta para a noção de que nos constituímos como homens e mulheres ao longo da vida, por meio das mais distintas instituições e práticas sociais, através de um processo não linear e que nunca está finalizado ou completo. Diferentes tempos e lugares proporcionam diferentes e conflitantes formas de se definir e de se viver a feminilidade e a masculinidade. Os autores das dissertações e teses supracitadas utilizaram-se de forma mais ou menos aprofundada destas questões.

As dissertações de Gomes (2015), Mina (2016), Monteiro (2016), Rihan (2016), Salvini (2012), Uchoga (2012) e Viana (2012), bem como as teses de Chan-Vianna (2010) e Fernandes (2016), tomaram como base Scott. Scott (1995) propõe gênero como uma categoria analítica. Ela sugere que se defina o masculino e o feminino não como algo dado, mas como construções culturais sobre as diferenças percebidas entre os sexos. A autora conceitua gênero a partir de duas proposições: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Para a autora, é no interior deste campo (ou por meio dele) que o poder é articulado. A conceituação de gênero proposta por Scott foi explorada de forma mais ou menos intensa pelos autores acima mencionados.

As dissertações de Mina (2016), Rihan (2016), Salvini (2012), Uchoga (2012) e Viana (2012) e a tese de Fernandes (2016) abordaram aspectos de gênero a partir da perspectiva proposta por Butler. Butler (2013) assume gênero como uma construção cultural. E, sendo o gênero o conjunto de significados culturais assumidos por um corpo sexuado, a autora afirma que não se pode dizer que o gênero decorre de um sexo em específico – ou seja, gênero é pensado independentemente do sexo. Ao propor esta descontinuidade entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos, diversas possibilidades são abertas: a construção de “homens” não necessariamente se aplica a corpos masculinos, bem como a ideia de “mulheres” não precisa obrigatoriamente estar atrelada à corpos femininos. Ou seja, para Butler (2013), as identidades de gênero não são binárias, nem mesmo fixas. Elas são pluralidades construídas a partir das experiências e vivências do sujeito. Algumas destas ideias apresentadas por Butler foram apropriadas pelas dissertações e teses dos autores supracitados.

Grande parte das dissertações e teses que encaixamos no enfoque temático Gênero discutiram questões histórico-culturais que caracterizam o esporte e, de modo especial os futs, como espaço de manutenção e reprodução da hegemonia masculina

(CHAN-VIANNA, 2010; FERNANDES, 2016; FERREIRA, 2012; HEIDRICH, 2013; MATTOS, 2014; MINA, 2016; MONTEIRO, 2016; RIHAN, 2016; SALVINI, 2012; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012). Alguns destes trabalhos discutiram o esporte e/ou os futs em específico como uma área de reserva masculina (CHAN-VIANNA, 2010; FERNANDES, 2016; FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016; SALVINI, 2012; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012) e outras pesquisas abordaram a naturalização da oposição binária dos corpos no contexto esportivo e/ou dos futs (FERNANDES, 2016; MINA, 2016; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012).

O sociólogo Eric Dunning foi a referência mais recorrente na maioria das pesquisas que abordaram o esporte e/ou os futs como uma área de reserva masculina (CHAN-VIANNA, 2010; FERREIRA, 2012; SALVINI, 2012; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012). Dunning (1992) remeteu à origem de esportes de confronto como o futebol, o rúgbi e o hóquei na sociedade britânica no século XIX para justificar o esporte como uma área masculina reservada, onde se produz e reproduz a identidade masculina. Naquela época, uma das principais características destes esportes dizia respeito ao elevado nível de violência. Evolvidos em uma expressão relativamente livre de emoção, os jogadores exerciam apenas uma vaga forma de autocontrole. Estes esportes representavam uma espécie de confronto ritualizado, em que a expressão masculina era integrada de forma relativamente grosseira. Após sofrer um processo de civilização no século XIX, as supracitadas modalidades passaram a ser regidas por regras que previam a eliminação de formas mais extremas de violência. As instruções civilizatórias às quais o esporte e a sociedade de forma geral foram submetidos podem ter atuado no sentido de igualar o poder entre homens e mulheres. Dunning (1992) explica que as restrições impostas às expressões de agressividade do homem restringiram-lhe a possibilidade de usar uma das principais vantagens de poder em relação às mulheres: a sua força física. Diante desta configuração, as mulheres entenderam que, ao organizarem marchas e manifestações, não estariam submetidas ao risco dos movimentos desencadearem uma reação demasiadamente violenta dos homens, engrandecendo sua confiança no sentido de prosseguirem a luta por aquilo que acreditavam ser seus direitos. Como reação a este deslocamento de poder, foram criados clubes que representavam áreas masculinas reservadas, nos quais se podia “imitar, reificar e caluniar as mulheres, que então, mais do que nunca, representavam uma ameaça ao seu estatuto e à imagem que tinham de si próprios” (p. 410). Desta forma, a tradição destes esportes trouxe consigo a característica de uma atividade criada e

praticada por homens, com características de agressividade, força e competitividade. Conforme reforça Bourdieu (2010), a virilidade, símbolo de honra, era um atributo esperado por homens que fossem realmente homens. Nesse sentido, Chan-Vianna (2010) afirma, em sua tese, que as mulheres precisariam avançar significativamente em suas conquistas sociais até se arriscarem de fato nesse espaço reservado masculino.

A segregação entre os sexos presente no contexto esportivo e/ou dos futs é amparada em um discurso que se dizia biológico – mas que na realidade representou uma justificativa culturalmente construída e aceita –, a qual conferia dominação e poder aos homens. As dissertações e teses que discutiram essa perspectiva basearam-se em distintos autores. Conforme destacam autores como Dunning (1992) e Moura (2003), geralmente os homens eram mais altos e mais fortes, legitimando sua maior capacidade de luta, ao passo que as mulheres tinham suas possibilidades diminuídas nesse domínio em virtude da gravidez e do aleitamento dos filhos. Os esportes, especialmente aqueles mais “viris” e “rígidos”, poderiam promover efeitos negativos na maternidade e anomalias fisiológicas nas novas gerações, de modo que apenas exercícios físicos artísticos e naturais eram recomendados às mulheres – em ocasiões terapêuticas ou como passatempo casual. Bourdieu (2010) e Goellner (2000, 2012) afirmam que, como forma de promoção da vigilância sobre o corpo e comportamento femininos, recomendava-se a manutenção de aspectos da feminilidade por parte das mulheres – estas deveriam ser sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas e contidas. O discurso da frágil natureza feminina, visando a preservação da maternidade e feminilidade, promoveu diversas interdições às mulheres no âmbito esportivo até o início do século XX. Conforme aponta Goellner (2007, p. 189), o “esporte é um local de produção de corpos generificados, não porque são generificados em sua essência, mas porque são assim construídos no interior das práticas, saberes e discursos que o integram e que estão no seu entorno (GOELLNER, 2007, p. 189).

Algumas dissertações e teses do enfoque temático Gênero identificaram que as noções socioculturais hegemônicas de gênero – acima abordadas – já são atribuídas desde muito cedo à meninos e meninas (FERNANDES, 2016; MINA, 2016; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012). Os autores destes trabalhos afirmam que desde a infância, ou até mesmo antes do nascimento, diferentes brinquedos, brincadeiras, atividades e espaços lhes são impostos como sendo masculinos ou femininos. Neste contexto, as meninas geralmente são distanciadas dos esportes, enquanto práticas esportivas que exijam especialmente vigor físico e energia são direcionadas aos meninos – incluindo, aqui, os

diferentes futs. Como consequência, corpos e habilidades vão se desenvolvendo de maneiras diferenciadas para um e outro gênero.

Bourdieu (2010), tendo em vista o processo de educação do corpo ao qual a mulher é submetida desde muito cedo para atender às expectativas sociais, afirma que adentrar no universo esportivo implica em uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo. A mulher deixa de ser e existir apenas para o outro e passa a experimentar o “corpo-para-si-mesma”. De corpo passivo, vai à corpo ativo e agente. Contudo, sob o olhar masculino, a entrada das mulheres em determinados esportes representa uma ameaça à legitimidade masculina nestes espaços. Conforme afirmam Bourdieu (2010) e Franzini (2005), com o intuito de se resguardarem da feminilização, os homens passam a repudiar, de variadas formas, a entrada e presença de mulheres nestes esportes. Esta constatação também foi identificada na dissertação de Salvini (2012). Nos parágrafos seguintes nos dedicamos a abordar mais detalhadamente algumas das reações masculinas – exclusões, discriminações, preconceitos, desvalorização, julgamento, entre outras atitudes negativas – que marcam o contexto de mulheres que adentram no âmbito dos futs e que foram discutidas nas dissertações e teses que enquadrados no presente enfoque temático.

Um primeiro ponto que nos chamou a atenção não enfoca precisamente aspectos da relação entre mulheres e futs. Este ponto diz respeito à necessidade que os meninos/homens têm de participar dos futs mesmo que não gostem da modalidade, a fim de não terem sua masculinidade questionada. Conforme resgata Dunning (1992), a prática de desportos de confronto esteve relacionada, desde os primórdios, com a formação da identidade masculina. Os homens sofriam pressões para praticar os esportes, sob a ameaça de serem categorizados como anormais, afeminados ou homossexuais em caso de desinteresse pelos mesmos. Bourdieu (2010) defende que, uma vez que poder e sexualidade estão relacionados, sempre foi e continua sendo extremamente humilhante, para um homem heterossexual, ser percebido como uma mulher – com deboches acerca de sua virilidade ou acusações de homossexualidade, por exemplo. As dissertações de Uchoga (2012) e Viana (2012) e a tese de Fernandes (2016) identificaram este aspecto em seus estudos. Para estes autores, os futs, como espaço em que a masculinidade é reforçada, permitem que sejam demonstradas não somente habilidades técnicas e táticas, mas também atributos como virilidade e coragem, valorizados nas relações de poder. O menino/homem que opta por não jogar a

modalidade, ou que não se destaca jogando, corre o risco de ter sua masculinidade colocada em suspeição.

Com relação às mulheres que adentram no universo dos futs, uma das formas de repreensão social consiste em julgá-las como não femininas, colocando em dúvida sua sexualidade. Foram várias as dissertações e teses do enfoque temático Gênero que endereçaram esta discussão (CHAN-VIANNA, 2010; FERNANDES, 2016; FERREIRA, 2012; HEIDRICH, 2013; MINA, 2016; RIHAN, 2016; SALVINI, 2012; VIANA, 2012), tomando como base especialmente as proposições apresentadas por Goellner (2005). De acordo com esta autora, assim como também afirmou Mina (2016) em sua dissertação, este julgamento baseia-se na visão essencialista dos gêneros, na qual se impõe um caráter fixo e binário para as identidades de gênero sem que a multiplicidade contida em cada polo seja levada em consideração. Para Goellner (2005), assim como Salvini (2012) reforça em sua dissertação, os homens permitem que as mulheres adentrem no universo dos futs desde que elas não transponham alguns limites culturalmente instituídos como inerentes ao gênero masculino. Dentre estas imposições, está o fato de que os futs não devem masculinizar as mulheres. Ao contrário, a sua feminilidade deve ser reforçada por meio deste esporte. Diante destas condições, Goellner (2005) afirma, assim como também identificaram Fernandes (2016) e Viana (2012), que a sociedade ressalta e valoriza atributos da aparência e dos corpos das mulheres atletas, como beleza, graciosidade e sensualidade. A mulher que joga os futs deve estar sempre feminina – cabelos bem penteados, maquiada, utilizando adornos corporais, vestindo chuteiras e uniformes limpos. A dissertação de Rihan (2016) destaca que a mídia, de modo especial, procura frequentemente sustentar essa ordem, ressaltando modelos de feminilidade exibidos pelas jogadoras dos futs. Ao impor estes padrões de feminilidade para as mulheres que jogam os futs, torna-se possível vigiar seus corpos e invisibilizar aquelas que fogem à norma.

Chan-Vianna (2010), Rihan (2016) e Salvini (2012) discutiram, em suas pesquisas, alguns aspectos com relação à atletas que se desviam dos padrões de feminilidade esperados. Salvini (2012) afirmou que quanto mais distante de características de feminilidade, menos discretas as atletas acabam sendo e, como consequência, menor a aceitação por parte da sociedade. Chan-Vianna (2010, p. 64) identificou em sua pesquisa algumas características que desviam as jogadoras de futebol por ele estudadas de um padrão de feminilidade:

as roupas largas e a ausência de acessórios e adereços delicados; o despojamento de se vestir e a utilização da roupa típica do esporte como traje cotidiano; o jeito balanceado de andar sem rebolar; as coxas fortes; o cabelo preso; as chuteiras ou tênis de cano alto; as tatuagens com motivos agressivos; os cumprimentos de mão com força e longos abraços seguidos de tapas nas costas; as piadas constantes sobre o ridículo alheio em voz alta.

São estes atributos que, segundo o autor, submeteram as atletas estudadas, e levam outras em contextos semelhantes, a serem acusadas e estigmatizadas como masculinas e/ou homossexuais.

Em duas dissertações, Mina (2016) e Rihan (2016), assim como também discute Goellner (2005, 2010), entendem que o discurso da masculinização das mulheres através dos futs admite a percepção desta modalidade como esporte masculino – um esporte generificado e generificador. Nesse sentido, por um lado é possível afirmar que as mulheres que praticam esta modalidade vão além do que culturalmente se convencionou como sendo próprio de seu corpo, enfrentando preconceitos e estratégias de poder. Por outro lado, a participação delas representa uma adaptação de valores, ao passo que, muitas vezes, a sua inserção se dá sob a condição de reforçar e reafirmar uma representação hegemônica de feminilidade. Desta forma, repetidamente as mulheres são reconhecidas no futebol em virtude de seus corpos e beleza, ao invés de terem consideradas suas habilidades táticas e técnicas. Segundo as autoras supracitadas, é preciso assumir e respeitar que existem diferentes formas de se viver as masculinidades e feminilidades no contextos dos futs.

Outra reação quanto à presença de mulheres no âmbito dos futs diz respeito à questão da erotização dos corpos das atletas, temática articulada por alguns dos trabalhos enquadrados na categoria Gênero (MATTOS, 2014; MONTEIRO, 2016; RIHAN, 2016; SALVINI, 2012). Os estudos de Goellner (2005) e Knijnik e Vasconcelos (2002), que embasaram estas discussões, afirmam que o corpo erotizado no e pelo esporte concebe uma imagem que o torna absolutamente desejável. Neste contexto, a erotização dos corpos sustenta-se através do argumento de que se as atletas forem atraentes, conquistarão o público e, desta forma, ampliarão os recursos captados através dos jogos e propagandas, angariando, inclusive, patrocinadores para os futs de mulheres. De acordo com Bourdieu, (2010) ao mesmo tempo em que as mulheres conquistaram a liberdade de usar seus corpos no âmbito esportivo, esta liberdade está condicionada à apreciação masculina. A conquista do “corpo-para-si-mesma” divide

espaço com o “corpo-para-o-outro” a partir do momento em que as mulheres representam apenas uma coisa para ser olhada. Nesse sentido, as dissertações de Mattos (2014) e Monteiro (2016) enfatizam que a ideia consiste em atrair e agradar ao público masculino heterossexual através da exposição demasiada de seus corpos. Segundo Goellner (2005) e Knijnik e Vasconcelos (2002), a mídia contribui de forma significativa para isto quando, em muitos casos, enfatiza qualidades físicas das jogadoras de futs em detrimento de lances da partida ou de atributos que deveriam ser observados em um jogo de futebol.

Salvini (2012), em sua dissertação, chama a atenção para a questão do uniforme utilizado por mulheres atletas de futs. Para além de atender às necessidades de mobilidade do jogo, o uso de uniformes mais ajustados ao corpo das jogadoras baseia-se em fundamentos ocultos da dominação masculina, visando espetacularizar os corpos femininos. Com base em Bourdieu, Salvini (2012) identifica o fenômeno da cumplicidade nos antagonismos: homens (dominantes) e mulheres (dominadas) fazem uso da espetacularização dos corpos através dos uniformes para a mesma finalidade – jogar futebol –, mas com objetivos diferentes. Enquanto para as mulheres o uso de uniformes mais justos ao corpo representa a conquista de um espaço no contexto do futebol, para os homens simboliza uma permissão de entrada às mulheres neste ambiente hegemonicamente masculino. Para além das habilidades esportivas, são valorizadas a sensualidade e a exposição do corpo da mulher.

Outra reação geralmente naturalizada em nossa sociedade diz respeito à inferiorização dos fazeres corporais esportivos das mulheres que jogam futs. Os trabalhos da categoria Gênero que discutiram esta perspectiva foram aqueles que estudaram os futs de mulheres no contexto educativo – seja na categoria Educação física escolar (FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; MINA, 2016; UCHOGA, 2012) ou na categoria Escolinhas e projetos que envolvem futs (CHAN-VIANNA, 2010; VIANA, 2012). Embora já tenhamos abordado esta temática especialmente na seção 4.1 (EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR), alguns aspectos serão retomados a seguir, uma vez que esta discussão relaciona-se, também, à questões de gênero.

Autores como Altmann, Ayoub e Amaral (2011), Louro (2003) e Sousa e Altmann (1999) defendem que, em virtude do vínculo histórico da educação física enquanto disciplina escolar com a biologia e questões de manutenção da saúde e higienização, argumentos biológicos serviram para justificar a separação de meninos e meninas nas turmas. Mesmo com o atual aporte proveniente especialmente das teorias

feministas, muitos professores continuam se apoiando nas diferenças de habilidades entre meninos e meninas para explicar a separação da turma nas aulas de educação física, sem ao menos problematizar se estas diferenças realmente advêm da natureza ou consistem em construções culturais. Algumas dissertações da categoria Gênero (FERNANDES, 2016; MATTOS, 2014; UCHOGA, 2012; VIANA, 2012) identificaram a ideia generalizada de que os meninos são mais aptos e mais capazes de realizar qualquer atividade proposta, ou seja, que eles têm maiores habilidades quando comparados às meninas – especialmente no contexto dos futs. Contudo, Altmann, Ayoub e Amaral (2011) destacam que historicamente são ofertadas diferentes oportunidades de conhecimento – geralmente restritas e estereotipadas – para meninos e meninas. Nesse sentido, as dissertações de Uchoga (2012) e Viana (2012) e a tese de Fernandes (2016) afirmam que precisamos considerar que os corpos esportivos de meninos e meninas são constituídos por experiências corporais distintas, vivenciadas ao longo dos diferentes processos de socialização aos quais foram submetidos. Este processo culmina em diferentes níveis de habilidade entre meninos e meninas.

Outro aspecto que se fez presente em duas dissertações do enfoque temático Gênero (MINA, 2016; SALVINI, 2012) diz respeito às poucas escolinhas de futebol voltadas especificamente para meninas. Mina (2016), em sua dissertação, afirma que esta realidade pode ser justificada devido à lógica mercantilista. Uma vez que os futs de mulheres são pouco valorizados em nossa sociedade, na atual lógica de mercado, esta modalidade não gera espetáculo e nem lucros promissores. Ou seja, a criação de escolinhas de futebol destinadas apenas para meninas não parece cumprir com as expectativas de mercado, bem como possivelmente não atingiria um quórum suficiente devido às questões culturais que permeiam a prática dos futs.

A dominação masculina no âmbito dos futs se expande para além das questões corporais presentes nos campos de futebol. Alguns trabalhos que se encaixaram no presente enfoque temático (FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016; RIHAN, 2016; SALVINI, 2012) discutiram questões relacionadas aos homens assumirem, também, os cargos políticos que gerenciam e organizam os futs – tanto de homens quanto de mulheres –, bem como posições de treinadores, auxiliares técnicos, preparadores físicos e arbitragem. De acordo com os autores supracitados, assim como afirma Moura (2003), os futs como espaço de reserva masculina favorecem a naturalização da percepção de que homens estão mais aptos a ocuparem estes cargos. Embora iremos examinar essa temática na seção 4.9 (PROFISSIONAIS DOS FUTS), adiantaremos alguns aspectos da

discussão a seguir, uma vez que os mesmos são relevantes no contexto da discussão de gênero.

Bourdieu (2010) afirma que as mulheres que conseguem assumir estes cargos obtêm acesso ao poder. Neste contexto, se veem diante de um dilema: se agirem como culturalmente se espera que aja uma mulher, transparecem a ideia de serem incapazes e inadaptadas à situação. Se agirem como culturalmente se espera que aja um homem, além de perder os atributos supostamente obrigatórios da feminilidade, colocam em questão o direito naturalizado do homem às posições de poder. Sabendo que o preconceito, de acordo com Camino *et al.* (2001), pode ser entendido como um processo social que se desencadeia no âmbito de relações de poder entre grupos, Salvini (2012) aponta que determinadas reações emocionais masculinas preconceituosas para com mulheres que almejam ou ocupam os cargos de poder representam uma forma de “proteção” masculina ao espaço tido como seu. Dentre as dificuldades que as mulheres encontram para assumir estes variados cargos, as dissertações de Ferreira (2012) e Monteiro (2016) elencaram os seguintes aspectos: a visão de mulher como sexo frágil; a percepção social que somente os homens têm capacidade para atuar nestas áreas; a falta de espaço e oportunidades para inserção e ascensão das mulheres; o questionamento acerca da capacidade daquelas que têm acesso aos postos; a falta de reconhecimento profissional; e a baixa ou ausente remuneração. Além disso tudo, as próprias mulheres, que muitas vezes consentem à dominação masculina nestes campos, passam a duvidar de sua capacidade em exercer estas funções.

Ferreira (2012) e Rihan (2016) destacaram que, em alguns casos, as mulheres que assumem cargos de poder no contexto dos futs são dispostas em posições hierarquicamente superiores a homens, como, por exemplo, no comando de equipes masculinas ou na arbitragem de partidas de futs de homens. Nestas circunstâncias, as autoras identificaram a adoção de um comportamento contraditório. Ao mesmo tempo em que muitas reforçam estereótipos de feminilidade ao fazerem uso da tradicional imagem da mulher sensível e maternal visando estabelecer maior aproximação no relacionamento com os atletas, outras buscam adotar aspectos da masculinidade, utilizando uma postura mais firme e rígida, visando impor autoridade. Neste último caso, ao recorrerem à comportamentos tidos como masculinos, as mulheres sentem como se estivessem evitando transparecer a ideia de “sexo frágil”. As dissertações de Ferreira (2012), Monteiro (2016) e Rihan (2016) defendem que as mulheres que ocupam os cargos de poder precisam, a todo instante, resistir, subverter a ordem, criar

estratégias de sobrevivência e provar que são merecedoras de ocupar tal posição. Todavia, a presença de mulheres nestas áreas é fundamental para promover o crescimento e a valorização dos futs de mulheres. Esta presença colabora no sentido de ajudar a romper barreiras de gênero.

As pesquisas que estudaram os futs de mulheres sob a perspectiva de gênero debateram questões relacionadas às dificuldades, discriminações, preconceitos e estereótipos enfrentados por mulheres praticantes dos futs. São aspectos que constantemente emergem quando se fala em futs de mulheres – exclusões, discriminações, erotização, desvalorização, julgamento, ausência de patrocínio, poucos campeonatos, instabilidade de clubes, baixo ou nulo incentivo econômico, entre outros. Estas circunstâncias resultam de questões histórico-culturais que colocaram os futs como uma área de reserva masculina e servem, muitas vezes, como tentativa de manutenção da ordem masculina em uma sociedade estruturalmente machista. Nesse sentido, estas pesquisas se fazem importantes na medida em que sistematizam e discutem as problemáticas enfrentadas pelas mulheres que estão envolvidas com os futs em nossa sociedade e colaboram para que as resistências sejam reconhecidas como construções culturalmente impostas e para que estas possam ser superadas.

Outro aspecto importante das pesquisas que estudam os futs de mulheres sob a perspectiva de gênero é que elas reiteram a presença cada vez mais intensa e constante das mulheres nos ambientes dos futs – seja nas aulas de educação física escolar, como atletas profissionais ou amadoras ou ainda nos cargos de gestão e arbitragem. Estes trabalhos nos mostram que a busca das mulheres por sua afirmação e reconhecimento ainda existe e é constante. Mas gradativamente os preconceitos e as estratégias de poder vêm sendo enfrentados e a mulher que se relaciona com os futs vêm demarcando seu território.

4.4 LAZER

O título, autor, orientador e ano de publicação das dissertações e teses que se enquadram no enfoque temático Lazer são apresentados no QUADRO 10.

QUADRO 10 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO LAZER

Título	Autor	Orientador	Ano
Clube, futebol e lazer: as dinâmicas cultural e educativa de um campeonato de futebol amador na cidade de Piracicaba/SP	Milena Avelaneda Origuela	Cinthia Lopes da Silva	2015
Futebol e Cultura: Assistência aos jogos em um bar na cidade de Piracicaba-SP	Milena Avelaneda Origuela	Cinthia Lopes da Silva	2014
<i>Macho varón sin pepa</i>: a prática dos futebolis na história de vida de atletas da equipe de futebol da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Claudia Yaneth Martínez Mina	Silvana Vilodre Goellner	2016
Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivo de confronto no lazer	Alexandre Jackson Chan Vianna	Ludmila Nunes Mourão	2010
Mulheres da classe alta no futebol: o caso do Nova Iguaçu Country Club	Carlos Eduardo Naliato Melillo	Sebastião Josué Votre	2010

FONTE: as autoras

A TABELA 11 apresenta as seguintes informações sobre os trabalhos que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia, outros enfoques temáticos em que os trabalhos foram classificados e o contexto onde a pesquisa fora realizada.

TABELA 11 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO LAZER

(continua)

Informação		Quant. trabalhos	Referências
Sexo autor	Feminino	3*	(MINA, 2016; ORIGUELA, 2014, 2015)
	Masculino	2	(CHAN-VIANNA, 2010; MELILLO, 2010)
Tipo de trabalho	Dissertação	3	(MELILLO, 2010; MINA, 2016; ORIGUELA, 2014)
	Tese	2	(CHAN-VIANNA, 2010; ORIGUELA, 2015)
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	4	(CHAN-VIANNA, 2010; MELILLO, 2010; ORIGUELA, 2014, 2015)
	Quantitativo	-	0
	Quanti-qualitativo	-	0

TABELA 11 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO LAZER

(conclusão)

Informação		Quant. trabalhos	Referências
Trabalhos que classificamos em outras enfoques além de Lazer	Gênero	2	(CHAN-VIANNA, 2010; MINA, 2016)
	Escolinhas e projetos que envolvem futs	1	(CHAN-VIANNA, 2010)
	Educação física escolar	1	(MINA, 2016)
Contexto	Clube	2	(MELILLO, 2010; ORIGUELA, 2015)
	Projeto social	1	(CHAN-VIANNA, 2010)
	Universidade	1	(MINA, 2016)
	Bar	1	(ORIGUELA, 2014)

FONTE: as autoras

NOTA: * Uma mesma autora foi contabilizada duas vezes porque defendeu dissertação e tese.

A seguir, apresentamos os resumos dos cinco trabalhos do presente enfoque temático.

Conforme apresentado anteriormente nas seções ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS e GÊNERO, a tese de Chan-Vianna (2010, p. VI) dedicou-se a “compreender quais as representações que sustentam a permanência de mulheres nesses esportes [coletivos de confronto] por lazer”. Através da etnografia, o autor fez uso de diário de campo, fotos, filmagens e pequenos questionários. O local de observação foi um Centro Esportivo na cidade do Rio de Janeiro, no qual era promovido um projeto de iniciação esportiva socioeducativo com a oferta de 25 modalidades distintas. Chan-Vianna (2010) acompanhou uma turma exclusiva de mulheres que, apesar de treinarem em quadra de futsal, seguiam as regras do jogo de futebol de campo. Além deste ambiente, observou as mesmas mulheres em contextos como festas, churrascos, locais de convivência mútua, entre outros. Foram 12 mulheres com idades entre 19 e 24 anos. Apresentamos, a seguir, alguns aspectos da pesquisa voltados ao âmbito do lazer.

O autor constatou que, embora o grupo tenha se estabelecido por conta do projeto socioeducativo, o futebol servia apenas como uma justificativa racional para o espaço de socialização que ali se estabeleceria. O tempo da prática esportiva em si não passava de alguns minutos, enquanto o encontro como um todo durava no mínimo três vezes mais, podendo ser alongado para o dia inteiro. Para além de uma simples opção

esportiva de lazer, aquelas mulheres construíram um ambiente seguro de sociabilidade. Justificavam a permanência no grupo especialmente por conta do espaço prazeroso de convivência e identificação que encontravam. Chan-Vianna (2010) também observou a formação de subgrupos, os quais eram caracterizados por meninas que possuíam afinidades, por permitirem fruição nas conversas, comportamentos e gestos e por possibilitarem que as meninas passassem mais momentos juntas, compartilhando suas vidas pessoais.

Para Chan-Vianna (2010), o futebol representou um tempo/espço privilegiado de construções sociais, permitindo que as mulheres observadas rompessem com a visão de feminilidade tradicional. Este tempo/espço permitia o diálogo entre os desvios de feminilidade das atletas e o universo cotidiano mais amplo em que estavam inseridas. Alguns ponderamentos acerca destas questões de feminilidade serão abordadas em um momento oportuno mais adiante neste trabalho.

Em sua dissertação, Melillo (2010, p. 20) buscou

“analisar e interpretar a inserção e permanência de mulheres da classe alta na prática do futebol. Identificar as facilidades e dificuldades dessa prática [...]. Contribuir para implementar a prática do futebol para mulheres da classe alta em clubes e outras instituições da mesma natureza”.

O autor fez uso da etnografia, com observação participante, questionário e entrevistas. Ele observou uma turma de treinamento de futebol feminino já consolidada, frequentada por 27 mulheres das classes A1 e A2 (segundo o critério de classificação socioeconômica do Brasil), com idades entre 15 e 52 anos, oferecido em uma sociedade civil privada, o Nova Iguaçu Country Club, situado em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

Melillo (2010) observou que, dentre os motivos que levaram às mulheres à inserção e permanência nos treinamentos estavam o gosto pelo futebol, socialização, estrutura que o clube oferecia e questões estéticas (para emagrecer). As mulheres apontaram dificuldades para permanecer na prática relacionadas com obrigações familiares, de trabalho ou estudo, falta de tempo, preguiça, presença de grupos já formados (“panelas”) e discriminação de gênero. Embora elas tenham pontuado a presença de estereótipos também como uma dificuldade para a prática, a temática não foi aprofundada pelo autor. O autor concluiu que a pertença das mulheres à classe alta permitia que elas arcassem com os custos associativos do clube e usufríssem dos

benefícios ofertados no local. Este foi o principal motivo da adesão ao futebol pelas mulheres estudadas, influenciando, inclusive, a manutenção das mesmas no grupo.

Milena Avelaneda Origuela defendeu dois trabalhos no período considerado – dissertação e tese –, ambos enquadrados no enfoque temático de lazer. A dissertação (ORIGUELA, 2014, p. 9) teve por objetivo “identificar e analisar quais os significados de se assistir aos jogos de futebol no bar”. Para tanto, a autora realizou uma pesquisa de campo, utilizando entrevistas e observação participante, em um bar frequentado por torcedores de diferentes times de futebol localizado na cidade de Piracicaba. Para contemplar dias da semana e campeonato diferentes, a autora realizou quatro visitas ao bar. Entrevistou 14 indivíduos, sendo 12 homens e 2 mulheres – suas idades eram entre 29 e 34 anos.

Origuela (2014) observou semelhanças nas falas de homens e mulheres entrevistados no que dizia respeito às justificativas para assistência dos jogos no bar – questões como prazer de estar com amigos, conhecer novas pessoas e cultivar novas amizades. Identificou, assim, que o interesse social do lazer na opção destas pessoas pela assistência dos jogos no bar superava o futebol em si. Ela justificou afirmando que o bar representava um ambiente de lazer, interação e sociabilidade, culminando em um ponto de encontro para pessoas com interesses comuns. O jogo de futebol, no entanto, não era deixado de lado: os espectadores estavam sempre atentos à partida. A autora concluiu que o futebol é um jogo envolvente e absorvente “porque nega à razão, excita, promove paixões e apostas, faz parte da cultura de um povo e este se expressa por meio desse jogo” (p. 80).

Já a tese defendida por Origuela (2015) objetivou “analisar a dinâmica cultural do Campeonato Livre de Futebol Social” (p. 11). Este é um campeonato amador de futebol realizado no “Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo” na cidade de Piracicaba. O evento conta com mais de 1500 jogadores e não há a categoria voltada para mulheres. A autora realizou uma pesquisa etnográfica, fazendo uso de observações e entrevistas com indivíduos que fossem apenas jogadores, apenas espectadores e jogadores e espectadores. As mulheres entrevistadas foram 14 de um universo de 20 espectadores, com idades entre 18 e 48 anos. Embora a autora afirme que a presença das mulheres era constantemente inferior à dos homens – estas estiveram em maior número apenas nas semifinais e finais –, a maioria das entrevistadas no grupo de espectadores

serem mulheres justifica-se pelo fato de que muitos dos espectadores eram também jogadores, o que configurava outro grupo de entrevista.

Origuela (2015) observou que os significados da assistência do futebol no clube estavam mais relacionados ao apoio à família (marido, filho, pai, etc.) e ao levar o(s) filho(s) para ver(em) o pai jogar, a fim de transmitir o exemplo para a nova geração. O primeiro representa obrigações familiares/sociais; enquanto o segundo pode ser considerado uma forma de educação pelo lazer (não-formal), uma vez que a assistência, como uma atividade de lazer, torna-se potencial para o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos. Emergiram, também, algumas falas isoladas de mulheres no sentido gostarem de futebol e da possibilidade de encontro com amigos, evidenciando o interesse social do lazer.

A autora concluiu que, de uma forma geral, esteve presente o discurso da sociabilidade entre os entrevistados, revelando que o clube proporciona não somente a vivência prática do conteúdo físico-esportivo do lazer, mas também do conteúdo social. Neste âmbito, a autora destacou valores como companheirismo, solidariedade, coletivo, responsabilidade, respeito pelo outro e pelas diferenças sociais (ORIGUELA, 2015).

Conforme apresentamos anteriormente nos enfoques Educação física escolar e GÊNERO, a pesquisa de Mina (2016, p. VII) teve por objetivo “analisar as experiências das atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), identificando a forma como a categoria relacional gênero apareceu nos diversos contextos sociais em função de serem mulheres que praticavam este esporte”. Utilizando a metodologia da história oral, a autora entrevistou 15 atletas da equipe de futsal da UFRGS com idades entre 17 e 28 anos.

O viés do lazer se tornou mais evidente na dissertação de Mina (2016) quando a autora passou a analisar especificamente as atletas no contexto do time de futsal da UFRGS (os aspectos observados pela autora com relação à trajetória das atletas não remeteram à aspectos de lazer). Estar no time proporcionava às atletas a possibilidade de dar continuidade às suas vidas como praticantes de futsal e de demonstrar suas habilidades para este esporte. Cada atleta atribuía significados subjetivos à prática esportiva, os quais estavam relacionados com as suas experiências de vida e transcendiam para além da esfera meramente esportiva.

As experiências adquiridas através do esporte propiciaram a criação de laços de amizade, a ampliação de espaços sociais e de interação social e a construção de outros significados que marcaram a forma com que cada atleta via o mundo. As vivências incluíam, além dos treinamentos e jogos, atividades como almoçar juntas, idas a bares, comemorações de aniversários, criação de grupo musical, entre outras. Segundo Mina (2016, p. 153), “estar na equipe de futsal da universidade não se relega simplesmente à prática esportiva, este pertencimento traz consigo a estruturação de outras interações, vínculos e sociabilidades”.

Em todos os trabalhos aqui analisados os pesquisadores identificaram, para além do caráter físico ou prático, o interesse social do lazer (CHAN-VIANNA, 2010; MELILLO, 2010; MINA, 2016; ORIGUELA, 2014, 2015). Chan-Vianna (2010), Mina (2016) e Origuela (2014) entenderam que jogar os futs como opção de lazer compreendia um tempo/espaço de encontro de pessoas com interesses comuns, com possibilidades de reunir-se com amigos, cultivar amizades, compartilhar experiências. Além disso, permitia que as mulheres expressassem as suas individualidades, fosse se afastando dos padrões da feminilidade tradicional – conforme identificou Chan-Vianna (2010) – ou se aproximando de códigos geralmente permitidos aos homens – como, por exemplo, proferir xingamentos, como observou Origuela (2015).

Escalera (2000) explica que a constituição de sociabilidades está relacionada ao estabelecimento de associações voluntárias, as quais podem ser formais ou informais. Ainda que não haja claramente uma fronteira definida entre esses tipos de associações, o autor aponta que associações informais não se organizam em agrupamentos definidos, o que não significa que estes grupos não sejam estáveis e permanentes, mas que se configuram de forma mais ou menos difusas, não explícitas e espontâneas. Os espectadores observados por Origuela (2014, 2015) tinham, no local da assistência dos jogos (bar ou clube), o tempo/espaço em que se estabeleciam associações formais. Nos casos das equipes de futs estudadas por Mina (2016), Chan-Vianna (2010) e Melillo (2010), as associações formais se davam nas ocasiões em que as mulheres se reuniam com o intuito do treinamento esportivo (no clube, associação ou ginásio destinado para a prática). Como consequência desta prática, Mina (2016) e Chan-Vianna (2010) identificaram casos de associações informais – churrascos, festas, idas a bares, outros locais de convivência mútua para além do espaço de treinamento. No caso dos trabalhos de Melillo (2010) e Origuela (2014, 2015), estes não tiveram como foco de sua pesquisa

explorar as possíveis associações informais que se estabeleceram a partir das associações formais.

Existem algumas aproximações e distanciamentos que podem ser estabelecidos entre os trabalhos de Chan-Vianna (2010), Melillo (2010) e Mina (2016). Discorremos sobre eles a seguir. Ressaltamos que Melillo (2010) abordou alguns aspectos de forma mais sutil quando comparado aos outros dois autores, o que justifica a ausência das discussões deste autor em algumas das análises apresentadas a seguir.

Chan-Vianna (2010) e Mina (2016) buscaram compreender a trajetória das mulheres até o ingresso nos times em que faziam parte no momento da pesquisa. De forma semelhante nos dois trabalhos, os autores notaram que a inserção na modalidade se deu durante a infância, na forma de brincadeiras de rua, geralmente acompanhadas pelos meninos. A família, como elemento de influência, apresentava a seguinte configuração: pais, padrastos, irmãos e tios (ou seja, meninos/homens próximos de seu convívio) como os maiores incentivadores e, de forma especial as mães, como elemento de coerção, preocupadas tanto com as possibilidades das meninas se machucarem, quanto com as ameaças à feminilidade de suas filhas. Durante o período de EDF escolar, frente à divisão da turma entre meninos e meninas, as meninas optavam por realizar as práticas junto aos meninos. Estes elementos, abordados com profundidade na seção 4.1 (EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR), reforçam, como apontando por Altmann, Ayoub e Amaral (2011), Goellner (2010), Louro (2003) e Sousa e Altmann (1999), a questão da aproximação socialmente estabelecida entre o futebol e o masculino. A dissertação de Melillo (2010) identificou alguns casos de iniciação tardia na modalidade, no próprio clube.

Chan-Vianna (2010) e Mina (2016) observaram que, em anos subsequentes, muitas meninas buscaram seguir na carreira de jogadoras e algumas até fizeram parte de equipes profissionais. Mas por conta de dificuldades e insucessos, profissionalizar-se no futebol não se consistiu em uma escolha viável para elas. Ainda assim, a maioria das mulheres estudadas afirma que a trajetória de envolvimento e as experiências adquiridas ao longo de suas vidas com os futs foram fundamentais para definir as suas configurações de vida – tanto no sentido de participarem dos times e manterem a prática da modalidade por lazer, quanto nas escolhas profissionais, uma vez que a grande maioria das mulheres optou por cursar e trabalhar na área da educação física.

Ainda que a prática dos futs fosse mantida por lazer, esta assumia uma configuração e dimensão relativamente importantes na vida das mulheres. Chan-Vianna

(2010) e Mina (2016) notaram que elas organizavam o seu tempo de forma que não faltassem ao treinamento, mas que também não precisassem renunciar às demais atividades de seu cotidiano, como trabalhar e estudar. As atletas observadas por Melillo (2010) até relataram situações de cansaço por conta de compromissos com família, lar, estudos e/ou trabalho, mas isso não as impediu de estarem presentes no treinamento.

Um fator observado e enfatizado nas pesquisas de Chan-Vianna (2010) e Mina (2016), também citado por Melillo (2010), diz respeito à formação de painéis – indica dominação simbólica por parte de um grupo social sobre outro. Mina (2016) averiguou que a equipe como um todo pode representar uma painela, dificultando o ingresso de pessoas externas ao time; enquanto podem surgir painéis no interior do próprio time, relacionadas às pessoas que tem mais afinidades entre si.

O grupo de mulheres que frequentava o projeto de iniciação esportiva socioeducativo estudado por Chan-Vianna (2010) constituía uma painela ao passo que o autor identificou a presença de um “ritual de passagem” para a adesão e permanência de novatas na turma. Este ritual compreendia as etapas: tentativa, perseverança, permanência e dispersão. Era legitimado de forma imperceptível pelas veteranas. Às novatas, era necessário provar posse das qualidades necessárias para se estabelecer no grupo – para além de saber jogar, não deveriam demonstrar a possibilidade de desvirtuar a imagem vinculada à feminilidade tradicional que as líderes transmitiam (aspecto que será abordado mais a seguir). Se as novatas demonstrassem atender estes requisitos de competências atléticas e de caráter, as líderes começavam a interagir com a pretendente e a aceitação tornava-se evidente. Na dissertação de Mina (2016), as atletas reconheciam que a equipe de que faziam parte era submetida ao estereótipo de ser uma grande painela. Contudo, a questão não foi aprofundada pela autora. Melillo (2010), em sua dissertação, apresentou a fala de uma atleta que encontrou dificuldades em entrar na equipe por conta desta se constituir como uma painela: “Fica perdida no campo. Ninguém passa a bola, já tem aquele grupo formado” (p. 71). Contudo, o autor também não aprofundou esta discussão.

Com relação à formação de “subpainéis” no interior do time, Chan-Vianna (2010) observou que era somente o grupo das veteranas que possuía afinidade e fruição em diferentes aspectos. Representava um grupo fechado, em que novatas não adentravam. No caso de Mina (2016), esta reconheceu e legitimou a manifestação de particularidades internas no time de futsal observado, o que levava ao estabelecimento de grupos de afinidades. Em ambos os casos, as meninas estavam em mais momentos

juntas, além do futebol, compartilhando suas vidas pessoais e estabelecendo associações informais de lazer. Como aponta Simmel (2002), no processo de interação e socialização entre as pessoas existe um jogo no qual todos os sujeitos envolvidos parecem iguais, mas interesses como querer superar uns aos outros, formar partidos, vencer, alterar entre oposição e cooperação, entre outros, são sustentados pela atratividade entre aqueles que almejam as mesmas funções.

A tese de Chan-Vianna (2010) debruçou-se de forma intensa à questão da estigmatização à qual as mulheres praticantes dos futs estavam submetidas. No grupo de atletas observadas pelo autor, ficou evidente uma preocupação com a imagem que elas transmitiam para o público, especialmente para familiares. Embora muitas delas fossem homossexuais, incomodavam-se com aquelas que exprimiam modos masculinizados e que apresentavam atitudes extravagantes. Segundo as atletas, era a partir daí que se estabelecia o preconceito, uma vez que esse tipo de comportamento denigria a imagem que as pessoas tinham sobre as praticantes de futebol. Para elas, era assim que ficavam “queimadas”. Neste contexto, o autor ponderou que o ser era um direito individual de cada uma, o que era respeitado no grupo. Mas o parecer era uma questão de comprometimento do grupo, uma vez que implicava em consequências para além do contexto do futebol. Por outro lado, as mesmas atletas criticavam mulheres vinculadas à feminilidade tradicional. Utilizavam atributos como “frescas, delicadas entre aspas, cheias de não me toque, egoístas e com exagero na preocupação estética” (CHAN-VIANNA, 2010, p. 69) para se referir ao modelo hegemônico de feminilidade apresentado por aquelas mulheres.

Chan-Vianna (2010) e Melillo (2010) realizaram algumas inferências com relação à classe social das mulheres observadas. Como aponta Louro (2003), mesmo com a proclamada “pluralidade cultural” em nossa sociedade, operamos, de forma implícita ou explícita, com uma identidade referência – o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. As demais identidades são constituídas como “outras” em relação a essa referência. Uma vez que fogem à norma, são diferentes, marcadas. Desta forma, o pertencimento ou a aparência de pertença às classes sociais superiores parecem “amenizar” não somente os possíveis estereótipos de gênero, mas a transgressão que estas mulheres impõem à ordem social pelo simples fato de jogarem futs. Em diversos momentos de sua tese, pela evidência dos fatos observados ou por situações que ocorreram explicitamente, Chan-Vianna (2010) estabeleceu uma correlação entre classe social e comportamentos masculinizados. O autor constatou que

a permanência no grupo estava atrelada à aparência física combinada com a percepção de pertença a uma classe social superior, uma vez que isto gerava a expectativa de um comportamento público considerado normal e apropriado em termos de forma de se vestir, vocabulário, valores expressos, gestos e atitudes. Desta forma, o grupo conseguia negociar suas distinções com o universo normativo de feminilidade. Em sua dissertação, Melillo (2010) concluiu que a pertença das mulheres à classe alta permitia que elas arcassem com os custos associativos do clube e usufríssem dos benefícios ofertados no local. Isto representou um fator de motivação e manutenção da prática do futebol por aquelas mulheres. O ambiente do clube estudado, descrito na pesquisa como condizente com a realidade socioeconômica das associadas, apresentava características como: material esportivo adequado, vestiário feminino com boxes individuais, chuveiros elétricos e até mesmo algumas ornamentações, flores e música.

Quanto às justificativas elencadas pelas mulheres para a permanência nas equipes de futs, Chan-Vianna (2010) e Mina (2016) identificaram falas com relação à possibilidade de continuarem fazendo o que gostam, ao espaço prazeroso de convivência e à identificação que encontram. Para além de uma simples opção esportiva de lazer, as mulheres encontraram/construíram um ambiente seguro de sociabilidade. Ser mulher e jogar futs significava desmistificar crenças relacionadas às mulheres que praticam estas modalidades. Significava, segundo Mina (2016, p. 160), que “mulher também pode”.

Conforme dados do Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE, 2015), o futebol foi o segundo esporte mais praticado por mulheres no ano de 2013 – jogado por 19,2% das entrevistadas –, ficando atrás apenas do voleibol (20,5%). A pesquisa buscou levantar os esportes praticados pela população no ano de 2013 fora do horário de trabalho ou do horário escolar. Entendemos que o futebol vêm se estabelecendo como uma atividade de lazer entre as mulheres brasileiras. Nesse sentido, algumas das pesquisas que se debruçaram em estudar os futs de mulheres a partir da ótica do Lazer nos permitiram compreender o interesse que estas mulheres têm em praticarem os futs como alternativa de lazer e como elas vem se organizando para isto. Os achados destas pesquisas podem servir como referência para o desenvolvimento de projetos nas esferas públicas e privadas que visem atender à demanda feminina pela prática dos futs, oferecendo a estrutura necessária para que as mulheres possam desfrutar da modalidade em seu tempo de lazer.

4.5 MÍDIA

O título, autor, orientador e ano de publicação da dissertação que se enquadra no enfoque temático Mídia é apresentado no QUADRO 11.

QUADRO 11 – TÍTULO, AUTOR E ANO DO TRABALHO QUE SE ENQUADRA NO ENFOQUE TEMÁTICO MÍDIA

Título	Autor	Orientador	Ano
A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil: o que noticiam sobre elas?	Tayane Mockdece Rihan	Ludmila Nunes Mourão	2016

FONTE: as autoras

A TABELA 12 apresenta as seguintes informações sobre o trabalho que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia e outros enfoques temáticos em que o trabalho foi classificado.

TABELA 12 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O TRABALHO QUE SE ENQUADRA NO ENFOQUE TEMÁTICO MÍDIA

Informação		Quant. trabalhos	Referência
Sexo autor	Feminino	1	(RIHAN, 2016)
	Masculino	0	-
Tipo de trabalho	Dissertação	1	(RIHAN, 2016)
	Tese	0	-
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	1	(RIHAN, 2016)
	Quantitativo	0	-
	Quanti-qualitativo	0	-
Trabalhos que classificamos em outros enfoques além de Mídia	Gênero	1	(RIHAN, 2016)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos o resumo do trabalho do presente enfoque temático.

A dissertação de Rihan (2016, p. 18) buscou “compreender as maneiras pelas quais as reportagens articulam os discursos (práticas discursivas e não-discursivas) e geram ou reproduzem representações para o público leitor”. A autora utilizou a etnografia virtual como metodologia de pesquisa. Ela levantou 161 reportagens sobre o futebol de mulheres veiculadas no site Globoesporte.com entre abril e julho de 2015, bem como 612 comentários de leitores. Alguns critérios de inclusão foram aplicados,

tais como: delimitar apenas reportagens (títulos, textos e imagens) que abordavam discursos sobre as mulheres no futebol e incluir apenas reportagens que já apresentavam no título indícios de uma feminilidade concedida às atletas pelo discurso. Como critério de exclusão, foram removidas reportagens que simplesmente descreviam algum jogo ou evento de mulheres. O escopo final foi composto por 34 reportagens. Embora alguns aspectos desta dissertação tenham sido previamente abordados na seção de GÊNERO, neste momento retomamos algumas peculiaridades da pesquisa que dizem respeito mais especificamente à questões midiáticas.

Rihan (2016) dividiu as reportagens encontradas em três temáticas de análise. Na primeira, “feminilidades em jogo: imagens e discursos (midiáticos) no futebol de mulheres”, ela analisou as reportagens e comentários dos leitores. Na segunda categoria analítica, “impedimentos de gênero: quando será a vez delas?”, ela observou questões de gênero atreladas especialmente aos discursos emitidos quando as mulheres atravessam as fronteiras de gênero no futebol – ao se destacarem como atletas ou em cargos de gestão, por exemplo. Por fim, na categoria “desenvolvimento do futebol feminino: agendas para as mulheres” a autora examinou reportagens e comentários acerca da estrutura, investimento e desenvolvimento da modalidade, além de iniciativas de poderes políticos e esportivos em promover a igualdade de gênero no contexto do futebol brasileiro. Esta temática representou o assunto mais veiculado.

Rihan (2016) notou que os discursos encontrados apontaram para uma expectativa de se visibilizar corpos esportistas femininos atléticos e, ao mesmo tempo, delicados e belos. Quando os corpos das mulheres atendiam a um padrão de beleza, seus atributos eram enfatizados e sensualizados. Mas quando isto não ocorria, as mulheres eram rechaçadas através de comentários de usuários, os quais colocavam em xeque a sexualidade das atletas, como por exemplo: “essas daí devem gostar pouco da fruta que os homens gostam” (p. 70). As reportagens e comentários mostraram que o futebol é um local privilegiado para a soberania masculina, de modo que conquistas de mulheres são subestimadas nesse contexto. A autora ainda verificou que, embora o site tenha exibido estratégias que visaram o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, não divulgou efetivamente a modalidade. Deixando, assim, de corresponder às expectativas do público, o qual cobrou maiores incentivos midiáticos ao futebol de mulheres através das reportagens. Ela concluiu que é necessário modificar as representações do senso comum sobre a prática do futebol pelas mulheres a fim de possibilitar que a modalidade seja reconhecida definitivamente em nossa cultura.

Embora apenas uma pesquisa sobre os futs de mulheres tenha se enquadrado na categoria Mídia, foram frequentes as dissertações e teses que encaixamos em outros enfoques temáticos que fizeram alguma menção (geralmente crítica) às questões relacionadas com o futebol de mulheres e a mídia (JORAS, 2015; MINA, 2016; MONTEIRO, 2016; MOURA, 2012; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013; VIANA, 2012). Estes trabalhos não foram enquadrados na categoria mídia por não terem se aprofundado o suficientemente na temática. Desta forma, consideramos relevante ampliar esta discussão para além do único trabalho classificado neste enfoque temático (RIHAN, 2016), apresentando, de forma breve, quais aspectos estas outras pesquisas apontaram. Para tanto, utilizamos como base as quatro proposições elencadas por Moura (2003, p. 60) com relação às diferentes maneiras com que a mídia aborda a prática do futebol pelas mulheres:

1. Apresentam o aparecimento de uma novidade: "futebol de saias"; "mulheres jogando um bolão"; "Sai salto alto, entra chuteiras" etc.;
2. Mostra as habilidades da(s) protagonista(s), ao mesmo tempo comparando-as com o estilo masculino de jogar futebol (oscilando entre mostrar que a mulher pode praticar o futebol tanto quanto o homem e mostrar que sua prática ainda está longe da "perfeição masculina");
3. Afirma que mesmo a mulher praticando o futebol, não perde sua "feminilidade", pois, fora das "quatro linhas", ela cuida de sua beleza e de suas "formas", vencendo a "virilidade" do futebol, permanecendo "feminina" e mulher;
4. Mostram que a mulher encara o futebol não como profissão efetiva. Hoje em dia, este pensamento na imprensa não é mais hegemônico, pois o futebol feminino mundial já dá provas do que pode oferecer, sendo uma atividade esportiva, lúdica e de lazer como outra qualquer.

A primeira forma proposta por Moura (2003) mostra as habilidades das mulheres, mas, ao mesmo tempo, traça comparações entre os estilos de jogar dos homens e das mulheres. Normalmente, conforme identificaram Joras (2015), Rihan (2016) e Souza Júnior (2013), nestes casos a mídia aponta para uma conclusão já estabelecida a priori de que as jogadoras mulheres dificilmente chegarão ao nível dos homens na modalidade.

Este aspecto foi observado de forma especial na pesquisa de Rihan (2016), em uma reportagem que divulgava o feito de Marta ter atingido o recorde de 15 gols em Copas do Mundo, igualando ao número de gols marcados por Ronaldo “Fenômeno”. A maioria dos comentários dos leitores expressou opiniões que pareciam não aceitar/reconhecer o fato de uma mulher ocupar um lugar de destaque no futebol. A

ideia de Marta demonstrar uma competência técnica igual ou superior à dos homens foi repelida pelos leitores. Para a autora, isto ocorre em virtude de o futebol representar um espaço onde se afirma a masculinidade hegemônica, compreendendo um lócus privilegiado para a soberania masculina. A partir dos comentários de resistência emitidos pelo público masculino, os homens reforçam seu lugar nesse campo, ao mesmo tempo em que evidenciam e demarcam as hierarquias entre homens e mulheres na modalidade.

A segunda forma com que a mídia aborda a prática do futebol de mulheres, segundo Moura (2003), imprime a necessidade de conservar uma imagem das atletas que preserve a sua feminilidade. Neste contexto, diversos autores (JORAS, 2015; MINA, 2016; MONTEIRO, 2016; MOURA, 2012; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013; VIANA, 2012) identificaram que as mulheres esportivas são representadas como frágeis, dóceis e dotadas de uma feminilidade que não condiz com as mulheres futebolistas. Seus atributos físicos são mais enfatizados do que suas habilidades e técnica na prática do futebol. Percebe-se um anseio midiático em veicular o futebol de mulheres sempre associado ao ser feminino enquanto construção social de gênero pautado na sexualidade, de forma que constantemente apela à erotização das atletas.

Conforme explicam Knijnik e Vasconcelos (2002) e Kolnes (1995), atletas do sexo feminino, para se manterem dentro dos seus esportes, estão expostas à restrições e paradoxos nos quais a ideia é que elas podem praticar os esportes, mas apenas enquanto isso não prejudique a sua atratividade heterossexual como mulheres. As mulheres precisam se submeter a padrões totalmente desvinculados de suas necessidades atléticas para se manterem ativas dentro de suas modalidades – precisam, antes de tudo, ter seu visual aprovado. No futebol de homens, toda a imprensa, torcida e dirigentes almejam ver os melhores atletas compondo a seleção brasileira, independentemente de seu visual. Já no futebol de mulheres, para serem reconhecidas, primeiramente as atletas precisam ter sua aparência adequada a altos padrões de corpo e beleza. Em seguida, são avaliadas (ou não) suas habilidades técnicas e táticas. A ideia que se propaga é a de que, sendo esteticamente bonitas, as atletas aparecerão na mídia e esta visibilidade poderá atrair novos patrocinadores, favorecendo suas carreiras esportivas. Rihan (2016) chegou a conclusão semelhante em sua dissertação.

Rihan (2016) observou que as reportagens que abordavam jogadoras fora do padrão de beleza culturalmente convencionado frequentemente recebiam comentários

de leitores que colocavam em dúvida a sexualidade das atletas. Por outro lado, as próprias reportagens que traziam atletas dentro do padrão de beleza estabelecido já vinham carregadas de termos que reforçavam a feminilidade das mesmas. Além disso, seus comentários evidenciavam e sensualizavam os atributos destas atletas. Desta forma, a autora entende que a construção de imagens de uma feminilidade convencional de jogadoras por parte do site por ela observado representa uma forma de vigiar o corpo das mulheres, além de inviabilizar a visibilidade daquelas aquelas que fogem à norma.

As outras duas abordagens midiáticas do futebol de mulheres identificadas por Moura (2003) são a mulher que encara o futebol como uma profissão efetiva e um enfoque buscando chamar a atenção para algo considerado diferente, uma novidade. A dissertação de Joras (2015) traçou algumas discussões especificamente nestes sentidos.

As dissertações e teses sobre os futs de mulheres que apresentaram alguma discussão sobre questões midiáticas abordaram outros recortes que não se encaixam perfeitamente nas categorias levantadas por Moura (2003). Foram discussões críticas sobre a pouca visibilidade conferida por parte da mídia ao futebol de mulheres e às profissionais dos futs (MINA, 2016; MONTEIRO, 2016; RAMOS, 2016; SOUZA JÚNIOR, 2013; VIANA, 2012). E, ainda, especificamente com relação à arbitragem, duas pesquisas criticaram a questão da mídia enfatizar de forma excessiva os erros das árbitras (MONTEIRO, 2016; RIGHETO, 2016).

Com relação à pouca visibilidade dada pela mídia ao futebol de mulheres, Rihan (2016) entende que os meios de comunicação endereçam o conteúdo por eles vinculado a um determinado público alvo, a fim de que a notícia possa despertar sentimentos. Uma vez que a autora levantou a informação de que 74% dos indivíduos que acessam a modalidade futebol no Goboiesporte.com é do sexo masculino, é natural que as reportagens veiculadas por este site sejam embaladas especificamente para este perfil de público. Desta forma, seria justificável o baixo número de reportagens sobre o futebol de mulheres – os dados da pesquisa mostraram um total de 2.127 reportagens sobre futebol, sendo 1.966 relacionadas aos homens e 161 às mulheres no período considerado pela autora. Também se sustentaria o apelo à sexualidade das atletas quando estas reportagens se fazem presentes, a fim de atrair/dialogar com seu público alvo, majoritariamente masculino. Todavia, a autora notou, em comentários escritos muitas vezes pelo próprio público masculino, uma cobrança no sentido de o site promover maior visibilidade para o futebol de mulheres através das suas reportagens. Assim, a autora entende que as redes sociais – blogs, Facebook, Instagram, entre outros

– poderiam ser utilizadas como forma de resistência e promoção do futebol de mulheres, uma vez que nestes meios os usuários possuem liberdade de comunicação e expressão.

O fato de o futebol ser uma área de reserva masculina, abastado de valores machistas, acaba ecoando nas percepções enviesadas que a mídia sustenta em relação à presença das mulheres na modalidade. Concordamos com Souza Júnior (2013) e Viana (2012) que, ao invés de atuar como agente social que impulsiona a prática de futebol por mulheres, ou minimamente problematizar o discurso carregado de clichês preconceituosos e estereotipados, os canais midiáticos vêm propagando normas cristalizadas sobre o corpo, sexualidade, feminilidade e identidade de gênero com relação às jogadoras de futebol, valorizando sua beleza física em detrimento de habilidades técnicas e táticas. Além disso, conforme critica Rihan (2016), a mídia também vem reforçando a hierarquia de gênero. Por mais que a maioria do público consumidor de notícias relacionadas ao futs seja masculino e os canais midiáticos tendam a endereçar seu conteúdo de forma a agradar esse público majoritário, o grande poder de influência que a mídia exerce deveria ser endereçado para o rompimento dos estereótipos ainda existentes e contribuição no sentido de uma mudança cultural em nossa sociedade no que diz respeito aos futs de mulheres. A importância de trabalhos que estudam os futs de mulheres sob a perspectiva da mídia se dá no sentido de apontar caminhos que devem ser evitados, como, por exemplo, a comparação com o futebol de homens e ênfase em atributos como graciosidade, beleza e sensualidade em detrimento de habilidades técnicas e táticas. Além disso, estas pesquisas podem propor boas práticas midiáticas que podem servir de inspiração à diversos canais de comunicação.

4.6 MULHER COMO ATLETA PROFISSIONAL

O título, autor, orientador e ano de publicação das dissertações e teses que se enquadram no enfoque temático Mulher como atleta profissional são apresentados no QUADRO 12.

QUADRO 12 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO MULHER COMO ATLETA PROFISSIONAL

Título	Autor	Orientador	Ano
A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina	Felipe Rodrigues da Costa	Antonio Jorge Gonçalves Soares	2012
Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade	Osmar Moreira de Souza Júnior	Heloisa Helena Baldy dos Reis	2013
Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino	Pamela Siqueira Joras	Silvana Vilodre Goellner	2015
Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)	Suellen dos Santos Ramos	Silvana Vilodre Goellner	2016
Novo Mundo Futebol Clube e o "velho mundo" do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadora de futebol	Leila Salvini	Wanderley Marchi Júnior	2012

FONTE: as autoras

A TABELA 13 apresenta as seguintes informações sobre os trabalhos que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia e outros enfoques temáticos em que os trabalhos foram classificados.

TABELA 13 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO MULHER COMO ATLETA PROFISSIONAL

Informação	Quant. trabalhos	Referências
Sexo autor	Feminino	3 (JORAS, 2015; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012)
	Masculino	2 (COSTA, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013)
Tipo de trabalho	Dissertação	3 (JORAS, 2015; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012)
	Tese	2 (COSTA, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013)
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	3 (RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013)
	Quantitativo	0 -
	Quanti-qualitativo	0 -
Trabalhos que classificamos em outros enfoques além de Mulher como atleta profissional	Gênero	1 (SALVINI, 2012)
	Profissionais dos futs	2 (JORAS, 2015; RAMOS, 2016)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos os resumos dos cinco trabalhos do presente enfoque temático.

A tese de Costa (2012) foi parte de um projeto maior intitulado “Escolarização e Esporte” e foi composta por três estudos distintos, mas complementares. O objetivo geral consistiu em

analisar as estratégias construídas por jovens atletas de futsal feminino de Santa Catarina, para conciliarem a formação esportiva e a formação escolar, descrevendo seu perfil escolar e expectativas de formação acadêmica, bem como entender o significado atribuído ao treino, aos estudos e à escola (p. VII).

O primeiro estudo consistiu em uma revisão da literatura nacional e internacional sobre a conciliação esportiva e escolar em vários países. No segundo estudo, intitulado “Jovens mulheres atletas de futsal: estratégias de conciliação para formação esportiva e educacional”, o autor analisou “o perfil educacional do grupo de atletas de futsal feminino do estado de Santa Catarina” (COSTA, 2012, p. 13). Entrevistou 56 atletas de categorias sub-15 e sub-20 que disputaram a fase final do Campeonato Catarinense de Futebol Feminino no ano de 2010. O autor observou estratégias adotadas para conciliar as formações escolar e esportiva. Dentre elas estavam adequação dos horários de treino à rotina escolar, migrando para o ensino noturno caso fosse necessário; flexibilização das normas das instituições de ensino, como abono de faltas sem devida reposição de conteúdos; e opção pela modalidade de ensino à distância ou supletivo. A crítica do autor veio no sentido de que o afrouxamento de regras promovido pelas instituições escolares acabava por prejudicar o atleta, uma vez que implicava em déficits educacionais. O autor sinalizou a necessidade de políticas públicas que promovam alternativas para oferta de uma formação qualitativa aos atletas, minimizando perdas de conteúdo, conforme já vem ocorrendo no cenário internacional.

O terceiro estudo, “Esporte e escola: uma análise de livre associação de palavras com atletas do futebol, voleibol e futsal”, teve por objetivo “verificar as atribuições de valor e as prioridades com relação ao esporte e à escola, considerando esses dois campos como locais de formação que proporcionam capitais distintos para o efetivo sucesso profissional” (COSTA, 2012, p. 61). A partir de três palavras indutoras – “treinar”, “estudar” e “ir à escola” –, 126 atletas (entre 15 e 18 anos, das modalidades de futsal feminino, futebol masculino e voleibol feminino e masculino) deveriam dizer a primeira palavra que lhes viesse à mente, sem buscar uma lembrança específica. Com

base nas respostas, o autor inferiu associações, sentimentos e/ou pensamentos dos atletas com relação à formação educacional e formação esportiva. Especificamente com relação ao futsal feminino, o autor observou que existe uma percepção relativamente alta quanto à possibilidade do treinamento poder levá-las à profissionalização. Contudo, a formação escolar é prioridade para as atletas, uma vez que aos termos “estudar” e “ir à escola” foram associadas uma quantidade maior de ideias como “futuro/carreira” e “importante/fundamental”. Desta forma, Costa (2012) concluiu que, mesmo com expectativas de formação profissional, as atletas de futsal percebiam a escola como fundamental no processo de inserção profissional. Em grande medida, isso se deu por conta do fraco mercado profissional, o que fez com que estas atletas vissem a formação no ensino superior como atrativo.

Conforme apresentamos anteriormente na categoria GÊNERO, Salvini (2012, p. 22) desenvolveu um estudo cujo objetivo consistiu em “entender como se dá processo de incorporação das disposições para ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol”. A autora realizou uma pesquisa de campo junto ao clube do Novo Mundo, equipe de um bairro de Curitiba-PR. Além de 15 observações durante jogos e treinos, entrevistou jogadoras, ex-jogadoras, diretor e presidente do clube. Tomou como base a teoria sociológica de Bourdieu para fundamentar suas análises.

Primeiramente, Salvini (2012) traçou um histórico de inserção e estabelecimento das mulheres na modalidade. Notou que, embora as atletas relatassem dificuldades, encontraram no futebol possibilidades de ascensão social – através de bolsas de estudos em instituições de ensino e através da possibilidade de talvez jogar fora do país. Ela identificou, junto à equipe, uma série de aspectos que remetiam à feminilidade – uniformes justos, unhas pintadas, cabelos compridos, faixinha no cabelo, maquiagem. Para a autora, estes eram vestígios de elementos de dominação masculina, uma vez que às mulheres, foi concedida a permissão para adentrar no futebol a partir do momento em que as jogadoras incorporaram características aceitas como femininas. De acordo com a autora, a presença destes elementos representava uma forma de comprovar que, mesmo apresentando boas performances, as mulheres nesse meio são femininas.

Salvini (2012) identificou na questão financeira outra evidência da dominação simbólica imposta às mulheres. A ausência de incentivo por parte dos agentes

dominantes e que ocupavam posições de destaque no espaço do futebol apareceu de forma naturalizada na fala das mulheres entrevistadas – reproduzindo a visão masculina de que o futebol feminino é amador e não precisa de maiores incentivos. Para a autora, este âmbito da gestão esportiva também apresenta indícios da dominação masculina, uma vez que raramente existem mulheres nesses cargos. Como consequência, não ocorrem investimentos e a modalidade não se desenvolve. Ela concluiu que as mulheres do Novo Mundo podem ser definidas como guerreiras por permanecerem na modalidade e pela luta constante que estabelecem visando a legitimação do futebol feminino.

A tese desenvolvida por Souza Júnior (2013, p. 28) objetivou “analisar os projetos de jogadoras e de clubes em relação ao futebol se efetivar como carreira profissional, bem como a normatização legal dos vínculos futebolísticos dessas atletas”. O autor realizou um estudo de caso a partir de três distintos modelos de gestão de clubes de futebol feminino do estado de São Paulo, aos que chamou Clube A, Clube B e Clube C. Ele aplicou entrevistas junto à treinadores, dirigentes, atletas e realizou observações de treinamentos e partidas oficiais do Campeonato Paulista. Os dados foram tratados via análise de conteúdo.

O Clube C era administrado pela prefeitura do município e tinha parceria com uma instituição de ensino superior. O autor observou que as jogadoras eram submetidas à condições precárias – deficiências em transporte, alimentação e assistência médica, além de não receberem salários. Em virtude da legislação municipal, o Clube C não podia estabelecer demais parcerias ou angariar patrocinadores. Apenas era oferecido às atletas bolsas de estudos integrais por parte da faculdade parceira. O Clube B era resultado de uma parceria entre um clube de certa tradição e uma fundação municipal de esporte vinculada à prefeitura. Através de parcerias, tinha patrocinadores que arcavam pequenas despesas, inclusive um salário para as atletas. Estas dispunham de alojamento, alimentação, transporte e plano de saúde. Não havia parceria com instituições de ensino superior. Por fim, o Clube A foi um protagonista do projeto do futebol feminino no país, tendo a prefeitura municipal como intermediária apenas para mascarar o vínculo empregatício das atletas com o clube (servindo como uma espécie de intermediária, de modo que os pagamentos não eram realizados diretamente pelo clube, descaracterizando, assim, um vínculo trabalhista). Além de salário, algumas atletas recebiam o Bolsa Atleta e outros benefícios como subsídio de estudos, moradia, plano

de saúde, transporte para treinos, bem como podiam usufruir da estrutura do clube – restaurante, clínica de fisioterapia, departamento médico e dois centros de treinamento.

Para o autor, quando comparadas à realidade do Clube B e C, as atletas do Clube A tinham condições de desenvolver carreira com dedicação exclusiva em situação relativamente boa, podendo estabelecer projetos de vida que tinham o futebol como uma carreira profissional. Embora não recebessem salário, a bolsa de estudos recebida pelas atletas do time C equiparava-se aos salários inferiores recebidos pelas atletas do Clube B. Nesse sentido, Souza Júnior (2013) identificou que todas as atletas do Clube C estavam estudando e, embora apresentassem uma clara delimitação em seus projetos de vida, poderiam abrir outras possibilidades com relação a seus horizontes profissionais com os estudos, alternativa que não se desenhava para as atletas do Clube B.

Mesmo diante das realidades observadas, o autor constatou que as atletas se sentiam e, de fato, eram profissionais, devido à rotina de treinos à qual se submetiam e por dedicarem-se exclusivamente à modalidade, não tendo outras profissões paralelas. O futebol se configurava como eixo norteador dos projetos de vida delas. A crítica de Souza Júnior (2013) se estabeleceu no sentido do não cumprimento da legislação por parte dos clubes, fazendo com as atletas se sentissem desamparadas pela ausência de contratos de trabalho formal. Além disso, acusou instituições como CONMEBOL e CBF de promoverem políticas pouco efetivas no que diz respeito ao futebol feminino. Acima de tudo, o autor sugeriu que seriam necessárias políticas públicas eficazes e o cumprimento da legislação à fim de promover o desenvolvimento do futebol feminino no país.

Em sua dissertação, Joras (2015, p. 17) buscou

analisar a trajetória de uma importante atleta do futebol brasileiro, tendo como eixo condutor as suas próprias narrativas. Trata-se de Aline Pellegrino, referência do futebol nacional, cuja liderança foi fundamental na condução da seleção brasileira, na qual atuou como capitã durante sete anos e meio, feito que é inédito no futebol brasileiro, inclusive naquele praticado por homens.

Como recursos metodológicos, utilizou a história oral e a história de vida. Entrevistou, além da jogadora, pessoas com quem ela conviveu ou que tiveram importância em sua trajetória. Também utilizou o acervo pessoal da atleta como fonte

de dados. Embora a pesquisa aborde, além da carreira profissional da Aline, a sua trajetória como treinadora e diretora de projeto social, estes dois últimos aspectos são melhor apresentados na seção **PROFISSIONAIS DOS FUTS**, que discutiremos mais adiante.

Como atleta de futebol, a inserção de Aline se deu em meio aos meninos nas brincadeiras de rua. Ainda adolescente, na década de 90, foi aprovada em uma peneira no São Paulo Futebol Clube e passou a integrar o time principal, junto à outras mulheres mais velhas e experientes. Alguns anos depois, surgiu uma oportunidade de bolsa de estudos em uma instituição de ensino privada, de modo que Aline pôde cursar educação física e jogar pelo time da instituição. Neste período, foi convocada para a seleção brasileira, participando dos Jogos Olímpicos de Atenas. A atleta jogou alguns anos no exterior (Japão e Rússia), mas relatou dificuldades com relação ao idioma, clima, alimentação e distância de familiares. Retornou ao Brasil e, no final do ano de 2005, recebeu a braçadeira de capitã, permanecendo com ela até o ano de 2013, quando a atleta se aposentou (JORAS, 2015).

Para Joras (2015), a análise da trajetória de Aline como atleta demonstrou a defasagem existente na formação de atletas de futebol de mulheres devido à rara existência de categorias de base – desde a época de Aline e até o momento da pesquisa. Além disso, a autora constatou que a ausência de regularidade nas competições nacionais fez com as atletas não conseguissem se manter em seus clubes treinando e com garantias trabalhistas. A pouca estrutura e baixa visibilidade da modalidade no país levavam Aline à demonstrar certo pessimismo em várias fases ao longo de sua carreira.

A pesquisa de Ramos (2016, p. 21) teve como finalidade

analisar a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda), relacionando-a com a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul a partir da década de 1980, construindo uma narrativa sobre sua trajetória esportiva, como jogadora de futebol e como formadora de atletas.

A autora fez uso da história oral, mais especificamente da história de vida. Além de entrevistas com a jogadora Duda e outras 15 pessoas como familiares e colegas de equipe, utilizou fontes documentais e iconográficas. Neste momento, nos limitamos a resumir especificamente os achados com relação à carreira esportiva de Duda. Sua

atuação como dirigente é descrita oportunamente na subseção PROFISSIONAIS DOS FUTS.

A inserção de Duda no futebol se deu ainda na infância, nas brincadeiras de rua e na escola, em ambos os casos sendo a única menina entre os meninos. Duda sempre contou com o apoio dos pais. Aos 13 anos foi selecionada para compor a equipe adulta do Sport Club Internacional. A atleta tinha certo destaque nas veiculações midiáticas, pois, além do talento como jogadora, era bonita e mantinha um perfil que reforçava os padrões hegemônicos de feminilidade. Passou pouco mais de um ano jogando na Itália, mas algumas convocações para a seleção brasileira e lesões interromperam suas rotinas de treino e não foram aceitas pela diretoria do clube italiano, o que fez Duda voltar ao Brasil em 1995. Em seu retorno, engajou-se no desenvolvimento do futebol de mulheres no estado do Rio Grande do Sul. Ainda atuando como jogadora, criou uma escolinha de futebol somente para meninas junto ao Internacional. Duda buscava organizar campeonatos e angariar patrocínio para as meninas. Seu último jogo como atleta profissional foi no ano de 2002 (RAMOS, 2016).

Ramos (2016) concluiu que o apoio familiar foi determinante para inserção e permanência de Duda no futebol. A trajetória da atleta no Sport Club Internacional foi marcada por lutas e conquistas em favor do futebol de mulheres. Ela foi uma referência da modalidade no Rio Grande do Sul e sua representatividade influenciou a carreira de muitas atletas.

Grande parte dos trabalhos que discutem os futs de mulheres sob a perspectiva da categoria Mulher como atleta profissional trouxeram aspectos relacionados com a trajetória das atletas, papel da família, incentivos e barreiras que permeiam atletas e clubes e possibilidades para os futs de mulheres em nosso país. Discutiremos estes aspectos a seguir.

A inserção das mulheres na modalidade geralmente seguiu um mesmo roteiro: iniciação durante a infância, em brincadeiras de rua, junto aos meninos e posterior investida em escolinhas de futebol, as quais raramente possuíam equipes exclusivamente compostas por meninas (JORAS, 2015; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013). Também fizeram parte do script os relatos de preocupação, por parte dos familiares, com relação às filhas jogarem futebol na rua, em meio aos meninos. Conforme aprofundamos na seção GÊNERO, Dunning (1992), remetendo à origem dos esportes de confronto – como o futebol – na sociedade britânica

no século XIX, justificou o esporte como uma área masculina reservada, onde se produz e reproduz a identidade masculina. Desta forma, Souza Júnior (2013) afirma que essa apreensão por parte dos pais pode ter se dado diante da ameaça à expectativa de criar suas filhas “como meninas”, uma vez que elas se inseriram em um espaço tradicionalmente masculino em que a masculinidade hegemônica é reforçada. Souza Júnior (2013) observou que, geralmente, a resistência maior vinha por parte da mãe – mas isto não foi uma regra, pois o mesmo autor, assim como Joras (2015), observaram relatos de oposição por parte da figura paterna. Além da possibilidade de que a sexualidade da filha fosse colocada em xeque diante da sociedade, as preocupações maternas figuraram em torno das incertezas de uma carreira no futebol. Todavia, Souza Júnior (2013) constatou que, posteriormente, as mães passavam a apoiar a prática de suas filhas de alguma maneira.

Averiguamos que a presença e o papel da família representou uma temática de destaque na maioria das pesquisas que trabalham os futs de mulheres sob a perspectiva da mulher como atleta profissional (JORAS, 2015; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013). De uma forma geral, Pisani (2012) afirma que jogadoras que conseguem traçar uma carreira no futebol contam com o apoio e incentivo dos familiares. Dentre as ações familiares, Ramos (2016) e Souza Júnior (2013) destacaram relatos da participação dos pais indo atrás de escolinhas especializadas, acompanhando as atletas em peneiras, levando e buscando as meninas nos treinos, comparecendo nos jogos e apoiando financeiramente – com aquisição de material esportivo, alimentação, transporte, mensalidade da escolinha, entre outros. Souza Júnior (2013) ressalta que, ainda assim, na medida em que o tempo passou e as meninas tentaram se estabelecer como atletas profissionais, algumas resistências e cobranças familiares voltaram a se fazer presentes. Especialmente com relação à instabilidade da carreira no futebol e as consequência de uma formação escolar e profissional incompletas, resultantes da dedicação despendida à modalidade.

Salvini (2012) e Souza Júnior (2013) afirmaram que a maioria das atletas por eles estudadas se reconhecia como profissional do futebol, mas admitiam que as condições às quais se submetiam não eram profissionais. De uma forma geral, para as atletas, a fragilidade dos vínculos com os clubes colocava em xeque a legitimidade da existência de uma carreira profissional. Algumas das problemáticas relatadas diziam respeito à ausência do registro em carteira de trabalho, salários baixos ou inexistentes, precariedade nas estruturas dos clubes (problemas relacionados à alimentação,

transporte, atendimento médico) e não reconhecimento por parte da sociedade como profissionais do futebol. Atualmente, a lei que regulamenta o desporto nacional é a Lei Pelé (lei nº 9.615/1998), segundo a qual a relação do atleta profissional se caracteriza pela remuneração acertada via contrato formal de trabalho entre o atleta e o clube e prevê o registro dentre contrato no órgão administrativo do desporto – no caso do futebol, a CBF (BRASIL, 1998). A lei nº 12.395/2011 altera a Lei Pelé e impõe uma série de artigos exclusivos apenas ao futebol. Dentre eles, obriga o registro de atleta profissional à esta modalidade e faculta esta prática aos demais esportes (BRASIL, 2011). Para Souza Júnior (2013), a hipótese é de que os clubes que empregam jogadoras de futebol intentam burlar a legislação trabalhista a fim de não se onerar com os impostos obrigados ao trabalhador – agindo como se o futebol de mulheres fosse uma modalidade à parte do futebol de homens, se enquadrando “nos demais esportes”. Contudo, o autor alerta que a legislação não prevê distinção de gênero, de modo que, legalmente, as atletas mulheres de futebol deveriam ter as mesmas garantias previstas para os homens. Nesse contexto, Pisani (2012) afirma que o futebol praticado por mulheres não se enquadra nem na categoria profissional, nem na categoria amador. As atletas não podem ser consideradas amadoras uma vez que recebem salários. Por outro lado, a ausência de vínculos formais contratuais faz com que as atletas fiquem desprovidas de mecanismos de direito e, ao mesmo tempo, descaracteriza-as como profissionais.

Diante desta configuração e do sentimento de insegurança que permeia as atletas, Costa (2012), Salvini (2012) e Souza Júnior (2013) observaram que as mesmas assumem serem poucas as possibilidades que têm de sustentabilidade baseada exclusivamente no futebol. Como alternativas, ou autores supracitados verificaram que algumas atletas acabam buscando algum tipo de trabalho extra, mantendo profissões paralelas ao futebol, aproveitam as bolsas de estudos oriundas de parcerias entre clubes e instituições de ensino ou, como constatou Joras (2015), optam por jogar em times universitários a fim de cursar o ensino superior e obter uma posterior colocação no mercado de trabalho. Conforme Joras (2015) e Souza Júnior (2013) concluíram, a relativização das problemáticas encontradas e a manutenção na modalidade se dá essencialmente pela paixão que essas mulheres têm pelo futebol.

Algumas das dissertações e teses investigadas (RAMOS, 2016; SOUZA JÚNIOR, 2013) constataram que em clubes com melhores estruturas, as atletas até tinham um campo de possibilidades concreto para o estabelecimento de projetos de vida

que tinham o futebol como carreira profissional. Contudo, em virtude da precariedade com que o futebol de mulheres é dirigido e conduzido no país, alguns destes clubes suspenderam as atividades do futebol feminino em algum momento – casos do Clube A (SOUZA JÚNIOR, 2013) e do Sport Club Internacional (RAMOS, 2016). Isto evidencia a necessidade das atletas redimensionarem constantemente os seus projetos de vida por conta da instabilidade profissional à qual são submetidas.

As adversidades enfrentadas por clubes femininos, sejam eles grandes ou pequenos, foram temáticas recorrentes na maioria dos trabalhos que abordaram os futs de mulheres sob a perspectiva da Mulher como atleta profissional (JORAS, 2015; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013). Para Souza Júnior (2013), as condições postas para o futebol de mulheres em nosso país muito o afasta de um modelo profissional. O principal fator está relacionado à deficiências na gestão, perpassando clubes e instituições como CBF, CONMEBOL e FIFA. O impasse, conforme também afirma Goellner (2005), vai desde a pequena quantidade de políticas públicas e privadas que promovam incentivos às atletas, até a falta de mecanismos que garantam a execução das políticas existentes. Diante dessa conjuntura, alguns aspectos negativos foram citados nas pesquisas analisadas. Joras (2015), Ramos (2016), Salvini (2012) e Souza Júnior (2013) identificaram a rara presença de mulheres nos cargos administrativos e políticos relacionados ao futebol e ao esporte de uma forma geral, de modo que os agentes dominantes nesses espaços permitem que o futebol feminino exista, mas não que se desenvolva; a irregularidade no calendário de competições, o que torna um dispêndio a manutenção de atividades nos elencos; e a ausência ou descontinuidade de categorias de base femininas, resultando em certa defasagem técnico-tática das atletas profissionais. De acordo com a tese de Souza Júnior (2013, p. 85)

estabelece-se dessa maneira um ciclo vicioso no qual o futebol feminino apresentaria uma estética que não atrai o público que aprecia o futebol, e sem esse interesse os clubes não têm condições de captar recursos suficientes para manter uma organização profissional, e sem uma organização profissional as atletas não têm possibilidade de dedicação exclusiva ao futebol, e sem a dedicação exclusiva ao futebol a qualidade técnica da modalidade permanece em constante suspeição e assim sucessivamente, sem que se possa estabelecer onde estão as causas e as consequências desse panorama.

Alguns outros temas emergiram no contexto das pesquisas que trataram a mulher como atleta profissional, os quais iremos apresentar brevemente a seguir. Jogar pela seleção brasileira de futebol feminino se caracterizou, de uma forma geral, como um sonho a ser alcançado para a grande maioria das atletas pesquisadas. Nos trabalhos de Joras (2015) e Ramos (2016), em que as trajetórias das atletas estudadas – Aline e Duda, respectivamente – foram descritas de forma mais aprofundada, constatamos que a atuação pela seleção brasileira consistiu uma realidade. As pesquisas de Salvini (2012) e Souza Júnior (2013) também citam mulheres que jogaram pela seleção.

A carreira fora do Brasil também consistiu uma temática recorrente em algumas dissertações e teses (JORAS, 2015; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013). Ramos (2016), Salvini (2012) e Souza Júnior (2013) observaram que as atletas relataram vantagens de jogar fora do país – profissão muito mais valorizada e respeitada, estabilidade financeira, reconhecimento maior por parte do público. Joras (2015) e Souza Júnior (2013) constataram relatos de dificuldades de adaptação encontradas pelas atletas enquanto jogaram no exterior: idioma, clima, alimentação e distância de familiares. Ramos (2016) identificou que a transição entre equipes, tanto em nível nacional como em nível internacional, geralmente ocorreu por meio da intervenção das próprias atletas, sem a figura do empresário – achado que também fora evidenciado na pesquisa de Pisani (2012). Para Souza Júnior (2013), o fato de atletas jogarem no exterior representa um cenário satisfatório e confortável para a CBF. Enquanto as mulheres atuam no exterior com contrato assinado e remunerações ativas, a CBF consegue manter uma seleção nacional competitiva sem a necessidade de investir na estruturação do futebol feminino no país. De forma oportuna, a CBF consegue prestar contas à sociedade quanto ao funcionamento mínimo da modalidade no país.

Alguns trabalhos também discutiram a forma com que a mídia veicula notícias relacionadas à mulher como atleta profissional do futebol. As dissertações de Joras (2015) e Ramos (2016), assim como aponta Goellner (2005), discutiram que, não bastasse o pouco espaço cedido ao futebol feminino, a mídia esportiva, quando trata do assunto, frequentemente o faz de forma a valorizar os atributos físicos das mulheres em detrimento de suas habilidades e técnicas. Para Ramos (2016), Salvini (2012) e Souza Júnior (2013), aspectos de feminilidade são incansavelmente valorizados pela mídia ao tratar do futebol feminino a fim de evidenciar que, mesmo praticando um esporte historicamente masculino, as jogadoras de futebol são femininas. Demais aspectos relacionados à questões midiáticas são aprofundados na seção 4.5 (MÍDIA).

Outro assunto discutido em alguns dos trabalhos que enquadrámos na categoria Mulher como atleta profissional diz respeito à ocorrência de lesões ao longo da carreira e as alternativas normalmente precárias de tratamento (JORAS, 2015; RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013). Souza Júnior (2013) observou que clubes com menores estruturas dependem de parcerias com profissionais e instituições de saúde para oferecer tratamento às atletas lesionadas. Em muitos casos, por burocracias do sistema ou aparelhagem insuficiente, a recuperação acaba sendo lenta e prejudicada. Por outro lado, Joras (2015) constatou que a atleta Aline Pellegrino recebeu apoio médico e fisioterápico no tratamento de sua lesão por parte da CBF. Segundo a autora, as justificativas se deram pela representatividade da jogadora em nível nacional e pelo fato de a mesma ter se machucado durante uma partida pela seleção brasileira. Contudo, os relatos observados nos demais trabalhos (RAMOS, 2016; SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013) nos permitem concluir que o caso da jogadora Aline representou uma exceção.

Por fim, algumas das pesquisas consideradas debateram e apresentaram propostas de encaminhamentos a fim de promover o crescimento e estabilização do futebol profissional de mulheres no país (SALVINI, 2012; SOUZA JÚNIOR, 2013). Para os autores destes trabalhos, primordialmente seria necessário o desenvolvimento de políticas públicas nas quais clubes, CBF e federações fossem responsabilizados por ações que promovessem a igualdade de gênero no futebol. Além disso, as entidades organizadoras e os clubes também deveriam ser responsabilizados pela manutenção de equipes e calendários anuais voltados ao futebol de mulheres. De modo especial, Souza Júnior (2013) criticou intensamente a CBF como entidade organizadora ao longo de sua tese. Para o autor, a CBF é inoperante enquanto “entidade reguladora do mercado de jogadoras de futebol” (p. 291).

Baseando-se em Bourdieu, Souza Júnior (2013) defende que a prática esportiva proporciona empoderamento às mulheres, uma vez que determina uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do seu corpo. Este empoderamento, conforme também afirma Salvini (2012), deve percorrer a gestão, com mulheres ocupando cargos na FIFA, CONMEBOL e CBF, e culminar nas próprias atletas de futebol. Para tanto, projetos como o “Guerreiras Project”, abordado no estudo de Joras (2015) e do qual a atleta Aline Pellegrino foi uma das fundadoras (este projeto é discutido na seção 4.2 – ESCOLINHAS E PROJETOS QUE ENVOLVEM FUTS), podem representar possibilidades de mostrar que o futebol pode ser usado como

ferramenta de legitimação do espaço das mulheres no esporte e, por conseguinte, promover o empoderamento feminino.

Os trabalhos que abordaram os futs de mulheres a partir da perspectiva da Mulher como atleta profissional nos instigam a refletir até onde podemos entender e assumir o futebol de mulheres como profissional em nosso país. Embora muitas atletas se reconheçam como profissionais, as pesquisas evidenciaram que por vezes os próprios clubes assumem medidas para burlar a legislação trabalhista e não lidar com o futebol de mulheres como modalidade profissional. Além disso, fatores como insegurança e instabilidade com relação à continuidade dos projetos dentro dos clubes e necessidade de um emprego paralelo para assegurar a questão financeira das atletas são outros aspectos que desconfiguram quaisquer possibilidades de o futebol de mulheres ser designado como profissional em nosso país. Nesse sentido, algumas medidas recentes foram tomadas por entidades que gerem o futebol, como a obrigatoriedade de times que participam de competições promovidas pela Confederação Sul-Americana de Futebol e de times que disputam o Brasileirão da Série A de manterem equipes femininas participando de competições (CONMEBOL, 2016; CBF, 2017). É importante que pesquisas voltadas aos futs de mulheres continuem acompanhando as realidades das atletas que praticam os futs “profissionalmente” no Brasil a fim de verificar em que ponto as medidas que estão sendo tomadas estão contribuindo de fato para o crescimento e consolidação da modalidade em nosso país.

4.7 PERFORMANCE

O título, autor, orientador e ano de publicação das dissertações e teses que se enquadram no enfoque temático Performance são apresentados no QUADRO 13.

QUADRO 13 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PERFORMANCE

(continua)

Título	Autor	Orientador	Ano
Análise do desempenho muscular do quadríceps e dos isquiotibiais em função da série temporal e da amplitude de movimento de atletas amadoras de futsal feminino	Ana Carolina de Mello Alves Rodrigues	Sergio Augusto	2013

QUADRO 13 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PERFORMANCE

(conclusão)

Título	Autor	Orientador	Ano
Efeitos agudos e crônicos do treinamento de futebol recreacional sobre indicadores fisiológicos, neuromusculares e bioquímicos em mulheres não treinadas	Jaelson Gonçalves Ortiz	Fernando Diefenthaler	2014
Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino	Caroline Valente Heidrich	Suzete Chiviacowsky Clark	2013
Efeito de dois modelos de treinamento intervalado de alta intensidade sobre a performance de jogo, índices fisiológicos e neuromusculares em atletas de elite de futsal feminino	Francimara Budal Arins	Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo	2015
Futsal Intermittent Endurance Test (FIET): avaliação e método para individualizar treinamento intermitente de alta intensidade em atletas de futsal	Lorival Carminatti José	Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo	2014

FONTE: as autoras

A TABELA 14 apresenta as seguintes informações sobre os trabalhos que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia e outros enfoques temáticos em que os trabalhos foram classificados.

TABELA 14 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PERFORMANCE

Informação		Quant. trabalhos	Referências
Sexo autor	Feminino	3	(ARINS, 2015; HEIDRICH, 2013; RODRIGUES, 2013)
	Masculino	2	(CARMINATTI, 2014; ORTIZ, 2014)
Tipo de trabalho	Dissertação	3	(HEIDRICH, 2013; ORTIZ, 2014; RODRIGUES, 2013)
	Tese	2	(ARINS, 2015; CARMINATTI, 2014)
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	0	-
	Quantitativo	3	(ARINS, 2015; CARMINATTI, 2014; HEIDRICH, 2013)
	Quanti-qualitativo	0	-
Trabalhos que classificamos em outros enfoques além de Performance	Gênero	1	(HEIDRICH, 2013)
	Saúde	2	(ORTIZ, 2014; RODRIGUES, 2013)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos os resumos dos cinco trabalhos do presente enfoque temático.

Apresentamos a dissertação de Heidrich (2013) na seção GÊNERO, abordando aspectos daquele enfoque temático em específico. Agora, traremos algumas questões específicas voltadas à categoria PERFORMANCE. Heidrich (2013, p. 29) teve por objetivo “verificar os efeitos da ameaça do estereótipo negativo, na aprendizagem de uma tarefa motora de futebol, em mulheres não-praticantes do esporte” em sua dissertação desenvolvida no formato de artigo científico. Foi um estudo de análise comportamental com delineamento experimental. Trinta e seis estudantes de licenciatura em educação física da cidade de Pelotas – Rio Grande do Sul sem experiência prévia com o futebol realizaram uma tarefa de contornar cones em zigue-zague conduzindo uma bola de futebol com o pé dominante. As participantes foram divididas em três grupos com 12 membros em cada um: estereótipo negativo (receberam instruções reforçando que normalmente as mulheres desempenham a tarefa pior do que os homens, pois exige habilidades de força e potência), estereótipo reduzido (receberam instruções reforçando que mulheres podem normalmente desempenhar a tarefa melhor do que os homens, pois exige agilidade e coordenação motora) e grupo controle (receberam apenas instruções sobre a tarefa).

A atividade foi dividida em fases. No pré-teste, todas executaram a tarefa uma vez, recebendo previamente apenas a informação de como executar a tarefa. Na fase de aquisição, cada grupo recebeu sua respectiva instrução e executou 15 tentativas de prática. Em seguida, responderam a um questionário de auto eficácia e, por fim, a fase de retenção, na qual executaram mais 5 tentativas. Vinte e quatro horas depois, realizaram novamente a tarefa, recebendo apenas a informação de que deveriam repetir a mesma atividade do dia anterior (HEIDRICH, 2013).

Heidrich (2013) observou que na fase de pré-teste todas as participantes possuíam um mesmo nível de habilidade motora. Nas demais fases, embora todos os grupos tenham mostrado uma melhora no aprendizado, o grupo estereótipo reduzido apresentou resultados superiores ao grupo estereótipo negativo. Tanto em termos de vantagens significativas de performance e aprendizagem motora, como um maior nível de auto eficácia. Para a autora, isto significa que uma simples informação relacionada à estereótipos resultou em diferença significativa de performance e aprendizagem. Aquelas que receberam informações que reduziam o estereótipo se julgaram mais capazes, motivadas e confiantes em executar a tarefa. Ela concluiu que a redução da

ameaça do estereótipo – culturalmente já embutido nas mulheres – pode otimizar a aprendizagem de habilidades motoras esportivas por parte das mesmas.

A dissertação de Rodrigues (2013, p. 27) debruçou-se em “analisar o desempenho muscular do quadríceps e dos isquiotibiais levando em consideração a série de tempo e a amplitude de movimento de atletas amadoras de futsal feminino”. Participaram do estudo 19 atletas amadoras de futsal feminino da cidade de Campinas – São Paulo que não apresentaram lesão de ligamento cruzado anterior e/ou ligamento cruzado posterior no membro dominante. Cada atleta foi devidamente posicionada na cadeira do dinamômetro e realizou duas séries de cinco repetições de flexão/extensão do joelho, sendo cada série em uma diferente velocidade angular e somente com o membro dominante. Houve um intervalo de 60 segundos entre as séries.

Com relação ao torque, os maiores valores do quadríceps foram nos ângulos 50° a 70° de flexão do joelho; dos isquiotibiais foram nos ângulos de 70° a 80° de flexão do joelho. Este último resultado encontrado pode estar associado a uma deficiência de sinergismo entre os isquiotibiais e o ligamento cruzado anterior, que sobrecarrega este ligamento e potencializa mecanismos de lesão. Quanto à potência, a variação do quadríceps foi maior nos ângulos de 50° a 70° de flexão do joelho; dos isquiotibiais foi constante nos ângulos de 30° a 65° de flexão do joelho, sendo que acima deste ângulo apresentou uma queda até o final do ciclo de movimento. Isto pode estar relacionado ao menor comprimento dos isquiotibiais. Quanto à razão entre os torques de quadríceps e isquiotibiais, esta apresentou-se com valores mais baixos no meio do ciclo e mais elevados no início e no final do mesmo. Os valores elevados nas extremidades se justificam pela baixa produção de torque do quadríceps nestes dois momentos – no início está muito alongado e no final muito encurtado para gerar força.

Com base nos diferentes resultados encontrados ao comparar a razão a partir dos picos de torque e a razão ao longo do ciclo de movimento, Rodrigues (2013) concluiu que avaliar o desequilíbrio muscular somente pelos valores de pico de torque (como vem sendo feito na literatura) negligencia a relação força-comprimento, pois diferentes amplitudes de movimento produzem diferentes valores de torque ao longo do ciclo. A razão ao longo do ciclo é, segundo a autora, mais sensível para verificar a estabilidade dinâmica e se o atleta está suscetível à lesão, uma vez que esta leva em consideração todo o ciclo de movimento. A autora inferiu ainda que a partir das variações identificadas no torque, potência e razão ao longo do ciclo de movimento de

flexão e extensão de joelho é possível diferenciar atletas com desequilíbrio muscular que possa vir a prejudicar a estabilidade dinâmica do joelho em pontos específicos do ciclo de movimento. Além disso, as informações sobre desempenho em ângulos específicos do movimento de extensão e flexão do joelho podem ser utilizados no treinamento e reabilitação destes grupos musculares (RODRIGUES, 2013).

Carminatti (2014, p. 26) buscou “investigar a validade de construto do FIET [*Futsal Intermittent Endurance Test*] em atletas de futsal feminino e analisar a demanda fisiológica de um método para individualizar treinamento intermitente de alta intensidade aplicado na modalidade futsal”. A pesquisa, que se caracterizou como aplicada e descritiva, foi dividida em três etapas. Adiante, apresentamos a metodologia, resultados e principais conclusões obtidas em cada etapa.

Na primeira etapa, 60 atletas de futsal feminino de Santa Catarina das categorias Sub-17, Sub-20 e Adulto realizaram o FIET a fim de obter o pico de velocidade e discriminar a performance das atletas. Ao comparar as médias dos picos de velocidade, as categorias Sub-20 e Adulta não apresentaram diferenças significantes, mas ao comparar com a categoria Sub-17, as médias desta categoria foram inferiores. Assumindo haver diferença apenas entre a categoria Sub-17 em relação às demais, o autor concluiu que os resultados de picos de velocidade confirmam a sensibilidade do FIET para discriminar aptidão aeróbia entre as categorias competitivas do futsal feminino, isto é, foram obtidas evidências de validade de construto do teste FIET. A partir dos resultados do pico de velocidade obtidos, o autor propôs valores de referência para o perfil funcional de atletas de elite do futsal feminino. Ainda nesta etapa, Carminatti (2014) analisou o desempenho no FIET em três diferentes momentos da temporada competitiva. Encontrou diferenças significantes para o pico de velocidade nos diferentes momentos considerados, o que demonstrou uma tendência explícita de incremento no desempenho no FIET.

Na segunda etapa, atletas de futsal de Santa Catarina (65 feminino e 28 masculino) realizaram o FIET a fim de determinar a frequência cardíaca máxima e o pico de velocidade. Em seguida, foram divididos em dois grupos de forma aleatório e cada grupo foi submetido à duas sessões distintas do Método TRIEF, respeitando um intervalo de 24 horas entre as sessões – o grupo 1 foi submetido às Opções 1 e 2 e o grupo 2 foi submetido às Opções 3 e 4. Carminatti (2014) identificou diferença significativa entre os sexos no que diz respeito à carga externa aplicada nas sessões de

treinamento, confirmando a premissa de que as sessões de treinamento do Método TRIEF devem ser prescritas individualmente a partir do pico de velocidade obtido no teste. Quanto à carga interna, não houve diferença significativa entre os sexos com relação à resposta frequência cardíaca relativa e à percepção subjetiva de esforço. Ainda segundo o autor, a acurácia do Método TRIEF para individualizar treinamento intermitente de alta intensidade com base no critério de frequência cardíaca relativa em atletas de futsal foi confirmada. Isto porque em 100% das sessões foi atingida a zona alvo de frequência cardíaca considerada de alta intensidade (acima de 90% da frequência cardíaca máxima).

Na última etapa, 22 atletas de futsal de Santa Catarina, sendo 11 de cada sexo, foram submetidos ao FIET e à duas sessões do Método TRIEF, respeitando 48 horas de intervalo entre as sessões. No grupo feminino foram aplicadas as Opções 3 e 4 do Método TRIEF. Considerando apenas o grupo feminino, Carminatti (2014) chegou às seguintes magnitudes de diferença na comparação entre as Opções 3 e 4: moderada para percepção subjetiva de esforço e para concentração média de lactato; e grande para pico de concentração de lactato. No caso da frequência cardíaca não houve diferença significativa. Para o autor, os resultados atestam que a intensidade do exercício aplicada na Opção 4 do Método TRIEF está situada no domínio fisiológico severo.

O objetivo geral da dissertação de Ortiz (2014, p. 19) consistiu em “verificar os efeitos agudos e do treinamento regular sistemático de futebol recreacional em mulheres adultas não treinadas”. Seu estudo foi subdividido em dois artigos científicos.

No primeiro estudo, a fim de “verificar os efeitos agudos do treinamento de futebol recreacional em mulheres adultas não treinadas” (ORTIZ, 2014, p. 19), 23 mulheres adultas foram monitoradas durante quatro jogos de futebol recreacional nos formatos 7x7 e 8x8. Ortiz (2014) identificou elevada intensidade dos jogos, com a frequência cardíaca no domínio severo na maior parte da partida, em ambos os formatos de jogos. Segundo o autor, isto pode ser explicado pelos momentos de alta intensidade durante as partidas, além da baixa aptidão aeróbia das participantes. As respostas de lactato sanguíneo não apresentaram diferenças significativas. Quanto à distância percorrida, o autor observou que no formato 7x7 as atletas percorreram uma distância 21% maior no primeiro tempo de jogo com relação ao segundo tempo. Não foram observadas diferenças significativas no formato 8x8. O autor concluiu que os valores de porcentagem de frequência cardíaca encontrados para ambos os formatos de jogos estão

de acordo com as recomendações para o desenvolvimento da aptidão cardiovascular de indivíduos sedentários.

O segundo estudo verificou “os efeitos de 8 semanas de treinamento de futebol sobre o desempenho físico e saúde comparado ao treinamento aeróbio em mulheres não treinadas” (ORTIZ, 2014, p. 19). Vinte e sete mulheres não treinadas foram separadas, de acordo com o interesse, em grupos de futebol (17) e corrida (10). O grupo futebol jogou no formato reduzido de 7x7 ou 8x8, enquanto o grupo corrida realizou um programa aeróbio em esteira rolante. Foram realizadas 3 sessões de treinamento durante 8 semanas para ambos os grupos. Ortiz (2014) observou adaptações positivas sobre variáveis fisiológicas – consumo máximo de oxigênio, velocidade relativa ao consumo máximo de oxigênio, pico de velocidade, velocidade associada ao início do acúmulo de lactato sanguíneo, velocidade referente ao limiar de lactato e lactato sanguíneo – e bioquímicas – redução da razão colesterol LDL/HDL – em ambos os grupos. O autor concluiu que a prática de futebol em espaço reduzido durante 8 semanas é suficiente para melhorar a aptidão física e promover benefícios à saúde em mulheres não treinadas de modo semelhante ao treinamento aeróbio tradicional controlado.

A tese de Arins (2015, p. 8) teve como objetivo “analisar os efeitos de dois modelos de treinamento intervalado de alta intensidade (TIAI_{7,5x7,5} vs. TIAI_{15x15}) aplicados durante cinco semanas na performance de jogo, índices fisiológicos e neuromusculares em atletas de elite de futsal feminino”. Para tanto, a autora realizou um estudo pré-experimental com 16 atletas de elite do futsal feminino de Santa Catarina – sendo 7 atletas do modelo TIAI_{7,5x7,5} e 9 atletas do modelo TIAI_{15x15}. O experimento foi realizado da seguinte forma: pré-testes (dois dias consecutivos no laboratório e mais dois dias consecutivos no campo, onde foi aplicado o TIAI para obtenção dos picos de velocidade); partida simulada 1; aplicação de treinamentos TIAI_{7,5x7,5} e TIAI_{15x15} (duas vezes na semana ao longo de cinco semanas); partida simulada 2; pós-testes (dois dias consecutivos no campo e mais dois dias consecutivos no laboratório). Entre os grandes grupos de atividades, foram respeitadas 24 horas de intervalo.

Arins (2015) chegou aos seguintes resultados: ausência de diferença significativa nas respostas de frequência cardíaca, percepção subjetiva de esforço e concentração sanguínea de lactato entre os dois modelos de TIAI. Quanto à corrida de alta intensidade e o deslocamento em forma de *sprint*, a autora notou um aumento de ambas as variáveis para o grupo do modelo TIAI_{15x15} quando comparado ao TIAI_{7,5x7,5}.

Desta forma, ela entendeu que as mudanças de direção a mais presentes no modelo TIAI_{15x15} foram responsáveis por promover maiores ganhos práticos de performance das atletas durante a partida. A autora não encontrou diferenças significantes para a potência aeróbia máxima. O pico de velocidade apresentou aumento significativo para os dois grupos ao longo do tempo. Quanto à capacidade aeróbia, a autora constatou diferença significativa ao longo do tempo para os dois modelos de TIAI investigados. A autora observou melhora na prática da economia de corrida somente para o grupo TIAI_{15x15}. Quanto as variáveis fisiológicas anaeróbias, a pesquisadora identificou redução significativa no melhor tempo de *sprint* somente para o grupo do modelo TIAI_{15x15}. Quanto às variáveis neuromusculares, ela verificou aumento significativo nos índices de potência muscular de membros inferiores para os dois modelos de TIAI ao longo do tempo. O pico de torque dos músculos extensores do joelho apresentou aumento significativo ao longo do tempo somente para o grupo TIAI_{15x15}.

A partir dos resultados obtidos, Arins (2015) concluiu que um curto período de aplicação dos dois modelos de TIAI pode resultar em benefícios na capacidade e potência aeróbia e anaeróbia, na potência muscular de membros inferiores e nos valores de força máxima dos músculos extensores do joelho em jogadoras de futsal. O modelo TIAI_{15x15} mostrou-se mais eficiente para provocar mudanças de caráter prático nas variáveis neuromusculares, o que pode ter refletido na melhora de outros aspectos observados, como economia de corrida, pico de velocidade, corrida de alta intensidade e *sprint*. A autora recomenda que profissionais de futsal incluam de uma a duas sessões semanais dos protocolos de TIAI analisados, dando mais ênfase ao TIAI_{15x15}, visando melhorar as variáveis fisiológicas e neuromusculares das atletas.

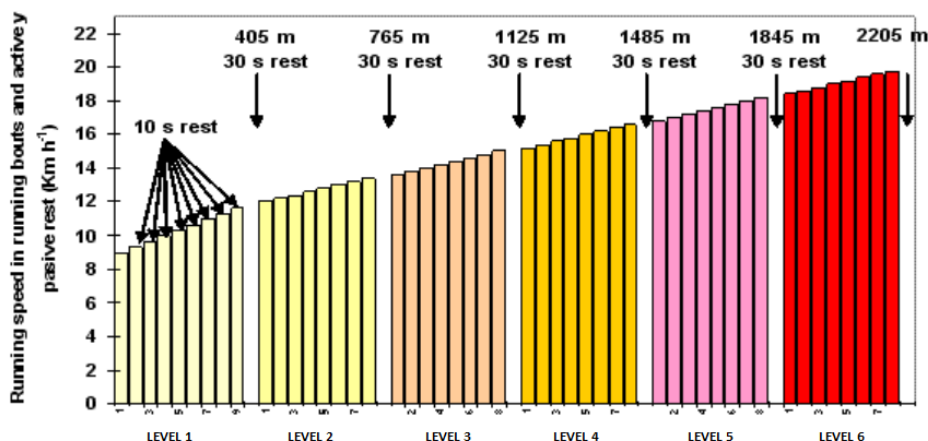
Uma dissertação (RODRIGUES, 2013) e duas teses (ARINS, 2015; CARMINATTI, 2014) que se enquadraram no enfoque temático Performance abordaram funções fisiológicas de atletas que praticavam especificamente a modalidade do futsal. As teses de Arins (2015) e Carminatti (2014), assim como o estudo de Barbero-Alvarez *et al.* (2008), atestam que, para atender às demandas físicas, técnicas e táticas da modalidade, são requisitadas variáveis relacionadas tanto ao metabolismo aeróbio como anaeróbio, sendo que o sistema aeróbio predomina em cerca de 90% de uma partida de futsal.

Segundo Carminatti (2014), corroborando Barbero-Alvarez *et al.* (2008), muitos pesquisadores buscam compreender as demandas desse esporte, avaliar o

desempenho físico de atletas e monitorar a evolução da preparação física dos mesmos usando indicadores de desempenho externos – análise de movimento – e internos – medição de parâmetros fisiológicos como frequência cardíaca, concentrações de lactato sanguíneo, glicemia, ácidos graxos livres de plasma, entre outros. Nesse contexto, diversos testes intermitentes foram desenvolvidos a fim de avaliar atletas praticantes de futsal. Dentre eles, destacamos o *Futsal Intermittent Edurance Test* (FIET), proposto por Barbero-Álvarez e Andrín (2005) e utilizado nos estudos de Carminatti (2014) e Arins (2015).

De acordo com Barbero-Álvarez e Andrín (2005), assim como reforçou Carminatti (2014) em sua tese, o FIET tem por objetivo avaliar a resistência específica necessária à prática do futsal. É um protocolo intermitente do tipo incremental máximo. Ele consiste em repetições de corridas de 45 metros em sistema de *shuttle run* de 15 metros (3 x 15 metros), com a velocidade da corrida controlada por sinais de áudio. A cada 45 metros percorridos o indivíduo tem uma pausa para recuperação de 10 segundos. O primeiro estágio é composto por 9 repetições de 45 metros e os demais por 8 repetições de 45 metros. Ao final de cada estágio, a pausa para recuperação é de 30 segundos. A velocidade média inicial é de $9 \text{ km}\cdot\text{h}^{-1}$, com incrementos de $0,33 \text{ km}\cdot\text{h}^{-1}$ após cada repetição de 45 metros no primeiro estágio e incrementos de $0,2 \text{ km}\cdot\text{h}^{-1}$ nos demais estágios. O teste finaliza quando o indivíduo atrasar mais do que 1,5 metros em relação à linha de referência de 15 metros por duas vezes consecutivas ou então caso haja desistência por exaustão voluntária. O score FIET atribuído ao indivíduo pode ser tanto a distância total percorrida ou então a velocidade final atingida no momento em que o teste é finalizado. Esta denomina-se pico de velocidade. O protocolo FIET pode ser melhor compreendido através do esquema gráfico apresentado na FIGURA 22.

FIGURA 22 – REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO PROTOCOLO FIET



FONTE: Barbero-Álvarez e Andrín (2005)

Daniels e Scardina (1984) afirmam que o treinamento intervalado surgiu como um método de intensificar os treinos de corrida entre as décadas de 1930 e 1940. Corresponde a qualquer tipo de treinamento intermitente que, a partir da manipulação do número, intensidade e duração de sessões de trabalho e quantidades de recuperação, é utilizado a fim de produzir algum tipo específico de estresse no corpo. Segundo Buchheit e Laursen (2013), e como reforçam as teses de Arins (2015) e Carminatti (2014), especialmente em esportes de natureza intermitente, modalidades de treinamento intervalado de alta intensidade (TIAI) vem sendo utilizadas de diferentes formas. A opção por esse tipo de treinamento baseia-se nos ganhos relacionados à aptidão aeróbia em períodos relativamente curtos de tempo. O TIAI envolve períodos curtos (menos de 45 segundos) e longos (entre 2 e 4 minutos) de exercícios de alta intensidade, intercalados com períodos de recuperação.

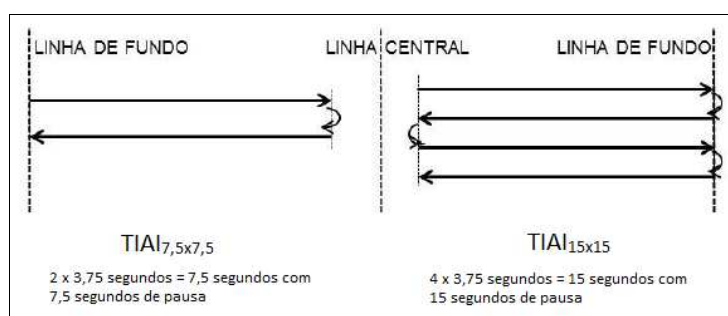
Com o intuito de transferir parâmetros de um teste para avaliação física da modalidade futsal, Carminatti propôs um método de treinamento intervalado específico para futsal – o Método TRIEF. O método é descrito na tese de Carminatti (2014) com base em um estudo não-publicado do mesmo autor. Sem maiores referências à este estudo na tese, buscamos indícios da referida pesquisa no currículo Lattes do autor, mas não encontramos nenhum trabalho que aparentasse corresponder ao estudo até então não-publicado. Deste modo, apresentamos agora brevemente o Método TRIEF com base nas informações constantes na própria tese de Carminatti (2014). O Método TRIEF buscou individualizar o TIAI com base no pico de velocidade obtido através do FIET. Foi desenvolvido com a premissa de atingir uma resposta de frequência cardíaca considerada de alta intensidade (acima de 90% da frequência cardíaca máxima) durante

as sessões de treinamento. É composto por quatro opções, sendo que as repetições de corrida realizadas com as opções 1, 2 e 3 possuem uma mudança de direção, enquanto que na opção 4 são três mudanças de direção de 180° a cada repetição. De acordo com Carminatti (2014), o método contempla vários princípios do treinamento esportivo, bem como proporciona aplicações de sessões de treinamento com variabilidade de estímulos dentro de uma temporada competitiva.

Em sua tese, Arins (2015) aplicou duas das quatro opções que constituem o Método TRIEF – Opção 3 e Opção 4, as quais foram chamadas, respectivamente, de $TIAI_{7,5 \times 7,5}$ e $TIAI_{15 \times 15}$. O $TIAI_{7,5 \times 7,5}$ consiste de quatro séries aproximadamente quatro minutos de esforço (17 repetições de corrida) por 3 minutos de recuperação passiva entre as séries, resultando em uma relação esforço:pausa de 1:1. As distâncias da corrida são individualizadas tendo como base o pico de velocidade (obtido a partir do FIET) e são ritmadas no tempo de 3,75 segundos, indicado por sinal sonoro. Desta forma, são totalizados 25 minutos de sessão. Cada repetição é composta por duas acelerações (2 x 3,75 segundos = 7,5 segundos), uma desaceleração e uma mudança de direção. A intensidade desse modelo ficou estabelecida entre 86% e 91% do pico de velocidade obtido através do FIET.

De acordo com Arins (2015) e Carminatti (2014), o $TIAI_{15 \times 15}$ consiste de quatro séries de aproximadamente quatro minutos de esforço (9 repetições de corrida) por 3 minutos de recuperação passiva entre as séries, resultando em uma relação esforço:pausa de 1:1. As distâncias da corrida são individualizadas tendo como base o pico de velocidade (obtido a partir do FIET) e são ritmadas no tempo de 3,75 segundos, indicado por sinal sonoro. Desta forma, também são totalizados 25 minutos de sessão. Cada repetição é composta por quatro acelerações (4 x 3,75 = 15 segundos), três desacelerações e três mudanças de direção. A intensidade desse modelo ficou estabelecida entre 83% e 88% do pico de velocidade obtido através do FIET (ARINS, 2015). A FIGURA 23 visa elucidar o funcionamento de ambos os modelos explanados.

FIGURA 23 – REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA REALIZAÇÃO DOS MODELOS DE TREINAMENTO TIAI_{7,5x7,5} (ESQ.) TIAI_{15x15} (DIR)



FONTE: adaptado de Arins (2015)

De forma sintetizada, conforme aponta Arins (2015), os modelos de treinamento TIAI_{7,5x7,5} e TIAI_{15x15} possuem semelhanças quanto ao tempo de cada série (aproximadamente 4 minutos), relação esforço e pausa (1:1) e distância relativa. As intensidades de corrida e número de mudanças de direção são distintos. No TIAI_{7,5x7,5} a intensidade fica entre 86% e 91% do pico de velocidade e ocorre apenas uma mudança de direção; no TIAI_{15x15} a intensidade fica entre 83% e 88% do pico de velocidade e ocorrem três mudanças de direção. Apresentamos estas informações de forma gráfica por meio da FIGURA 24.

FIGURA 24 – DESCRIÇÃO DOS PARÂMETROS DE REFERÊNCIA DAS OPÇÕES 3 E 4 DO MÉTODO TRIEF

Opção	Tempo de corrida	%PV no FIET	Nº rep. por série	Pausa entre rep.	Nº de séries	Tempo de série	Pausa entre séries	Total da sessão	Relação esforço: pausa
3	3,75s x 2	86 - 91	17	7,5s	4 ou 5	4'	3'	25 ou 32'	7,5:7,5s
4	3,75s x 4	83 - 88	09	15s	4 ou 5	4'	3'	25 ou 32'	15:15s

FONTE: adaptado de Carminatti (2014)

O Método TRIEF teve sua acurácia comprovada por meio da pesquisa de Carminatti (2014) e, por meio de sessões de treinamento em que o método foi aplicado em atletas de futsal, tanto Carminatti (2014) quanto Arins (2015) obtiveram evidências de que as opções de treinamento do Método TRIEF são adequadas e específicas para o desenvolvimento da aptidão aeróbia em atletas de futsal. Arins (2015) identificou que uma maior ênfase no modelo com maior número de mudanças de direção (TIAI_{15x15}) proporciona um resultado ainda mais positivo em determinadas variáveis fisiológicas e neuromusculares.

Com relação aos indicadores fisiológicos mensurados e analisados nos trabalhos que se enquadraram na categoria Performance (ARINS, 2015; CARMINATTI, 2014; HEIDRICH, 2013; ORTIZ, 2014; RODRIGUES, 2013), estes índices representam informações importantes para que pesquisadores possam desenvolver modelos de treinamento adequados às necessidades específicas das atletas de futs, bem como fornecem *feedbacks* no sentido de validar modelos que estejam em desenvolvimento. De modo especial, algumas pesquisas se debruçaram mais especificamente sobre alguns indicadores específicos, cada qual visando atingir seus objetivos propostos. Os indicadores mais recorrentes foram: pico de velocidade, frequência cardíaca, percepção subjetiva de esforço, concentração de lactato sanguíneo e consumo máximo de oxigênio (ARINS, 2015; CARMINATTI, 2014; ORTIZ, 2014). Outros indicadores também foram considerados de forma menos recorrente nas diferentes pesquisas.

Carminatti (2014) obteve a frequência cardíaca máxima e o pico de velocidade das atletas por meio do FIET. Os valores obtidos para o pico de velocidade tornaram-se referência para o perfil funcional de atletas de elite do futsal feminino. Os valores da frequência cardíaca serviram para, posteriormente, confirmar a acurácia do Método TRIEF para individualizar treinamento intermitente de alta intensidade. A percepção subjetiva de esforço e a concentração de lactato sanguíneo foram mensuradas após a aplicação das opções 2 e 4 do Método TRIEF junto a atletas masculinos e das opções 3 e 4 do Método TRIEF junto a atletas femininas, a fim de comparar os resultados dos diferentes métodos. Considerando apenas os testes realizados com as atletas femininas, as diferenças entre a percepção subjetiva de esforço e entre a concentração média de lactato sanguíneo considerando as duas opções do Método TRIEF aplicadas (3 e 4) foram classificadas como moderadas. Carminatti (2014) não considerou indicadores de consumo máximo de oxigênio em sua pesquisa.

Arins (2015) também fez uso do FIET para obtenção dos valores de frequência cardíaca máxima e pico de velocidade das atletas estudadas. A autora mensurou a percepção subjetiva de esforço, a concentração de lactato sanguíneo e o consumo máximo de oxigênio a fim de comparar os resultados da aplicação dos métodos TIAI_{7,5x7,5} e TIAI_{15x15}. Com relação à percepção subjetiva de esforço e à concentração de lactato sanguíneo, a autora não identificou diferenças significantes após a aplicação de ambos os modelos. Quanto ao pico de velocidade, este apresentou aumento

significante nos dois modelos de TIAI considerados, sendo que o ganho foi maior para o grupo submetido ao TIAI_{15x15}.

Por fim, em seu primeiro estudo, Ortiz (2014) mensurou frequência cardíaca máxima, concentração de lactato sanguíneo e consumo máximo de oxigênio. O autor identificou que a frequência cardíaca permaneceu no domínio severo na maior parte da partida em ambos os formatos de jogos propostos (7x7 e 8x8). Os indicadores de frequência cardíaca máxima e concentração de lactato sanguíneo não apresentaram diferenças significativas entre os primeiros e segundos tempos dos dois formatos de jogos propostos. No segundo estudo, Ortiz (2014) considerou a frequência cardíaca, o pico de velocidade e o consumo máximo de oxigênio. Ele constatou que a frequência cardíaca média foi semelhante para os grupos de futebol e de corrida. Ele notou também um aumento significativo do pico de velocidade e velocidade relativa ao consumo máximo de oxigênio nos dois grupos considerados – futebol e corrida.

A análise do torque dos músculos quadríceps e isquiotibiais do joelho de atletas de futsal consistiu em outro aspecto estudado com recorrência nos trabalhos que se enquadraram no presente enfoque temático (ARINS, 2015; ORTIZ, 2014; RODRIGUES, 2013). O interesse dos autores em estudar estes grupos musculares provavelmente se justifica pelo fato de os membros inferiores serem muito solicitados na execução de fundamentos dos futs. Contudo, reconhecemos e enfatizamos que cada pesquisa considerou contextos e objetivos distintos.

A dissertação de Rodrigues (2013) teve como objetivo principal a análise do desempenho muscular do quadríceps e dos isquiotibiais de atletas amadoras de futsal feminino, de modo que foram enfatizados torque, potência e razão isquiotibiais/quadríceps. Os resultados encontrados sinalizaram uma possível potencialização de mecanismos de lesão em virtude dos ângulos em que foram identificados os maiores valores de torque dos isquiotibiais. Ortiz (2014) analisou as respostas neuromusculares, fisiológicas e bioquímicas após 8 semanas de treinamento de futebol em formato reduzido e não identificou aumentos significativos com relação ao pico de força dos extensores do joelho, justificável pelo curto período de tempo de treinamento. Por outro lado, Arins (2015) buscou analisar os efeitos da aplicação de um modelo de treinamento intervalado de alta intensidade em atletas de elite de futsal feminino. Os picos de torque excêntrico/concêntrico dos músculos isquiotibiais e quadríceps do joelho corresponderam a apenas uma das variáveis estudadas na pesquisa.

Os resultados atestaram que o pico de torque excêntrico do quadríceps apresentou um aumento significativo para o grupo submetido ao TIAI_{15x15}.

Heidrich (2013), de modo particular, debruçou-se sobre a aprendizagem motora em sua pesquisa. Mais especificamente, a autora estudou os efeitos da ameaça do estereótipo negativo na aprendizagem motora de uma tarefa de futebol. Conforme apontam Steele e Aronson (1995), o estereótipo negativo descreve características negativas e desfavoráveis de um indivíduo ou de um grupo de pessoas. A existência de um estereótipo significa que qualquer coisa que uma pessoa faça tornará o estereótipo mais plausível como uma auto caracterização. Essa situação é ainda mais evidenciada quando os estereótipos sobre a pessoa ou grupo são negativos, de forma que os efeitos podem ser perturbadores. Heidrich (2013) considerou a realização de uma tarefa por três grupos de mulheres que não tinham experiências prévias com o futebol. Cada grupo recebeu instruções de forma diferenciada. Para o grupo estereótipo negativo, a tarefa era introduzida como envolvendo capacidades atléticas de força e potência, geralmente melhor desempenhadas por homens. Para o grupo estereótipo reduzido as instruções enfocavam aspectos de agilidade e coordenação, enfatizando que são melhor executados por mulheres do que por homens. Por fim, o grupo controle recebeu apenas instruções sobre a tarefa, sem influências de estereótipos. A autora considerou a média dos escores de erro absoluto de cada tentativa de execução em relação ao tempo de realização do percurso como meio de verificar as diferenças entre os grupos. Ela identificou que o grupo de mulheres submetido ao estereótipo negativo apresentou tempos piores do que os outros dois grupos. Bem como o grupo submetido ao estereótipo reduzido obteve os melhores resultados. Isto significa que uma simples mudança de informação sobre estereótipos pode proporcionar confiança e motivação no contexto da aprendizagem de novas tarefas motoras, otimizando os resultados.

Os estudos que se dedicaram a estudar os futs de mulheres sob a ótica da Performance são relevantes na medida em que, ao assumirem como objetos de pesquisa mulheres praticantes de diferentes futs, emitem resultados envolvendo indicadores fisiológicos internos e externos peculiares a este conjunto de indivíduos. Ou seja, características específicas da mulher atleta são consideradas a fim de analisar se práticas já existentes apresentam resultados benéficos, se poderiam ser melhoradas ou se estão obsoletas, ou ainda para propor novas opções de treinamento adequadas que visem otimizar diversos aspectos relacionados à performance das atletas. Nesse contexto, é de extrema importância que estas pesquisas continuem sendo realizadas com atletas

mulheres a fim de que os profissionais que trabalham com os futs de mulheres estejam devidamente capacitados a lidar com esse público em específico, de forma a respeitar as especificidades fisiológicas das mulheres que praticam os futs.

4.8 PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

O título, autor, orientador e ano de publicação da tese que se enquadra no enfoque temático Produção do conhecimento é apresentado no QUADRO 14.

QUADRO 14 – TÍTULO, AUTOR E ANO DO TRABALHO QUE SE ENQUADRA NO ENFOQUE TEMÁTICO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Título	Autor	Orientador	Ano
Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil	Alex Christiano Barreto Fensterseifer	Antônio Renato Pereira Moro	2016

FONTE: as autoras

A TABELA 15 apresenta as seguintes informações sobre o trabalho que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho e tipo de trabalho quanto à metodologia.

TABELA 15 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O TRABALHO QUE SE ENQUADRA NO ENFOQUE TEMÁTICO PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Informação		Quant. trabalhos	Referência
Sexo autor	Feminino	0	-
	Masculino	1	(FENSTERSEIFER, 2016)
Tipo de trabalho	Dissertação	0	-
	Tese	1	(FENSTERSEIFER, 2016)
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	0	-
	Quantitativo	0	-
	Quanti-qualitativo	1	(FENSTERSEIFER, 2016)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos o resumo do trabalho do presente enfoque temático.

A única tese enquadrada nesta categoria teve como objetivo “investigar o estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil sobre o tema futebol disponíveis no banco de teses da CAPES no período entre 1987 e 2014” (FENSTERSEIFER, 2016, p. 31). Este estudo se caracterizou como uma pesquisa teórico-bibliográfica de cunho exploratório. A partir do banco de teses da CAPES,

Fensterseifer (2016) buscou pelo termo “futebol”. Após aplicar alguns critérios de exclusão sobre os resultados prévios, obteve um total de 1.258 teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação de diversas áreas de conhecimento. Os dados foram tabulados em planilha Excel. A análise dos dados se deu em duas etapas – análise dos indicadores com base em estudos bibliométricos e análise dos resumos dos trabalhos agrupados por áreas de avaliação.

Na primeira parte da análise, o pesquisador explorou os seguintes indicadores de distribuição: dos estudos nas nove grandes áreas do conhecimento, dos estudos nas áreas do conhecimento, das principais temáticas abordadas, das principais palavras-chave, dos estudos pelo método de abordagem do problema, dos estudos por região, dos estudos por estados, dos estudos por instituições de ensino, dos estudos no ensino público e privado, dos estudos por ano de defesa, dos estudos por nível de qualificação, do volume de produção e gênero dos autores, do volume de produção e gênero dos principais orientadores. Já na segunda parte analítica, para cada grande área de conhecimento, o investigador apresentou: quais subáreas a compõem e quais destas apresentaram pesquisas sobre o futebol, entre quais anos estas pesquisas foram produzidas, o tipo de universidade (pública ou privada), as regiões do país onde estão situadas estas instituições, o gênero dos pesquisadores, o método de abordagem do problema (quantitativo, qualitativo ou quanti-qualitativo) e o nível de qualificação (mestrado ou doutorado). Em seguida, ele apontou quais temáticas foram tratadas pelos trabalhos em questão. Por fim, o autor apresentou o objetivo de cada trabalho levantado, fornecendo um breve panorama de todas as pesquisas consideradas.

Através dos dados levantados e analisados, Fensterseifer (2016) concluiu que a produção científica sobre futebol cresceu nos últimos anos no país. Além disso, assumiu que a modalidade se configurou como uma possibilidade de estudo multidisciplinar – não somente recorreu às nove grandes áreas do conhecimento para explicar seu campo científico, bem como foi abordado sob o viés de diversas temáticas distintas. Todavia, o autor identificou a necessidade de que pesquisadores e orientadores se aproximem e discutam a temática, trocando experiências, solucionando problemas de pesquisa e adquirindo aprendizados entre si. Desta forma, ele inferiu a interdisciplinaridade como meio para aproximar o conhecimento sobre futebol produzido pelas diferentes áreas que investigam o tema.

Uma vez que, conforme declaramos anteriormente, apenas este trabalho se enquadrou no enfoque temático Produção do conhecimento, não temos subsídios para realizar comparações e discussões sobre os dados levantados neste trabalho frente à outras produções semelhantes. Deste modo, a seguir, apenas apresentamos os principais achados da pesquisa de Fensterseifer (2016).

A maioria das dissertações e teses sobre futebol foi produzida na área de conhecimento Ciências da Saúde – 369 trabalhos. O que chamou a atenção do autor foi que todas as nove áreas de conhecimento apresentaram pesquisas sobre a modalidade, inclusive aquelas que poderiam ser consideradas mais distantes – como Engenharias, Agrárias, Linguística, Letras e Artes, Exatas e da Terra. Para Fensterseifer (2016), isto pode representar uma tentativa de diálogo em uma perspectiva interdisciplinar. Ao considerar as subáreas de estudos dentro de cada área de conhecimento, a educação física foi a que mais se dedicou às pesquisas sobre futebol, com 329 trabalhos. Conforme destaca o autor, o resultado já era esperado, uma vez que o futebol é um campo de estudo originalmente vinculado à educação física.

Dentre as temáticas mais recorrentes nos trabalhos levantados, destacaram-se, de modo especial, torcidas organizadas e Copa do Mundo. Com relação às palavras-chave, Fensterseifer (2016) identificou um total de 6.652, o que sinaliza a falta de critérios para selecionar os vocábulos que consistiram as palavras-chave das produções. Quanto aos métodos de abordagem, a maioria dos trabalhos utilizou métodos qualitativos, possivelmente por influência das Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes – áreas que se destacaram na quantidade de trabalhos sobre futebol e em que, segundo o autor, a pesquisa quantitativa praticamente não existe. Com relação ao nível de qualificação, 82% dos trabalhos levantados foram a nível de mestrado, refletindo a forma com que a pós-graduação se desenvolveu no país – primeiramente a consolidação dos programas de mestrado e, posteriormente, a criação dos doutorados.

Fensterseifer (2016) observou que 64,22% dos estudos foram provenientes da região Sudeste do país. Além disso, constatou uma discrepância desta região com relação às demais – especialmente quando comparada à região Norte, de onde advieram apenas 1,03% dos estudos sobre futebol. Para o autor, esta diferença representa um reflexo de desigualdades econômicas, sociais e educacionais entre as regiões do país. Os estados de Tocantins, Roraima, Acre, Amapá e Rondônia não produziram dissertações e teses sobre futebol, em virtude da falta de investimentos em programas de pós-graduação nessas regiões.

Quanto às instituições de ensino, a maioria das dissertações e teses sobre futebol proveio da Universidade de São Paulo, seguida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Estadual de Campinas. Fensterseifer (2016) observou a predominância de universidades públicas e federais como os maiores lócus de produção de dissertações e teses sobre futebol. Ele entende isto como reflexo do forte investimento que a pós-graduação recebe por parte do setor público, bem como devido às maiores idade e tempo de produção dos programas de pós-graduação de universidades públicas.

O crescimento da produção de dissertações sobre futebol apresentou uma taxa praticamente constante entre os anos de 1998 e 2014, com um crescimento significativo a partir do ano de 1996 – para o autor, isto pode estar relacionado com a política federal de avaliação da produção científica dos professores do ensino superior. A primeira tese defendida sobre futebol foi identificada no ano de 1992. O crescimento da produção de teses não foi tão acentuado como nas dissertações, mas o autor constatou que a quantidade de teses sobre o futebol também cresceu ao longo dos anos (FENSTERSEIFER, 2016).

Quanto ao gênero dos autores das pesquisas, Fensterseifer (2016) concluiu que 75,91% dos trabalhos foram escritos por pesquisadores do sexo masculino contra 24,08% do sexo feminino. O autor baseou-se na justificativa proposta em Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014) de que no Brasil o futebol é um esporte considerado masculino, no qual geralmente as mulheres são excluídas por razões culturais. No universo da investigação, também são impostas dificuldades à participação feminina, o que, segundo Fensterseifer (2016), pode justificar a configuração encontrada. Quanto à distribuição dos estudos por gênero dos orientadores, o autor também notou a maioria do sexo masculino (71,93%). Alguns orientadores concentraram maior número de orientações de estudos sobre futebol, sendo Antônio Jorge Gonçalves Soares o professor que mais orientou trabalhos sobre a temática – 17.

Com relação especificamente à produção voltada aos futs de mulheres, a temática “mulheres no futebol” apareceu entre as dez mais pesquisadas nas teses levantadas por Fensterseifer (2016). As pesquisas que abordaram os futs de mulheres emergiram das seguintes áreas: Ciências Agrárias, Engenharias, Ciências da Saúde, Multidisciplinar, Linguística, Letras e Artes e Ciências Humanas. Especificamente com relação aos trabalhos produzidos na área da Educação Física, o autor identificou temáticas voltadas à “mulher e o lazer no futebol”, “mulher da classe alta e o futebol”,

“mulher no futebol profissional”, “mulher e aprendizagem motora” e “gênero e o futebol”.

Após a análise dos resumos das teses e dissertações, Fensterseifer (2016) observou alguns aspectos comuns entre os trabalhos – por exemplo, a recorrência de algumas temáticas específicas em detrimento de outras, algumas conclusões de trabalhos pouco reflexivas que se repetiram inúmeras vezes em diferentes pesquisas e situações em que o conhecimento produzido pareceu não estar mais avançando. Para o autor, estes foram indícios de que a ciência que investiga o futebol é construída de forma parcializada. Por outro lado, ele reconheceu que as pesquisas sobre futebol foram fundamentadas pelos mais variados referenciais teóricos e, em virtude da multidisciplinaridade dos campos de conhecimento que produziram sobre a temática, entendeu que foram explorados os diversos significados e abrangências desta modalidade.

Pesquisas que se debruçam sobre a produção do conhecimento que aborda os futs de mulheres – como a tese analisada no presente enfoque temático e esta própria dissertação – são importantes na medida em que geram um panorama do vem sendo produzido sobre os futs de mulheres em nosso país. Uma das contribuições relevantes destes trabalhos se dá na medida em que indicam quais temáticas já estão saturadas e quais representam novos caminhos a serem estudados. Assim, pesquisas originais podem ser desenvolvidas visando contemplar âmbitos pouco explorados no que diz respeito aos futs de mulheres.

4.9 PROFISSIONAIS DOS FUTS

O título, autor, orientador e ano de publicação das dissertações e teses que se enquadram no enfoque temático Profissionais dos futs são apresentados no QUADRO 15.

QUADRO 15 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PROFISSIONAIS DOS FUTS

(continua)

Título	Autor	Orientador	Ano
Árbitros: vilões e/ou mediadores do espetáculo?	Carla Righeto	Heloisa Helena Baldy dos Reis	2016
Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino	Pamela Siqueira Joras	Pamela Siqueira Joras	2015

QUADRO 15 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PROFISSIONAIS DOS FUTS

(conclusão)

Título	Autor	Orientador	Ano
Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)	Suellen dos Santos Ramos	Pamela Siqueira Joras	2016
Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional	Igor Monteiro Chagas	Ludmila Nunes Mourão	2016
O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil	Heidi Ferreira Jancer	José Geraldo do Carmo Salles	2012

FONTE: as autoras

A TABELA 16 apresenta as seguintes informações sobre os trabalhos que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia, outros enfoques temáticos em que os trabalhos foram classificados e tipo de profissional.

TABELA 16 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO PROFISSIONAIS DOS FUTS

(continua)

Informação		Quant. trabalhos	Referências
Sexo autor	Feminino	4	(FERREIRA, 2012; JORAS, 2015; RAMOS, 2016; RIGHETO, 2016)
	Masculino	1	(MONTEIRO, 2016)
Tipo de trabalho	Dissertação	5	(FERREIRA, 2012; JORAS, 2015; MONTEIRO, 2016; RAMOS, 2016; RIGHETO, 2016)
	Tese	0	-
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	4	(FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016; RAMOS, 2016; RIGHETO, 2016)
	Quantitativo	0	-
	Quanti-qualitativo	0	-
Trabalhos que classificamos em outros enfoques além de Profissionais dos futs	Gênero	3	(FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016; RIGHETO, 2016)
	Mulher como atleta profissional	2	(JORAS, 2015; RAMOS, 2016)
Tipo de profissional	Equipe de arbitragem	2	(MONTEIRO, 2016; RIGHETO, 2016)
	Técnica	3	(FERREIRA, 2012; JORAS, 2015; RAMOS, 2016)
	Dirigente	1	(RAMOS, 2016)
	Líder de projetos	1	(JORAS, 2015)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos os resumos dos cinco trabalhos do presente enfoque temático.

Conforme apresentamos na seção GÊNERO, Ferreira (2012) organizou sua dissertação no formato de três artigos. O objetivo geral da pesquisa foi “analisar a atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil, buscando elucidar quais são as razões associadas à baixa representatividade feminina nesse cargo” (FERREIRA, 2012, p. 2). A autora realizou entrevistas com 13 mulheres que atuavam como técnicas esportivas no Brasil em níveis estadual, nacional e internacional. Além do futebol e futsal, participaram técnicas das modalidades: natação, saltos ornamentais, ginástica aeróbica, judô, handebol e basquetebol. Apresentamos, a seguir, os achados de cada artigo de forma condensada. Destacamos a impossibilidade de analisarmos apenas as características emergentes das falas das técnicas dos futs, uma vez que Ferreira (2012) apresentou os resultados de sua pesquisa condensando os discursos das profissionais das diferentes modalidades. Discutimos, a seguir, alguns aspectos desta dissertação voltados à questões das Profissionais dos futs.

As razões associadas à baixa representatividade feminina no cargo de técnicas no Brasil compreenderam: barreiras enfrentadas pelas técnicas; dificuldade de ascensão na carreira; conformação das mulheres com relação ao domínio masculino; falta de mulheres com perfil para o cargo; e desistência da carreira. Ao identificar as condições de inserção no cargo, Ferreira (2012) constatou que a maioria realizou uma transição bastante natural, migrando da carreira de atleta (ao término desta) para assumir cargos técnicos. A ascensão na carreira se deu através de abdicação e muita entrega, uma vez que sempre estiveram expostas à desconfianças quanto suas competências. A manutenção como treinadoras ocorreu em virtude da credibilidade adquirida na medida em que foram demonstrando resultados. Por fim, com relação às barreiras enfrentadas por técnicas esportivas brasileiras em sua atuação profissional, Ferreira (2012) verificou o domínio masculino no campo de trabalho esportivo; a discriminação em função de serem mulheres; as dificuldades de aceitação por parte de pais e de atletas; a (ausência de) remuneração; o estereótipo de homossexualidade; e o conflito entre vida pessoal e vida profissional, sendo este o motivo mais citado entre as técnicas entrevistadas.

Para Ferreira (2012), as conquistas femininas esportivas nas esferas administrativa, de comissão técnica e de arbitragem ainda são marginalizadas. A representatividade feminina nos cargos de treinadores é tão baixa no Brasil que pode ser considerada uma presença simbólica. Isto ocorre principalmente por conta do domínio

masculino nessa área, mas as outras barreiras levantadas não devem ser desconsideradas. A fim de prover perspectivas de melhoras na carreira de treinadora esportiva no Brasil, a autora sugere ações como maior participação de mulheres em cargos administrativos, maior visibilidade feminina em diferentes funções e esferas esportivas, incentivo à ampliação das redes de contatos femininas e promoção de aumento na remuneração.

Apresentamos a pesquisa de Joras (2015) anteriormente na seção MULHER COMO ATLETA PROFISSIONAL, enfocando aspectos daquele enfoque temático em específico. Agora, resgatamos as particularidades desta dissertação que dizem respeito mais especificamente à atuação da atleta pesquisada sob a ótica de Profissionais dos futs. O objetivo da dissertação de Joras (2015, p. 17) consistiu em

analisar a trajetória de uma importante atleta do futebol brasileiro, tendo como eixo condutor as suas próprias narrativas. Trata-se de Aline Pellegrino, referência do futebol nacional, cuja liderança foi fundamental na condução da seleção brasileira, na qual atuou como capitã durante sete anos e meio, feito que é inédito no futebol brasileiro, inclusive naquele praticado por homens.

Como recursos metodológicos, utilizou a história oral e a história de vida. Entrevistou, além da jogadora, pessoas com quem ela conviveu ou que tiveram importância em sua trajetória. Também utilizou o acervo pessoal da atleta como fonte de dados.

Após findar sua carreira como jogadora no ano de 2013, Aline recebeu o convite para conduzir uma equipe de futebol feminino de Pernambuco. Mesmo conquistando o título estadual, Aline desligou-se da equipe alguns meses depois, por conta de desentendimentos junto à comissão técnica. Paralelamente, a ex-atleta vinha desenvolvendo um projeto ao lado de uma jogadora norte americana, para o qual passou a dedicar maior atenção após o término de sua experiência como treinadora. O Guerreiras Project teve como objetivo usar “o futebol como ferramenta para revelar, analisar e combater preconceitos de gênero. [...] [O projeto] promove justiça de gênero [...] através da criação de espaços nos quais se pode entrar em diálogos” (JORAS, 2015, p. 102). Aline atuou no projeto especialmente conduzindo oficinas e cursos, narrando conquistas e frustrações que viveu ao longo de 16 anos como jogadora de futebol. Sua experiência e representatividade foram fundamentais para o projeto.

Mesmo sem remuneração, Aline reconheceu que o Guerreiras Project lhe trouxe alegrias, benefícios e satisfação.

Joras (2015) conclui que a ex-atleta viu no projeto de cunho político e social uma perspectiva de manutenção junto à modalidade do futebol. Mesmo com certo pessimismo demonstrado pela jogadora ao longo de sua carreira, a autora entendeu que, ao buscar empoderar outras mulheres por meio do Guerreiras Project, Aline empoderou-se, encontrando motivação para continuar a lutar pelo futebol.

A pesquisa de Monteiro (2016, p. 16) debruçou-se em “analisar os processos de inserção, permanência, ascensão na carreira e aposentadoria de árbitras no futebol profissional brasileiro”. Fez uso metodológico da história de vida ou trajetórias. O autor entrevistou 10 árbitras que, à época da pesquisa, atuavam ou tinham atuado no futebol profissional por pelo menos dois anos, em quaisquer níveis e federações. Os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo. Esta pesquisa foi previamente apresentada no enfoque temático GÊNERO. Aqui, retomamos alguns aspectos desta pesquisa que dizem respeito mais especificamente à questões relacionadas às Profissionais dos futs.

O autor identificou que a maioria das mulheres teve experiências prévias com esportes antes da inserção na arbitragem. Todas contaram com o apoio da família quando tomaram a decisão de arbitrar. As passagens iniciais pelo futebol amador e categorias de base foram fundamentais para a ascensão de suas carreiras. Como dificuldades, as entrevistadas relataram preconceitos, questões políticas, falta de reconhecimento, conciliação entre trabalho e vida pessoal e lesões. A permanência na carreira se deu em função do gosto pela arbitragem e pelo futebol, bem como por conta da satisfação pessoal e financeira. Já a consolidação na carreira, na visão das árbitras, ocorreu em virtude de boas atuações, preparação física e técnica, persistência e capacidade em superar dificuldades. Através das entrevistas, o autor identificou que os jogadores são respeitosos para com as árbitras, enquanto torcedores olham com preconceito e fazem comentários erotizados. Para as árbitras, o encerramento da carreira representou um momento difícil e doloroso (MONTEIRO, 2016).

As desigualdades de poder entre os gêneros na arbitragem e em outros cargos como gestoras e técnicas esportivas ocorre com base na ideia de que qualidades como liderança, comando e força são masculinas (FARIAS, 2014). Desta forma, para Monteiro (2016), as árbitras entrevistadas superaram o modelo autoritário das

federações pelo amor ao futebol e à arbitragem. Mesmo diante dos obstáculos, elas relataram ter muito orgulho de suas carreiras. Ser árbitra de futebol profissional no Brasil significou, na concepção delas, a conquista de um espaço profissional, a realização de um sonho e empoderamento.

Apresentamos a dissertação de Ramos (2016) anteriormente na seção MULHER COMO ATLETA PROFISSIONAL. Agora, retomamos a pesquisa com a intenção de aprofundar mais especificamente aspectos que abordam a atuação da atleta pesquisada sob a ótica de Profissionais dos futs. Ramos (2016, p. 21) teve como finalidade

analisar a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda), relacionando-a com a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul a partir da década de 1980, construindo uma narrativa sobre sua trajetória esportiva, como jogadora de futebol e como formadora de atletas.

A autora fez uso da história oral, mais especificamente da história de vida. Além de entrevistas com a jogadora Duda e outras 15 pessoas como familiares e colegas de equipe, utilizou fontes documentais e iconográficas.

Conforme a pesquisadora, após uma temporada em que atuou no exterior, Duda retornou ao Brasil em 1996 e, mesmo enquanto jogadora de futebol, fundou e passou a atuar como dirigente de uma escolinha de formação de atletas inicialmente voltada apenas para meninas. A atleta estabeleceu um sistema de franquias junto aos Centros de Ensino e Treinamento do Internacional e desenvolveu sua própria metodologia de ensino. Além de dar aulas, ela corria atrás de patrocínios e também organizava competições e viagens para disputar campeonatos em outras cidades. No ano de 2004, o vínculo com o Internacional foi findado e Duda criou sua própria escola de futebol, passando a atuar apenas como gestora e ampliando a oferta para meninos. Sua escolinha teve por intuito “incentivar meninas e meninos que tem interesse em desenvolver a prática do futebol, promovendo um trabalho de base para formação de futuros atletas” (RAMOS, 2016, p. 130) e funcionava no sistema de franquias. A escolinha de Duda, à época da pesquisa, representou uma das maiores escolas de futebol do estado do Rio Grande do Sul.

Ramos (2016) assumiu que a gestão esportiva se caracteriza como um campo de predominância masculina, mas concluiu que Duda foi um exemplo de possibilidade

de avanço na participação feminina nesta área. A ex-atleta transformou seu nome em uma marca através da sua escolinha e consolidou sua representatividade no futebol gaúcho como formadora de atletas.

Righeto (2016, p. 18) desenvolveu uma pesquisa cujo objetivo foi “conhecer quem são os árbitros FIFA em atuação na Federação Paulista de Futebol e o que os levou a escolher a arbitragem como ‘profissão’; estudar os tipos de violências sofridas por estes, assim como o que eles sentem e interpretam da violência sofrida”. Para tanto, entrevistou os três árbitros FIFA da Federação Paulista de Futebol – dois homens e uma mulher. A autora analisou os dados com base na teoria do processo civilizatório de Norbert Elias. Embora muitas das inferências tenham sido realizadas a partir da fala dos três árbitros de forma conjunta, apresentamos a seguir aspectos relevantes emergentes principalmente na fala da árbitra mulher.

Os árbitros entrevistados se envolveram com o esporte ao longo de suas vidas – os homens com o futebol, a mulher com outras modalidades. A escolha de tornar-se árbitra, embora não planejada, teve o apoio de familiares. A árbitra entrevistada entende que os xingamentos são formas de jogadores e torcedores extravasarem – e não como uma forma de violência. Para ela, questões de mal educação não estão atreladas ao fato de ser jogador do futebol, mas são do caráter e da educação da pessoa. Sente que o fato de ser mulher ameniza um pouco a forma com que é tratada nas partidas. Ainda assim, sofreu um caso de agressão verbal que marcou fortemente sua carreira. Além disso, entendeu que o fato de nenhuma árbitra ter apitado uma partida profissional masculina no Campeonato Brasileiro de 2015 foi uma forma de violência pelo fato de ser mulher. Assim como os outros árbitros entrevistados, a árbitra defendeu que a mídia representa um canal que instiga a violência entre torcedores de futebol e arbitragem. Dentre outros fatores, pela forma com que jornalistas e comentaristas comentam os erros de arbitragem (RIGHETO, 2016).

Considerando o esporte como um espaço masculino, criado pelos e para os homens, Righeto (2016) constatou que a mulher que pretende dirigir, arbitrar partidas e disputar estes espaços hegemônicos masculinos enfrenta uma série de barreiras, preconceitos e discriminação. As árbitras são estigmatizadas como se não tivessem capacidades técnica e física para controlar as partidas profissionais masculinas. A principal violência sofrida por elas é simbólica, ao passo que enfrentam ausência de oportunidades de trabalho. Para a autora, seria necessário que o trabalho das árbitras

fosse reconhecido e que fossem promovidas oportunidades iguais para árbitros homens e mulheres desde os cargos de gestão.

As pesquisas enquadradas no presente enfoque temático abordaram a relação de mulheres com os futs no papel de árbitras, bandeirinhas, técnicas, dirigentes, líderes de projetos – um grupo que intitulamos Profissionais dos futs.

Conforme aponta Mourão (2000), a inserção e apropriação do espaço esportivo pela mulher brasileira foi e vem sendo qualitativamente diferente do mesmo processo nos cargos de gestão esportiva e de arbitragem. No âmbito esportivo, a mulher não confrontou o homem buscando uma redistribuição deste território – ao contrário, submeteu-se a um processo de infiltração lenta e progressiva, sem representar um perigo à hegemonia masculina nesse ambiente considerado de reserva masculina. Hoje, ao analisar o campo esportivo brasileiro, é possível constatar que a mulher se faz presente na prática de quase todas as modalidades esportivas – mas, como ressalva Goellner (2012), este fato não nos permite entusiasmar, uma vez que ainda existem muitas assimetrias entre mulheres e homens com relação a essa prática cultural, conforme constatamos inúmeras vezes ao longo desta pesquisa com relação especificamente ao contexto dos futs.

Já no âmbito da gestão esportiva e da arbitragem, assim como em outras áreas do mercado de trabalho, Gomes (2006) e Mourão (2000) afirmam que a apropriação do espaço pela mulher seguiu um percurso tenso e de disputa na relação entre os gêneros, demandando lutas e ações políticas. A maioria das organizações gestoras do esporte brasileiro – federações e confederações – dirigentes, comissão técnica e a arbitragem ainda tem nos comando a figura do homem, de forma que estas estruturas acabam se caracterizando pela dominação simbólica masculina. Dirigentes esportivos brasileiros operam um poder simbólico sobre as mulheres: marginalizando-as, menosprezando suas capacidades de liderança e trabalho, considerando-as uma ameaça à superioridade masculina e mantendo dificuldades para que elas não consigam ascender à posições de influência e passem a dividir com os homens o poder. Com maior ou menor intensidade, essa crítica se fez presente em todos os trabalhos analisados neste enfoque temático (FERREIRA, 2012; JORAS, 2015; MONTEIRO, 2016; RAMOS, 2016; RIGHETO, 2016).

A grande maioria das mulheres estudadas nos trabalhos aqui analisados, com raras exceções, teve experiências com atividades esportivas diversas na infância. A

maioria delas também foi atleta de futs ou de outras modalidades ao longo da vida (FERREIRA, 2012; JORAS, 2015; MONTEIRO, 2016; RAMOS, 2016; RIGHETO, 2016). Ferreira (2012) e Joras (2015) apontaram que assumir o cargo de gestão representou, para as ex-atletas, uma forma de continuarem ligadas ao meio esportivo e, de modo especial, ao futebol. Além disso, Ferreira (2012), Joras (2015) e Ramos (2016) identificaram que as experiências prévias com o futebol agiram como um facilitador e como uma forma de obterem credibilidade junto aos atletas. Segundo Joras (2015), Monteiro (2016), Ramos (2016) e Righeto (2016), também foi recorrente o relato de apoio por parte dos familiares no momento da inserção das profissionais em suas carreiras em cargos de gestão ou arbitragem.

Os trabalhos analisados constataram, ainda, alguns casos em que as mulheres buscaram formação profissional a fim de complementar o conhecimento exigido para o cargo almejado ou para habilitar a sua atuação. Conforme identificaram Ferreira (2012), Joras (2015) e Monteiro (2016), a maioria das mulheres que cursou um ensino superior com este intuito optou pelo curso de educação física.

O fator remuneração esteve fortemente relacionado como motivo da manutenção de uma profissão paralela por parte de muitas das entrevistadas, a fim de complementar sua renda. Esta condição foi observada entre árbitras por Monteiro (2016) e entre técnicas por Ferreira (2012). No caso da ex-atleta Aline, conforme constatou Joras (2015), isto foi observado em seu envolvimento como líder de projeto. A dissertação de Righeto (2016) representou uma exceção ao verificar que a árbitra entrevistada não tinha outra profissão.

A partir das pesquisas analisadas, notamos que muitos foram os problemas e obstáculos enfrentados pelas mulheres que decidiram assumir cargos de gestão esportiva e/ou de arbitragem. Ainda que muitos destes desafios sejam comuns independente do cargo em questão, optamos por discutir a seguir os principais aspectos levantados por árbitras e técnicas separadamente.

Santos (2016) aponta que, no caso da arbitragem, ter uma mulher apitando um jogo de futebol significa conferir poder à mesma. Nesse contexto, Righeto (2016) enfatiza que a mulher é empoderada em meio a uma modalidade culturalmente construída em nosso país por e para os homens. Monteiro (2016) e Righeto (2016) observaram que, ao longo das carreiras das árbitras por elas estudadas, as árbitras foram estigmatizadas como se não tivessem competências técnica e física para dirigir partidas profissionais masculinas.

Quanto à violência, Monteiro (2016) e Righeto (2016) afirmam que a arbitragem sofre agressões verbais de jogadores e torcedores, intimidações e até mesmo agressões físicas. Fora dos gramados, a violência ocorre através de comentários depreciativos em redes sociais e por parte da imprensa. As autoras constataram que situações de agressões verbais marcaram profundamente as carreiras de algumas entrevistadas. Righeto (2016), aprofundando um pouco mais nessa questão, observou que a árbitra por ela estudada via a violência verbal como uma forma de jogadores e torcida extravasarem seus sentimentos. Ou seja, a violência dirigida aos árbitros é entendida como parte da cultura do jogo. A árbitra relatou que, na sua percepção, o fato de ela ser mulher amenizou um pouco a forma com que foi tratada ao longo de sua carreira. Nas palavras da árbitra:

me respeitam mais do que respeitam os homens, porque com homem ele vai falar no linguajar dele, de homem pra homem. Comigo não, eu sou mulher, ele não vai falar uma coisa que ele fala pra homem, não vai falar pra mim, então já tem aquele cuidado, aquele jeito de lidar com a árbitra feminina (RIGHETO, 2016, p. 112).

As diferenças de oportunidades concedidas às mulheres na arbitragem também se configurou um fator crítico. De acordo com Monteiro (2016), homens e mulheres passam pelos mesmos critérios de avaliação física – o que, para muitas das entrevistadas, já as coloca em situação desprivilegiada em virtude das diferenças fisiológicas existentes entre os indivíduos dos dois sexos. O autor defende que a lógica dos testes físicos parece objetivar a manutenção da hierarquia de gênero no campo da arbitragem, ao passo que os treinamentos exaustivos para que as metas sejam atingidas buscam excluir as mulheres. Mesmo obtendo a aprovação nos exames, às mulheres são impostas limitações. Righeto (2016) identificou uma evidência no fato de nenhuma árbitra mulher ter apitado alguma partida profissional masculina pelo Campeonato Brasileiro de 2015. Além disso, a autora também verificou que mulheres árbitras raramente são convocadas para dirigir partidas de futebol masculino em nível FIFA. Elas também sofrem interdições no sentido de árbitras centrais serem escaladas para as partidas para atuarem como assistentes – conforme explica Monteiro (2016), uma vez que as marcações do árbitro assistente estão sujeitas à averiguação do árbitro central, se este não marcar alguma infração assinalada pelo assistente, nada será marcado e a partida segue. Assegura-se, assim, que o comando da partida fique sob a responsabilidade de um homem.

Quanto às mulheres que se dedicaram aos cargos de técnicas, os trabalhos analisados identificaram que elas precisam lidar com o imaginário social de que somente homens teriam capacidade para atuar nessa profissão. Ferreira (2012) e Joras (2015) observaram que existe um preconceito com relação às mulheres em posição de autoridade. Para conquistarem credibilidade, elas precisam dedicar-se de forma muito mais árdua e intensa às suas carreiras.

Sobre a relação entre as técnicas e atletas do sexo masculino, a dissertação de Ferreira (2012) constatou que as entrevistadas relataram uma convivência de respeito mútuo, especialmente por conta da imposição de uma hierarquia bem clara e definida. Algumas técnicas perceberam que os homens evitam comportamentos agressivos como gritar e falar palavrão na frente delas. Ainda assim, muitas vezes a técnica está rodeada de homens e se vê sozinha, como única representante do sexo feminino no âmbito esportivo em que atua. Dentre as estratégias de comando desenvolvidas pelas técnicas, a autora notou que, ao mesmo tempo em que reforçam sua feminilidade, buscam aspectos de masculinidade. As técnicas fazem uso da tradicional imagem da mulher sensível e maternal, a fim de estabelecer maior aproximação no relacionamento com os atletas. Mas alteram seu padrão comportamental para uma postura firme e rígida quando necessário, visando aproximar-se da figura masculina que é percebida como adequada para exercer a função de técnico.

De uma forma geral, os trabalhos de Ferreira (2012), Monteiro (2016), Ramos (2016) e Righeto (2016) sugerem que os cargos de gestão e de arbitragem consentidos às mulheres dizem respeito ao controle sobre outras mulheres – seja como técnica de equipes femininas ou arbitrando campeonatos femininos. Nos contextos em que comandam homens, geralmente são situações de equipes menores, as quais envolvem menos poder, influência e status – como futebol amador, categorias de base e escolinhas para crianças. Nesta mesma esteira de pensamento e conforme citamos anteriormente, Righeto (2016) constatou que nenhuma mulher apitou uma partida profissional masculina em todo o campeonato brasileiro de 2015. De forma semelhante, Monteiro (2016) identificou que árbitras FIFA que atuam em competições internacionais o fazem em competições femininas, não atuando em campeonatos masculinos. Estas são evidências da violência simbólica contra as mulheres árbitras de futebol – embora sejam sujeitas ao mesmos cursos de formação de árbitros e ao mesmos testes e critérios de avaliação ao longo de toda a temporada aos que os homens são submetidos, às mulheres não são ofertadas as mesmas possibilidades de trabalho.

Outra temática de discussão relevante na maioria das pesquisas que abordaram os futs de mulheres sob a ótica de Profissionais dos futs diz respeito aos desafios para as mulheres se estabelecem em torno de equilibrar a dupla jornada entre trabalho e compromissos familiares (FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016; RAMOS, 2016). Conforme explica Wirth (2001), na medida em que a segregação ocupacional por sexo persiste no mercado de trabalho, também se mantém as políticas sociais baseadas em um modelo tradicional da família – os homens arcam com a responsabilidade maior de assistir às necessidades financeiras de sua família, enquanto as mulheres têm uma maior compromisso com relação ao cuidado e bem-estar do lar.

Ferreira (2012) identificou a dificuldade das técnicas em conciliar vida pessoal com a profissão e alcançar sucesso nos dois âmbitos como a maior barreira enfrentada por elas em suas trajetórias profissionais. Com base na fala das mesmas, a autora encontrou três possíveis realidades: mulheres que vivenciam a dor e o sofrimento do conflito entre profissão e família; mulheres que conseguem fazer arranjos em virtude de seus familiares também estarem envolvidos com o esporte; e mulheres que optam por não se casar e não ter filhos, a fim de evitar a tensão. O autor identificou que a maioria das técnicas por ele entrevistadas não teve filhos e nem marido. Na dissertação de Monteiro (2016), as árbitras estudadas também não tinham filhos ou marido (algumas eram divorciadas e outras não chegaram a se casar). Já Ramos (2016) observou que a ex-atleta Duda contou com o apoio de seu marido tanto ao longo da sua carreira como jogadora quanto no momento em que passou a gerenciar sua escolinha de futebol. A construção da metodologia de ensino utilizada por Duda em suas escolinhas teve a participação do marido. Vale ressaltar que ele também era atleta de futebol. A pesquisa de Gomes (2006) verificou que relatos de gestoras públicas de federações e confederações esportivas brasileiras que encararam a dupla jornada geralmente foram carregados de culpa por desejarem manter suas carreiras e, desta forma, não seguirem o modelo padrão de maternidade construído e reforçado culturalmente. Este foi o caso de algumas técnicas entrevistadas por Ferreira (2012). Gomes (2006) ainda afirma que os cargos de gestão e, de forma especial a gestão esportiva, exigem alta dedicação, o que vem atraindo um perfil de mulheres que tenha disponibilidade para dedicar-se integralmente ao trabalho. Desta forma, as gestoras do esporte brasileiro vêm se aproximando de um perfil historicamente masculino – com disponibilidade de tempo e ausências de preocupações com cuidados rotineiros dos filhos e do lar. Para a autora, é

possível afirmar que este é um novo perfil de mulher, caracterizado especialmente pela extinção da dimensão materna.

Alguns dos autores analisados no presente enfoque temático identificaram e evidenciaram a ocorrência do fenômeno teto de vidro em suas pesquisas (FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016; RAMOS, 2016). De acordo com Wirth (2001), a expressão teto de vidro passou a ser utilizada na década de 70 nos Estados Unidos com o intuito de descrever barreiras artificiais invisíveis resultantes de discriminação, a partir das quais as mulheres são impedidas de chegarem à cargos executivos seniores. Estas barreiras compreendem um reflexo de desigualdades de gênero socialmente estabelecidas. Como agravante, a prevalência de executivos do sexo masculino tende a perpetuar o fenômeno e dificultar o desenvolvimento das carreiras das mulheres. Os autores que trabalharam com esta perspectiva (FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016; RAMOS, 2016) afirmaram que os cargos de gestão mais importantes se tornam intangíveis às mulheres – não por falta de capacidade delas, mas em virtude do preconceito em relação ao envolvimento da mulher no âmbito do comando esportivo. Entretanto, no caso da pesquisa de Ramos (2016, p. 139), a autora afirma que, ao tornar-se dona de seu próprio negócio e obter reconhecimento nacional dentro da modalidade, “Duda ultrapassou o teto de vidro”.

Algumas pesquisas enquadradas neste enfoque temático apresentaram e discutiram alternativas para que outras profissionais dos futs também consigam avançar para além de seus tetos de vidro (FERREIRA, 2012; MONTEIRO, 2016; RIGHETO, 2016). Segundo Ferreira (2012), é importante que as profissionais dos futs mantenham o estilo feminino de gestão a fim de reforçar seu espaço e credibilidade. Isso significa que, assim como reforça Gomes (2006) em sua pesquisa, as particularidades da gestão feminina – como sensibilidade, emoção e afeto – devem ser rearranjadas e combinadas com qualidades tidas como masculinas – poder de negociação, de convencimento e de liderança de maneira eficaz. Outro aspecto, citado por Gomes (2006) e também identificado na dissertação de Righeto (2016), diz respeito à necessidade de ações que consolidem e fortaleçam mulheres que alcançam cargos administrativos superiores no âmbito esportivo. Para Monteiro (2016), estas mulheres acabam por tornar-se referências umas às outras, ampliam as possibilidades de redes de contatos entre mulheres e proporcionam o empoderamento feminino no contexto da gestão esportiva.

Monteiro (2016) defende que as profissionais dos futs por ele estudadas foram mulheres que se submeteram às mesmas condições de treinamentos físicos que os

homens enquanto precisaram criar estratégias de sobrevivência por não vislumbrarem as mesmas oportunidades que seus companheiros. Consideramos que a conclusão do autor se aplica às demais profissionais dos futs estudadas nas outras dissertações deste enfoque temático: são mulheres que precisaram manter uma postura de imposição de respeito, ao mesmo tempo em que emanaram elegância e graciosidade. São mulheres que superaram o modelo autoritário da gestão esportiva e/ou da arbitragem pelo amor ao futebol e às suas profissões.

O universo do trabalho produtivo sempre foi historicamente associado aos homens e a inserção das mulheres no mercado de trabalho se deu tardiamente no mundo e no Brasil – de forma massiva, apenas no século XX (GOMES, 2005). Constatamos que os preconceitos e dificuldades apresentados e discutidos nos trabalhos que estudaram os futs de mulheres sob a perspectiva das Profissionais dos futs vai ao encontro da dura realidade que muitas mulheres encaram no mundo do trabalho de uma forma geral. Conforme apontam Carreira, Ajamil e Moreira (2001), elas enfrentam situações como salários inferiores aos dos homens em trabalhos equivalentes; dupla jornada, conciliando o trabalho com a vida doméstica; e menor chance de capacitação profissional em áreas rentáveis, cujas vagas são predominantemente atribuídas aos homens.

Considerando o contexto acima descrito, as pesquisas que estudam as Profissionais dos futs são relevantes para que aspectos críticos sejam levantados e debatidos, para que sejam propostas alternativas que amenizem – e, por que não, solucionem – as problemáticas enfrentadas por mulheres que ocupam cargos de arbitragem e de gestão e para que avanços e bons exemplos de profissionais dos futs sejam propagados. Contudo, não devemos esquecer que as adversidades encontradas pelas mulheres profissionais dos futs representam apenas uma fração diante de um conjunto de problemas enfrentados por mulheres nos mais diversos âmbitos do mercado de trabalho no mundo inteiro. A partir do momento em que o respaldo legal for mais eficiente no sentido de promover condições equiparadas para mulheres e homens, o papel da mulher no mercado de trabalho pode ser melhor aceito e compreendido, o que por sua vez, pode se refletir positivamente também no universo dos futs.

4.10 SAÚDE

O título, autor, orientador e ano de publicação das dissertações e teses que se enquadram no enfoque temático Saúde são apresentados no QUADRO 16.

QUADRO 16 – TÍTULO, AUTOR E ANO DOS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO SAÚDE

Título	Autor	Orientador	Ano
Análise do desempenho muscular do quadríceps e dos isquiotibiais em função da série temporal e da amplitude de movimento de atletas amadoras de futsal feminino	Ana Carolina de Mello Alves Rodrigues	Sergio Augusto Cunha	2013
Efeito da suplementação com óleo de macadâmia em marcadores lipídicos e inflamatórios em adolescentes praticantes de futsal	Renato Martins Teruya	Renata Gorjao	2015
Efeitos agudos e crônicos do treinamento de futebol recreacional sobre indicadores fisiológicos, neuromusculares e bioquímicos em mulheres não treinadas	Jaelson Gonçalves Ortiz	Fernando Diefenthaler	2014
Imagem corporal do atleta: a experiência da dor física no esporte de rendimento	Petrucio Venceslau de Moura	Iraquitana de Oliveira Caminha	2012

FONTE: as autoras

A TABELA 17 apresenta as seguintes informações sobre os trabalhos que classificamos no presente enfoque temático: sexo do autor, tipo de trabalho, tipo de trabalho quanto à metodologia e outros enfoques temáticos em que os trabalhos foram classificados.

TABELA 17 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO SAÚDE

(continua)

Informação		Quant. trabalhos	Referências
Sexo autor	Feminino	1	(RODRIGUES, 2013)
	Masculino	3	(MOURA, 2012; ORTIZ, 2014; TERUYA, 2015)
Tipo de trabalho	Dissertação	4	(MOURA, 2012; ORTIZ, 2014; RODRIGUES, 2013; TERUYA, 2015)
	Tese	0	-
Tipo de trabalho quanto à metodologia	Qualitativo	1	(MOURA, 2012)
	Quantitativo	0	-
	Quanti-qualitativo	0	-

TABELA 17 – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE OS TRABALHOS QUE SE ENQUADRAM NO ENFOQUE TEMÁTICO SAÚDE

(conclusão)

Informação		Quant. trabalhos	Referências
Trabalhos que classificamos em outras enfoques além de Saúde	Performance	2	(ORTIZ, 2014; RODRIGUES, 2013)

FONTE: as autoras

A seguir, apresentamos os resumos dos quatro trabalhos do presente enfoque temático.

A dissertação de Moura (2012, p. 12) buscou “compreender a construção da imagem corporal em atletas de rendimento considerando as características e nuances da sensação de dor física advinda da experiência vivida em diferentes modalidades esportivas”. O autor realizou uma pesquisa de campo junto a 42 atletas de rendimento do sexo feminino do estado de Pernambuco, nas modalidades de futsal, basquete e voleibol. Como instrumentos de coleta de dados, fez aplicação de questionário junto a todas as atletas e entrevista com duas atletas de cada modalidade que tivessem sofrido alguma lesão esportiva. Destacamos que a maioria dos resultados que apresentamos a seguir não são exclusivos da modalidade futsal, uma vez que o autor analisou os dados das três modalidades estudadas de forma conjunta.

Com o intuito de discutir a experiência dolorosa como elemento formador da imagem corporal das atletas estudadas, Moura (2012) identificou, a partir da fala das entrevistadas, quatro categorias de elementos presentes na experiência de dor física vivida pelas atletas: qualidade atribuída às sensações presentes na experiência dolorosa (notando relatos de queimor, ardor, terrível, insuportável, inexplicável, inacreditável, impressionante, dor tremenda); reações emocionais provenientes dessa experiência (falas com relação à dúvidas quanto ao futuro, choros, gritos e gemidos de dor, desespero e raiva); lesão (caracterização física referente ao dano na estrutura corporal, observando relatos de contusão, entorse, luxação e fratura na modalidade do futsal); e estruturas e áreas corporais atingidas (sendo joelho, tornozelo e coxas as mais frequentes no futsal). Quanto aos significados atribuídos à dor física no ambiente esportivo, o autor identificou: prazer (relacionado com a superação da experiência dolorosa), alcance dos objetivos da atividade esportiva (dor associada ao nível máximo de esforço alcançado) e limitação das capacidades (normalmente só é reconhecida na ocorrência de lesão). Após as lesões, o pesquisador notou dois possíveis

comportamentos as atletas: algumas passam a ter receio de sofrer nova lesão, passando a aceitar a dor como sinal de alerta e a respeitar os limites do corpo; outras atribuíram um novo significado à lesão, elaborando estratégias de enfrentamento e superação.

Moura (2012) observou que os significados atribuídos à experiência dolorosa são componentes socioculturais, os quais interferem nas reações e atitudes apresentadas pelos sujeitos. As atletas estudadas reconheceram que ignorar a dor como alerta da ocorrência de lesões promovia desrespeito aos limites do corpo. Nesse sentido, o autor reforçou a importância de o profissional de educação física conscientizar suas atletas acerca do respeito aos limites do corpo e da compreensão de seus sinais, visando manter a integridade física delas. O autor concluiu que a dor física se apresenta como um aspecto relevante e multivariado na experiência prática do esporte de rendimento.

Apresentamos as pesquisas de Rodrigues (2013) e Ortiz (2014) anteriormente na categoria PERFORMANCE e retomaremos as mesmas agora. Porém, aqui enfocamos as principais características destas pesquisas que justificam a sua classificação também na categoria Saúde.

A dissertação de Rodrigues (2013, p. 27) debruçou-se em “analisar o desempenho muscular do quadríceps e dos isquiotibiais levando em consideração a série de tempo e a amplitude de movimento de atletas amadoras de futsal feminino”. Participaram do estudo 19 atletas amadoras de futsal feminino da cidade de Campinas – São Paulo que não apresentaram lesão de ligamento cruzado anterior e/ou ligamento cruzado posterior no membro dominante. Cada atleta foi devidamente posicionada na cadeira do dinamômetro e realizou duas séries de cinco repetições de flexão/extensão do joelho, sendo cada série em uma diferente velocidade angular e somente com o membro dominante. Houve um intervalo de 60 segundos entre as séries.

A autora observou que o torque dos isquiotibiais apresentou maiores valores nos ângulos de 70° a 80° de flexão do joelho, contrariando uma expectativa de valores maiores entre os ângulos de 20° e 40°. Este resultado pôde estar associado a uma deficiência de sinergismo entre os isquiotibiais e o ligamento cruzado anterior, o que pode sobrecarregar este ligamento e potencializar mecanismos de lesão. Com relação à razão entre os torques de quadríceps e isquiotibiais, a autora identificou a presença de desequilíbrios musculares em determinadas amplitudes ao longo do ciclo de movimento, os quais podem se traduzir em maiores possibilidades de lesões.

A partir dos resultados observados, Rodrigues (2013) concluiu que o cálculo da potência e do desequilíbrio muscular e a utilização dos valores de torque em função da amplitude de movimento permitem observar o comportamento muscular e a capacidade de estabilização do joelho ao longo de toda a amplitude do movimento. Isto possibilita que se identifiquem amplitudes em que há risco de lesão de ligamento cruzado anterior. Ao contrário de quando se calcula a razão com base em apenas uma medida – pico de torque. Neste caso, a presença de desequilíbrios musculares pode ser subestimada. Ao considerar todo o ciclo de movimento, o pesquisador obtém informações sobre desempenho em ângulos específicos dos movimentos de flexão e extensão do joelho, o que pode favorecer os programas de treinamento e reabilitação destes grupos musculares.

O objetivo geral da dissertação de Ortiz (2014, p. 19) consistiu em “verificar os efeitos agudos e do treinamento regular sistemático de futebol recreacional em mulheres adultas não treinadas”. O estudo foi subdividido em dois artigos científicos. No primeiro estudo, a fim de “verificar os efeitos agudos do treinamento de futebol recreacional em mulheres adultas não treinadas” (ORTIZ, 2014, p. 19), 23 mulheres adultas foram monitoradas durante quatro jogos de futebol recreacional nos formatos 7x7 e 8x8. A manutenção da frequência cardíaca no domínio pesado na maior parte do tempo em ambos os tipos de jogos indicou que a intensidade encontrada está de acordo com as intensidades de exercício recomendadas pelo *American College of Sports Medicine* para a promoção da saúde cardiovascular. Desta forma, o autor concluiu que a prática de futebol recreacional de forma sistemática e longitudinal por mulheres não treinadas pode promover adaptações cardiovasculares, elevando seus níveis de aptidão física.

O segundo estudo, parte da dissertação de Ortiz (2014, p. 19), verificou “os efeitos de 8 semanas de treinamento de futebol sobre o desempenho físico e saúde comparado ao treinamento aeróbico em mulheres não treinadas”. Vinte e sete mulheres não treinadas foram separadas, de acordo com o interesse, em grupos de futebol (17) e corrida (10). O grupo futebol jogou no formato reduzido de 7x7 ou 8x8, enquanto o grupo corrida realizou um programa aeróbico em esteira rolante. Foram realizadas 3 sessões de treinamento durante 8 semanas para ambos os grupos. Ortiz (2014) observou adaptações positivas sobre variáveis fisiológicas e bioquímicas em ambos os grupos em um período inferior ao que traz a literatura. O autor destacou a redução da razão

LDL/HDL nos dois grupos, o que significa a prevenção contra o risco cardíaco coronariano. Ele concluiu que a prática de futebol em espaço reduzido durante 8 semanas é suficiente para melhorar a aptidão física e promover benefícios à saúde em mulheres não treinadas de modo semelhante ao treinamento aeróbico tradicional controlado. Para o autor, a vantagem do futebol diz respeito não somente aos benefícios à saúde, mas pelo perfil recreativo e prática em grupo, o que pode ser mais prazeroso frente ao exercício físico tradicional.

Não localizamos a pesquisa de Teruya (2015) na íntegra mesmo tendo realizado contato com o autor através da rede social Facebook. Desta forma, a apresentação e análise desta pesquisa ficaram limitadas ao resumo do trabalho, disponível *online* na Plataforma Sucupira. O autor objetivou “verificar as alterações promovidas pela suplementação com o óleo de macadâmia em adolescentes do sexo feminino participantes da turma de atividades curriculares desportivas na modalidade futsal em parâmetros lipídicos e na modulação da função de linfócitos” (CAPES, 2015, *online*). O pesquisador selecionou 13 jogadoras de futsal feminino que desenvolveram sessões de treinamento de futsal, sendo 3 sessões de 50 minutos em três dias consecutivos ao longo de oito semanas. Seis voluntárias aleatórias realizaram a suplementação com óleo de macadâmia, enquanto as outras sete atletas apenas realizaram as sessões de treinamento.

Após a análise de indicadores presentes no sangue das atletas, Teruya (2015) observou uma diminuição da porcentagem de gordura corporal, ação anti-inflamatória e intensificação da capacidade proliferativa de linfócitos no grupo suplementado com o óleo. O autor concluiu que a suplementação associada ao treinamento de futsal promoveu uma diminuição parcial do perfil inflamatório de linfócitos. Por outro lado, a resposta de expansão destas células frente a um estímulo manteve-se elevada, de modo que o autor excluiu a possibilidade do óleo de macadâmia funcionar como um imunossupressor.

As pesquisas aqui apresentadas se enquadraram no enfoque temático Saúde contemplando distintas possibilidades de discussão que a categoria oferece. Moura (2012) teve um enfoque nas questões da dor e de lesões decorrentes da prática de futsal. Rodrigues (2013) considerou particularidades dos movimentos de flexão e extensão do joelho que podem potencializar ou serem trabalhados a fim de evitar lesões de

ligamento cruzado anterior. Ortiz (2014) verificou questões da promoção de saúde através da prática de futebol recreacional. E Teruya (2015) abordou a questão da suplementação como meio de promoção da saúde em atletas de futsal.

Com relação à dor vivida no ambiente esportivo, Moura (2012) identificou que ela ocorre com frequência durante a prática esportiva e é intensificada quando a atividade termina. A dor é proveniente das demandas direcionadas à estrutura corporal das atletas – capacidade de resistir a choques corporais, quedas, carga de esforço e repetição de exercícios. O autor também notou que, por vezes, estes eventos culminam na ocorrência de lesão. Todas as atletas estudadas por Moura (2012) relataram ter sofrido alguma lesão em decorrência da prática do esporte de rendimento. Dentre as lesões relatadas pelas atletas de futsal, a contusão ou pancada apareceu como o evento mais frequente (82,4% das atletas relataram ter sofrido esse tipo de lesão), seguida pela entorse (52,9%), luxação (35,3%) e fratura (35,3%). Com relação às áreas corporais lesionadas, as lesões no joelho foram as mais recorrentes entre as atletas de futsal (70,6%), seguidas por lesões no tornozelo (64,7%) e nas coxas (47,1%).

Conforme explicam Klaus (1999) e Majewski, Susanne e Klaus (2006), o joelho está frequentemente sob tensão, especialmente durante atividades esportivas. Diferentes estudos que analisaram lesões de pacientes esportistas ao longo de vários anos constataram que as lesões relacionadas às articulações do joelho são as mais recorrentes, sendo o futebol a atividade física responsável pela maioria destas ocorrências. Desta forma, os autores defendem que pesquisas sobre tipo e frequência das lesões no joelho são importantes para que profissionais da medicina esportiva e da área esportiva possam diagnosticar e prevenir estes tipos de lesão.

Nesse sentido, a dissertação de Rodrigues (2013) é relevante ao propor que seja analisado o todo o ciclo do movimento de flexão e extensão do joelho para o cálculo da razão isquiotibiais/quadríceps. Esta razão é frequentemente utilizada para avaliar a eficiência estabilizadora dos grupos musculares na articulação do joelho, porém geralmente é calculada considerando somente o pico de torque dos grupos musculares. Ao considerar todo o ciclo de movimento, a pesquisadora defende que há uma maior capacidade para detectar ângulos específicos de desequilíbrio muscular e, a partir destas informações, podem ser formulados planos de exercícios visando reforçar grupos musculares nos ângulos específicos, minimizando os riscos de lesões, bem como otimizando o treinamento e reabilitação das atletas.

Com base na literatura, Rodrigues (2013) afirmou que o limite de 60% vem sendo utilizado como referência para a razão isquiotibiais/quadríceps. Especialmente como parâmetro de liberação médica de atletas para o retorno ao esporte pós-lesão de ligamento cruzado anterior. Os achados da pesquisa da autora mostraram que ao considerar a razão a partir dos picos de torque, apenas duas atletas apresentaram valores abaixo do limite de 60%. Levando em consideração a razão ao longo de todo o ciclo de movimento, dez atletas apresentaram valores abaixo do limite de 60% em algum momento do ciclo. Desta forma, a autora ressalta que, por ser o índice de razão utilizado como parâmetro de alta médica, o atleta pode vir a ser liberado para o esporte com déficit de torque das musculaturas do quadríceps e dos isquiotibiais. Como consequência, pode apresentar lesões da articulação do joelho e até mesmo no ligamento cruzado anterior. Assim, ela reforça a importância da análise da razão levando em consideração todo o ciclo de movimento.

Conforme destacamos anteriormente, as pesquisas de Ortiz (2014) e Teruya (2015) levaram em consideração aspectos de promoção da saúde através da prática de futs. Ortiz (2014) observou que os jogos de futebol recreacional nos formatos 7x7 e 8x8 podem ser utilizados como atividade promotora da aptidão física em mulheres não treinadas. É interessante observar que tanto o futebol quanto o treinamento aeróbico de corrida apresentaram bons resultados com relação a variáveis fisiológicas e bioquímicas. Dentre os resultados identificados por Ortiz (2014) estiveram a melhora no consumo de oxigênio, no pico de velocidade, na capacidade aeróbia e na capacidade de remoção do lactato sanguíneo. Além disso, o autor identificou uma redução na razão LDL/HDL, o que pode representar prevenção contra o risco cardíaco coronariano. Ortiz (2014) ressalta que a prática do futebol pode ser mais prazerosa quando comparada ao exercício físico tradicional pelo fato de ser jogado em grupo e permitir a socialização entre as praticantes.

A pesquisa de Teruya (2015) considerou não somente a prática do futsal, mas associou a suplementação com óleo de macadâmia à mesma. De acordo com o autor, o óleo é rico em ômega-7 e ômega-9, o que poderia promover uma diminuição nas concentrações de LDL colesterol e melhorar a resistência à insulina, reduzindo as chances de atletas adquirirem doenças metabólicas (CAPES, 2015, *online*). Em virtude de não obtermos acesso ao trabalho na íntegra, nos atemos apenas à conclusão presente no resumo da pesquisa de que o óleo de macadâmia não atua como um imunossupressor.

As pesquisas enquadradas no presente enfoque temático nos mostram que a prática dos futs pode servir tanto como fator de promoção da saúde e prevenção de lesões, como também pode ser responsável por provocar dor e lesões em atletas. Desta forma, as pesquisas que se debruçam em estudar os futs de mulheres sob a perspectiva da Saúde são importantes para subsidiar o trabalho de profissionais que atuam junto à atletas de futs, fomentando boas práticas que contribuam com a promoção e manutenção do bem estar físico e psíquico de atletas que praticam os futs.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, objetivamos descrever o estado da arte das dissertações e teses que abordam os futs de mulheres nos Programas de Pós-graduação em Educação Física entre 2010 e 2016. Esperamos contribuir para o desenvolvimento e consolidação do campo acadêmico-científico que envolve o futebol de mulheres, reconhecendo o que vem sendo produzido sobre esta temática e apontando novas possibilidades de estudos nesta área.

Identificamos 24 dissertações e 8 teses que abordaram os futs de mulheres. Essa produção oscilou ao longo dos anos. Em 2010 foram produzidos três trabalhos sobre o assunto. Em 2011, não houve nenhuma dissertação ou tese. No ano seguinte, foram desenvolvidas seis pesquisas sobre a temática. Em 2013 observamos uma queda na produção, havendo apenas três trabalhos. A partir de então, a produção foi crescente: foram quatro, sete e oito pesquisas sobre este objeto de estudo nos anos de 2014, 2015 e 2016, respectivamente. Analisando o comportamento da produção sobre os futs de mulheres de uma forma geral, constatamos que esta área de conhecimento vem se expandindo e apresenta uma propensão de crescimento. Esta configuração é um possível reflexo dos seguintes fatores: resultados conquistados pelas seleções femininas, aumento da visibilidade midiática, maior número de mulheres praticando os futs e apropriação de referenciais teóricos relacionados ao feminismo dentro do campo da educação física.

Os trabalhos que estudaram as mulheres no contexto dos futs consideraram apenas as modalidades de futebol e futsal, possivelmente em virtude da maior popularidade destas frente às demais. Esta configuração aponta uma lacuna e um potencial campo de pesquisa que consiste no estudo da mulher no contexto de outros futs – futebol 7, futebol de 5, futebol de 7, futebol para amputados e futevôlei.

Treze programas de pós-graduação em educação física produziram dissertações e teses sobre os futs de mulheres. Os programas PPGFEF/UNICAMP, PPGEFI/UFV-UFJF, PPGEF/UFSC, PPGCMH/UFRGS e PPGEF/UGF foram os que mais produziram sobre a temática. Presumimos que esta composição se associa com a presença de docentes que se dedicam à estudos de gênero e/ou futs de mulheres nestes PPGEF. São nestes programas – com exceção do programa da UFSC e da UGF – que estavam alocadas as professoras que orientaram os maiores números de trabalhos sobre os futs de mulheres: Ludmila Nunes Mourão, Silvana Vilodre Goellner e Helena Altmann.

As 31 pesquisas sobre os futs de mulheres foram orientadas por 21 diferentes pesquisadores. Dentre estes, a maioria é do sexo masculino (13 orientadores). Já com relação aos autores, a maioria (17) é do sexo feminino. A maior parte das autoras (10) e orientadoras (9) do sexo feminino desenvolveram suas pesquisas acerca dos futs de mulheres sob o enfoque de gênero. Conforme discorrem Anjos e Dantas (2016), a aproximação de mulheres com situações relacionadas à questões de gênero faz parecer natural que as mulheres, mais especificamente, se identifiquem com campos de pesquisa em que se discutem este assunto. Porém, ressaltamos que esta categoria analítica não é exclusivamente voltada à pesquisadoras do sexo feminino. Ela deve ser abordada também por pesquisadores do sexo masculino, assim como as pesquisadoras não devem negligenciar demais categorias de análise quando estudam os futs de mulheres.

Quanto às subáreas de conhecimento, a maioria das pesquisas sobre os futs de mulheres se enquadrou na subárea sociocultural (61% das dissertações e teses), contrariando a tendência de produções mais voltadas à subárea biodinâmica no campo da Educação Física e esportes. Esta particularidade no âmbito dos futs de mulheres está provavelmente relacionada com o grande número de trabalhos voltados à perspectiva de gênero. Conforme aponta Mina (2016), discutir o futebol, esporte considerado masculino na sociedade brasileira, implica pensar em representações de gênero e nas relações de poder que se constroem em seu entorno.

A análise das 31 dissertações e teses que abordam os futs de mulheres nos permitiu identificar e agrupar os trabalhos em diferentes enfoques temáticos: Educação física escolar (8 trabalhos), Escolinhas e projetos que envolvem futs (3), Gênero (12), Lazer (5), Mídia (1), Mulher como atleta profissional (5), Performance (5), Produção do conhecimento (1), Profissionais dos futs (5) e Saúde (4).

Oito dissertações e teses discutiram temáticas que se encaixaram na categoria “Educação física escolar”. Estes trabalhos trataram de assuntos relacionados a um ou mais futs praticados por crianças e adolescentes no contexto escolar considerando diferentes níveis de ensino. Eles abordaram pelo menos um dos seguintes tópicos: falta de experiência de meninas com a modalidade; turmas mistas ou separação entre meninos e meninas; modelos de feminilidades no contexto dos futs nas aulas de educação física; resistência familiar com relação à prática esportiva por parte de meninas; e importância de boas práticas no agir docente.

Três dissertações e teses discutiram temáticas que se encaixaram na categoria “Escolinhas e projetos que envolvem futs”. Estes trabalhos debateram assuntos

relacionados a um ou mais futs praticados por mulheres em contextos de projetos sociais e/ou escolinhas específicas de futebol. Eles abordaram pelo menos um dos seguintes tópicos: caráter formativo das escolinhas e projetos (educacional ou rendimento esportivo); ausência de critérios explícitos para divisão das turmas; motivos de adesão e permanência nas escolinhas/projetos; presença de meninas habilidosas nas escolinhas/projetos; perspectivas familiares sobre o fato de terem uma parente mulher jogando futebol; aspectos de feminilidade na prática dos futs em escolinhas/projetos; motivos de ausência ou evasão de mulheres em escolinhas/projetos; e propostas de modificação de aspectos problemáticos das realidades das escolinhas/projetos observados.

Doze dissertações e teses discutiram temáticas que se encaixaram na categoria “Gênero”. Estes trabalhos tiveram como um de seus enfoques principais discussões ligadas a dificuldades, discriminações, preconceitos e estereótipos relacionados à mulher praticante de um ou mais futs. Eles versaram sobre pelo menos um dos seguintes tópicos: conceituação de gênero sob a perspectiva de distintos autores; futebol como área reservada masculina; histórico de resguarda da mulher com relação à determinadas práticas esportivas; imersão no âmbito dos futs por parte das mulheres; necessidade de meninos/homens reforçarem sua masculinidade por meio da prática dos futs; julgamento quanto à feminilidade das mulheres que se relacionam com futs; erotização dos corpos das mulheres conectadas com os futs; inferiorização dos fazeres corporais esportivos das mulheres que jogam futs; insuficiência de escolinhas de futebol voltadas especificamente para meninas; e dominação masculina nos cargos de gestão.

Cinco dissertações e teses discutiram temáticas que se encaixaram na categoria “Lazer”. Estes trabalhos apresentaram discussões relacionadas à mulher como espectadora, torcedora e/ou praticante de um ou mais futs como uma atividade de lazer. Eles abordaram pelo menos um dos seguintes tópicos: interesses sociais gerados a partir da prática dos futs; associações formais e informais estabelecidas entre as praticantes dos futs; trajetória das praticantes dos futs; organização do tempo e demais atividades cotidianas por parte das atletas para poderem praticar os futs; formação de painéis entre as praticantes dos futs; submissão das atletas à estigmas relacionados à sexualidade; influências da classe social das praticantes dos futs; e fatores para manutenção da prática dos futs por parte das mulheres.

Uma dissertação discutiu temáticas que se encaixam na categoria Mídia. Este trabalho analisou comunicações relacionadas com um ou mais futs feminino veiculadas

em diferentes canais midiáticos. Ele, em conjunto com trabalhos de outras categorias que discutiram questões midiáticas, abordou os seguintes tópicos: comparação entre o estilo de jogo de homens e mulheres; conservação de uma imagem que resguarda a feminilidade das atletas; profissionalização da mulher como atleta de futebol; limitação da visibilidade da mulher na mídia; e evidência excessiva por parte da mídia nos erros de árbitras mulheres.

Cinco dissertações e teses discutiram temáticas que se encaixaram na categoria “Mulher como atleta profissional”. Estes trabalhos abordaram a história e/ou experiências de vida na carreira de mulheres atletas profissionais de um ou mais futs, bem como assuntos relacionados à profissionalização das mulheres em um ou mais futs. Eles trataram de pelo menos um dos seguintes tópicos: inserção das mulheres na modalidade; presença e papel dos familiares; aspectos que caracterizaram as atletas como profissionais ou amadoras; possibilidades de sustentabilidade baseada exclusivamente no futebol; adversidades enfrentadas por clubes femininos; oportunidades de atuação pela seleção brasileira de futebol feminino; chances de atuação no exterior; veiculação midiática de notícias relacionadas ao futebol de mulheres; ocorrência de lesões na carreira das atletas e alternativas precárias de tratamento; e propostas de encaminhamentos para promover o crescimento e estabilização do futebol de mulheres no país.

Cinco dissertações e teses discutiram temáticas que se encaixaram na categoria “Performance”. Estes trabalhos debateram, no contexto de um ou mais futs, aspectos relacionados a indicadores fisiológicos, anatômicos, neuromusculares, biomecânicos e/ou bioquímicos; controle, aprendizagem e desenvolvimento motor; e aptidão física. Eles abordaram pelo menos um dos seguintes tópicos: indicadores fisiológicos como pico de velocidade, frequência cardíaca, percepção subjetiva de esforço, concentração de lactato sanguíneo e consumo máximo de oxigênio; análise do torque dos músculos quadríceps e isquiotibiais do joelho de atletas de futsal; e aprendizagem motora.

Uma tese discutiu temáticas que se encaixam na categoria “Produção do conhecimento”. Este trabalho realizou levantamento e/ou análise de produções relativas a um ou mais futs, incluindo produções que abordaram aspectos dos futs de mulheres. Ele abordou os seguintes tópicos: análise dos indicadores com base em estudos bibliométricos; e análise dos resumos dos trabalhos agrupados por área de avaliação da CAPES.

Cinco dissertações e teses discutiram temáticas que se encaixaram na categoria “Profissionais dos futs”. Estes trabalhos apresentaram discussões relacionadas a mulheres que atuam na arbitragem, como técnicas e/ou como dirigentes de um ou mais futs. Eles abordaram pelo menos um dos seguintes tópicos: problemas e obstáculos enfrentados durante a inserção nos cargos de gestão; relação prévia com atividades esportivas e como isso facilitou a posterior inserção e permanência nos cargos; formação profissional a fim de habilitar a atuação nos diferentes cargos; organização entre trabalho e compromissos familiares; e alternativas para que as profissionais consigam se manter e progredir em seus cargos.

Quatro dissertações e teses discutiram temáticas que se encaixaram na categoria “Saúde”. Estes trabalhos abordaram a prática de um ou mais futs como meio de promoção, manutenção e/ou reabilitação da saúde; lesões e/ou patologias decorrentes da prática de um ou mais futs; suplementação em praticantes de um ou mais futs visando a promoção da saúde. Eles trataram de pelo menos um dos seguintes tópicos: dor vivida no ambiente esportivo; particularidades dos movimentos de flexão e extensão do joelho relacionadas à lesões de ligamento cruzado anterior; promoção de saúde através da prática de futebol; e suplementação como meio da promoção de saúde em atletas.

Alguns temas foram recorrentes e apareceram de forma transversal nos diferentes trabalhos e categorias temáticas. Um destes temas foi a necessidade de as mulheres ligadas aos futs reforçarem supostos aspectos de feminilidade em sua forma de agir, se comportar e se vestir. Assim, mesmo atuando em um esporte culturalmente considerado como de reserva masculina, as mulheres conseguem transmitir à sociedade certa credibilidade com relação à sua sexualidade feminina. Como consequência, aumentam as chances de um maior aceite por parte da mídia e do público. Por outro lado, quando não assumem uma postura supostamente feminina, as mulheres que se relacionam com os futs são atacadas por ideologias estigmatizadas que colocam em suspeição a sua sexualidade. A mulher que se relaciona com os futs parece condicionada à uma visão binária da sua sexualidade, sem que tenha liberdade para assumir múltiplas formas possíveis de ser que vão além desta visão binária.

Outro tema recorrente nos trabalhos diz respeito à forma com que grande parte da mídia ainda aborda os futs de mulheres. Seja enfatizando estes aspectos de feminilidade ou promovendo comparações entre os estilos de jogar de homens e de

mulheres, mostra o despreparo deste potente canal de influência ao tratar dos futs de mulheres.

A inserção da mulher nos futs também permeou trabalhos de diferentes categorias temáticas. Observamos que, para grande parte das praticantes, a inserção junto aos futs se dá em oportunidades ao longo da infância – na rua, geralmente em meio aos meninos, como forma de brincadeira. Isso reforça a necessidade de se romper com noções culturais de gênero que comumente são impostas muito cedo à meninos e meninas, as quais direcionam determinados brinquedos, brincadeiras e atividades como masculinos ou femininos. As pesquisas demonstram que meninas que tiveram acesso à modalidade ainda na infância podem adotar a mesma como prática ao longo de suas vidas.

Outro assunto recorrente nas dissertações e teses analisadas diz respeito aos profissionais que ensinam futs à mulheres. Seja no contexto da educação física escolar ou em projetos e escolinhas que envolvem futs, muitas vezes os professores são despreparados com relação à forma mais adequada de conduzir as suas aulas quando estão lidando um público misto, composto por indivíduos de ambos os sexos. É importante que estes profissionais reconheçam que meninos e meninas possivelmente foram sujeitos a diferentes processos socioculturais de educação do corpo e que isso implicou na aquisição de diferentes experiências corporais, o que pode se refletir no momento da prática esportiva. Os professores devem procurar ofertar condições de aprendizado a todos os alunos, contribuindo com a desconstrução de paradigmas socialmente construídos e mantidos.

As dificuldades e barreiras que as mulheres enfrentam quando decidem se profissionalizar – seja como jogadora ou em cargos de arbitragem ou gestão relacionados aos futs – também se configuraram como um tema recorrente. Como atleta, as condições remetem a um pseudoprofissionalismo. Elas precisam lidar com falta de patrocínio nos clubes, o que não garante estabilidade e continuidade dos mesmos; pouca visibilidade midiática; retorno financeiro baixo ou nulo. Em cargos de gestão e na arbitragem, são situações como o domínio masculino nestes campos de trabalho, o que dificulta a inserção e a ascensão das mulheres em diferentes cargos; preconceitos de gênero; e presença de estereótipos relacionados à sexualidade.

Entendemos que as diversas críticas realizadas pelos autores que discutiram as questões recorrentes que apresentamos acima e demais questões que discutimos no decorrer deste trabalho se fazem importantes para que as problemáticas apontadas não

mais sejam negligenciadas. Nesse sentido, destacamos que vários trabalhos não somente identificam as problemáticas enfrentadas nos futs de mulheres, mas propuseram alternativas viáveis que podem contribuir para com o desenvolvimento, emancipação e empoderamento das mulheres no contexto dos futs. Foram sugeridas situações como a valorização do espaço construído e conquistado pelas mulheres, a redução de estereótipos como forma de incentivar a prática das mulheres nos futs, a oportunidade e o incentivo do acesso de meninas aos diferentes futs e promoção e fortalecimento da presença da mulher em cargos relacionados aos futs.

Considerando as pesquisas analisadas, identificamos alguns aspectos tratados com superficialidade e outros não abordados. Verificamos, por exemplo, uma carência de estudos que abordem os futs de mulheres no contexto do ensino superior. Também identificamos uma lacuna em estudos que enderecem a mulher com deficiência no contexto dos futs ou que aprofundem aspectos psicológicos relacionados com os futs de mulheres. Estas são potenciais temáticas de futuras pesquisas que podem enriquecer o conhecimento científico acerca dos futs de mulheres.

Reconhecemos algumas limitações inerentes ao presente estudo. A base de dados utilizada, que por sua vez foi tabulada através do projeto MPC-PPGEF, pode ter apresentado equívocos. A fim de minimizá-los, cruzamos as informações desta base de dados com informações sobre as teses e dissertações defendidas nos programas disponibilizadas nos sites de todos os PPGEF considerados no projeto. No entanto, os relatórios declarados pelos programas à CAPES, bem como as informações fornecidas nos sites dos programas, podem conter falhas. Outra limitação desta pesquisa foi a impossibilidade de localizar alguns estudos na íntegra. Ainda que tenhamos buscado contato com os autores e/ou orientadores através de plataformas como LinkedIn, Academia.edu, ResearchGate, Facebook e/ou por e-mail para solicitar os trabalhos, não tivemos acesso a 25 trabalhos sobre os futs, sendo que um deles com certeza abordou os futs de mulheres.

Identificamos alguns aspectos que podem representar novas possibilidades e caminhos de pesquisa sobre os futs de mulheres. São eles: ampliação do recorte temporal 2010-2016, visando fornecer um panorama mais aprofundado da produção do conhecimento sobre os futs de mulheres ao longo dos anos; levantamento da produção de artigos e de trabalhos em congressos sobre a temática; análise da produção de conhecimentos sobre este objeto de estudo por parte de outros programas de pós-graduação que não somente os em educação física; verificação da continuidade do

interesse dos autores por futs de mulheres após a defesa de suas dissertações e teses via publicação de artigos científicos e divulgação em eventos científicos.

Uma das minhas motivações para o desenvolvimento desta pesquisa foi o meu envolvimento com o futebol ao longo da minha vida, como espectadora e praticante. Terminei esta dissertação exprimindo o quão gratificante e enriquecedor foi estudar os futs de mulheres. Foram inúmeras as vezes em que a emoção tomou conta de mim durante a leitura das dissertações e teses, pois me enxerguei em muitos dos relatos dos autores. Muitos deles trouxeram à tona lembranças de um tempo que não volta mais. Hoje, posso afirmar que minha relação com o futebol se dá como espectadora, praticante e pesquisadora.

Dentre as 31 dissertações e teses que abordam os futs de mulheres, muitas delas evidenciaram que as mulheres vêm, gradualmente, conquistando seu espaço no âmbito esportivo dos futs, seja no contexto das aulas de educação física, como atleta profissional ou amadora, ou ainda como técnica, dirigente ou árbitra. Por fim, concluímos que os futs de mulheres também vêm demarcando seu território no âmbito acadêmico e que a manutenção de pesquisas de mestrado e doutorado sobre a temática se fazem fundamentais para contribuir com o fortalecimento da modalidade tanto na teoria, quanto na prática.

REFERÊNCIAS

- ABDDF. **Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Físicos**. 2019. Disponível em: <<http://www.abddf.org/>>. Acesso em: 4 jul. 2019.
- ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação Física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- ALTMANN, H. Currículo, gênero e esportes. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S. Da; GOELLNER, S. V. (Eds.). **Corpo, Gênero, Sexualidade: composição de desafios para a formação docente**. Rio Grande: Editora da FURG, 2009. p. 57–65.
- ALTMANN, H. Atividades físicas e esportivas e Mulheres no Brasil. In: Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas. **Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil**. 2017, Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <<http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Físicas-e-Esportivas-e-Gênero.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2019.
- ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 491–501, 2011.
- ANJOS, L. A.; DANTAS, M. de M. Pesquisadoras do futebol: discussões a partir de duas trajetórias¹. **Esporte e Sociedade**, n. 28, p. 1–28, 2016.
- ARAÚJO, M. L. **Mulheres no futebol: enunciações em jogo nas teses e dissertações do banco de teses CAPES**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande, 2015.
- ARINS, F. B. **Efeito de dois modelos de treinamento intervalado de alta intensidade sobre a performance de jogo, índices fisiológicos e neuromusculares em atletas de elite de futsal feminino**. 2015. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BARBERO-ÁLVAREZ, J. C.; ANDRÍN, G. Desarrollo y aplicación de um nuevo test de campo para resistência específica em jogadores de fútbol sala: TREIF (teste de resistência específica intermitente para futsal). **Efdeportes**, v. 10, n. 89, p. 1–6, 2005.
- BARBERO-ALVAREZ, J. C.; SOTO, V. M.; BARBERO-ALVAREZ, V.; GRANDA-VERA, J. Match analysis and heart rate of futsal players during competition. **Journal of Sports Sciences**, v. 26, n. 1, p. 63–73, 2008.
- BARREIRA, J.; GONÇALVES, M. C. R.; MEDEIROS, D. C. C.; GALATTI, L. R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, v. 24, n. 2, p. 607–618, 2018.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRACHT, V. Desafios e dilemas da pós-graduação em educação física. In: RECHIA, S.; SILVA, P. C. da C.; ALMEIDA, F. Q.; CHAVES-GAMBOA, M. F.; GOIS JÚNIOR, E.; ORTIGARA, V.; TARTARUGA, M. P.; PACHECO NETO, M. (Eds.). **Dilemas e desafios da Pós-Graduação em educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 109–124.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer nº 977/65**. Definição dos cursos de pós-graduação. Brasília, DF: 1965.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Documento da Área 21 - Educação Física**. Brasília, DF: 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. **DIESPORTE – Diagnóstico Nacional do Esporte** – Caderno 1. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_grafica.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BRASIL. **Deliberação CND nº 7/65**. Rio de Janeiro, 1965. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.615**, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências., 1998. p. 9.379. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.395**, de 16 de março de 2011. Altera as Leis nº s 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976. 2011. p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BUCHHEIT, M.; LAURSEN, P. B. High-intensity interval training, solutions to the programming puzzle. Part II: anaerobic energy, neuromuscular load and practical applications. **Sports Med**, v. 43, n. 10, p. 927–954, 2013.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CAMINO, L.; SILVA, P.; MACHADO, A.; PEREIRA, C. A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. **Revista Psicologia Política**, v. 1, p. 13–36, 2001.

CAPES. **Plataforma Sucupira - Dados do Trabalhos de Conclusão**. 2015. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2778506>. Acesso em: 9 jul. 2019.

CAPES. **Plataforma Sucupira**. 2016. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 1 out. 2019.

CAPES. **Avaliação**. 2019. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/avaliacao>>. Acesso em: 26 maio. 2019.

CAREGNATO, A. F.; RAMOS, W.; ANA, S.; SILVA, C. L.; COSTA, I.; CAVICHIOILLI, F. R. A produção científica sobre futsal: análise de dissertações e teses publicadas no portal da Capes entre 1996-2012. **Motrivivência**, v. 27, n. 46, p. 15–34, 2015.

CARMINATTI, L. J. **Futsal Intermittent Endurance Test (FIET): avaliação e método para individualizar treinamento intermitente de alta intensidade em atletas de futsal**. 2014. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CARREIRA, D.; AJAMIL, M.; MOREIRA, T. **A liderança feminina no século 21**. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTRO, P. H. Z. C.; SILVA, A. C.; SILVA, L. A. I.; LÜDORF, S. M. A. A produção científica em educação física de 2001 a 2010: caminhos da construção de um campo. **Movimento**, v. 23, n. 3, p. 869–882, 2017.

CBDS Brasil. **Confederação Brasileira de Desportos de Surdos**. Facebook [mensagem pessoal]. 19 ago. 2019.

CBF. **Confederação Brasileira de Futebol**. Regulamento de Licença de Clubes. Rio de Janeiro, 2017. p. 33. Disponível em: <https://cdn.cbf.com.br/content/201702/20170208174032_0.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2019.

CENÁRIOS de um descompasso da pós-graduação em Educação Física e demandas encaminhadas à CAPES. In: **FÓRUM DE PESQUISADORES DAS SUBÁREAS SOCIOCULTURAL E PEDAGÓGICA**, 2015. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/noticias-detalle.php?id=1074>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CHAN-VIANNA, A. J. **Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer**. 2010. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório de Grupos de Pesquisa - Plataforma Lattes - CNPq**. 2019. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf>. Acesso em: 3 set. 2019.

CONMEBOL. **Confederação Sul-Americana de Futebol**. Regulamento de licença de clubes. Paraguai, 2016. p. 75. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/sites/default/files/reglamento-de-licencia-de-clubes-portugues.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

CORRÊA, M. R. D.; CORRÊA, L. Q.; RIGO, L. C. A pós-graduação na educação física brasileira: condições e possibilidades das subáreas sociocultural e pedagógica. **Rev Bras Ciênc Esporte**, 2018.

COSTA, F. R. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2012.

CPB. **Comitê Paralímpico Brasileiro**. 2019. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/>>. Acesso em: 4 jul. 2019.

CRUZ, C. H. de B. Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil: desafios para o período 2011 a 2015. **Revista Interesse Nacional**, v. 3, n. 10, p. 1–17, 2010.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DANIELS, J.; SCARDINA, N. Interval training and performance. **Journal of Sports Medicine**, v. 1, n. 4, p. 327–334, 1984.

DEVIDE, F. P.; OSBORNE, R.; SILVA, E. R.; FERREIRA, R. C.; CLAIR, E. S.; NERY, L. C. P. Estudos de Gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, v. 17, n. 1, p. 93–103, 2011.

DORNELLES, P. G. Marcas de gênero na educação física escolar: a separação de meninos e meninas em foco. **Motrivivência**, v. 23, n. 37, p. 12–29, 2011.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

ESCALERA, J. Sociabilidad y relaciones de poder. **Kairos**, v. 4, n. 6, 2000.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. **Regulamento nº 7 de educação física**. São Paulo: Gabinete Fotocartográfico do Estado Maior do Exército, 1934.

FARIAS, L. K. **As mulheres árbitras: aspirações e expectativas em torno de uma profissão**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

FÁVERO, G. **Jogos de solicitação tático-técnica no ensino médio: estudo de caso de uma metodologia para o ensino do futsal**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

FELTRIN, M. B.; LOPES, C. R.; NAVARRO, A. C.; PELLEGRINOTTI, Í. L.; DELAFIORI, R. Caracterização de praticantes de futebol feminino no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 4, n. 12, p. 151–161, 2012.

FENSTERSEIFER, A. C. B. **Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil**. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

FERNANDES, S. C. **A educação esportiva de meninas na escola pública: experiências positivas de gênero na educação física**. 2016. Universidade Estadual de Campinas, 2016.

FERREIRA, H. J. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

FERREIRA, M. de M.; MOREIRA, R. da L. Capes, 50 anos em depoimentos. In: FERREIRA, M. de M.; MOREIRA, R. da L. (Eds.). **CAPES 50 anos: depoimentos ao CPDOC/FGV**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, CPDOC; Brasília, DF: CAPES. p. 294–309.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado de arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257–272, 2002.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? : pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p. 315–328, 2005.

FRAZÃO, D. **Marta – Jogadora de futebol brasileira**. 2019. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/marta/>>. Acesso em: 30 set. 2019.

FUTEVÔLEI. **Futevôlei feminino**. 2019. Disponível em: <<http://www.futevolei.com.br/feminino2.html>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

GARFIELD, E. Dispelling a few common myths about journal citation impacts. **The Scientist**, v. 11, n. 3, p. 11, 1997.

GARRETT, R. Negotiating a physical identity: girls, bodies and physical education. **Sport, Education and Society**, v. 9, n. 2, p. 223–237, 2004.

GASTALDO, É. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. São Paulo: Annablume, Editora Unisinos, 2002.

GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, v. 163, p. 293–350, 2010.

GOELLNER, S. V. Mulheres em movimento: imagens femininas na Revista Educação Physica. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, p. 77–94, 2000.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143–151, 2005.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 171–196, 2007.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71–83, 2010.

GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, v. 2, n. 4, 2012.

GOELLNER, S. V.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L.; FIGUEIRA, M. L. M. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **Licere**, v. 13, n. 2, p. 1–20, 2010.

GOMES, A. F. O outro no trabalho: mulher e gestão. **REGE Revista de Gestão**, v. 12, n. 3, p. 1-9, 2005.

GOMES, A. L. **Discursos e experiências pedagógicas de gênero no Programa Segundo Tempo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

GOMES, E. M. de P. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. 2006. Quartet: FAPERJ, Rio de Janeiro, 2006.

GONÇALVES, L. F.; ROJO, J. R.; CAVICHIOILLI, F. R.; SILVA, M. M. Mapeamento da produção do conhecimento sobre a modalidade do basquetebol nos periódicos brasileiros. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 3, p. 461–475, 2017.

HEIDRICH, C. V. **Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

HILLS, L. Friendship, physicality, and physical education: an exploration of the social and embodied dynamics of girls' physical education experiences. **Sport, Education and Society**, v. 12, n. 3, p. 317–336, 2007.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Práticas de esporte e atividade física. Rio de Janeiro, 2017. p. 81. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

Inteligência Esportiva. 2018. Disponível em: <<http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site/>>. Acesso em: 16 maio. 2019.

JANUÁRIO, S. B. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. **FuLiA / UFMG**, v. 2, n. 1, p. 28–43, 2017.

JORAS, P. S. **Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino**.

2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KESSLER, C. S. Se é futebol, é masculino? **Sociologias Plurais**, v. 1, p. 240–254, 2012.

KESSLER, C. S. **Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KLAUS, S. Epidemiology of sports injuries — 25-year analysis of sports orthopedic-traumatologie ambulatory care. **Sportverletz Sportschaden**, v. 13, n. 2, p. 38–52, 1999.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELOS, E. G. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: **Mulher e Esporte – mitos e verdades**. Barueri: Manole, 2002. p. 165–175.

KOLNES, L. J. Heterosexuality as an organizing principle in women's sport. **International Review of Sociology of Sport**, v. 30, p. 61–77, 1995.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MADEIRA, M. O. **A produção do conhecimento em educação física escolar no Brasil (2001-2010)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MAGALHÃES, Y. C. da S. **De antena ligada na “atenas brasileira”: um estudo de recepção midiática em torno da Copa do Mundo de 2014 sob olhares de jovens escolares em São Luís-MA**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MAJEWSKI, M.; SUSANNE, H.; KLAUS, S. Epidemiology of athletic knee injuries: A 10-year study. **Knee**, v. 13, n. 3, p. 184–188, 2006.

MANOEL, E. D. J. Produtivismo e ética na pesquisa em educação física: leituras, um conto e alguns casos. In: RECHIA, S.; SILVA, P. C. da C.; ALMEIDA, F. Q.; CHAVES-GAMBOA, M. F.; GOIS JÚNIOR, E.; ORTIGARA, V.; TARTARUGA, M. P.; PACHECO NETO, M. (Eds.). **Dilemas e desafios da Pós-Graduação em educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 235–282.

MANOEL, E. D. J.; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 2, p. 389–406, 2011.

MATTOS, M. Z. **Aulas mistas na Educação Física: tensões e contradições**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MELILLO, C. E. N. **Mulheres da classe alta no futebol: o caso do Nova Iguaçu**

Country Club. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MENDONÇA, R. **30 milhões viram Brasil x França, a maior audiência da história da Copa.** 2019. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/06/25/30-milhoes-viram-brasil-x-franca-a-maior-audiencia-da-historia-da-copa/>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

MIGUEL, R. S. **A escola recebe a Copa do Mundo no Brasil.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

MINA, C. Y. M. **Macho varón sin pepa: a prática dos futebois na história da vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MIRANDA, E. M. **Tendências das perspectivas Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) nas áreas de Educação e Ensino de Ciências: uma análise a partir de teses e dissertações brasileiras e portuguesas.** 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

MONTEIRO, I. C. **Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

MOREIRA, T. S.; MEZZADRI, F. M.; SOUZA, D. L. De; SILVA, M. M. e. O perfil da produção científica em língua portuguesa sobre o voleibol. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 119–135, 2017.

MOREL, M.; SALLES, J. G. do C. Futebol feminino. In: DACOSTA, L. P. (Ed.). **Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil.** 1. ed. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 8264–8265.

MOURA, E. J. L. **As relações entre lazer, futebol e gênero.** 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURA, P. V. **Imagem corporal do atleta: a experiência da dor física no esporte de rendimento.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Pernambuco, Recife, 2012.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, v. 7, n. 13, p. 5–18, 2000.

OLIVEIRA, M. C. A. **Aspectos da pesquisa acadêmica brasileira sobre o ensino dos temas “origem da vida” e “evolução biológica”.** 2011a. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, M. R. **Produção do conhecimento científico: pós-graduação interdisciplinar (stricto sensu) na relação sociedade-natureza.** 2011b. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ORIGUELA, M. A. **Futebol e cultura: assistência aos jogos em um bar na cidade de Piracicaba-SP.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2014.

ORIGUELA, M. A. **Clube, futebol e lazer: as dinâmicas cultural e educativa de um campeonato de futebol amador na cidade de Piracicaba/SP.** 2015. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2015.

ORTIZ, J. G. **Efeitos agudos e crônicos do treinamento de futebol recreacional sobre indicadores fisiológicos, neuromusculares e bioquímicos em mulheres não treinadas.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

PÉREZ-GUTIÉRREZ, M.; VALDÉS-BADILLA, P.; GUTIÉRREZ-GARCÍA, C.; HERRERA-VALENZUELA, T. Produção científica de taekwondo publicada na Web of Science (1988-2016): colaboração e temas. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1325–1340, 2017.

PINTO, A. da C.; ANDRADE, J. B. Fator de impacto de revistas científicas: qual o significado deste parâmetro? **Química Nova**, v. 22, n. 3, p. 448–453, 1999.

PISANI, M. da S. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol.** 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RAMOS, S. dos S. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Educada Marranghello Luizelli (Duda).** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RIGHETO, C. **Árbitros: vilões e/ou mediadores do espetáculo?** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

RIGO, L. C.; RIBEIRO, G. M.; HALLAL, P. C. Unidade na diversidade: desafios para a Educação Física no século XXI. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 16, n. 4, p. 339–345, 2011.

RIHAN, T. M. **A mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil: o que noticiam sobre elas?** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

RODRIGUES, A. C. de M. A. **Análise do desempenho muscular do quadríceps e dos isquiotibiais em função da série temporal e da amplitude de movimento de atletas amadoras de futsal feminino.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) –

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ROJO, J. R.; GOMES, L. do C.; MOREIRA, T. S.; SILVA, M. M. O mapeamento da produção do conhecimento sobre a corrida de rua em periódicos brasileiros. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 1, p. 88–100, 2018.

ROSA, S.; LETA, J. Tendências atuais da pesquisa brasileira em Educação Física. Parte 2: a heterogeneidade epistemológica nos programas de pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 1, p. 7–18, 2011.

SALVINI, L. **Novo Mundo Futebol Clube e o “velho” mundo do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SALVINI, L.; FERREIRA, A. L. P.; MARCHI JÚNIOR, W. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010). **Pensar a Prática**, v. 17, n. 4, 2014.

SANCHO, R. Indicadores bibliometricos utilizados en la evaluacion de la ciencia. **Revis. Esp. Doc. Cient.**, v. 13, n. 3–4, p. 842–865, 1990.

SANTOS, I. C. **As mulheres árbitras de futebol: um estudo sobre tecnologias de gênero e perspectivas da divisão sexual do trabalho**. 2016. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2016.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SILVA, J. V. P.; GONÇALVES-SILVA, L. L.; MOREIRA, W. W. Produtivismo na pós-graduação. Nada é tão ruim, que não possa piorar. É chegada a vez dos orientandos! **Movimento**, v. 20, n. 4, p. 1423–1445, 2014.

SILVA, M. R.; HAYASHI, C. R. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc**, v. 2, n. 1, p. 110–129, 2011.

SILVA FILHO, A. S. **As escolhas de adolescentes em aulas de educação física no ensino médio**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SIMMEL, G. **Cuestiones fundamentales de Sociologia**. Barcelona: Gedisa, 2002.

SOARES, A. J. G. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. R. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, p. 129–143, 2003.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 48, p. 52–68, 1999.

SOUZA, D. L. Mapeamento da produção científica dos programas de pós-graduação em educação física relativa ao esporte. In: MEZADRI, F. M.; MARCHI JÚNIOR, W. (Eds.). **Relatório Projeto Inteligência Esportiva enviado ao Ministério do Esporte**. Curitiba, 2017.

SOUZA, D. L.; CUNHA, A. C. P. O perfil da produção de artigos relacionados com o esporte nos programas de pós-graduação em educação física no Brasil (2010-2016). **Movimento**, No prelo.

SOUZA, D. L.; SILVA, M. M.; MOREIRA, T. S. O perfil da produção científica online em Português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas. **Movimento**, v. 22, n. 4, p. 1105–1120, 2016.

SOUZA, J. P. M. Epistemologia da educação física: análise da produção científica do programa de pós-graduação da faculdade de educação física da Unicamp (1991-2008). **Motrivivência**, v. 23, n. 36, p. 247–267, 2011.

SOUZA, M. T. S.; MACHADO JÚNIOR, C.; PARISOTTO, I. R. dos S.; SILVA, H. H. M. Estudo bibliométrico de teses e dissertações em administração na dimensão ambiental da sustentabilidade. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 19, n. 3, p. 541–568, 2013.

SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. 2013. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; REIS, H. H. B. **Futebol de mulheres: a batalha de todos os campos**. 1. ed. Paulínia: AutorEsporte, 2018.

STEBBINS, R. A. Serious leisure. In: ROJEK, C.; SHAW, S. M.; VEAL, A. J. (Eds.). **A handbook of leisure studies**. London: Palgrave Macmillan, 2006.

STEELE, C. M.; ARONSON, J. Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, n. 5, p. 797–811, 1995.

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R.; MYSKIW, M. O processo de avaliação da pós-graduação em educação física e ciências do esporte no Brasil e algumas de suas repercussões cotidianas. In: RECHIA, S.; SILVA, P. C. da C.; ALMEIDA, F. Q.; CHAVES-GAMBOA, M. F.; GOIS JÚNIOR, E.; ORTIGARA, V.; TARTARUGA, M. P.; PACHECO NETO, M. (Eds.). **Dilemas e desafios da Pós-Graduação em educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 15–56.

TAVARES, O. Desafios e dilemas da pós-graduação em educação física: os estudos socioculturais e a Área 21. In: RECHIA, S.; SILVA, P. C. da C.; ALMEIDA, F. Q.; CHAVES-GAMBOA, M. F.; GOIS JÚNIOR, E.; ORTIGARA, V.; TARTARUGA, M. P.; PACHECO NETO, M. (Eds.). **Dilemas e desafios da Pós-Graduação em educação**

física. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 219–234.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. de O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 265–287, 2013.

TENROLLER, C. A. **Futsal: ensino e prática**. Canoas: Editora Ulbra, 2004.

TERUYA, R. M. **Efeito da suplementação com óleo de macadâmia em marcadores lipídicos e inflamatórios em adolescentes praticantes de futsal**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2015.

TULDER, M. V.; FURLAN, A. D.; BOMBARDIER, C.; BOUTER, L. Updated method guidelines for systematic reviews in the cochrane collaboration back review group. **Spine**, v. 28, n. 12, p. 1290–1299, 2003.

UCHOGA, L. A. R. **Educação física escolar e relações de gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VENDRUSCOLO, R. Análise da produção do conhecimento sobre envelhecimento, velhice e atividade física em teses e dissertações (1987-2011). 2009. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

VIANA, A. E. dos S. **As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VIEIRA, R. **Produção científica brasileira sobre terceiro setor: uma análise bibliométrica e cienciométrica baseada no Banco de Teses da CAPES**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

WALLIN, J. A. Bibliometric methods: Pitfalls and possibilities. **Basic and Clinical Pharmacology and Toxicology**, v. 97, p. 261–275, 2005.

WIRTH, L. **Breaking through the glass ceiling: women in management**. Genebra: International Labour Office, 2001.

APÊNDICE 1 – TRABALHOS EXCLUÍDOS E INCLUÍDOS A PARTIR DOS CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO

QUADRO 17 – REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS EXCLUÍDOS A PARTIR DE CADA CRITÉRIO DE EXCLUSÃO

(continua)

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO			
Ex-1 Excluídos 73 trabalhos (62 dissertações + 11 teses)	MATTOS, 2010	HIGINO, 2013	PORTELLA, 2015
	LIMA JÚNIOR, 2010	GOUVÊIA, 2013	TADIOTTO, 2015
	SPIGOLON, 2010	FREITAS, 2013	COUTINHO, 2015
	CASTELLANI, 2010	LIPPERT, 2013	NASCIMENTO, 2015
	JUSTUS, 2010	NOGUEIRA, 2013	CRUZ, 2015
	LUGUETTI, 2010	MATIAS, 2014	BETTEGA, 2015
	OLIVEIRA, 2011	ANDRADE JUNIOR, 2014	BUENO, 2015
	GARCIA, 2011	MILIONI, 2014	SILVA, 2016a
	SILVA, 2011	RUSCHEL, 2014	ANDRADE, 2016
	MONTEIRO, 2011	CONSTANTINI, 2014	FAGUNDES, 2016
	PRATES, 2011	RIBEIRO, 2014	GARCIA, 2016
	CRUZ, 2011	DAL PUPO, 2014	DAVID, 2016
	VIEIRA, 2011	BERTOLDI, 2014	CAETANO, 2016
	THIENGO, 2011	LEIVAS, 2014	SILVA, 2016b
	NOVACK, 2011	ANGELO, 2014	MILANEZ, 2016
	SANTANA, 2011	FARIA, 2014	PINHEIRO, 2016a
	SILVA, 2012a	LUGUETTI, 2014	PALUDO, 2016
	FEITOSA, 2012	SALVADOR, 2014	BARROS, 2016
	SILVA, 2012b	ZWARG, 2014	PINHEIRO, 2016b
	RABELO, 2012	SOARES, 2014	REIS, 2016
	ZISKIND, 2012	BEZERRA, 2014	RODRIGUES, 2016
	SANTOS, 2012	CETOLIN, 2014	BORGES, 2016
	CATEGNATO, 2013	MEDEIROS, 2014	CLAVIJO, 2016
	SIMIM, 2013	PASSOS, 2014	
	SOUZA, 2013	MORAES, 2014	
Ex-2 Excluídos 2 trabalhos (1 dissertação + 1 tese)	SOARES, 2011	AMORIM, 2014	
Ex-3 Excluídos 12 trabalhos (9 dissertações + 3 teses)	PERRONE, 2010	FORTES, 2011	OLIOSI, 2014
	MAGNO E SILVA, 2010	WILLING, 2011	CARMONA, 2015
	CHELUCHINHAK, 2010	RABELO, 2013	ZAMBRIN, 2015
	BONIN, 2011	BALBIM, 2013	BARRETO, 2016
Ex-4 Excluídos 27 trabalhos (22 dissertações + 5 teses)	PINTO JÚNIOR, 2010	ANDAKI JÚNIOR, 2012	LIGGERI, 2014
	BRAUNER, 2010	MACHADO, 2012	NASCIMENTO JUNIOR, 2015
	COSTA, 2011	LUIZ JÚNIOR, 2013	CHAVES, 2015
	EVANGELISTA, 2011	CAUS, 2014	MEIRELES, 2015
	CARDOSO, 2011	DAROS, 2014	NASCIMENTO, 2015
	COIMBRA, 2011	CORREIA, 2014	MOREIRA, 2015
	OHARA, 2011	BENTO, 2014	ROSA, 2016
	LIMA, 2012	AZEREDO, 2014	PIZZO, 2016
	LINHARES, 2012	HENRIQUE, 2014	CONTREIRA, 2016

QUADRO 17 – REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS EXCLUÍDOS A PARTIR DE CADA CRITÉRIO DE EXCLUSÃO

(conclusão)

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO			
Ex-5 Excluídos 16 trabalhos (13 dissertações + 3 teses)	SILVÉRIO NETTO, 2010	ALMEIDA, 2012	PAES, 2014
	VITORASSI, 2011	CUNHA, 2013	COSTA, 2015
	VASCONCELLOS, 2011	GUARIDO, 2013	VIEIRA, 2015
	NASCIMENTO JUNIOR, 2011	MOREIRA, 2014	MARTINS, 2016
	TASCA, 2012	CARVALHO, 2014	
	VARGAS, 2012	DAMBROS, 2014	
Ex-6 Excluídos 2 trabalhos (2 dissertações)	SILVA, 2013	BETTANIM, 2016	

Fonte: Autoria própria.

QUADRO 18 – REFERÊNCIAS DOS TRABALHOS INCLUÍDOS A PARTIR DE CADA CRITÉRIO DE INCLUSÃO

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO			
In-1 Incluídos 13 trabalhos (9 dissertações + 4 teses)	CHAN-VIANNA, 2010	HEIDRICH, 2013	JORAS, 2015
	MELILLO, 2010	SOUZA JÚNIOR, 2013	RIHAN, 2016
	COSTA, 2012	TERUYA, 2015	RAMOS 2016
	SALVINI, 2012	ARINS, 2015	MINA, 2016
	RODRIGUES, 2013		
In-2 Incluídos 5 trabalhos (4 dissertações + 1 teses)	VIANA, 2012	MIGUEL, 2015	FAVERO, 2016
	CARMINATTI, 2014	MAGALHÃES, 2015	
In-3 Incluídos 2 trabalhos (2 dissertações)	MOURA, 2012	ORTIZ, 2014	
In-4 Incluídos 3 trabalhos (3 dissertações)	SILVA FILHO, 2010	UCHOGA, 2012	MATTOS, 2014
In-5 Incluídos 2 trabalhos (1 dissertações + 1 teses)	GOMES, 2015	FERNANDES, 2016	
In-6 Incluídos 5 trabalhos (4 dissertações + 1 teses)	FERREIRA, 2012	ORIGUELA, 2015	MONTEIRO, 2016
	ORIGUELA, 2014	RIGHETO, 2016	
In-7 Incluídos 1 trabalho (1 tese)	FENSTERSEIFER, 2016		

Fonte: Autoria própria.

ANEXO 1 – METODOLOGIA DO PROJETO MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA RELATIVA AO ESPORTE

O estudo foi de cunho quanti-qualitativo. Segue abaixo a descrição dos procedimentos metodológicos.

FONTES

- Relatórios Anuais dos Programas em forma digital para a coleta de dados relativos à 2010, 2011 e 2012.
- Plataforma Sucupira para a coleta de dados relativos aos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016.
- Artigos publicados.
- Teses e dissertações.

DESCRITORES

O processo de definição dos descritores foi indutivo e desenvolvido no decorrer do trabalho. Ou seja, não trabalhamos com uma lista de termos definido a priori, exceto pelo nome oficial das modalidades olímpicas e paralímpicas. Para definirmos os descritores lemos os títulos e, quando necessário, os resumos e/ou textos completos de cada produção. Cada vez que localizávamos um termo que possivelmente se relaciona à uma modalidade esportiva, realizamos um levantamento no Google para verificar se a modalidade possuía, ou não, federação internacional. Na medida em que encontramos diferentes modalidades que possuíam este tipo de federação, os seus nomes eram incluídos na lista de descritores. Segue como exemplo alguns dos descritores utilizados:

- Esporte e esportivo;

- Olímpico e paralímpico / paraolímpico;
- Nome das modalidades esportivas regulamentadas por federações internacionais;
- Nomes de equipamentos, espaços e animais utilizados para a prática destas modalidades;
- Designação utilizada para os praticantes das modalidades (ex. tenista, basquetebolista, futebolista, nadador);
- Nomes antigos e/ou popularmente conhecidos das modalidades.

Além dos descritores acima, também observamos termos que podem indicar a presença de algum tipo de discussão sobre o esporte e/ou modalidades esportivas: competição, competitivo, paradesporto, paradesportivo, paraolímpico e paralímpico, olímpico, copa do mundo, jogos olímpicos, jogos paraolímpicos, prática esportiva, modalidade esportiva, performance, rendimento, atleta, desempenho aeróbio/aeróbico, desempenho anaeróbico/anaeróbio, desempenho esportivo; treinamento; currículo de educação física, cultura da educação física. Nestes casos, realizamos buscas diretamente no corpo dos artigos por termos tais como: “esporte”, “corrida” e modalidades conhecidas no meio da Educação Física como “bols” (ex. handebol, basquetebol, voleibol, etc.). Isto ajudou a verificar se o artigo discute, ou não, questões relativas ao esporte/modalidades esportivas e/ou desenvolvimento de profissionais para atuarem na área. Na dúvida, lemos a introdução, conclusão, metodologia, e quando necessário, o artigo inteiro.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:

- Teses, dissertações e artigos *Qualis* A1, A2, B1, B2, B3, B4 ou B5²² que contenham os descritores (ou termos correlatos conforme explicado acima) em seu título ou resumo e que tratem de tópicos pertinentes ao esporte e/ou modalidades esportivas com federações internacionais, considerando o esporte em suas diferentes manifestações. Artigos, tais como “a canoagem como meio de promoção do turismo” são incluídos, uma vez que tratam da canoagem como meio de lazer (esporte de participação). Neste sentido, incluímos artigos, como

²² Utilizamos a classificação *Qualis* que aparecem nos relatórios dos programas conforme o ano de avaliação. Esta classificação vem mudando ao longo dos anos.

por exemplo, “a reabilitação de asmáticos através da natação”, uma vez que o mesmo tem por objetivo a promoção da saúde através de uma modalidade esportiva.

- Trabalhos que, embora não contenham em seus títulos e resumos os descritores listados acima, discutem o esporte de uma forma geral, ou uma ou mais modalidades esportivas, no corpo do texto. Essa discussão pode ser indicada por expressões tais como: competição, competitivo, paradesporto, paradesportivo, paraolímpico e paralímpico, olímpico, copa do mundo, jogos olímpicos, jogos paraolímpicos/paralímpicos, prática esportiva, modalidade esportiva, performance, rendimento, atleta, desempenho aeróbio/aeróbico, desempenho anaeróbico/anaeróbico, desempenho esportivo; treinamento; currículo de educação física, cultura da educação física²³.
- Teses, dissertações e artigos que tratem de modalidades que, embora não tenham federações internacionais, são adaptações de modalidades (ex. corrida de 1.600m; corrida de rua);
- Teses, dissertações e artigos que discutem modalidades esportivas que embora não possuam federações internacionais, foram adaptadas de modalidades que possuem para inclusão de pessoas com deficiência (ex. handebol adaptado, basquete para crianças em cadeira de rodas);
- Teses, dissertações e artigos completos em português que contenham os descritores em seu resumo e/ou assunto e que, embora não discutam modalidades em específico, tratam de temas que se aplicam às mesmas e/ou aos seus praticantes (ex. testes de lactato em atletas de modalidades predominantemente aeróbicas). Já artigos como, por exemplo, “a utilização do salto vertical para avaliação funcional de idosos praticantes de modalidades esportivas” são excluídos. Neste caso, embora o descritor “salto” apareça no resumo, o artigo não está tratando do “saltador” como uma modalidade esportiva, mas como um instrumento para avaliar uma população específica;

²³ Nestes casos, buscamos no corpo do texto termos tais como: “esporte”, corrida e, “bols” (ex. handebol, basquetebol, basquetebol, etc.) para a verificar se o artigo discute ou não questões relativas ao esporte/modalidades esportivas e/ou desenvolvimento de profissionais para atuarem na área.

- Teses, dissertações e artigos que mencionam testes e/ou experimentos com atletas de modalidades esportivas que possuem federações internacionais ou adaptações das mesmas;
- Teses, dissertações e artigos que fazem testes utilizando caminhadas, corrida, bicicleta ergométrica, natação, etc., e que fazem relação com praticantes e/ou atletas de modalidades esportivas e/ou com prática de modalidades esportivas em uma ou mais de suas diferentes manifestações (rendimento, lazer, educação, saúde, etc.);
- Teses, dissertações e artigos que discutem espaços, equipamentos e animais utilizados em modalidades esportivas que possuem federações internacionais e/ou adaptações das mesmas (ex. bicicletas, pistas de corrida, raquetes, cavalos utilizados no hipismo);
- Teses, dissertações e artigos que envolvem animais e que incluem os descritores listados em seu resumo e/ou assunto e que explicitem implicações diretas para uma ou mais modalidades esportivas e/ou efeitos da modalidade em humanos (ex. aspectos relacionados à saúde, performance, descanso, etc.). Incluímos, por exemplo, artigos que testam a utilização de um tipo de substância em ratos para verificar se ela aumenta a capacidade aeróbia do mesmo na corrida ou natação, contanto que o autor faça alguma relação com o desenvolvimento esportivo humano. Não incluímos estudos que citam a modalidade apenas como uma fonte de estímulo para testar determinadas substâncias, como por exemplo, “utilização da fluoxetina: efeitos comportamentais e imunológicos da fluoxetina em ratos submetidos ao nado forçado”. Neste caso o foco do artigo não é na natação, mas na verificação do efeito da substância em um animal em situação de estresse;
- Teses, dissertações e artigos que discutem atividade física e que falem sobre suas implicações para o esporte/modalidades esportivas;
- Posicionamentos oficiais de organizações científicas e entrevistas que aparecem como artigos.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:

- Artigos que tratam do ciclismo enquanto meio de transporte sem relacioná-lo com o lazer, saúde, treinamento, etc.;

- Artigos que utilizam bicicleta ergométrica sem fazer relação com modalidades esportivas ou seus praticantes;
- Artigos que tratam de testes que envolvem modalidades/equipamentos esportivos (ex. corrida, arremesso de peso, natação, ciclismo) sem menção à aplicação prática dos conhecimentos no campo do esporte e/ou a seus praticantes;
- Artigos que falam de treinamento de força não aplicados diretamente ao esporte;
- Artigos que falam do supino e testes que se utilizam do supino e que não fazem relação com a prática esportiva ou com o esporte em alguma de suas manifestações (ex. rendimento, saúde, lazer, educação, etc.);
- Estudos que tratam da raça de cavalos “Brasileiro de Hipismo” quando os mesmos não relacionam os cavalos com o esporte hipismo;
- Resenhas, uma vez que as mesmas não se constituem em produção original de pesquisa;
- Artigos que discutem a dança. Embora a dança possua federação internacional, a mesma não está sendo considerada para fins deste estudo devido à amplitude desta área e o escopo deste trabalho;
- Artigos que discutem o *tracking* pois não aparece nas federações de montanhismo e escalada.

Os procedimentos metodológicos para a coleta e arquivamento dos dados se inspiraram em Tulder *et al.* (2003). Para a definição e refinamento dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos, teses e dissertações, realizamos testes piloto em que dois ou mais pesquisadores utilizam dos mesmos critérios e classificaram os artigos de forma independente como “elegíveis”, “inelegíveis” e “questionáveis”. Os resultados dos diferentes pesquisadores foram comparados e nos casos “questionáveis” - ou quando existe incompatibilidade entre os resultados dos pesquisadores - os critérios de inclusão e exclusão foram discutidos contrastando-os com os objetivos do estudo até que se alcance consenso no grupo quanto aos critérios. Este mesmo procedimento foi adotado para a tabulação dos outros dados que fazem parte do trabalho (ex. temática dos artigos, instituições envolvidas na publicação, órgão de fomento da pesquisa, etc.).